



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

Karina Woehl de Farias

DO AM PARA O FM: adaptações do radiojornalismo na migração de *dial* em Santa Catarina

Florianópolis (SC)
2020

KARINA WOEHL DE FARIAS

DO AM PARA O FM: adaptações do radiojornalismo na migração de *dial* em Santa Catarina

Tese submetida ao Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para obtenção do título de doutora em Jornalismo.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Valci Regina Mousquer Zuculoto

Florianópolis (SC)
2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Farias , Karina Woehl de

Do AM para o FM: : adaptações do radiojornalismo na
migração de dial em Santa Catarina / Karina Woehl de
Farias ; orientador, Valci Regina Mousquer Zuculoto,
2020.

219 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós
Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Radiojornalismo. 3. Migração AM-FM. 4.
Programação Radiojornalística. 5. Jornalismo. I. Zuculoto,
Valci Regina Mousquer . II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. III.
Título.

KARINA WOEHL DE FARIAS
DO AM PARA O FM: adaptações do radiojornalismo na migração de *dial* em Santa Catarina

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Banca Examinadora:

Prof. Eduardo Barreto Vianna Meditsch, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Profª Cárilda Emerim, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Profª Nair Prata Moreira Martins, Dra.
Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

Profª Nelia Del Bianco, Dra.
Universidade de Brasília (UnB)
Universidade Fedram Goias (UFG)

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de doutora em Jornalismo.

Prof. Terezinha Silva, Dra.
Subcoordenadora do PPGJor

Profª Dra. Valci Regina Mousquer Zuculoto
Orientadora

Florianópolis (SC)
2020

À minha mãe Brigitte, por me fazer acreditar e ter sempre esperança em um mundo que se transforma por meio do conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Os caminhos tortuosos ficam sempre menos difíceis de serem transpostos quando há pessoas conosco, seja na forma física, virtual ou em pensamentos. A conclusão desta tese, sem sombra de dúvidas, contou com uma rede colaborativa de seres incríveis, que direta ou indiretamente ajudaram na concretização de um sonho: fazer doutorado na universidade pública, aproximar-me dos autores que sempre foram referência em sala de aula durante minha trajetória docente e fortalecer minha paixão antiga pelo rádio.

À minha família, os meus mais sinceros pedidos de desculpas pela ausência deste período de estudos intenso e viagens constantes. Mesmo com encontros mais escassos, em momentos de muita renúncia, vocês estiveram me apoiando, foram suporte, amparo e fortaleza. É com vocês que pretendo celebrar as conquistas deste trabalho. Fabrício, Nazaré, Jorge, Hilarinda, Eloi, Denise, Tamires, Felipe e Mateus, vocês são porto seguro nessa jornada. Eu sinto a falta de todos vocês, mas prometo recompensar nos próximos meses.

Bri, minha mãe parceira em tudo, obrigada pela inspiração constante na busca por conhecimento e na realização dos meus sonhos. Agradeço também ao meu pai, mesmo sem a presença física, foi meu guia em outro plano. Radialista e narrador de futebol que foi, meu carinho pelo rádio foi uma espécie de herança ao longo destes anos de ausência.

Ao meu companheiro Rodrigo Szymanski, não há quantia material que consiga compensar o esforço em me ver concluindo esta pesquisa. Foste tudo e mais um pouco em todo o processo deste trabalho, que é teu também. De todo o meu coração, que eu possa retribuir tudo isso durante a tua trajetória acadêmica que está por vir. Conta comigo. Tuas análises de conjuntura estão presentes em reflexões desta tese.

Valci, ou Zuculoto (2012) como costume brincar, sou uma outra docente depois de passar pelas tuas orientações. Obrigada por acreditar em mim e fazer desta jornalista uma pesquisadora. Que possamos continuar a pesquisar juntas e que as discussões nas madrugadas sobre o futuro do rádio e as angústias da profissão não deixem de existir após a conclusão desta tese. Val, sou tua fã e grata demais por termos construído uma parceria para além da relação de professora e aluna. Desculpa os muitos “choros” durante o processo, eles me tornaram mais forte.

Aos professores do PPGJOR, a minha eterna gratidão pelo convívio e o aprendizado, bem como aos colegas da turma de 2016 pela caminhada até aqui. O desejo de ir para a UFSC, que sempre pareceu distante, foi muito inspirada nos pesquisadores em Jornalismo do

Programa, entre eles Eduardo Meditsch, a quem desde 2005, ainda na especialização, já referenciava meus primeiros passos no mundo da pesquisa.

Ingrid Assis e Tânia Giusti, orgulho de estar ao lado de vocês durante este trajeto acadêmico. À Ju Gobbi, minha admiração pela forma como sempre se dispôs a ajudar a quem, assim como eu, precisava de apoio em leituras e escritas. Edwin, Ediane, Guilherme, Bea, Nayane, Leslie, o convívio com vocês aqueceu meu coração.

Aos membros do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa), obrigada pelo acolhimento durante as reuniões, essenciais para minha continuidade no estudo. Da mesma forma, aos integrantes do Grupo de Rádio e Mídia Sonora da Intercom, pelas trocas importantes nos eventos científicos da área. A Cárilda Emerim, Nair Prata e Nelía Del Bianco, por aceitarem o convite de contribuir e participar da minha banca.

Aos colegas do UniSATC, sobretudo do Portal, o meu carinho pela compreensão com minhas angústias ao longo deste tempo. A Marli Vitali e Lize Búrigo, o meu agradecimento especial pelo incentivo nos dias difíceis e por sempre “pegar junto” no trabalho e na defesa do curso de Jornalismo, assim como aos demais professores. A Marli ainda agradeço pela companhia nas jornadas exaustivas pela BR-101 até a UFSC e a troca de ideias no trajeto. Estamos juntas, sempre irmãs.

Aos meus velhos novos colegas, agora na coordenação de curso, Guto e Sol, e ao querido secretário Júnior Pavanati, meu reconhecimento a vocês pelo incentivo e apoio de sempre. À bibliotecária Vânia Ribeiro o meu carinho pela calma e paciência com a finalização deste trabalho. Ao Carlos Ferreira, muito obrigada pela confiança ao longo dos anos na instituição.

A Nadia Couto e a Nei Manique, por serem referência na minha trajetória no passado, no presente e no futuro. Aos meus alunos queridos, o meu muito obrigada por confiarem neste meu processo de aprender sempre mais para poder contribuir na formação de vocês.

A leveza da amizade ajudou neste percurso, por isso não poderia deixar de citar Vitor Neto, ex-aluno e colega que me amparou com mensagens de confiança a todo instante. Ao Saimon, Jane, Dine, Dani, Tati, Karina, Cyntia, Douglas, Fernanda, Sâmia, Gê, Thaís, mesmo online, gratidão pela força nos momentos em que pensei em desistir. Muitos de vocês estavam por perto sempre com uma palavra de incentivo durante todos esses meses. Que consigamos recuperar o tempo perdido em que não nos encontramos.

Aos parceiros de rádio, obrigada por compreenderem que eu precisava ir além e, para isso, me ausentar dos microfones. Foi doloroso, mas necessário. Andressa Fabris e João Pedro

Alves, valeu pelo aprendizado com o Toque de Mídia, podcast que virou essencial na minha vida. À energia divina, obrigada por me amparar quando eu achei que não teria como seguir.

Por fim, os tropeços no caminho muito estão relacionados com a dificuldade de mergulhar neste mundo da ciência sem ter sido bolsista ao longo do doutorado. Foi danoso demais trabalhar 40 horas semanais e dedicar-se aos estudos das ciências sociais neste país somente aos finais de semana ou nas madrugadas solitárias de escrita. Sei do privilégio de estar já lecionando e de estar empregada em tempos de crise e exceção pelas quais passam o Brasil. Porém, é preciso pensar em políticas que além de amparar financeiramente pesquisadores, que não foi uma necessidade minha neste percurso, repensem o tempo de dedicação ao desenvolvimento de pesquisas associadas ao mundo do trabalho. O assunto é urgente e necessário para a formação de novos pesquisadores em espaços que extrapolem os muros das universidades federais. O conhecimento científico e de qualidade também precisa estar nas instituições privadas como ferramenta para a melhora do processo de ensino e aprendizagem e formação profissional no interior do país.

“As pessoas gostam de notícias locais, mas não das notícias locais dos outros”.

Chantler e Harris (1998)

RESUMO

A migração do rádio AM para o FM, iniciada em 2016 nas emissoras brasileiras, já apresenta reconfigurações e possibilidades ao meio que se reconforma em novo espectro. Diante disso, o **objetivo** desta pesquisa é identificar e refletir as transformações e/ou continuidades na programação radiojornalística com a troca de banda, com o olhar para Santa Catarina. O trabalho sistematiza como **objeto empírico**, das 99 AMs catarinenses, informações de 12 rádios que já migraram e possuem ou possuíam programação informativa, duas em cada mesorregião do Estado. Trata-se de uma pesquisa exploratória e histórica, com **estratégias metodológicas** que incluem etapas e técnicas como: (1) revisão bibliográfica sobre as transformações do rádio no Brasil e os modelos de programação e grades, publicações recentes sobre a migração e ainda sobre a informação local radiofônica; (2) coleta de dados junto às emissoras catarinenses em AM, por meio de questionários, a fim de garantir dados quantitativos para entender com detalhes o objeto de pesquisa; (3) entrevistas em profundidade com gestores e profissionais de rádios migradas e (4) análise dos espaços destinados ao jornalismo nas emissoras antes e pós-migração com observação dos seus perfis e escuta de programas. Investigam-se os impactos nestas estações a partir de categorias de análise como: (a) *o alcance geográfico*; (b) *a programação informativa*; (c) *a adesão a redes musicais*; (d) *o olhar do radiodifusor para o futuro em FM*; e mais recentemente, (e) *os reflexos da Pandemia no processo migratório*. Os resultados demonstram, entre outros fatores, adaptações visando ao rejuvenescimento da audiência a partir da inserção de música e prestação de serviço, atualizações estéticas e a valorização do radiojornalismo, seja local ou em rede, como referencial de credibilidade. Ao mesmo tempo em que também se registra o encolhimento de espaços informativos em grades agora em FM, muito por conta de cortes e enxugamentos nas redações após a troca de modulação.

Palavras-chave: Radiojornalismo. Migração AM-FM. Programação Radiojornalística. Tecnologias. Santa Catarina.

ABSTRACT

The migration from AM to FM, that began in 2016 in the Brazilian Radio stations, already shows reconfigurations and possibilities that appear to be an alternative to reconform to this new format, as presented in this study. Considering this, the main goal of this research is to identify and think about all the transformations and/or continuities of the Rádio journalism program within this change of spectrum, focusing on the state of Santa Catarina. This work systematizes as empirical object, information about 12 radio stations from the 99 AMs in total, that already had migrated and had, or have an informative program, two in each mesoregion of the State. The purpose of the cutting is to present a general overview of the state scenario, pointing ways and tendencies of this communication medium that now, is switching to FM. This is a historic and exploratory research with methodological strategies that include different steps and techniques as: (1) systematic bibliographic review about the Rádio transformations in Brazil and recent publications about the Rádio migration in the country; (2) data collection from the AM Radio stations of Santa Catarina through surveys in order to measure the quantitative data to understand with details the research objective; (3) interviews with managers and Rádio professionals to broaden the analyses; (4) comparison of the Radio company premises intended to the journalism before and after migration. Thus, the impacts are investigated in these companies based in analytical categories as: (a) the geographic reach; (b) the informative program; (c) the adherence to the music networks; (d) the eye of the broadcaster (radio professional) to the future in FM; and and more recently, (e) the reflex of the Pandemic in the migration process. The results show, among other factors, the adjustments aiming the audience renewal from the inclusion of music and service provision to the dynamic style of the FM, the expansion of the interaction mechanisms with the audience, the increase of the sector income, Radio stations compliance, esthetic updates, and above all, the appreciation of the information, whether locally or in network, as a credibility reference. At the same time, there is also a shrinking of information spaces in the FM grids, a lot about this because of the cuts and decrease in the newsrooms after the modulation change..

Keywords: All-news Rádio. Migration AM-FM. All-news Rádio program. Technology. Santa Catarina.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ondas de Mudança: inovações e transformações na história do rádio	41
Figura 2 - Linha do tempo do processo de Migração do AM-FM	51
Figura 3: Etapas do processo de construção da tese	80
Figura 4 - Mapa Mesorregião em Santa Catarina.....	89
Figura 5 - Categorias de análise da tese	90
Figura 6 - Emissoras para a Pesquisa de Campo por região catarinense.....	91
Figura 7 - Comunicadores e a direção da Marconi no desligamento das transmissões em AM	92
Figura 8 - Captura de tela da antiga logomarca da Difusora de Içara, hoje Massa FM	94
Figura 9: Slogan da Rádio Cidade de Itaiópolis, hoje Demais FM	96
Figura 10: O nome da emissora mudou antes mesmo da migração AM-FM.....	97
Figura 11: A Rádio Caçanjurê registrou melhora no alcance ao migrar	98
Figura 12 - Logomarca de antes e depois da migração na Rádio Condá em Chapecó.....	100
Figura 13 - Ao migrar, a Rádio Jornal A Verdade virou Rádio Magia	102
Figura 14 - Anúncio.....	103
Figura 15 - Rádio Belos Vales mudou pouco em sua identidade visual ao deixar o AM....	105
Figura 16 - Logo que migrou a Rádio Pomerode investiu nas plataformas digitais	106
Figura 17 - Rádio Clube desligou os transmissores AM em 2017	107
Figura 18 - Rádio Coroado comunicou no site o fim das transmissões em AM.....	109
Figura 19 - As expectativas foram atendidas ou não com a Migração AM-FM	113
Figura 20 - Ampliação dos canais de interação com a audiência.....	114
Figura 21 - Indicadores que sustentam a expectativa de aumento do faturamento	115
Figura 22 - Expectativa de atração de novos públicos por idade	116
Figura 23 - Mudanças na grade de programação com a migração AM-FM.....	116
Figura 24 - Programa Giro Final passou a fazer parte da programação após a migração para o FM	124
Figura 25 - Estreia do novo jornalístico na programação da RBN, lançado em julho de 2020	125
Figura 26 - Programas da RBV ainda em Amplitude Modulada	131
Figura 27 - A grade atual da Rádio Belos Vales de Itajaí	132
Figura 28 - A Voz da Comunidade, atualmente, é produzido por um jornalista profissional	133

Figura 29- Print da programação da Rádio Guararema no site da ACAERT.....	140
Figura 30 - Print com divulgação do quadro esportivo veiculado na Massa de Criciúma ...	141
Figura 31 - Print da Programação da Difusora em 2019	142
Figura 35 - Dados do Kantar IBOPE e o consumo de rádio na pandemia	149
Figura 36 - Entrevista em áudio sobre a situação do coronavírus na região de Pomerode ..	155
Figura 37 - Live Solidária para o Hospital São José realizada pela Rádio Massa	156
Figura 38 - Rádio Clube divulga informações com os números de Lages nas redes sociais	157
Figura 32- Resumo das adaptações das 12 emissoras integrantes da pesquisa	159
Figura 33 - Resumo das adaptações das 12 emissoras integrantes da pesquisa	160
Figura 34- Resumo das adaptações das 12 emissoras integrantes da pesquisa,,	161

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Emissoras catarinenses registradas no Ministério das Comunicações	82
Quadro 2- Emissoras catarinenses que migraram para o FM por regiões	85
Quadro 3- Emissoras que responderam ao questionário e operam em FM.....	87
Quadro 4- Emissoras que responderam ao questionário e ainda não migraram.....	88
Quadro 5- Rádios que aderiram a redes ou grupos de rádios musicais em Santa Catarina..	135

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Classificação das AMs quanto ao seu caráter de alcance.....	48
Tabela 2 - Mapa da Migração de emissoras AM-FM no Brasil	54
Tabela 3- Principais redes de rádio AM/FM – Brasil.....	138

LISTA DE ABREVIATURAS

ABERT	Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão
ACRACOM	Associação Catarinense de Radiodifusão Comunitária
AM	Amplitude Modulada
Anatel	Agência Nacional de Telecomunicações
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico
DAB e DAB+	<i>Digital Audio Broadcasting</i>
DRM e DRM+	<i>Digital Radio Mondiale</i>
FM	Frequência Modulada
IDH	Indicadores de Desenvolvimento/Renda
IFT	Instituto Federal de Telecomunicações
Intercom	Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação
IPC	Índice Nacional de Preços ao Consumidor
KW	Medida de Potência
MCTIC	Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações
MHz	Mega Hertz
PIB	Produto Interno Bruto
PPGJOR	Programa de Pós-graduação em Jornalismo
SBRD	Sistema Brasileiro de Rádio Digital
TCU	Ministério das Comunicações e Tribunal de Contas da União
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	20
1 TRANSFORMAÇÕES TECNOLÓGICAS NO RÁDIO AM E A MIGRAÇÃO PARA O FM	34
1.1 INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS E AS ONDAS DE MUDANÇA NA HISTÓRIA DO RÁDIO	34
1.2 A CRISE DO RÁDIO EM AMPLITUDE MODULADA	41
1.3 DECRETO AUTORIZA A MIGRAÇÃO PARA O FM	47
1.4 O FM ESTENDIDO	55
1.5 PRIMEIRAS IMPRESSÕES COM A MUDANÇA PARA O FM NO BRASIL.....	57
2 A PROGRAMAÇÃO INFORMATIVA NO RÁDIO.....	61
2.1 A ORGANIZAÇÃO NA GRADE	61
2.2 AS ESPECIFICIDADES DE CADA DIAL.....	66
2.3 A INFORMAÇÃO LOCAL NO RÁDIO.....	71
3 SANTA CATARINA COMO RECORTE DA PESQUISA SOBRE A MIGRAÇÃO DO AM.....	78
3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: A CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA	78
3.2 DEFINIÇÃO DO <i>CORPUS</i> DE ANÁLISE: AS SEIS MESORREGIÕES	81
3.3 UM BREVE HISTÓRICO DAS EMISSORAS ANALISADAS	92
3.3.1 <i>Rádios Marconi e Massa: a região Sul</i>	92
3.3.2 <i>Rádios Demais e RBN: a região Norte</i>	95
3.3.3 <i>Rádios Caçanjurê e Condá: a região Oeste</i>	98
3.3.4 <i>Rádios Magia e Massa: a região da Grande Florianópolis</i>	101
3.3.5 <i>Rádios Belos Vales e Pomerode: a região do Vale do Itajaí</i>	104
3.3.6 <i>Rádios Clube e Coroadó: a região Serrana</i>	107
4 ADAPTAÇÕES NO RÁDIO INFORMATIVO CATARINENSE NA TROCA DE DIAL	111
4.1 APRESENTAÇÃO GERAL DE RESULTADOS: NÚMEROS QUANTITATIVOS..	111
4.2 ALCANCE E CONTEÚDO MAIS AMPLOS NO FM	118
4.3 TRANSFORMAÇÕES E CONTINUIDADES NA PROGRAMAÇÃO DAS RÁDIOS MIGRADAS.....	122

4.4 O ENCOLHIMENTO DOS ESPAÇOS INFORMATIVOS NA ADESÃO ÀS REDES MUSICAIS	134
4.5 O OLHAR DO RADIODIFUSOR PARA O FUTURO EM FM.....	143
4.6 IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NA MIGRAÇÃO DO AM-FM.....	147
4.6.1 Reflexos da crise sanitária nas rádios migradas	150
4.6.2 A migração do AM, o Radiojornalismo e o combate à Covid-19	152
4.7 SÍNTESE DA ANÁLISE DE PROGRAMAÇÃO DAS EMISSORAS EM FM.....	158
4.8 E AS RÁDIOS NÃO MIGRADAS?	162
REFERÊNCIAS	174
APÊNDICES	188
APÊNDICE A – Quadro de fontes com entrevistas semiabertas em áudio ou vídeo	188
APÊNDICE B – Quadro de fontes com entrevistas semiabertas por e-mail.....	189
APÊNDICE C – Questionário aplicado com emissoras migradas	190
APÊNDICE D – Roteiro com questionário semiestruturado para entrevista com gestores de rádio	197
APÊNDICE E – Roteiro para entrevistas com gestores sobre os reflexos da pandemia de COVID-19	198
APÊNDICE F – Questionário realizado com profissionais da ABERT e ACAERT	200
ANEXO – Decreto do Governo Federal Autorizando a Migração	201
ANEXO 1 – Portaria Fabricantes Inclurem a Faixa Estendida nos Aparelhos	205
ANEXO 2 – Decreto Prorroga Prazo para Emissoras Pedirem a Migração.....	206
ANEXO 3: Passo a passo disponibilizado pela ABERT para emissoras em processo de Migração.....	207
ANEXO 4: Mais um dos passa a passo divulgados pela ABERT a radiodifusores	208
ANEXO 5: Site e Programação do site da Rádio Demais (Itaiópolis)	209
ANEXO 6: Site e Programação do site da Rádio Brasil Novo (Jaraguá do Sul)	210
ANEXO 7: Site e Programação do site da rádio Marconi (Urussanga)	211
ANEXO 8: Site e Programação do site da rádio Massa (Criciúma), antiga Difusora (Içara) e a Rádio Massa (Florianópolis), antiga Guararema (São José). Ambas possuem a mesma programação da cabeça de rede	212
ANEXO 9: Site e Programação do site da rádio Rádio Magia (São José), antiga Jornal A Verdade (São José).....	213
ANEXO 10: Site e Programação do site da rádio Super Condá (Chapecó).....	214
ANEXO 11: Site e Programação do site da rádio Caçanjurê (Caçador)	215

ANEXO 12: Site e Programação do site da rádio Coroadó (Curitibanos)	216
ANEXO 13: Site e Programação do site da rádio Clube (Lages).....	217
ANEXO 14: Site e Programação do site da rádio Belos Vales (Ibirama)	218
ANEXO 15: Site e Programação do site da rádio	219

INTRODUÇÃO

A trajetória histórica do rádio está diretamente relacionada a inovações tecnológicas significativas, sejam elas em relação ao formato, à portabilidade, ao alcance ou à qualidade sonora. Mudanças que alteram, desde o seu surgimento, o modo de produzir, emitir, circular e ouvir. Recentemente, o meio passa por um novo momento de transformação na forma de transmitir e sintonizar as ondas radiofônicas: a Migração do AM para o FM, determinada pelo Ministério das Comunicações em decreto presidencial em 2013¹ e em processo de implantação em todo o país.

A mudança no meio coloca em discussão, mais uma vez, a sobrevivência e a resiliência do rádio, que segue dividindo opiniões otimistas e pessimistas sobre o seu futuro. Divisão existente, inclusive, quando o assunto é a banda. Durante muito tempo, criou-se uma espécie de “muro” repartindo o *dial* entre uma programação destinada ao AM e outra ao FM. A modulação dos aparelhos fez surgir estes dois universos distintos: de um lado o AM, voltado para o jornalismo e a prestação de serviço, e de outro o FM, levando música e entretenimento aos lares do público ouvinte (ORTRIWANO, 1985).

Tal segmentação ocorreu pelo menos até a década de 1990, quando começaram as transmissões em jornalismo também na Frequência Modulada. Antes disso, com a implantação de um novo *dial* na década de 1970, havia ainda essa divisão clara de programação, público-alvo, qualidade sonora, afinal, foi a partir da expansão do rádio FM que o Brasil passou a experimentar a técnica e a dinâmica da programação em tempo real.

Dessa forma, os dois espectros deram e continuam dando contribuições ao meio. No momento atual da Radiodifusão brasileira, essa especialização, pelo menos em termos tecnológicos, se cruza ainda mais em uma mesma banda, no processo de Migração. Porém, o rompimento deste “muro” já vinha ocorrendo com a veiculação do radiojornalismo nestas grades no FM ou mesmo com as transmissões simultâneas entre AM e FM.

A migração do rádio AM vem se concretizando desde 2016 no país, quando a primeira emissora radiofônica mudou para o FM. De lá para cá, mudanças e continuidades surgiram com a alteração do *dial*. Assim, o processo que migra o rádio de Amplitude Modulada é compreendido como um dos grandes fenômenos da contemporaneidade para o meio, já que atinge mais de 90% das emissoras AMs brasileiras. Os reflexos desse período de

¹ BRASIL. Decreto presidencial nº 8.139 – 7 de novembro de 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Decreto/D8139.htm. Acesso em dezembro de 2018 (Anexo).

transformação no meio brasileiro já aparecem e permitem análises sobre a troca de modulação, mesmo com um longo caminho a ser trilhado.

O processo de migração para a Frequência Modulada foi o encaminhamento encontrado pelo governo e por Radiodifusores como solução para problemas antigos do AM, a exemplo da baixa qualidade do som, dificuldades técnicas/operacionais de recepção em dispositivos móveis, queda de faturamento e risco de fechamento de emissoras por falta de sustentabilidade na oferta do serviço.

Há mais de uma década, observa-se o crescente declínio do AM no Brasil. Além da notória diferença na qualidade do áudio em relação ao FM, o crescimento urbano aumenta cada vez mais o nível de ruídos, interferências e poluição na faixa de ondas médias. Com a deterioração da qualidade de áudio, os ouvintes enfrentam dificuldades para sintonizar emissoras em AM, seja em receptores de mesa ou de automóveis. Soma-se a isso, as dificuldades técnicas/operacionais de recepção em dispositivos móveis como os smartphones. A estagnação do rádio AM provocou a queda de audiência e, conseqüentemente, reduziu a competitividade no *dial* (PRATA; DEL BIANCO, 2018, p. 25).

Essa estagnação citada pelas autoras também é perceptível quando o assunto são os investimentos em tecnologia das indústrias dos mais variados setores. O AM, por exemplo, não está disponível em novos dispositivos móveis, como celulares e tablets. Isso faz com que os novos aparelhos cheguem ao mercado somente com a sintonia em Frequência Modulada, refletindo diretamente na audiência de emissoras em Ondas Médias.

Um outro fator que representa problema para a emissão em Amplitude Modulada é a indústria automobilística, que coloca no mercado veículos sem aparelhos Radiofônicos compatíveis com AM, ou mesmo as próprias emissoras que apostam no conservadorismo de sua programação pouco voltada à convergência e ao público jovem. Este preterimento do AM condenou o espectro e pode ser apontado como parte dos motivos da migração, também muito relacionada com a qualidade do som e a interferência nas ondas.

A queda de anunciantes nas rádios AMs é mais uma questão importante para o processo de migração. Com o declínio de audiência em automóveis, celulares e por conta da baixa qualidade de áudio, repleto de interferências eletromagnéticas, o setor publicitário encontra no AM um problema a ser superado. O resultado é a redução na receita publicitária, trazendo dor de cabeça aos gestores do setor. Todos estes fatores, unidos ainda à falta de continuidade nas discussões de implantação do modelo de rádio digital no Brasil por parte do governo, levaram Radiodifusores a pedirem a migração do AM, como estratégia de sobrevivência por meio da modernização. A migração impacta, assim, na melhora da

qualidade da tecnologia de transmissão e, conseqüentemente, na redefinição e estratégias e na qualidade do conteúdo.

Para além das questões técnicas e evolutivas do rádio enquanto meio de comunicação, a Migração do AM para FM vem impactando a programação das emissoras migradas. Mesmo que as adaptações não apareçam uniformemente, algumas questões sinalizam para uma reconfiguração das grades em Frequência Modulada. Alterações que vão desde enxugamentos no quadro de colaboradores e redações ao conteúdo, além do aumento do alcance de sinal com incidência de menos “ruídos” no AM, afetando, por exemplo, a cobertura jornalística local, assunto que ampliaremos em seguida.

Por isso, faz-necessário discutirmos o potencial legado da troca de *dial* para um melhor aproveitamento das características do rádio que o tornam um dos meios mais adequados à prática jornalística, em especial do jornalismo local/regional (ZUCULOTO, 2012). Refletimos, assim, o futuro do rádio de antena, que desde suas origens é compreendido como um meio de proximidade com a comunidade onde está inserido (BONIXE, 2015). As experiências nestes primeiros impactos da migração para o FM têm contribuído para ampliar o conteúdo regional e aumentar a audiência, segundo os gestores entrevistados pela pesquisa e nossas análises ao longo deste estudo.

Dessa forma, destacamos o espaço jornalístico das rádios como um referencial de credibilidade e atração no FM. Assim, justificamos o olhar desta tese para o jornalismo local no rádio, levando-se em consideração a identidade e a cultura do entorno (COMASSETTO, 2007), por entendermos a troca de banda como possibilidade de sobrevivência do meio, não somente como evolução técnica, mas de informação, de conteúdo.

Nessa conjuntura, descrevemos o rádio local por meio da programação e produção voltadas à informação para a comunidade ou região específica do seu entorno. O conceito que vamos adotar deste localismo no rádio é tratado nesta tese como sinônimo ao radiojornalismo local/regional e ao rádio informativo local/regional, por entendermos que o meio de comunicação local evidencia assuntos que tratem de pautas relacionadas à proximidade com o bairro e a comunidade em geral (PERUZZO, 2005).

Portanto, ao utilizarmos expressões como “jornalismo local/regional”, “radiojornalismo local”, “rádio informativo” ou “informação local” entendemos como similares. Sendo assim, ao longo da pesquisa observamos como lugar geográfico, mas também como espaço de trocas sociais e valores tradicionais. Defendemos essa ideia por acreditarmos na força do jornalismo e do rádio local como instrumento de identidade da população. “Num mercado cada vez mais disputado, o jornalismo é uma das poucas coisas

que distinguem as emissoras locais de todas as outras” (CHANTLER; HARRIS, 1998, p. 21).

Justificamos o uso sinônimo das expressões pelo fato de as próprias emissoras ouvidas se intitularem muitas vezes como sendo locais, mesmo tendo características distintas de um conteúdo voltado à proximidade. Da mesma forma, a definição de rádio informativo aqui justificada amplia a noção de radiojornalismo, proposta por Eduardo Meditsch (2001), no sentido que abrange toda a atividade jornalística de rádio, mais as especificidades que foram desenvolvidas com o amadurecimento do meio.

O rádio informativo fala de coisas que anteriormente não eram notícia, como a hora certa, objetos perdidos e as condições do trânsito, por exemplo. Sendo assim, priorizaremos como referencial estes conceitos de rádio local/regional para refletirmos sobre os espaços de informação nas emissoras migradas, assunto que desenvolveremos melhor em capítulos futuros desta tese.

Não é nossa intenção supervalorizar a informação em detrimento da música, pois entendemos o papel do entretenimento como parte essencial do rádio desde sua criação. Porém, pretendemos problematizar que o rádio e seus espaços locais trazem para o debate social assuntos que, geralmente, fogem das discussões da grande mídia, ou seja, contribuindo para a mobilização social em torno de problemas que afetam diretamente a vida das pessoas (BRECHT, 2005) e muitas vezes são negligenciados por governantes. Em linhas gerais, defendemos este posicionamento por concordarmos que “o rádio local é colocado como mediador entre as demandas da população e as instâncias governamentais” (MEDEIROS, 2020, p. 369).

Estes aspectos são reforçados na pesquisa Kantar Ibope (2019), ao apresentar levantamento apontando que 83% da população, em 13 regiões metropolitanas, escutam o veículo diariamente. Deste número, os que ouvem rádio informativo representam 70% dos entrevistados, que afirmaram ter ouvido notícias por este meio. O dado é uma informação relevante para esta pesquisa que se embasa no jornalismo local, já que deste público 93% dizem ouvir o noticiário local, 82% o nacional e 62% as informações sobre o trânsito.

A música segue tendo destaque no público radiouvinte, já que dos entrevistados mais de 60% afirmaram que a música constitui parte importante de suas vidas. Porém, constatou-se também, segundo a pesquisa, que o consumo de serviços de *streaming* para ouvir música cresceu 22% em relação a 2018, o que acende um alerta às emissoras exclusivamente musicais. Dados mais recentes, do Kantar Ibope (2020), evidenciam a audiência do rádio em

ascensão desde o início da quarentena do novo coronavírus, temática a que daremos destaque na sequência.

O consumo de notícias sobre a Covid-19 ampliou a relevância do jornalismo, em especial dos meios tradicionais. Na pesquisa do Ibope, este dado é reforçado quando 20% afirmaram ouvir muito mais rádio após as medidas de isolamento social. Em relação ao conteúdo, 52% procuram por músicas, 50% estão em busca de distração e 43% utilizam o veículo para se manterem informados sobre assuntos da atualidade. A agilidade da informação radiofônica pode ser apontada como um dos fatores para que o consumo de programas jornalísticos de rádio tenha crescido.

Esta tese justifica-se, então, pela importância de se avaliar o que vem ocorrendo com os espaços jornalísticos nas grades de programação das emissoras de rádio durante a migração do AM, com um recorte para as grades informativas. A intenção é refletir se houve, e de que maneira, um alargamento da informação local ou um enxugamento das notícias por conta da ampliação da música no *dial* com a troca de espectro para o FM.

Interpretamos assim, que o tema seja necessário para o Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, o PPGJOR da UFSC, por agregar algo novo para os estudos em radiojornalismo de um fenômeno tão recente no país, assunto ainda não explorado em pesquisas anteriores do programa. Além disso, o trabalho contribui para a compreensão das perspectivas do meio, já que está inserido na linha *Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo*, que se dedica a acompanhar avanços e transformações nos meios e na comunicação como um todo.

Também frisamos a motivação pessoal desta autora em pesquisar o radiojornalismo durante o doutoramento. Como professora das disciplinas de rádio no curso de Jornalismo da Faculdade Satc, em Criciúma, este trabalho vem colaborando para o aperfeiçoamento dos processos de ensino e aprendizagem e na formação de novos jornalistas sobretudo nas disciplinas de mídia sonora. Além disso, filha de radialista e com minha trajetória profissional alicerçada em experiências no meio radiofônico até 2016, a temática não poderia ser outra, senão o rádio. E nesse contexto, a mudança para a Frequência Modulada vem permeando os nossos estudos e de outros pesquisadores nos últimos anos.

As pesquisas sobre esses possíveis reflexos da Migração do AM-FM e o declínio das transmissões em Ondas Médias são realizadas por estudiosos país afora. O definhamento do rádio AM, por exemplo, foi sentenciado por Camila Curado (2015, p. 74), em seu Trabalho de Conclusão de Curso, orientado pela professora Nelia Del Bianco, em uma das primeiras observações científicas acerca do tema no Brasil. Na pesquisa, Curado (2015) acompanhou o

processo de transição de sete importantes emissoras do país de capitais e do interior, a fim de desvendar crenças e expectativas de jornalistas, diretores de rádios e engenheiros quanto ao assunto.

Desde lá, a temática é acompanhada por grupos de pesquisadores em todo o país, como o levantamento sobre a Migração do AM para o FM publicado por Nelia Del Bianco e Nair Prata no 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, da Intercom. Em um livro fruto de trabalho coletivo entre mais de 100 pesquisadores brasileiros, a dupla de autoras realizou o lançamento em setembro de 2018, em Joinville, Santa Catarina.

O compilamento dos dados sobre o processo migratório no Brasil levanta e avalia o impacto e os desafios deste novo *dial* frente à convergência tecnológica em mais de 200 empresas radiofônicas no país. Em Santa Catarina, as alterações foram analisadas por pesquisadores da Universidade Federal (UFSC), dentre eles a autora e a orientadora deste trabalho.

A tese de doutoramento da pesquisadora Edilene Mafra de Oliveira (2017), intitulada *Vozes moduladas da floresta: a complexidade da migração das rádios amazonenses de AM para FM e suas adaptações ao ambiente da convergência tecnológica*, também amplia a discussão sobre o tema no país. Na pesquisa, a autora discute as mudanças ocorridas em emissoras no Amazonas.

Rafael Ferreira Medeiros, em dissertação defendida em 2019 e orientada pela professora doutora Nair Prata, debate o tema trazendo o rádio local para o contexto. No trabalho: *O Rádio e a Cidade Patrimônio: Experiências de escuta, localismo e migração nos discursos de ouvintes ouro-pretanos*, Medeiros (2019) apresenta resultados da troca de *dial* sentidos pela audiência fiel da Itatiaia de Ouro Preto, em Minas Gerais. No Rio Grande do Sul, Santos e Campos (2016) publicaram o artigo *A migração das emissoras radiojornalísticas para o FM em Porto Alegre*. As autoras avaliaram o andamento do processo de migração nas rádios Gaúcha, Guaíba e Bandeirantes.

Outra pesquisa sobre o tema resulta do Trabalho de Conclusão de Curso da graduação em Direito cujo título é *Radiodifusão no Brasil: avanços e retrocessos e a migração das emissoras de AM para FM*. Na pesquisa, Breitenbach (2017) apresenta questões históricas que definiram o marco regulatório da Radiodifusão Sonora Brasileira. O estudo avaliou termos técnicos, de conteúdo e econômico, a fim de apontar que o processo de migração é mais um avanço histórico do setor para que o rádio siga como protagonista entre os meios de comunicação no País (OLIVEIRA, 2017).

Nelia Del Bianco e Nair Prata apresentaram mais recentemente o seguinte artigo no Intercom 2019: *A construção da política pública para ocupação do FM estendido no processo de migração do AM*, onde problematizaram o processo migratório radiofônico a partir da perspectiva de uma política pública para o meio, como um fluxo de decisões orientado a manter o equilíbrio social ou a introduzir desequilíbrios destinados a modificar essa realidade.

Outros trabalhos acadêmicos apresentados em eventos e publicações científicas também balizaram este estudo, auxiliando no crescimento dos debates sobre a migração e colaborando no fomento da pesquisa dentro do próprio Programa de Pós-graduação em Jornalismo da UFSC. Por isso, esta tese se baseia em uma construção metodológica que avalia impactos do momento atual, como uma espécie de fotografia contemporânea.

Levantamentos iniciais publicados em artigos nossos sobre emissoras com importância no processo de migração, mesmo estando fora do corpus analisado, deram base para perspectivas do jornalismo que se transfere para a Frequência Modulada. É a partir deste cenário de transformações nas transmissões em Amplitude Modulada e das possibilidades futuras para o rádio que este estudo ocorreu, justificado pela necessidade de perceber o momento contemporâneo de adaptações pelas quais passa a Radiodifusão brasileira.

Das 1.781 outorgas de rádio AM no Brasil, cerca de 1.720 emissoras pediram a mudança para o FM, segundo a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT). Até meados de 2020, mais de 700 emissoras migraram em todo país (TUDO RÁDIO, 2020). Porém, para a finalização de todo o processo ainda é necessária a redesignação dos canais 5 e 6 de televisão para o serviço de rádio FM que, por questões técnicas e relação direta com desligamento do sinal analógico de televisão, deve se estender pelo menos até 2023, conforme Portaria Ministerial N° 2.992 (BRASIL, 2017).

De forma generalizada, a migração tem sido compreendida como uma realocação de rádios em AM para as transmissões em Frequência Modulada, com intuito de promover adequações inerentes à modernização do setor. Diante deste fato, o rádio é percebido como negócio, bem como um meio tecnológico e massivo, que se estrutura por meio de estratégias mercadológicas adotadas pelas emissoras projetando um futuro rentável. É nessas estratégias adotadas durante a troca de espectro que focamos nossas análises para entendermos os impactos no radiojornalismo destas rádios.

Por meio desta contextualização geral da Migração no Brasil, compreendemos o cenário migratório do rádio AM por meio de um recorte mais específico, o das emissoras catarinenses, com a intenção de apresentarmos uma radiografia do processo no Estado, mas

que possa refletido em outras regiões país afora para a compreensão do fenômeno. Assim, o processo de mudança de banda é analisado nesta tese com olhar para Santa Catarina.

O estado possui 561 emissoras no ar, somando-se todos os segmentos. Operam em Amplitude Modulada, segundo o banco de dados da Anatel (2017), 99 canais. No FM, são 307 rádios. As Educativas chegam a 16 e as Comunitárias somam 139, de acordo com a Associação Catarinense de Radiodifusão Comunitária – Abraco (2017). As comerciais representam 72,3% do quadro radiofônico catarinense, totalizando 406 emissoras.

Conforme dados do Kantar Ibope (2019), os ouvintes da Região Sul do país, onde inclui-se Santa Catarina, sintonizam o meio por mais de quatro horas diárias, em um dos melhores índices nacionais, com alcance em 83% dos lares. Segundo o site TUDO RÁDIO, das 99 emissoras em Ondas Médias no Estado, operam em Frequência Modulada 57 rádios até meados de 2020, ou seja, pouco mais da metade das empresas radiofônicas já migraram desde o início do processo em 2016. Uma parte delas, aproximadamente 40 rádios, segundo o engenheiro da Associação Brasileira das Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT), André Cintra (2020), necessita da faixa estendida no *dial* para o funcionamento em FM, assunto que também discutiremos ao longo do estudo.

Dito isso, o problema de pesquisa, portanto, partiu da necessidade de entender como as adaptações no radiojornalismo na migração de *dial* em Santa Catarina estão ocorrendo. Como **objetivo geral**, buscamos identificar e refletir as transformações e/ou continuidades da programação radiojornalística catarinense no processo de migração para o FM.

Para alcançar este propósito, delimitou-se como **objetivos específicos**: a) investigar o espaço dedicado ao jornalismo nas grades e modelos de programação radiofônica; b) verificar os impactos no radiojornalismo por conta do alcance geográfico sob nova banda; c) levantar as expectativas dos gestores de rádio sobre o futuro do rádio AM que agora se transfere para o FM; d) compreender os impactos no jornalismo local com a adesão às redes pós-migração e, mais recentemente, e) observar os reflexos da pandemia do novo coronavírus no processo migratório destas empresas radiofônicas. Desferimos os dois últimos objetivos fundamentados após observação de campo, ou seja, necessitamos considerá-los depois de garantir alguns resultados apresentados durante a pesquisa qualitativa.

O **objeto empírico** sistematiza dados e informações coletadas em 12 das 99 rádios AM catarinenses, que já migraram e possuem ou possuíam programação informativa, duas em cada mesorregião: Norte, Sul, Grande Florianópolis, Oeste, Serrana e Vale do Itajaí. O intuito do recorte é apresentar um panorama geral da migração no Estado, apontando

caminhos e tendências do meio, por isso, avaliamos o processo em duas emissoras de cada mesorregião² para garantir que áreas com diversidades econômicas e sociais fossem contempladas na análise. Dessa maneira, apontamos para uma radiografia a ser examinada em Santa Catarina, mas com possibilidade de ser aplicada em outras localidades do país.

Ao iniciarmos a pesquisa, a ideia era buscar reflexões sobre emissoras nacionais, porém, após a qualificação desta tese, acolhemos a sugestão da banca de observarmos o nosso entorno para a compreensão deste que é um dos principais fenômenos do rádio na modernidade, por isso a escolha por empresas em Santa Catarina.

Os critérios para a definição das emissoras analisadas ocorreram por fatores diversos, como mudanças drásticas na programação ou pelo contexto histórico de rádios tradicionais existentes no Estado. Assim, chegamos nas seguintes emissoras deste *corpus*³: Rádios Demais (Itaiópolis) e Brasil Novo (Jaraguá do Sul) no Norte; Rádios Marconi (Urussanga) e Difusora (Içara) no Sul; Rádios Jornal A Verdade (São José) e Guararema (São José) na Grande Florianópolis; Rádios Super Condá (Chapecó) e Caçanjurê (Caçador) no Oeste; Rádios Coroado (Curitibanos) e Clube (Lages) na Serrana e Rádios Belos Vales (Ibirama) e Pomerode (Pomerode) no Vale do Itajaí.

Para avançar nos objetivos propostos, utilizou-se da análise de programação radiojornalística para um percurso metodológico que avalia parte das grades das estações antes e depois de se transferirem para a Frequência Modulada. A intenção foi perceber as mudanças nos espaços informativos das rádios, nesta tese autoral considerada exploratória, histórica, descritiva e de natureza qualitativa, com uso de recursos quantitativos para consolidar dados levantados na pesquisa de campo. Recurso que se justifica em Herscovitz (2010), quando a autora pontua que os resultados na identificação de tendências são mais bem alcançados com o emprego das duas análises, quantitativa e qualitativa.

Além disso, por ser esta uma pesquisa que analisa o momento atual, compreende-se a tese como um estudo histórico. Assim, apropria-se de conceitos da chamada *História Imediata* ou *História do Tempo Presente* para uma análise do passado próximo e de um momento de transformação recente, fazendo relação com outras metodologias, partindo do pressuposto de que toda história do tempo presente é história comparada. Refletir sobre o

² Mesorregiões são subdivisões dos estados que congregam diversos municípios de uma área geográfica com similaridades econômicas e sociais. Foram criadas pelo IBGE e são utilizadas para fins estatísticos e de planejamento público, não constituindo, portanto, entidades políticas ou administrativas (FECAM, 2018).

³ Adotamos o nome comercial das emissoras antes do processo de migração para o FM. Ao longo da tese explicamos as alterações das marcas com a troca de banda. Questões como estas e sobre a escolha das emissoras por mesorregião são detalhadas posteriormente no capítulo 3.

acontecimento em processo é elaborar uma visão com relação ao passado como espaço de experiências e ao futuro como um horizonte de expectativas (SCHURSTER, 2015).

Essa apropriação temporal do presente traz consequências não apenas na maneira como se vive a duração, mas na própria percepção do sentido de mundo construído na contemporaneidade. Traz marcas indeléveis também para a interpretação histórica, mas, sobretudo para um campo de conhecimento, a Comunicação, que pretende interpretar processos que estão em curso num mundo governado pela centralidade comunicacional (BARBOSA, 2017, p. 5).

Ao definirmos as 12 emissoras como *corpus*, classificamos a pesquisa também como um estudo de casos múltiplos, já que foram selecionadas rádios capazes de apresentar modelos e cenários da mudança no *dial* em todo o Estado. Yin (2015) pontua que o método é definido por investigar de forma abrangente e com profundidade um fenômeno contemporâneo, com a finalidade de compreender um caso do mundo real e aceitar que provavelmente este entendimento envolva condições contextuais importantes pertinentes ao caso.

A coleta de dados foi realizada por meio de questionários e entrevistas semiestruturadas com opinião de gestores, e com observação dos perfis das estações e escuta de programas. Ao unirmos a pesquisa bibliográfica com a pesquisa de campo, por meio das entrevistas realizadas, análise de grades e audição de alguns programas, dividimos o trabalho de campo por fases (GIL, 1999), chegando a estratégias metodológicas que incluem etapas e técnicas.

Nesta pesquisa apresentadas em: (1) revisão bibliográfica sistemática sobre as transformações do rádio no Brasil até as publicações recentes sobre a migração no país, bem como as especificidades de cada *dial* e os tipos de programação e informação radiofônica; (2) coleta de dados junto às emissoras catarinenses em AM, por meio de questionários, a fim de garantir dados quantitativos para entender com detalhes o objeto de pesquisa; (3) entrevistas em profundidade com gestores e profissionais de rádio para ampliar análises e (4) comparação dos espaços destinados ao jornalismo nas empresas antes e pós-migração, por meio de observação documental das grades e audição em áudio.

Para explicarmos este texto introdutório, detalhamos aqui a organização do trabalho. A tese é sistematizada em cinco capítulos divididos entre o referencial teórico que embasa a pesquisa e a análise dos dados apurados. Logo no *capítulo 1*, revisitamos os períodos históricos do rádio brasileiro dividindo-os em ondas de mudanças, elencadas por alterações que se destacam no rádio de Amplitude Modulada. Partiu-se da ideia de que a migração para

o FM é mais uma onda de impacto no meio, antecipada por outros importantes momentos, aqui demarcados em acontecimentos na história do rádio, como 1) implantação do meio; 2) invenções tecnológicas (TV e transistor); 3) implantação de um novo *dial* (FM); 4) informatização; 5) o rádio na internet e expandido e, por último e em andamento, 6) a migração das emissoras em Amplitude Modulada para a Frequência Modulada.

A periodização proposta nas ondas de impacto é baseada em fenômenos marcantes no desenvolvimento e na evolução do rádio AM que se inserem na vida, no cotidiano, na vivência humana como um todo e representam mudança. “O acontecimento é portador de uma diferença e de uma ruptura. Ele rompe o esperado, a normalidade; ele quebra uma sequência e, num primeiro momento, desorganiza o nosso presente. Ele penetra sem aviso prévio, e gera um impasse” (FRANÇA, 2012, p. 13).

Essa forma de recortar os períodos históricos e categorizá-los não possui uma receita específica. Rossetto (2009), com base em reflexões de Hobsbawn, entende que a história deve ser contada quando a mudança social consegue transformar a sociedade para além de determinada questão, ou seja, o que vinha acontecendo na sociedade deixa de ser o padrão e dá início a um novo fazer. Foi dessa forma que conseguimos descrever a evolução do meio até chegarmos no processo de Migração do AM-FM, discutindo o decreto que autorizou as emissoras a trocarem de *dial* e os primeiros reflexos e impactos no Brasil.

Importante frisar que reconstituições da história do rádio já foram realizadas, com outros focos e angulações, por pesquisadores referenciais da área como Gisela Swetlana Ortriwano (1985), Sonia Virgínia Moreira (1991), Luiz Artur Ferraretto (2001; 2012), Valci Regina Mousquer Zuculoto (2012), Luciano Klockner e Nair Prata (2011); Magali Prado (2012), Miriam Quadros e Débora Lopez (2014); Nelia Del Bianco (2010); Antônio Francisco Magnoni e Kelly Rodrigues (2013) e Marcelo Kischinhevsky (2016).

E estes autores muitas vezes também procederam a revisões e atualizações dos seus próprios escritos. É com base sobretudo nestes pesquisadores que a (re) visita à história do rádio brasileiro, focada no AM, foi desenvolvida e exposta neste trabalho. Mesmo que muitos autores tenham pontuado os momentos de impactos vividos pelo rádio neste um século de existência, a migração do AM para o FM necessita de investigação e avanços.

No *capítulo 2* abordaram-se elementos que conceituassem aspectos teóricos norteadores desta tese, como os modelos de programação e de organização da grade radiofônica e as especificidades de cada *dial* até o período atual da radiodifusão, a fim de perceber características peculiares de cada modulação. Diferenças que vão desde a qualidade do som ao estilo do comunicador, até a formação de vínculos afetivos, como o

companheirismo do “rádio amigo”, tão presente nas fases iniciais das emissoras em Amplitude Modulada.

Para isso, buscou-se autores nacionais e internacionais da área para estabelecer um modelo de classificação, já que muitos formatos e gêneros têm raízes comuns ou partem das mesmas estruturas de produção. Assim, trabalhamos nesse capítulo conceitos de organização das grades de programação, quanto ao formato e aos gêneros, o que muitos autores classificam por meio de categorias variadas conforme o campo ou o objeto estudado.

Nessa segunda seção, focamos em dois principais eixos apresentados por Mariano Cebrian-Herreros (2008): o da cobertura das atualidades (e temática) e o musical, ou seja, partimos da ideia de uma grade dividida entre o informativo e o entretenimento, fundamentada em Ferraretto (2014). Sendo assim, Ángel Faus Belau (1981); Josep Maria Martí Martí (2004) Maria Pilar Martínez-Costa e Elsa M. Moreno (2004); Mário Kaplún (1978); André Barbosa Filho (2009) também foram referências para as observações futuras.

Outro aspecto abordado nesse capítulo foi a informação local no rádio. Com o processo de migração, emissoras já atuantes em Frequência Modulada registraram a melhora no alcance de sinal, chegando em municípios onde o AM não mais alcançava, como mencionamos anteriormente. Tal ampliação reconfigurou as grades que, antes, não contemplavam, em termos de conteúdo informativo, estas cidades.

Por isso, uma das categorias deste estudo foi compreender a mudança no jornalismo local destas emissoras catarinenses que agora funcionam no FM além do papel social que possuem no seu entorno (COMASSETTO, 2007; CEBRIÁN-HERREROS, 2008, PERUZZO, 2005). Assim, buscamos suporte teórico em autores que discutem a importância do rádio na sociedade, como Bertolt Brecht (2005); Eduardo Meditsch (2001), Luiz Artur Ferraretto (2001); Nair Prata (2012); Valci Zuculoto (2012); Luís Bonixe (2015); Daniel Gambaro (2019); Paul Chantler e Sim Haris (1998), Sônia Virgínia Moreira (1991); Mario Kaplún (1978) e Vera Raddatz (2011).

No *capítulo 3* apresentamos os caminhos metodológicos traçados para alcançarmos os objetivos esperados através do *corpus* definido. Nesta parte do estudo, justificamos a escolha por Santa Catarina como recorte da pesquisa, bem como apresentamos os aspectos iniciais e gerais sobre a migração nas rádios catarinenses. Um breve histórico das 12 emissoras, divididas em suas mesorregiões, é descrito e nessa terceira parte da tese que serve como registro dessas empresas radiofônicas atualmente operantes em Frequência Modulada.

Em seguida, *no capítulo 4*, o trabalho se volta às emissoras para realização de entrevistas com profissionais e gestores das rádios trabalhadas, pesquisadores do meio e

órgãos diretamente ligados ao setor, como a ABERT (Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão), por exemplo, para se obter resultados dos reflexos da migração no Estado. O cruzamento destes dados, embasados em conceitos ampliados sobre a informação radiofônica, permitiu uma análise sobre as adaptações destas emissoras no contexto da migração de *dial*.

A partir do percurso metodológico apresentado, investigou-se a migração para Frequência Modulada em relação ao espaço dedicado ao jornalismo na grade e seus modelos de programação por meio das seguintes categorias de análise: (a) *do alcance geográfico*; (b) *da programação informativa*; (c) *da adesão a redes musicais*; (d) *do olhar do radiodifusor para o futuro em FM*; e mais recentemente, (e) *os reflexos da Pandemia no processo migratório*. Ainda elencamos como necessária a discussão sobre como tem sido a espera por parte das emissoras que aguardam o *dial* estendido para a troca de banda.

Assim, redirecionamos também o olhar para emissoras que aguardam pela liberação de um canal na frequência estendida. Diante disso, optamos por apresentar resultados sobre o que vem ocorrendo com quem ainda não trocou de banda, ilustrando o cenário com a CBN Diário de Florianópolis, que mesmo não fazendo parte do *corpus* das 12 empresas analisadas pode ser inserida no contexto do rádio catarinense por ser uma das mais importantes emissoras *all News* e uma das mais significativas no ramo informativo no Estado. Diante disso, enviamos o questionário para a gestão da empresa com perguntas fechadas e abertas sobre o processo de mudança.

Sobre a pandemia do novo coronavírus, decidimos por ampliar a discussão em um *quinto capítulo*, com o objetivo de perceber as adaptações no radiojornalismo de Santa Catarina, sob o impacto da Covid-19, pandemia que atingiu todo o planeta no final de 2019. Devido à emergência do assunto, optamos por discutir o tema nesta tese mesmo que a conclusão da pesquisa tenha ocorrido ainda no período de quarentena no Brasil. Como frisamos, a temática surgiu com a necessidade de debater os desdobramentos no meio radiofônico durante uma das crises sanitárias mais impactantes do planeta, como descreveremos na sequência.

A intenção foi apresentar dados em relação a uma parte das emissoras pesquisadas, bem como discutir o alargamento dos espaços de informação na programação radiofônica com a mudança de dial durante o período de isolamento social, já que o radiojornalismo sentiu os efeitos do novo coronavírus no seu modo de produção e consumo de informações.

A pandemia provocou disrupções que afloraram profundas e definitivas também para a comunicação e, principalmente, para o jornalismo. Aprofundou-se a centralidade da

comunicação e da informação para a construção social da realidade, alavancando a necessidade do jornalismo. Realçaram-se sobremaneira potencialidades do áudio e radiojornalismo, colocando suas mídias em destaque nas coberturas realizadas sob isolamento.

A busca por fontes confiáveis como forma de sanar a enxurrada de notícias falsas nas redes sociais diante de uma pandemia como a vivida atualmente reforçou o papel social que os meios tradicionais exercem na sociedade. Também evidenciou o esforço de redações e profissionais de imprensa na adaptação de rotinas exaustivas de extensas coberturas como forma de orientar a população, questões que serão abordadas ao longo do trabalho.

Por fim, as *considerações finais* evidenciam as adaptações do jornalismo no rádio, um meio que, incansavelmente, busca alternativas de se reinventar, trazer novos públicos e novas maneiras de sobrevivência em um cenário de reconfiguração que tem sido a Migração do AM-FM.

1 TRANSFORMAÇÕES TECNOLÓGICAS NO RÁDIO AM E A MIGRAÇÃO PARA O FM

Neste primeiro capítulo, a trajetória de transformações radiofônicas no Brasil é (re) visitada a fim de levantar apontamentos históricos destinados à construção de uma periodização do rádio em Amplitude Modulada, da implantação até o momento atual, o de migração para o FM. A sistematização é baseada em acontecimentos e fenômenos marcantes no desenvolvimento do meio no Brasil e que se inserem na vida, no cotidiano, na vivência humana como um todo e representam mudança. Em um segundo momento, abordamos os marcos legais da Migração, a crise do AM e os primeiros impactos da troca de banda no rádio brasileiro.

1.1 INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS E AS ONDAS DE MUDANÇA NA HISTÓRIA DO RÁDIO

A evolução do rádio vem sendo estudada nos seus mais variados aspectos, da mudança de comportamento ao ouvi-lo até ao desenvolvimento de tecnologias que o transformaram enquanto meio de comunicação de massa. Enquanto advento, localizamos a implantação do meio em 1919, com início das transmissões da centenária Rádio Clube de Pernambuco⁴. Ao longo do tempo, o meio foi vivenciando transformações demarcadas, por exemplo, com a invenção do transistor e a chegada da televisão entre 1950 e 1960, como também na implantação das emissoras em Frequência Modulada nos anos de 1970, ou ainda, nos anos de 1990, com inovações que ampliaram as formas de transmissão, produção e recepção radiofônica.

Essas evoluções são apresentadas neste capítulo de forma periodizada em *Ondas de Mudança*, a fim de descrever alguns dos acontecimentos de relevância na história do rádio, sob olhar nas emissoras em AM, já que o meio nasce justamente em Amplitude Modulada.

⁴ Marcamos aqui o nascimento do meio em 1919 por acolhermos os estudos de pesquisadores do Rádio Brasileiro que, reunidos no XII Encontro Nacional da História da Mídia, em Natal/RN (2019), referendaram o dia 6 de abril de 1919 como a data inicial da radiodifusão no país. Evidenciamos também que não deixamos de referenciar os marcos da radiodifusão em 1922, com irradiações das comemorações do Centenário da Independência, no Rio de Janeiro, considerada até pouco tempo como data “oficial” do início do rádio no Brasil. Bem como a importância histórica de Roquette-Pinto e a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, inaugurada em 1923. No entanto, defendemos o pioneirismo da Rádio Clube após o aval dos estudiosos do rádio avaliando dados apresentados há mais de três décadas pelo pesquisador Luiz Maranhão Filho (UFPE) e validados, mais recentemente, pelo pesquisador Pedro Serico Vaz (ECA/USP), sobre a transmissão sonora à distância – de um ponto de transmissão para vários pontos da embrionária emissora.

Justificamos essa (re)visita pela importância do secular do meio que vem configurando mais uma decisiva mudança, “definidora para seus próximos passos de continuidade e sobrevivência: a migração do AM para o FM” (ZUCULOTO, 2018, p.13).

O rádio é um exemplo de mídia tradicional que frente aos sucessivos avanços tecnológicos se viu obrigada a adaptar-se: reestruturou-se a partir da chegada da televisão, segmentou-se com as transmissões em Frequência Modulada, tornou-se mais ágil e instantâneo com a mobilidade dos transistores, e, hoje, frente ao processo de convergência midiática e a ubiquidade da comunicação digital passa por um novo processo de transformação (QUADROS; LOPEZ, 2014, p. 166).

A primeira onda de mudança no rádio situamos no final dos anos 1910 e se dá com a própria (1) *Implantação do meio*, uma revolução tecnológica da época, quando o principal veículo de informação da população era o jornal impresso. Fase de muita improvisação e amadorismo, mas que nos anos seguintes viveu seu auge como meio de comunicação de massa. A trajetória do rádio em Amplitude Modulada até a implantação e consolidação da Frequência Modulada se confunde com a própria história do meio, já que em suas primeiras fases a transmissão radiofônica era predominantemente em AM, por isso a necessidade desta (re) visita aos primórdios do meio.

As primeiras emissoras instaladas no país foram fundadas por clubes ou sociedades, numa reunião de apoiadores da Radiodifusão, como pontuou Ferraretto (2012, p. 4), ao lembrar que essa fase foi organizada sob a forma de “entidades associativas”. Nesse início de atividade, o conteúdo levado ao público era de cunho cultural e educativo, uma herança do que defendia um dos pioneiros da radiodifusão no país, Edgard Roquette-Pinto, fundador da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 1923, alicerçada numa programação destinada à cultura e à educação. Anos depois, em 1936, a emissora foi doada ao Governo tornando-se a Rádio MEC AM do Rio de Janeiro.

Passados os anos iniciais, aumentavam os vínculos comerciais e o potencial de influência ideológica via rádio era um desejo da elite brasileira. A regulamentação da publicidade, autorizada por decreto governamental em 1932, garante mais profissionalismo aos veículos que tiveram seu início com precariedade nas transmissões. Com isso, o rádio passou a ser mais popular, o crescimento de emissoras gerou competição, trazendo assim desenvolvimento técnico, popularidade e prestígio. A partir da década de 1930, tornou-se protagonista como meio de comunicação do Brasil, chegando à sua era áurea nos anos 1940, quando se destacava nos lares e no cotidiano dos ouvintes. “Neste período a produção mais

importante era de Radionovelas, programas de humor e de auditório com a inserção gradual do jornalismo na programação” (LOPEZ, 2009, p. 25).

Outro impacto no rádio brasileiro e, portanto, também para o AM, foi sem dúvida a chegada da TV e a invenção do transistor. Essa segunda onda de mudança, que demarcamos como (2) *Inovações Tecnológicas*, acabou por atingir o rádio predominantemente AM da época. Com a entrada em cena da TV, apostou-se que a concorrência levaria à morte do tão recente meio de comunicação. Foi o primeiro e um dos maiores marcos históricos em que o rádio evidenciou sua capacidade de resiliência e seu sentido de permanência, reforçados a cada impacto e cada vez mais consolidados.

A programação radiofônica, até então repleta de artistas e músicos, passou a dar mais espaço ao jornalismo e à prestação de serviço. De produções caras e auditórios cheios, as transmissões passaram a concorrer com a TV, por isso a necessidade de, novamente, reinvenção. Conforme Zuculoto (2012), especialmente nas emissoras que em vez de se transformarem num “vitrolão”, o que ocorreu com a maioria das estações da época, vislumbraram no jornalismo a possibilidade de enfrentar a concorrência da recém-chegada televisão. Os programas característicos do rádio espetáculo migraram para a TV, mudando o comportamento na recepção e da reportagem, com jornalistas transmitindo relatos e fatos, alterando a dinâmica de construção da notícia no rádio brasileiro.

O transistor, de acordo com Lopez (2009, p. 28), foi uma das mais importantes transformações, pois mudou a forma de se ouvir o meio.

A programação poderia acompanhar o seu público em suas tarefas diárias, mesmo quando estas fossem externas. O O rádio deixava, assim, sua função principal de centro de lazer e entretenimento familiar para se tornar o companheiro mais cúmplice do ouvinte. Assim, sua responsabilidade, neste momento, recaía sobre a transmissão de informações locais e a prestação de serviços.

Além de um marco histórico inovador, o transistor então significou uma mudança radical na maneira de ouvir, já que o rádio AM era uma experiência coletiva e familiar, com escuta em volta do aparelho que geralmente estava centrado na sala das residências.

Com o invento, o público passou a acompanhar e ouvir fazendo atividades cotidianas, mesmo quando elas fossem fora do ambiente, trazendo uma das características importantes do meio, a mobilidade. Mudanças estas também sentidas na linguagem radiofônica, já que locutores deixaram de falar para a família que ouvia rádio próxima ao aparelho, de forma coletiva, e passaram a conversar com cada ouvinte. A nova tecnologia também garantiu a

utilização de gravadores portáteis, incrementando a produção de reportagens (FERRARETTO, 2014).

Diante disso, como apontam ainda Quadros e Lopez (2014), a transistorização mudou a postura do público em relação ao veículo, com a audiência individual como mencionamos, bem como exigiu dos locutores também um novo olhar, de quem conversa com um sujeito e não mais de quem se insere no ambiente familiar, como um agente em um processo já estabelecido.

Situando-se ainda nesta segunda onda de mudança, a miniaturização e a redução dos preços dos aparelhos representaram um avanço significativo, deixando o rádio AM muito mais popular e acessível e, também, oferecendo mais suportes, técnicas e modos de produção e veiculação às estações que se reinventaram apostando no jornalismo. Transformação ainda atrelada aos avanços e sob responsabilidade do transistor, tecnologia criada para facilitar a transmissão e recepção dos sinais, visando à utilização portátil.

É inegável que a invenção do transistor representou a inovação tecnológica mais significativa para a Radiodifusão e permitiu que o rádio ficasse conhecido por características que até hoje o diferencia dos outros meios: a recepção móvel e o baixo custo dos receptores, que permitiram a individualização da audiência. Aliás, é válido ressaltar que a tecnologia do transistor deu início a era dos microprocessadores e da informática (MAGNONI; RODRIGUES, 2013, p. 8).

Também marcante para a história do rádio AM foi a (3) *Implantação de um novo Dial, o FM no Brasil*, chamada neste trabalho como terceira onda de mudança. A liberação do espectro FM às emissoras comerciais começou tardia no Brasil, com um atraso de 30 anos em relação à invenção nos Estados Unidos. Na programação, o modelo adotado no Brasil teve inspiração também nos norte-americanos, tornando a grade musical quase em sua totalidade. “Afastando-se da rádio educativa e ainda não atingindo a rádio pop, as FMs apareceram primeiramente para fornecer música ambiente” (PRADO, 2012, p. 261).

Segundo Del Bianco (2012), a nova faixa propagou canais no processo de interiorização de emissoras país afora e trouxe à época uma audiência jovial, anteriormente deixada para a televisão. O FM ampliou o campo de atuação do meio e melhorou a qualidade do áudio. O surgimento da nova frequência foi avaliado como um aspecto positivo para o rádio, já que além do aumento no número de rádio e na qualidade sonora proporcionou a segmentação na programação e a especialização de novas linguagens específicas do meio, situação que observamos no processo de migração do AM-FM e que ampliaremos neste estudo. Assim, restou ao AM, conforme Zuculoto (2012), usar muito mais a fala do que a

música, consolidando a expansão e a popularização da informação no rádio por encontrar nele uma alternativa de sobrevivência.

Seguindo nas ondas de mudança, a (4) *Informatização* se apresenta com a chegada dos satélites espalhando o sinal de emissoras de grandes centros para todo o território nacional. As redes representaram mais um impacto no meio radiofônico. Além da influência no conteúdo local que ficou de lado, tema que ampliaremos na sequência desta tese, profissionais foram substituídos por redações e estúdios computadorizados, como por exemplo operadores técnicos e comunicadores regionais.

A transformação significou uma quebra de paradigma na medida em que muitas emissoras do interior passaram a transmitir programações uniformes culturalmente, presentes nas cidades grandes, mas causando estranheza nas localidades, fator que abalou diretamente as ondas de Amplitude Modulada, tradicionais na informação local. Entendemos que a adesão às redes, sejam elas musicais ou jornalísticas, também trazem qualidade dos produtos transmitidos, principalmente em relação ao seu formato, melhoria de sinal, entre outros aspectos elencados *a posteriori*. No entanto, também destacamos que o rádio da prestação de serviço, da comunidade, deu espaço para um jornalismo que falava dos grandes centros e abordava questões regionais e nacionais.

Além disso, a segmentação do conteúdo e de público ficou ainda mais evidenciada neste período, com as AMs segmentando-se por horários e faixa de ouvintes e as FMs com uma especialização muito mais por camada. A formação de redes foi a saída encontrada, no final dos anos de 1980, para fortalecer economicamente o mercado radiofônico no Brasil. A nova realidade levou, no âmbito das rádios em AM, à difusão de programas jornalísticos e coberturas esportivas em cadeia. Em paralelo, programas com a participação do ouvinte e voltados às classes C e D começaram a ocupar espaços em FMs, antes voltadas exclusivamente ao público jovem ou adulto das classes A e B (FERRARETTO, 2014).

Como impacto, pequenas emissoras regionais eram contempladas com uma programação nacional pronta e retransmitida em suas localidades. Os satélites e toda essa automatização das emissoras impulsionaram as redes de rádio, responsabilizando as afiliadas na reprodução de conteúdo gerado na cabeça de rede⁵. A informatização no fazer rádio também o transformou. Em meados da década de 1990, computadores compostos por

⁵ As Redes Via Satélite (RVSS) são constituídas de grandes e pequenas emissoras de rádio, distribuídas pelo território nacional, que retransmitem a programação da emissora principal, conhecida como cabeça de rede, se utilizando dessa tecnologia. Normalmente, são cedidos às emissoras filiadas espaços na programação para que desenvolvam conteúdo local (OLIVEIRA, 2017, p. 81).

softwares de transmissão e edição ditavam mais uma época de transformação (MEDITSCH, 2001).

Poucos anos mais tarde, nos anos 2000, a digitalização de conteúdo aparece, primeiro como ferramenta no mundo virtual com a retransmissão dos conteúdos na internet. E em seguida com o nascimento das webrádios na rede (ZUCULOTO, 2012), destacados nesta tese como a quinta onda de mudança no rádio do brasileiro, com a chegada da (5) *Internet e do Rádio Expandido* (KISCHINHEVSKY, 2016), impactando mais uma vez o rádio AM. Assim como em outros momentos de avanço tecnológico, novos hábitos no tempo e no espaço alteraram a vida da sociedade e o comportamento do ouvinte. As webrádios quebraram um pressuposto importante da Radiofonia, o suporte, já que no lugar dos tradicionais aparelhos de rádio surge o acesso da audiência via computador (PRATA, 2009).

A internet e a convergência tecnológica também acabam por motivar as emissoras a se adaptarem a este rádio, que vem extrapolando as ondas hertzianas e se espalhando em multiplataformas, representando uma nova onda de mudança. Um momento marcado por qualidade sonora, transmissão simultânea entre AM e FM, uso de aplicativos para celulares, suportes digitais e demais necessidades tecnológicas que atualizam o meio e mudam a forma de consumo do rádio AM.

Alterações que foram dando ao rádio características próprias encontradas até hoje. Com a convergência midiática, a programação radiofônica não visa somente à adaptação dos conteúdos às audiências. Neste cenário que é bastante complexo e em rede, onde os suportes de distribuição e exibição de conteúdos se multiplicam, onde diferentes mensagens podem ser adicionadas ao áudio, novas rotinas de produção e gestão são incorporadas e impõem novas formas de consumo. Dessa forma, a programação radiofônica da atualidade deve responder a estas variáveis de funcionamento (MARTÍNEZ-COSTA; MORENO, 2004).

Convergência midiática esta que pode ser entendida como, segundo Jenkins (2009, p. 27), um fluxo de conteúdos em múltiplos suportes, “cooperando entre múltiplos mercados e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca de experiência de entretenimento que desejam”. Ou seja, para o autor, convergir é transformar. Nesse aspecto, o rádio merece destaque na forma como vem se adaptando às mudanças ao longo dos anos, ou seja, na forma como vem convergindo. Por isso, é imprescindível entender a convergência como um processo em múltiplos aspectos e como consequência do desenvolvimento de sistemas midiáticos e da digitalização em que o rádio conseguiu, mais uma vez, associar-se e ganhar em qualidade, replicando conteúdos que extrapolavam o dial da emissora.

A tecnologia a serviço do meio aumentou a possibilidade de interação do ouvinte, que agora sai de uma condição de passividade, sendo peça importante no fazer rádio e no consumir informações, que segundo Kischinhevsky (2016, p. 279) transborda para as mídias sociais, para o celular. “A escuta se dá em múltiplos ambientes e temporalidades, graças a tecnologias digitais que franqueiam também a produção, a edição e a veiculação de áudios a atores sociais antes privados do acesso a meios próprios de comunicação”.

Esse ouvinte que também é internauta surge num contexto de aumento na interação e atualização, fazendo com que “emissoras passassem a, além de transmitir o áudio em *streaming*, disponibilizar espaços de interação e informações jornalísticas atualizadas periodicamente e organizadas em um canal de últimas notícias” (LOPEZ, 2009, p. 48).

As características de mídia expandida, como dissemos, potencializaram também as dinâmicas de interação com o público e de propagação de conteúdos.

Potencialmente o rádio AM também poderia abranger características narrativas expandidas e hipermidiáticas não fossem as particularidades tão engendradas ao longo dos anos de transmissão exclusiva de emissoras em Amplitude Modulada que fazem com que elas tenham feições analógicas e, sem certa medida, arcaicas (MEDEIROS, 2019, p. 54).

Todas estas mudanças ocasionadas por um meio que agora extravasa as ondas hertzianas acabam por influenciar fortemente a migração do AM para o FM, já que o hábito de ouvir passa a ser não mais somente no rádio de antena, de transmissões hertzianas, mas é acessado em outros dispositivos. Assim, é possível afirmar que o rádio expandido, enquanto possibilidade de transmissão que extrapola, acaba por impulsionar o que chamamos de uma (6) *sexta onda de mudança* que vivenciamos atualmente: *a migração do rádio AM para o FM*, objeto de pesquisa desta tese.

Desta forma, a Figura 1, apresenta estas inovações ao longo da História do Rádio, por meio de ondas que transformaram e estão transformando o meio.

Figura 1 - Ondas de Mudança: inovações e transformações na história do rádio



Fonte: Elaboração da autora.

1.2 A CRISE DO RÁDIO EM AMPLITUDE MODULADA

A mudança do AM para o FM no rádio brasileiro da atualidade é descrita nesta pesquisa como a *(6) sexta onda de mudança*. De acordo com o Kantar Ibope (2019)⁶, em pesquisa realizada em 13 grandes praças do país, a principal forma de acesso ao meio ainda é o velho e tradicional aparelho de rádio. Os entrevistados que ouvem desta forma chegam a 84% do total pesquisado, contra os 20% que somam os ouvintes via celular e em computadores, além dos 4% que escutam em outros equipamentos. Do total que ouve rádio, conforme dados ainda de 2016, 79% estão sintonizados na Frequência Modulada.

Estes números expressam parte da crise que vive o meio. Perceptível aos ouvintes de rádio, a diferença sonora entre o AM e o FM é gritante quando o assunto é qualidade. O crescimento urbano aumentou a incidência cada vez maior de ruídos afetando diretamente as transmissões em Amplitude Modulada. Cada vez mais os ouvintes sentem dificuldades para

⁶ Utilizamos dados de 2019 nesta seção por entendermos que os números divulgados em 2020 representam números muito diferentes por conta da pandemia do novo coronavírus, tema que ampliaremos em capítulos posteriores desta tese autoral.

sintonizar o AM, seja no rádio de casa ou em veículos. Além disso, a falta de investimentos da indústria para a recepção do sinal em *smartphones* ocasionou uma crise do AM, resultando da diminuição da audiência.

Dessa forma, a migração para o FM foi almejada por empresários do ramo radiofônico como uma solução para melhorar a qualidade do som, garantir presença celular, aumentar o faturamento e viabilizar a continuidade da oferta do serviço (DEL BIANCO, 2018). Todo esse desinteresse pelo *dial* em Amplitude Modulada refletiu na procura por novas possibilidades junto ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. Entre 2004-2014, mais de 1,3 mil outorgas foram distribuídas no FM e 80 foram entregues a Radiodifusores interessados em transmitir em AM local. “A demanda por FM tem razões técnicas: a cobertura é similar a do AM local com a vantagem de ter melhor qualidade de transmissão e competitividade no mercado” (PRATA; DEL BIANCO, 2018, p. 27).

Conforme o diretor geral da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT), Luís Roberto Antonik, a tecnologia em amplitude modulada utiliza frequências muito baixas, gerando uma propagação de sinal excelente em relação ao alcance, mas que esbarra em outros aspectos, saindo “caro” às emissoras. “As baixas frequências do AM são suscetíveis à interferência de cabos de alta tensão, fornos de micro-ondas, controles remotos e telefonia sem fio. Por isso, o rádio AM, precursor do serviço, está condenado à morte” (ANTONIK, 2018, p. 17).

Esse definhamento do AM foi uma das principais causas da ação do Governo Federal em decretar a Migração para o FM em 2013. Para o engenheiro da ABERT André Cintra (2020), as questões técnicas de transmissão das ondas eletromagnéticas foram definitivas para o processo que vem ocorrendo no Brasil.

No AM, na Amplitude Modulada, a informação vai nesta amplitude do sinal. Já no FM a informação vai na frequência dele. Quando você transmite pela amplitude, o sinal sofre variações, no FM não varia tanto. Ou seja, o AM é ruidoso, com frequência mais baixa. Ele serviu bem antigamente, mas agora temos mais qualidade no FM e isso é inegável (CINTRA, 2020).

Levantamento da ABERT (2017) mostra que dos 235 modelos de celulares à venda no mercado, 179 (76%) vêm com rádio FM integrado. Mesmo correspondendo à maioria dos aparelhos, em comparação com os últimos anos, demonstra uma queda na quantidade de celulares com FM embutido: em 2014 e 2015 eram 79%, em 2016 78% tinham a tecnologia. O número alto de equipamentos com acesso vislumbra possibilidade de crescimento desta

audiência que tem sido problemática nas emissoras em AM. A justificativa é que para ser operado numa frequência baixa, o consumo de energia é maior do que o FM, exigindo a instalação de chip que aumenta ainda mais o uso de bateria.

Outro aspecto está relacionado à necessidade de antena maior para captar a frequência. Esses fatores inviabilizaram a fabricação de aparelhos mais baratos e leves levando à exclusão do AM do ecossistema dos dispositivos móveis. Por isso, em 2019, foi aprovado o Projeto de Lei 8438/17 (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2017), que obriga a inserção e ativação do chip FM em todos os celulares fabricados e montados no Brasil. A obrigatoriedade do chip foi uma das bandeiras dos donos de rádio e ABERT, por entenderem que a ativação do rádio FM nos celulares é essencial para o acesso gratuito, sem necessidade de internet pela população para a escuta da programação destas emissoras que estão em novo dial.

Todo este “apagamento do AM” condena o espectro e é apontado como alguns dos motivos da migração atual, relacionada com a qualidade do som e a interferência nas ondas, afinal, as rádios em Ondas Médias sofrem há anos com ruídos de toda espécie, deixando um som pouco atrativo para sua audiência. “As perspectivas para o futuro apontam para a pessoa ouvir o rádio no celular e isso não seria possível com AM. Uma coisa é *app*, gasta banda, gasta internet. Por isso se entende a necessidade de migrar o AM para o FM” (CINTRA, 2020).

Também diretamente relacionado aos motivos anteriores, a queda de anunciantes nas rádios AMs é mais uma questão importante para o processo. Com a baixa qualidade do áudio, repleto de interferência, o setor publicitário encontra no AM um problema a ser superado. Isso trouxe redução na receita publicitária ao longo do tempo e problemas a muitas emissoras do país, que ainda possuem os altos custos de manutenção. Com torres de transmissão maiores que as de FM, as rádios em Ondas Médias precisam de mais espaço, ou seja, além de consumirem mais energia elétrica, têm os custos mensais para operação ainda mais elevados.

Com o crescimento dos centros urbanos, aumentaram-se construções de edifícios e a demanda de energia para aparelhos eletrônicos. Em consequência, equipamentos e sons, como eletrodomésticos, fábricas, linhas de transmissão e até o barulho produzido por veículos provocam excesso de ruídos que interferem na propagação do AM, especialmente na recepção móvel (PRATA; DEL BIANCO, 2018, p. 27).

Essas causas, unidas ainda à falta de continuidade nas discussões de implantação do modelo de rádio com transmissão digital no Brasil, levaram radiodifusores a entender a migração do AM como a solução mais acessível para uma mudança no setor. A discussão sobre a digitalização ocorreu até 2013, quando o Governo Federal, à época sob a presidência de Dilma Rousseff, decretou o processo que está em andamento. Os estudos e a decisão sobre

o padrão digital esbarraram em impasses técnicos e políticos, em contrapartida, o FM analógico funciona bem, com boa penetração e com receptores diversificados e baratos, como apontou a pesquisadora Nelia Del Bianco, representante do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) nas discussões sobre o modelo de rádio digital que poderia avançar no Brasil.

A política de migração do AM chegou a ser vista com “maus olhos” por engenheiros, Radiodifusores comunitários e até pesquisadores brasileiros, já que o processo ocorreu simultaneamente às discussões de implantação do modelo de rádio digital. Debate que não avançou por uma série de motivos, entre eles a falta de apoio dos próprios donos de rádios. Além disso, “os modelos de digitalização, em tese, não ofereciam segurança técnica e econômica desejada no sentido de garantir posições historicamente garantidas” (PRATA; DEL BIANCO, 2018, p. 36).

O debate sobre um modelo de transmissão digital brasileiro começou ainda no final dos anos 1990. No entanto, o processo foi efetivado com a criação do Sistema Brasileiro de Rádio Digital (SBRD) pela Portaria nº 290, de 30 março de 2010. Naquela época, testes e discussões permearam o processo da possível implantação no Brasil. Porém, sem um modelo definido, as discussões cessaram e avançaram as possibilidades de uma política de migração do AM. Dentre os aspectos para o preterimento do modelo digital, conforme Oliveira (2017), ocorre que:

embora os modelos de rádio digital testados no Brasil defendessem a tese de que era possível a convivência entres os sistemas AM e FM, os testes refutaram a afirmação. Essa e outras contradições impediram o governo de optar imediatamente pela adoção de um dos modelos de rádio digital (OLIVEIRA, 2017, p. 125).

Até chegar a esta conclusão, pesquisadores, radiodifusores e o Governo Federal buscaram alternativas para a definição de um modelo de transmissão digital brasileiro. Os estudos levaram à aplicação da tecnologia IBOC⁷, por meio de testes, nas Rádios Globo e Itatiaia em Belo Horizonte, CBN FM, Eldorado, Bandeirante, Record e Jovem Pan em São Paulo no ano de 2006-2007, mas que não foram bem-sucedidos.

⁷ As possibilidades de sistemas de rádio digital utilizados em vários países são: o americano In-Band On Channel (IBOC), os europeus Digital Audio Broadcasting (DAB) e Digital Rádio Mondiale (DRM) e o japonês Integrated Services Digital Broadcasting – Terrestrial sound broadcasting (ISDB-Tsb). Todos esses modelos apresentam vantagens e desvantagens, mas são adaptados à realidade de cada país, considerando as características mercadológicas do setor (OLIVEIRA, 2017, p. 124).

Nem mesmo com a realização de testes confiáveis, seus resultados não foram conclusivos o bastante para indicar firmemente um padrão. Independentemente dos resultados, grandes emissoras comerciais deixavam claro sua opção pelo padrão norte-americano HD Rádio devido às vantagens que oferecia, principalmente, no sentido de preservação do negócio e da marca face a uma transição tranquila considerando a possibilidade de convivência dos canais AM e FM analógicos com o digital por longo tempo (DEL BIANCO, 2016, p. 302).

Além de todos os fatores contrários a um modelo digital no Brasil, a extinção da Amplitude Modulada facilita a escolha do sistema a ser adotado no País. A migração, nesse entendimento, funciona como uma transição para a possibilidade da implantação do SBRD. Pelo menos é o que acredita o engenheiro da ABERT André Cintra (2020), quando afirma que:

os radinhos de hoje em dia possuem um chip, com a possibilidade de pegar AM, FM e pode pegar também sinal digital. Então, no futuro, a digitalização, pelo menos como eu acredito que possa ser, é que o padrão de rádio vai ser pelo receptor, que tanto vai poder receber em FM como uma rádio digitalizada. Como os receptores são por meio de um chip, serão habilitados a isso.

Ou seja, para o engenheiro, envolvido nos estudos de viabilidade e no processo de Migração do AM, o modelo futuro de rádio passa muito mais pela recepção digital, e não somente pela forma de emissão e/ou transmissão. Conforme Nelia Del Bianco, são poucos os casos de sucesso de implantação do rádio digital, sendo o da Inglaterra o de maior significância, “onde 34,3% das horas de escuta radiofônica diárias se dão por meio da plataforma digital” (DEL BIANCO, 2013). Em boa parte da Europa são utilizados os modelos DAB e DAB+ (*Digital Audio Broadcasting*).

Países como China, Índia e Rússia usam o sistema DRM e DRM+ (*Digital Rádio Mondiale*). Já no México desde 2005 o país vem passando por um processo voluntário de migração, após tentativas de implantação de transmissão digital. Atualmente, 400 emissoras já aderiram à mudança de espectro e 150 aguardam liberação. A política pública no México é distinta do Brasil, segundo Prata e Del Bianco (2018), onde as emissoras que migram podem manter a operação também no canal em AM. Ademais, o México possui um rádio híbrido, ou seja, transmite nas ondas tradicionais, mas também possui sistema de transmissão digital, porém são poucas as emissoras que aderiram ao sistema digital.

Por lá, um acordo firmado entre Radiodifusores e o órgão regulatório ainda em 2009 estabeleceu uma política de migração voluntária. O país foi dividido em seis regiões para a distribuição e disponibilidade de espectro no FM. Segundo o Instituto Federal de

Telecomunicações (IFT), o México possui um total de 2.861 concessões de rádio. As AMs somam 404, com 326 comerciais, 60 públicas, 15 do tipo social e 3 comunitárias. Já em FM somam-se 1.599 rádios, sendo 1.047 comerciais, 282 públicas, 188 sociais, 72 comunitárias e 10 social indígenas (IFT, 2019)⁸.

Dez anos depois do decreto mexicano, em 2019, o governo liberou novos canais para emissoras que necessitariam de dial estendido. Ainda em 2017 foram liberados 41 canais para AMs que representavam um lote residual de emissoras mexicanas que não conseguiram migrar, semelhante ao que ocorre no Brasil.

Já nos Estados Unidos a solução encontrada foi o uso do *FM Translator Stations* ou transferência indireta, que opera como um reforço de cobertura em áreas problemáticas, onde há interferência, por exemplo, e no núcleo de prestação de serviço da emissora AM. O sistema retransmite simultaneamente o sinal de uma AM primária para uma estação de FM com frequência diferente. A função do *FM Translator Stations* é preencher o sinal em áreas onde o alcance do AM enfrenta problemas de recepção. Na maioria dos países europeus há emissoras AM que transmitem a programação em *simulcasting* com uma emissora em FM. Em alguns casos, como na Noruega, a tendência é extinguir a frequência analógica e operar exclusivamente no sistema digital DAB.

Em solo brasileiro, das quase 1,8 mil emissoras AMs, conforme dados do Ministério das Comunicações, aproximadamente um terço delas dependem do desligamento dos canais 5 e 6, usados pela televisão com sinal analógico. Por isso, a mudança depende ainda da digitalização total da TV brasileira, que vem ocorrendo gradativamente pelos Estados (ANATEL, 2019).

É o que vem ocorrendo em Belo Horizonte, por exemplo. A capital mineira não esteve entre as cidades migrantes em 2018, devido à ocupação do espectro. A migração das emissoras belo-horizontinas deve ocorrer quando houver a liberação de ocupação da faixa estendida, com o desligamento pleno da TV analógica (LEMOS *et al.*, 2018). Em Santa Catarina a mesma coisa, ainda não houve, até setembro de 2020, emissora que tenha migrado para o FM estendido.

Conforme dados da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão, a ABERT, pouco mais de 100 empresas não pediram a troca de dial. Segundo André Cintra (2020), algumas delas não acreditaram na migração como uma saída para os problemas técnicos e de transmissão. O receio destas emissoras, como no caso das rádios que integram a

⁸ Instituto Federal de Telecomunicações (IFT), 2019. Disponível em <http://www.ift.org.mx/sites/default/files/contenidogeneral/estadisticas/anuarioestadistico2019v301219.pdf>

Empresa Brasileira de Comunicação (EBC), era perder o alcance gerado pela grande potência que elas possuem.

De 1650 rádios que pediram, já achamos canal para 1250, os demais a gente ainda não tem como atender porque a faixa está muito cheia. Mas com o desligamento da TV analógica, os canais 5 e 6, teremos mais 60 canais. E quem não conseguiu migrar dentro da faixa, vai para este canal estendido. Mas é importante dizer que se todas quiserem migrar, todas conseguem (CINTRA, 2020).

Essas rádios constituem tal lote residual de emissoras que não possuem este espaço no dial onde estão situadas, o que significa ampliação no espectro, o chamado dial estendido. A diferença do rádio atual é que o espectro estendido terá novas faixas, entre 76 MHz e 107.9 MHz. Esta expansão terá que ocorrer para abrigar a quantidade de frequências das novas FM's que não tiverem espaços livres no espectro atual, refletindo inclusive na indústria e nos fabricantes de aparelhos radiofônicos. Ao todo 220 municípios demandarão a faixa FM estendida. A migração beneficia mais de 50% das rádios de potência de 1KW instaladas em localidades com até 150 mil habitantes. Trata-se da maior política pública de migração das Américas (LOPEZ *et al.*, 2018).

A ação capitaneada pela ABERT foi uma aposta na manutenção do *status* e não arriscar no futuro incerto diante da tecnologia do rádio digital. Mais uma ação de preservação de posição dentro de um campo comunicacional desigual. Metade das estações em processo de migração tem pequena potência e cobertura limitada, presta serviço e informação a pequenas comunidades locais. Para elas, não havia perspectiva de melhoria sem renovação da frequência. Situação diversa e grandes emissoras com poder econômico que já experimentavam a transmissão simultânea onde detinham frequência FM. Migrar para FM parecia mais seguro e viável para os dois segmentos ao contrário de apostar na digitalização da transmissão (PRATA; DEL BIANCO, 2018, p. 35-36).

Esses números vêm mudando com constância. O próprio Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações vem analisando novas situações e readequando estudos técnicos para migração. Há casos sendo revistos, já que os primeiros estudos eram ainda de 2013, precisando serem revisados e/ou ajustados.

1.3 DECRETO AUTORIZA A MIGRAÇÃO PARA O FM

Considerando a migração do rádio AM para o FM como um marco regulatório, contextualizado anteriormente por meio de um cenário de crise do meio no Brasil, a mudança de espectro tem seu marco inicial em 2013, como já citado nesta tese. O Decreto 8.139,

assinado pela então presidente Dilma Rousseff, no dia em 7 de novembro (BRASIL, 2013) daquele ano, autorizou emissoras a adaptarem suas outorgas de Ondas Médias para a Frequência Modulada. Na cerimônia oficial, o na época presidente da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT), Daniel Slaviero, disse que a assinatura representava o fato mais “relevante para o rádio AM nos últimos 50 anos” (AMATO, 2013).

Experiências com emissoras transmitindo simultaneamente em AM e FM vinham ocorrendo no país naquela época. Foram pioneiras nos testes a Rádio Jovem Pan (SP), Itatiaia (MG), Rádio Jornal (PE) e Rádio Gaúcha (RS). A fase experimental confirmou as hipóteses de quem via na migração uma saída para o setor: a audiência aumentou não somente na recepção doméstica como também em dispositivos móveis.

A construção da política pública para o processo de migração teve início em 2010 com os primeiros estudos sobre o uso da faixa FM estendida (frequência entre 76.1 a 87.5 MHz), tecnologia que viabiliza a transferência de emissoras em localidades com espectro saturado, e culmina com a assinatura do Decreto Presidencial no 8.139/2013 que autorizou a mudança. Após a publicação do Decreto, a proposta de migração enfrentou impasses envolvendo entes públicos - Ministério das Comunicações e Tribunal de Contas da União (TCU) - e empresarial em relação à definição do valor da nova outorga em FM. Inicialmente, o preço médio calculado pelo TCU com base em indicadores era incompatível com a capacidade financeira de rádios médias e pequenas (DEL BIANCO, 2018, p. 9).

O impasse em precificar o processo de migração atrasou a mudança de dial. Além disso, a demora por parte dos Radiodifusores em apresentar os documentos também retardou o processo (DEL BIANCO; ESCH, 2010). Em 2015 mais de mil emissoras solicitaram a migração, mas até setembro daquele ano apenas 39 atendiam aos requisitos para habilitação, bem como 35% das emissoras AM precisariam modernizar estúdios, adquirir transmissores e torres de transmissão para viabilizar a operação em FM.

Conforme o site do MCTIC (2017), as 1.781 emissoras que estão na frequência de AM em todo o Brasil são divididas de acordo com o alcance: local, regional ou nacional, como demonstram os dados divulgados pela ABERT.

Tabela 1 - Classificação das AMs quanto ao seu caráter de alcance

Caráter	Potência Diurna Máxima
Nacional	$p > 10\text{kW}$
Regional	$1 < p \leq 10\text{kW}$
Local	$P \leq 1\text{kW}$

Fonte: Brasil (2014).

Atualmente, segundo a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão, mais de 700 emissoras já operam em FM, sendo a primeira a executar o procedimento a Rádio Progresso, em Juazeiro no Norte (CE). A emissora ativou a transmissão em de março de 2016, passando a operar em 97.9 FM (BRASIL, 2016).

A decisão pela migração do rádio no Brasil foi discutida entre Governo e ABERT em busca de recuperação do setor. Assim, ficaram estabelecidas regras que pudessem dar viabilidade, sobrevida e melhorassem as condições das rádios no país. Conforme o decreto, ficou estabelecido que

a) a migração é facultativa; b) a frequência AM local será extinta ao término do processo; quem não aderir terá de migrar para outras categorias de operação na faixa AM (regional e nacional); c) a concessão de outorga para FM é onerosa, devendo ser pago valor correspondente pelo uso da Rádiofrequência em parcela única estipulada pelo governo; d) para solicitar a mudança emissoras devem comprovar regularidade fiscal e trabalhista; e) o atendimento aos pedidos está condicionado à viabilidade técnica da localidade; f) a nova outorga é restrita ao município onde está situada a emissora de origem; g) é permitido *simulcast* nas localidades onde há espaço no dial por até 180 dias após a transferência e onde for necessário ocupar o FM estendido o prazo de convivência dos dois sinais é por até cinco anos e h) as transmissões em Ondas Tropicais e Ondas Curtas não foram beneficiadas com o direito à adaptação, mas o serviço foi preservado (PRATA; DEL BIANCO, 2018, p. 31).

A decisão também destacou que não serão mais concedidas outorgas novas de ondas médias locais desde a assinatura do decreto presidencial. O documento regulamentou pouco tempo depois o valor de cobrança. Em 2015 a tabela de valores foi apresentada a Radiodifusores em um encontro nacional da área. A concessão é calculada com base no Produto Interno Bruto (PIB), os Indicadores de Desenvolvimento/Renda IDH – R, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (IPC), portes técnicos das emissoras como classe de operação e potência, disponibilidade de canais em FM (faixa ou dial convencional ou estendido) (LOPEZ *et al.*, 2018). O cálculo é individual para cada caso e são avaliados número de habitantes e medidores da economia local.

Para se ter uma ideia, os preços podem ficar entre R\$ 8 mil em cidades pequenas a R\$ 4,4 milhões, para regiões como São Paulo, por exemplo. Em janeiro de 2018 ocorreu a abertura de novo prazo para migração de rádios AM para FM. Em Decreto Presidencial nº

9270, de 26 de janeiro⁹, o governo permitiu que as AMs manifestassem interesse pela mudança, a fim de evitar que rádios perdessem os prazos legais para o procedimento de mudança do dial.

Antes disso, porém, a portaria nº 127 do Ministério das Comunicações, de março de 2014, incentivou a realização dos mutirões em Estados Brasileiros com intuito de acelerar o processo de assinatura de outorgas. As solicitações foram feitas em sessões públicas para que, na sequência, fossem realizados os estudos de viabilidade técnica e disponibilidade de espaço no espectro. Desde lá, uma série de marcos importantes marcaram este processo de troca de espectro. Na figura 2, é possível acompanhar por meio de uma linha do tempo proposta pela ABERT as etapas de todo o processo de mudança da banda.

⁹ Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/decreto/D9270.htm. Acesso em jan de 2020.

Figura 2 - Linha do tempo do processo de Migração do AM-FM



Fonte: ABERT com adaptação (s.d.)

O processo de migração do AM também deu passos importantes entre 2016 e 2017, quando 616 emissoras assinaram junto ao MCTIC o termo de nova outorga para mudar de frequência. Com o objetivo de avaliar o impacto dessa mudança, o grupo, com mais de 100 pesquisadores brasileiros vinculados ao Grupo de Rádio e Mídia Sonora da Intercom, realizou pesquisa nacional para avaliar a mudança junto às emissoras. Participaram da investigação 238 rádios do país que responderam a um questionário online, obtendo-se um erro amostral de 5% com nível de confiança de 95%.

No levantamento, Nair Prata e Nelia Del Bianco apontam um certo protagonismo do setor empresarial no processo migratório. Segundo as autoras, pensando na migração como uma construção de política pública, os Radiodifusores influenciaram em todas as etapas do ciclo, não somente fazendo pressão política para agilizar a tomada de decisão, mas oferecendo soluções a impasses regulatórios com destaque na elaboração da fórmula de cálculo do valor de adaptação à nova frequência.

A migração para o FM foi apontada por empresários do setor como solução para melhorar a qualidade do som, garantir presença celular, aumentar o faturamento e viabilizar a continuidade da oferta do serviço. A mudança representa uma oportunidade para renovar a programação, seja no conteúdo, plasticidade e sonoridade, além de ampliar a interação com a audiência a partir de dispositivos móveis (PRATA; DEL BIANCO, 2018, p. 25).

A decisão liderada por Radiodifusores foi a maneira encontrada de “pisar em solo firme” e não arriscar, por exemplo, no modelo de transmissão digital. Uma ação de preservação de posições dentro de um campo comunicacional que se comportava cada vez mais desigual.

Metade das estações em processo de migração tem pequena potência e cobertura limitada, presta serviço e informação a pequenas comunidades locais. Para elas, não havia perspectivas de melhoria sem renovação da frequência. Situação diversa de grandes emissoras com poder econômico que já experimentavam a transmissão simultânea onde detinham frequência FM. Migrar para FM parecia mais seguro e viável para os dois segmentos ao contrário de apostar na digitalização da transmissão (DEL BIANCO, 2018, p. 21).

Mais do que permitir a alteração, o documento do Governo Federal que autorizou a migração das emissoras sentenciou as ondas médias de caráter local ao definhamento, já que o espectro que será deixado pelas AMs vem sendo sonhado por operadoras de

telecomunicações. Isso mostra também um viés econômico em todo processo, como menciona Curado (2015, p. 74), quando aponta que um “dos interesses em tirar o rádio desse espectro é poder concedê-lo às operadoras de telecomunicações para a prestação de serviços do sistema 4G”.

Não há data prevista pelo Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC) em concluir todo processo de mudança no dial, mas antes de 2023 o processo não estará concluído, já que este era o prazo inicial para o desligamento da TV analógica no Brasil. Ao fim desse período, os canais em Ondas Médias serão devolvidos à União. Atualmente, conforme Prata e Del Bianco (2018, p. 34), “a faixa estendida é acessível apenas em aparelhos receptores que disponibilizam a função *troca de região* na banda FM, o que permite abrir o espectro FM a partir de 76.3 FM”.

Assim, fez-se necessário pensar em medidas que viabilizassem esta propagação, como por exemplo o empenho político em exigir das indústrias tecnologia disponível em todos os celulares e não apenas em alguns aparelhos. A garantia passou a valer desde janeiro de 2019, quando Radiodifusores buscaram junto ao MCTIC maior eficiência da indústria com relação à falta de aparelhos populares abertos para recepção a partir da faixa 76.3 MHz.

A pressão dos empresários surtiu efeitos, e para tentar amenizar o problema o Governo Federal determinou, por meio de uma Portaria Interministerial nº 68, de 21 de setembro de 2017, que fabricantes produzam rádios capazes de sintonizar a faixa estendida. Assim, a partir de 1º de janeiro de 2019, todos os aparelhos de rádio produzidos no Brasil passaram a sair de fábrica com a faixa de FM entre 76MHz e 88MHz. Atualmente, a faixa é de 87.9MHz a 107.9MHz. Inclusive, montadoras já estão comercializando modelos que garantem a recepção na faixa estendida (AERP, 2018).

A medida altera o processo produtivo básico para aparelhos de áudio e vídeo industrializados na Zona Franca de Manaus (ABERT, 2018). Também é expectativa do setor que em nova frequência a audiência seja impulsionada especialmente pelo *smartphone*. Por essa razão, pequenos e médios empreendedores têm investido nas plataformas multimídia para chegar aos mais variados públicos segmentados.

Até o final de 2020, 760 emissoras já migraram no Brasil, segundo levantamento do site TUDO RÁDIO. Das emissoras mapeadas pelo site até janeiro de 2020, a distribuição de AMs que migraram, por estados, ficou da seguinte forma:

Tabela 2 - Mapa da Migração de emissoras AM-FM no Brasil

Estado	Emissoras migradas
Acre	3
Alagoas	7
Amapá	1
Amazonas	10
Bahia	41
Ceará	39
Espírito Santo	18
Goiás	30
Maranhão	9
Mato Grosso	41
Mato Grosso do Sul	40
Minas Gerais	90
Pará	13
Paraíba	16
Paraná	100
Pernambuco	17
Piauí	17
Rio de Janeiro	14
Rio Grande do Norte	14
Rio Grande do Sul	65
Rondônia	12
Roraima	2
Santa Catarina	59
São Paulo	88
Sergipe	8
Tocantins	6

Fonte: site TUDO RÁDIO (setembro de 2020).

Estes números poderiam ser maiores se não fossem os novos estudos para readequação do espectro para o dial estendido, que deve ser utilizado em regiões onde no FM convencional

já não há mais espaço. Tudo isso tem atrasado o processo de mudança na banda de algumas empresas do setor.

1.4 O FM ESTENDIDO

De acordo com a Associação Brasileira das Emissoras de Rádio e Televisão, a ABERT, estas mais de 400 emissoras do país ainda aguardam a liberação de um canal para efetivar o processo de migração para o FM no país, as demais já conseguiram um, mas aguardam por outros procedimentos que não dependem do estendido. Conforme a entidade, há casos ainda em análise de viabilidade para a troca de banda, já que muitas emissoras não irão conseguir transferir o canal na faixa convencional. Em grandes centros o procedimento é ainda mais complicado, e por isso muitas empresas precisarão do dial estendido.

São muitas as cidades com o espectro saturado, como: Salvador, Fortaleza, Vitória, Goiânia, Belém, Recife, Curitiba, Florianópolis, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília, São Paulo, Porto Alegre e Brasília (ABERT, 2019). Em Santa Catarina a mudança também enfrenta problemas tanto na capital como em municípios maiores do interior.

A viabilidade técnica foi definida pela Anatel (2010) por meio da análise de *dials* de todas as regiões do país. Com a falta de espectro suficiente para tantas novas emissoras em Frequência Modulada, a saída foi a criação da faixa estendida, ainda sem data para terminar o processo, já que a conclusão depende, dentre outros fatores, do desligamento da TV analógica no Brasil.

A atual faixa de FM da TV analógica é de 76 MHz a 88 MHz. Já a do rádio FM é de 87.9 MHz a 107.9 MHz. Com a faixa estendida, o dial passará a dispor do espaço que vai de 76 MHz até 107.9 MHz. Porém, essa medida depende do desligamento do sinal analógico de TV, que ocorrerá gradativamente, de acordo com a Portaria N° 2.992, do Ministério das Comunicações, por meio de cronograma dividido entre municípios, no período de 2017 a 2023 (OLIVEIRA, 2017, p. 135).

A definição dos canais da faixa estendida é aguardada desde 2013 pelas emissoras AMs solicitantes. Os empresários e a ABERT têm buscado alternativas com objetivo de agilizar o processo iniciado desde a década passada. O setor empresarial brasileiro, como apontado por Prata e Del Bianco (2018), teve papel protagonista também neste processo, oferecendo soluções técnicas ou exercendo pressão política para agilizar na tomada de decisão.

A troca para o FM estendido é compreendida como uma segunda etapa da migração e, por isso, o setor vem buscando acomodar estas emissoras. Questões como essas, que envolvem tal rearranjo no dial, foram verificadas em pesquisa apresentada por de Nair Prata e Nelia Del Bianco no 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), em Belém, em 2019, ao apresentarem apontamentos sobre o FM em faixa complementar. No trabalho, as autoras se baseiam em análises de documentos oficiais do MCTIC e da Anatel (portarias) e atas de reunião do Grupo de Trabalho Técnico da Migração AM para FM do MCTIC.

A demora pela liberação dos canais é um dos entraves para a conclusão do processo no Brasil. Isso porque, como mencionamos em discussões anteriores, ir para a banda não convencional é estar em um espectro onde a maioria dos receptores não sintoniza. “O êxito da exploração do serviço na faixa estendida dependerá, em parte, da massificação dos equipamentos receptores portáteis compatíveis que possam captar emissoras na faixa do FM estendido” (DEL BIANCO; PRATA, 2019, p. 8).

O Governo Federal já publicou portaria para a produção de receptores que venham de fábrica com a nova tecnologia, como citamos. No entanto, para os gestores de rádio, a troca pelo estendido ainda é um fator polêmico, já que muitos ouvintes teriam que adquirir novos aparelhos para acesso à nova banda. A ABERT também vem discutindo e buscando alternativas a fim de acelerar o processo de migração reduzindo o número de rádios que dependam da faixa estendida.

Isso ocorreria, como apontam Del Bianco e Prata (2019), com a exclusão de 2.300 canais vagos que constam do Plano Básico de Distribuição de Canais em FM. De acordo com as autoras, a Anatel vem avaliando os canais que podem ser excluídos, os que podem ser alterados e os que não é possível mexer. “A ideia do MCTIC é solicitar à Anatel a exclusão de todos os canais vagos que não possuem destinação, permitindo ter mais espaço para reacomodação de emissoras” (DEL BIANCO; PRATA, 2019, p. 7).

Assim, desde 2019 as entidades envolvidas estão debruçadas na revisão de regras de canalização e dos critérios de viabilidade utilizados na administração do plano básico das emissoras de Frequência Modulada. O processo teve avanços no início de 2020, quando o Conselho Diretor da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) aprovou a nova regulamentação técnica de Radiodifusão que unificou regras aplicadas a todos os serviços de TV e rádio.

A mudança visa dar mais agilidade no tratamento de pedidos de alteração e inclusão de canais nos processos em andamento, como em casos de dial estendido. Com a publicação e os novos estudos, houve “um aumento do espectro destinado às FMs, que passou a comportar

um total de 60 canais em vez dos 33 atuais, e atenderá rádios AM que aguardam o processo de migração para a faixa de FM” (ANATEL, 2020).

Para o diretor e engenheiro da ABERT André Cintra (2020), a eliminação de canais vagos resolveria uma boa parte da migração em localidades com indicativo de falta de espaço, uma solução dentro da faixa convencional, sem necessidade de uso da faixa estendida. Sendo assim, em algumas regiões, onde era previsto o uso do FM estendido, após uma série de acordos foi possível acomodar as migrantes na faixa convencional. Em Chapecó, na Rádio Condá, no oeste catarinense, emissora que integra o *corpus* deste estudo, a redução de potência, por exemplo, agilizou a migração para o FM. A emissora optou por reduzir seus 70 quilowatts para 15, adequando-se assim à faixa convencional.

Em Santa Catarina, recorte deste estudo, conforme mencionou o engenheiro da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão, André Cintra (2020), são quase 40 emissoras aguardando a liberação do dial estendido, cinco delas somente na capital do Estado.

1.5 PRIMEIRAS IMPRESSÕES COM A MUDANÇA PARA O FM NO BRASIL

Os estudos realizados nos anos iniciais do doutorado, durante a fase exploratória desta pesquisa, já levaram às primeiras percepções sobre o processo de migração do AM para o FM no Brasil. A contextualização aqui apresentada foi realizada por meio das primeiras entrevistas e coleta de dados referentes a emissoras que integram a parte quantitativa desta pesquisa, e que ajudaram na elaboração de categorias para análises que serão apresentadas em capítulos, na sequência desta tese. Nesse sentido, apontamos alguns aspectos importantes quanto à mudança de banda no país nos anos iniciais, a fim de entender o meio que agora se transfere para a frequência modulada.

Com este levantamento de informações foi possível compreender os primeiros passos no processo migratório. Os dados serviram para a elaboração de artigos apresentados em eventos da pesquisa em jornalismo pelo país, bem como integrar grupos de pesquisa na área para troca de dados e produção de conhecimento. Os números coletados foram ponto de partida para a análise que se quer efetivar para o entendimento do jornalismo que passa a ser feito no FM em Santa Catarina.

Conforme Lopez *et al.* (2018), dentre as emissoras que já migraram no Brasil a maioria tem expectativa de obter melhoria da qualidade do som, alcançar várias faixas de audiência, a exemplo dos jovens, aumentar o faturamento com publicidade, ter a oportunidade de renovar o conteúdo e formato da programação e utilizar novos canais de interação com a audiência.

“A migração foi uma aposta na sobrevivência que permite inserir emissoras analógicas, antes marginalizadas, no ecossistema midiático convergente no qual os dispositivos móveis conquistam cada vez mais centralidade” (PRATA; DEL BIANCO, 2018, p. 35). Por essa razão, pequenos e médios empreendedores têm investido nas plataformas multimídia para chegar aos mais variados públicos.

Como mencionado anteriormente, pesquisa nacional organizada por Nair Prata e Nelia Del Bianco (2018) auxiliou estudos, como este, com dados sobre o impacto e os desafios das rádios brasileiras com a migração para o FM. No livro publicado no segundo semestre de 2018, números levantados de forma coletiva em todo o país dão as primeiras impressões da transformação pela qual passa o rádio no Brasil. Das mais de 200 rádios ouvidas na época, todas as emissoras participantes da publicação nacional têm site, aplicativo para celular, fanpage no *Facebook* e perfil no *Twitter*. Um terço delas tem perfil no *Instagram* e canal no *YouTube*. Pequenos e médios empreendedores do setor querem chegar nos mais variados públicos segmentados (LOPEZ *et al.*, 2018).

Das rádios que responderam aos questionários da pesquisa nacional, a maior parte delas começou a transmitir em FM em 2017 (66,3%). Já as que ainda não estão na nova faixa, a expectativa era migrar até o primeiro semestre de 2019. Até setembro de 2020, mais de 700 rádios estão migradas, mas para alguns dos gestores ouvidos o processo ainda está moroso. Os motivos para a demora na mudança de espectro são a falta de recursos, a lentidão em receber equipamentos de transmissão importados e, para 13%, a reforma na infraestrutura de algumas empresas que acaba por demandar mais tempo do que o previsto.

Sobre os motivos da transferência de dial, quase todas as emissoras apontaram a melhora no som como o principal aspecto. Mas outros pontos apareceram nas respostas das rádios ouvidas, como a possibilidade de aumentar a audiência no FM.

Outros dois motivos também foram eleitos em uma lista de questões fechadas: expectativa de alcançar várias faixas de audiência, entre elas os jovens, e a possibilidade de aumentar o faturamento com publicidade. A troca do transmissor para reduzir os custos com energia elétrica foi o fator menos escolhido pelos Radiodifusores participantes da pesquisa (PRATA; DEL BIANCO, 2018, p. 49).

A adaptação de dial custou em média R\$ 250 mil para 60% das emissoras. Valor considerado alto para 60% dos Radiodifusores. Todas as rádios tiveram que fazer investimentos na troca de transmissor, torre e reforma de estúdios ao vivo. Somente 5% das emissoras gastaram mais de R\$ 1 milhão no processo migratório.

A contratação de pessoal é outro aspecto que chama a atenção na publicação. Em média 50% delas não pretendem contratar novos funcionários. Cerca de 30% estão dispostas a empregar apenas mais um novo profissional em cada área, como locutor, comunicador, produtor/redator, programador musical, jornalista, publicitário, operador de áudio. Pelo menos 40% delas querem ter um profissional que saiba lidar com as mídias digitais e ajude na interação com a audiência cada vez mais conectada ao celular. Para as que já operam em novo dial, mais da metade falou em reformulação do departamento comercial, além da pretensão de investir em novas formas de entradas financeiras fora da publicidade e por meio de promoções (PRATA; DEL BIANCO, 2018).

Em relação à programação, das rádios que já estão em FM, 40% mudaram parcialmente a grade. Para os Radiodifusores, a permanência de parte da programação do AM se justifica para não perder audiência tradicional do AM. “O equilíbrio está em manter-se fiel ao público AM que concede a base da audiência, consolidar a programação de jornalismo, com informação de serviço e de interesse público, e buscar formatos que possam atrair um público mais jovem” (LOPEZ *et al.*, 2018, p. 6).

Um dado chama atenção: quase 20% delas estão aderindo a uma rede nacional ou regional de rádio. O fato reflete na programação destas emissoras, no caso das que retransmitem via satélite, e que afetam características do jornalismo local de cada região, tema que discutiremos no desenrolar dos demais capítulos, já que entendemos ser este um dos desafios na migração do AM pelas rádios participantes da pesquisa.

O meio, caracteristicamente local, tem na utilidade pública e no conteúdo de serviço uma parcela crucial de seu conteúdo jornalístico (MEDITSCH, 2007). A adesão às redes, ao mesmo tempo que funciona como uma estratégia para baratear a produção jornalística, afasta o rádio deste perfil, caminhando para um reforço da padronização da informação transmitida, abrindo mão das especificidades da audiência local. A realidade brasileira, no entanto, é múltipla e permite também observar a ampliação do investimento no jornalismo e na diversificação das vozes presentes no novo dial (LOPEZ *et al.*, 2018, p. 6).

Além do jornalismo como possibilidade de sobrevivência do meio radiofônico, nas respostas abertas da pesquisa nacional muitos entrevistados apontaram questões importantes para o futuro do meio que se transfere para o FM. Essas manifestações espontâneas dos Radiodifusores na pesquisa nacional levaram Prata e Del Bianco (2018, p. 59) a elencar 10 grandes desafios às emissoras: 1) Preparar a equipe para o FM, entendida aqui como renovação de profissionais; 2) Fazer uma programação diferenciada para o FM; 3) Aumentar

o faturamento, buscando novos anunciantes, mas sem perder os atuais, driblando o que os empresários chamaram de concorrência desleal no ambiente comercial das FMs; 4) Conquistar um novo público para ampliar e manter a audiência, visando ao rejuvenescimento da escuta; 5) Consolidar uma marca forte no FM; 6) Posicionar-se frente à concorrência, já que agora estarão todos no mesmo espectro; 7) Interagir em ambientes multiplataformas, superando assim o distanciamento das emissoras, principalmente as conservadoras, do universo digital; 8) Entender as características tecnológicas e de linguagem do FM; 9) Arcar com os custos da migração e 10) Investir em inovação, dinamizando o meio rádio para a sua sobrevivência.

Dessa forma, a migração de emissoras de rádio para a faixa FM tem sido uma estratégia importante, por parte de algumas das empresas radiofônicas do Brasil, para revitalizar o AM no país. Essa breve contextualização sobre as impressões da Migração do AM-FM no país é somente um ponto de partida para que possamos projetar análises posteriores sobre o rádio em Frequência Modulada em Santa Catarina, foco desta tese.

2 A PROGRAMAÇÃO INFORMATIVA NO RÁDIO

Este capítulo discute as transformações na programação informativa no rádio, reconhecendo e sistematizando formatos e a organização de grades existentes nos dois espectros e as especificidades de cada dial até o período atual da Radiodifusão, o de migração para a Frequência Modulada. Utilizando técnicas de revisão bibliográfica à luz de conceitos referenciais sobre programação e informação radiofônica, esta parte da tese constrói base teórica para análise central da pesquisa, que são as adaptações no jornalismo pós-processo migratório do rádio.

2.1 A ORGANIZAÇÃO NA GRADE

O processo de mudança no *dial* do rádio brasileiro ocasionado pela migração do AM para o FM vem alterando o modo de fazer e ouvir rádio. Isso inclui a programação das emissoras, que têm no conteúdo transmitido uma forma de conquistar audiência e a sustentabilidade do veículo. Programação entendida por Barbosa Filho (2009) como um conjunto de programas e produtos ordenados de forma lógica e que vem se modificando e segmentando ao longo dos anos, visando consolidar público-alvo, linha editorial e estar em sintonia com os fatores econômicos.

Concebe-se programação radiofônica como o planejamento de uma relação comunicativa, entre uma empresa de rádio e uma audiência, por meio de conteúdos sistematizados e organizados em um conjunto harmônico segundo critérios de seleção, classificação e ordenação, elaborados de acordo com uma duração e horários, condicionados por recursos técnicos, humanos e econômicos de produção, previstos para serem emitidos por um determinado tempo (MELLO, 2014, p. 263).

Foi na década de 1920 que o conceito de programação nasce, junto ao fato de o rádio passar a ser compreendido não somente como um invento técnico, mas como um espaço de organização de conteúdos. “O conceito de programação nasce, portanto, pela necessidade de planejar e produzir os conteúdos, uma vez superado o conceito de alcance/distância de emissão e recepção” (MARTÍNEZ-COSTA; MORENO, 2004, p. 19). Segundo as autoras, o meio passa então a construir bases para o que viria a ser um desenho de programação, com música, serviço, entretenimento e notícias.

Desde o surgimento no Brasil, a programação radiofônica, mesmo que à época de forma não organizada, se dividia em um rádio ora falado, ora musicalizado. Considerado um dos ícones da Radiodifusão no país, Edgard Roquette-Pinto ao fundar a Rádio Sociedade do

Rio de Janeiro, em 1923, levava ao público um conteúdo de cunho cultural e educativo por meio de programas de música eruditas e aulas de idiomas como o latim.

Esse caráter informativo do meio ficava por conta dos programas onde o próprio antropólogo lia notícias de jornais impressos, apostando em um meio com potencialidades para educar a população para além das escolas e dos livros (ZUCULOTO, 2012). Mesmo muito diferente do modelo atual de radiojornalismo (sintético e objetivo), é possível afirmar que o *gilette-press*, ou as notícias extraídas dos impressos de Roquette-Pinto dava sinais do jornalismo presente na grade já nos primeiros anos do meio no Brasil.

A regulamentação da publicidade, instituída pelo Governo Federal em 1932, concede à Radiodifusão um aspecto menos amador, característica presente no início das transmissões e, ao mesmo tempo, acaba com os objetivos exclusivamente educativos propostos por Edgard Roquette-Pinto. Desse modo, o rádio foi ganhando notoriedade e popularidade junto ao público ainda escasso nos primeiros anos de instalação.

Com a comercialização de espaços, a programação passa a veicular conteúdos para as massas, fazendo do rádio um negócio rentável e segmentando o meio. Conteúdos populares deram o tom do rádio na década de 30, bem como orquestras em estúdios ganhavam espaço nos microfones, com objetivo de “transformar-se no estrondoso sucesso dos programas de auditório. É o período em que se ensaiam os primeiros passos rumo ao caminho do ‘Rádiospetáculo’” (ZUCULOTO, 2012, p. 50).

Nesse período, a predominância era de uma programação intensamente musical. A chegada da TV impacta fortemente esse modelo com os artistas da “Era de Ouro” migrando para o novo meio de comunicação. A partir desse momento o rádio muda drasticamente o seu perfil de programação e passa a apostar no jornalismo e na prestação de serviço, alterando o formato das grades da época.

Conforme Ferraretto (2014), a programação de uma emissora organiza as transmissões com o objetivo de posicionamento diante do mercado e/ou dos ouvintes. Esse ordenamento é descrito pelo autor através de três modelos de grades: o *linear*, muito utilizado nas emissoras de grande porte e dedicadas ao modelo de jornalismo 24 horas; o *mosaico*, com programas ecléticos e variados, muito comuns em emissoras menores país afora, e em *fluxo*, muito usado em rádios americanas, onde os conteúdos são distribuídos sequencialmente como se fossem um único programa, acrescentando notícias mais recentes a todo momento.

A estrutura de formato mosaico é que a mais evidencia características de programação generalista, que mescla mais de um gênero. Segundo Ferraretto (2013, p. 64), a grade em mosaico é mais “usual em pequenas estações de formato eclético e localizadas em cidades de

menor porte, englobando um conjunto de conteúdos extremamente variados e diferenciados, na prática, segmentados por horários”.

A organização entre a emissão e a recepção das emissoras é apontada, conforme Ferraretto (2013), em quatro níveis de planejamento para categorizar o conteúdo radiofônico, sendo que a programação é o terceiro. Os demais são apresentados em relação ao segmento, ao formato e ao conteúdo, ou seja, aos programas.

[...] a programação de uma emissora deve relacionar dois processos, os quais envolvem anseios, interesses, necessidades e/ ou objetivos: (1) o de quem produz o conteúdo e (2) o de quem o recebe. Essa articulação, longe de ser algo instintivo ou simples, engloba, necessariamente, uma reflexão apurada, um planejamento exaustivo e um acompanhamento constante. Trata-se de pensar uma identidade para o emissor e uma estratégia para que ela se reflita na mensagem destinada ao ouvinte, razão de ser do rádio (FERRARETTO, 2013, p. 47-48).

Em pesquisa mais recente, Ferraretto (2015) descreveu a forma como estes conteúdos são apresentados nas grades de programação das rádios país afora na atualidade.

Em termos de segmentos, os indícios oferecidos pelas principais emissoras brasileiras demonstram que, no de **(1) jornalismo**, o serviço tende a ganhar espaço, verificando-se, sem entrar aqui no mérito destas, mais análise e interpretação dos fatos em comentários, entrevistas e mesas-redondas; no **(2) musical**, a crise na cultura dos hits tem obrigado à incorporação da conversa e da informação especializada; e no **(3) popular**, pode ocorrer maior equilíbrio entre conversa e veiculação de canções, com o serviço ganhando espaço em relação ao entretenimento. A prática de download de canções e a migração de estações para o FM indicam que, sem abandonar a música por motivos econômicos – sua veiculação é mais barata –, as emissoras vão apostar em formatos de programas e de programação, nos quais a fala constitui-se em um ativo predominante, por serem estes mais lucrativos em termos de audiência e, por extensão, de investimento publicitário. Em tudo isto, deve-se destacar, o rádio incorpora as mídias sociais e, ao fazê-lo, o conteúdo gerado pelo ouvinte (FERRARETTO, 2015, p. 228).

Muitos autores classificam a programação em categorias variadas sobre os formatos, em tentativas de classificar conforme o campo ou o objeto estudado. Como não é objetivo especificar cada uma destas categorizações, esta pesquisa se ateve a dois principais eixos apresentados por Cebrian-Herreros (2008): o da cobertura das atualidades (e temática) e o musical. Assim, partimos da ideia de uma grade dividida entre o informativo e o entretenimento, fundamentada em Ferraretto (2014), quando subdivide em noticiário, programa de entrevista e de opinião, mesa-redonda e documentário (os informativos); humorístico, dramatizados, de auditório e musicais (os de entretenimento).

Mario Kaplún (1978), em seu *Produção de Programas de Rádio: o roteiro, a direção*, aponta para o perigo simplista de tal descrição, quando afirma que é necessário conhecer estes formatos para poder criar instrumentos capazes de enxergar as distintas possibilidades do rádio e diferenciar os programas falados dos musicais, os jornalísticos dos Rádiodramatizados, mas não como se fossem compartimentos estanques e não compatíveis, para não resultar em uma avaliação limitadora do potencial de uma programação.

André Barbosa Filho (2009, p. 89) aponta os gêneros do rádio a partir da função de cada formato na programação das emissoras. São eles: jornalístico, de entretenimento, educativo-cultural, publicitário, propagandístico, especial e de serviço. Conforme o autor, o gênero jornalístico é “um instrumento que dispõe o rádio para atualizar seu público por meio da divulgação, do acompanhamento e da análise dos fatos. Os seus relatos podem possuir características subjetivas do ponto de vista dos conteúdos”.

O gênero de entretenimento, que tem como característica principal o estilo diversional, relaciona-se com o universo da imaginação, “cujos limites são intangíveis e causam proximidade e empatia entre a mensagem e o receptor que não podem ser desprezados, sob o preço cruel da perda de contundência na transmissão dos significados de uma determinada informação para o público” (BARBOSA FILHO, 2009, p. 113).

Já Kaplún (1978) descreve os programas também em duas vertentes: os que a música comanda e aqueles em que a fala comanda, ou seja, em gêneros musicais e falados. Para Kaplún, seriam 12 os gêneros falados, classificados pelo uso da palavra, descritos como: a locução, o noticiário, a crônica, o comentário, o diálogo, a entrevista informativa, a entrevista, o Radiojornal, a Radiorrevista, a mesa-redonda, a Radiorreportagem e a dramatização. Já o informativo, para Faus Belau (1981), é sustentado seguindo o ritmo dos acontecimentos com “a máxima flexibilidade e rapidez, tem seu sentido ligado à prestação de serviço à audiência ao longo dos anos” (FAUS BELAUS, 1981, p. 209).

Para Lucht (2009), aportada nas ideias de Pilar e Herrera (2005), os gêneros são úteis para quem produz a informação, bem como para quem a consome. Além disso, eles cumprem três funções básicas:

primeira, são formas de representação da realidade e servem como sistemas de referências que se modificam e evoluem constantemente; **segunda**, os gêneros são também ferramentas para o trabalho dos jornalistas e instrumentos úteis da pedagogia do exercício profissional e, por fim, a **terceira** função é a de que os gêneros atuam como modelos de enunciação, ou seja, fornecem um conhecimento que permite superar ou modificar os esquemas tradicionais (LUCHT apud PILAR; HERRERA, 2009, p. 39).

O formato, como citamos, estrutura a lógica da organização radiofônica, bem como estabelece a estratégia da emissora. Meditsch e Betti (2016) descrevem ainda o formato de programação generalista, que aborda uma variedade de conteúdos, sejam eles amplos ou especializados para sua audiência. Martí Martí (2004) dividem os formatos deste rádio que é também especializado em áreas: a temática, com produtos desenvolvidos por meio de gêneros variados e distribuídos em segmentos de programação de acordo com os fluxos de audiência, e a de formato fechado, onde a grade segue uma sequência estrutural, repetindo com tempo pré-determinado (MEDITSCH; BETTI, 2016).

Sendo assim, podemos afirmar que o rádio começa generalista desde sua origem, conceituado em “gêneros de programas variados dispostos ao longo do dia com o objetivo de atrair, em cada momento, o maior número de ouvintes que estejam com disposição de escutar a rádio” (MARTÍ MARTÍ, 2004, p. 29).

Já o “rádio especializado é o modelo de programação definido por conteúdos monotemáticos destinados a um segmento específico da audiência potencial da emissora que o emite”, segundo o autor (2004, p. 33). A especialização começa com a música (cada rádio se dedicava a um estilo) e se estende para os conteúdos (esportiva, de serviço, religiosa, de notícia) e audiências (jovem, popular, elite). Na contemporaneidade, observa-se que as formas de especializações sofrem um aprofundamento (MELLO, 2014, p. 117).

O modelo de grade que une os dois formatos, o musical e o informativo, que se inserem num formato especializado, ou o modelo generalista, chamado também de eclético por Ferraretto (2013) e na sequência por Morgado e Cruz (2017, p. 5), é, “portanto, um formato marcado pela variedade dos conteúdos que oferece e pelo personalismo da comunicação estabelecida entre ouvinte e comunicador”. Ressaltamos que uma grade de programação é criada dentro de um tempo social e organizada também conforme os reflexos sobre a organização da vida dos diversos grupos sociais.

Sendo assim, entende-se que as rádios podem ser classificadas em generalistas ou especializadas, reproduzir o mesmo segmento ou mesmo um formato semelhante, mas o modo como cada uma realiza o planejamento para a montagem dos programas é o que caracteriza sua programação. “A programação radiofônica que cobre atualidade ou generalista entrou em uma fase de plena competitividade comercial e, conseqüentemente, o seu desenho é criado para atrair mais audiência” (CEBRIÁN HERREROS, 2008, p. 338).

A programação da rádio generalista se caracteriza, então, pela variedade de conteúdos, de gêneros, pela distribuição dos programas e de acordo com os níveis de audiência, definidos em tempos em função dos hábitos de escuta e pela audiência heterogênea

e ampla. Já a voltada para a especialização forma-se pela setorização dos conteúdos e pela segmentação da audiência, “reconhecíveis segundo determinadas propriedades sociais (idade, sexo, classe social, nível cultural, hábitos de consumo e entretenimento...)” (MELLO, 2014, p. 263).

É a partir desses formatos de grades, que ora chamamos de generalista ora eclética, e da disposição desses conteúdos na programação das emissoras, com o olhar para o informativo, que esta tese pretende discutir o jornalismo que agora migra para a Frequência Modulada. Assim, dissertamos a seguir sobre características e especificidades de cada espectro, para compreender este novo cenário da Radiodifusão brasileira, nesta pesquisa com o olhar para as emissoras AM de Santa Catarina.

2.2 AS ESPECIFICIDADES DE CADA DIAL

Com particularidades muito claras quanto à linguagem, formatos e gêneros, bem como em relação ao seu dial, o rádio possui características que o definem ao longo de sua trajetória, também marcada pela especialização de conteúdo e programação diferenciada em cada espectro. Ortriwano (1985, p. 29) afirma que sempre existiu no Brasil essa especificidade, mas “se acentuou principalmente a partir da implantação e do desenvolvimento das emissoras FM, acabando por mostrar-se uma fórmula eficaz para que o rádio pudesse encontrar outra vez o caminho da expansão”.

É certo que o rádio FM vem abocanhando grossas fatias do público do AM, isto porque, entre outras razões, o FM tem, sabiamente, feito uma programação - em algumas emissoras - muito parecida com o que as pessoas gostam no AM, de bate-papo, entrevistas, jornalismo, entretenimento, sem uma predominância musical muito forte (PRATA, 2002, p. 11).

Os fatores que distinguem a programação das emissoras em Amplitude Modulada das de Frequência Modulada são muitos. É bem verdade que foram se dissolvendo ao longo dos anos, principalmente em virtude do jornalismo produzido em emissoras *all news* em FM ou mesmo das transmissões em *simulcasting* (transmissão simultânea) por parte de empresas que operavam suas sintonias nos dois espectros. No entanto, algumas das diferenças encontradas especialmente em emissoras do interior do país demonstram que elas vão desde a qualidade do som ao estilo do comunicador até a formação de vínculos afetivos.

Partindo do estilo de programação de cada banda, encontramos no AM um “rádio amigo”, com uma linguagem de intimidade com o ouvinte, afinal faz parte da cultura popular,

estimulando relações de afeto e intimidade entre o público e os profissionais do microfone. A essência do meio está muito atrelada a esse companheirismo, que o próprio Edgard Roquette-Pinto descreveu como “o divertimento gratuito do pobre; o animador de novas esperanças; o consolador do enfermo e o guia dos sãos” (TAVARES, 1997, p. 8).

Assim, desde que foi criado o rádio e em especial o AM, por se confundir com a própria história do meio, virou companhia para a dona de casa, para o trabalhador noturno e para quem estivesse no trânsito, proporcionando uma interação entre público e emissora. Primeiramente com uso de cartas, participação em programas de auditório, depois com telefonemas, e-mails e, mais recentemente, com a utilização das redes sociais, numa evolução tecnológica evidente, mas sempre mantendo a tradição de parceria por meio de linguagem próxima e íntima, falando quase que de forma individualizada a cada um dos ouvintes. “O tom íntimo das transmissões, representado pelas expressões “amigo ouvinte”, “caro ouvinte”, “querido ouvinte”, proporciona uma aproximação e uma intimidade únicas” (BARBOSA FILHO, 2009, p. 47).

Este caráter intimista do AM também lhe rendeu especificidades quanto à veiculação de publicidade. É comum ouvir neste espectro propagandas testemunhais lidas pelos âncoras de programas ao vivo numa aposta ao carisma destes comunicadores que falam diretamente ao ouvinte e que são vistos como possíveis influenciadores de marcas e produtos, principalmente quando pensamos no rádio de interior, onde além de marcas estes profissionais defendem causas. “Há uma cumplicidade entre a comunidade e o jornalista no que diz respeito à defesa de interesses da comunidade” (DORNELLES, 2010, p. 3).

Outro ponto a ser destacado é a firmeza e a impostação da voz destes locutores do rádio tradicional também influenciando esse cenário. Os tipos de anunciantes também se separam por espectro, já que em Amplitude Modulada a programação popularesca e local faz com que a venda de comerciais seja mais do varejo do que de grandes empresas, diferentemente do FM. São, segundo Prata (2002, p. 6), “diferenças importantes do AM para o FM: a locução no AM é que faz a diferença, no FM é a música. O peso do locutor do FM é menor do que o do AM e, muitas vezes, o ouvinte nem sabe o nome do comunicador da rádio FM que ouve há muito tempo”.

O gênero informativo, no qual debruçamos o olhar nesta pesquisa, já marcava presença no rádio de Amplitude Modulada muito antes da implantação do FM e ficou como uma das marcas registradas do AM. Cyro César (2000) afirma que a essência do rádio em Ondas Médias é o jornalismo, por sua dedicação à informação e prestação de serviços. Faus Belau (1981, p. 209) também, ao dizer que, “programação informativa [...] que segue o ritmo dos

acontecimentos com a máxima flexibilidade e rapidez, tem seu sentido ligado à prestação de serviço, à audiência ao longo dos anos [...]”.

A consolidação deste modelo de programação ganha força com a expansão das emissoras em Frequência Modulada e a transmissão musical neste dial, tendo por trás razões de cunho político e econômico. A partir daí o rádio AM tradicional dá espaço a questões cotidianas, do dia a dia do cidadão comum e da comunidade local, como descreveu Raddatz (2011) ao dizer que o meio:

cumprir sua função voltada principalmente para a informação e o serviço, mas fortalece sua trajetória pela afinidade com o ouvinte que nele se enxerga e se vê representado pela linguagem, pelas temáticas e pela possibilidade de ouvir seu nome, o nome do seu amigo, da localidade onde mora ou dos lugares que frequenta (RADDATZ, 2011, p. 1).

Características que também deram ao AM o estilo popularesco, destacando-se em produções voltadas a públicos C, D e E, justificadas em Moreira (1991, p. 39) pela proximidade. “Compartilhar das desgraças daqueles que de certa maneira lhe são próximos (pelo menos na escala social), além de reforçar certos vínculos de identidade, serve de alerta ou consolo para uma situação a qual todos estão naturalmente expostos”. O tornar-se próximo deste público-ouvinte fez com que comunicadores virassem verdadeiros ídolos, por ora, até justiceiros das causas populares. Assim, o carinho do ouvinte passou a ser personificado também em âncoras que passaram e ainda passam a apresentar programas com seus nomes próprios, tornando-os “protetores dos necessitados”.

Esse estilo de programas pode ser evidenciado em municípios do interior, por motivos que vão desde um menor público à arrecadação insuficiente para uma grade dedicada exclusivamente a programas jornalísticos. Assim, as emissoras apostam, especialmente nos períodos considerados nobres ou de maior audiência, em formatos como o *talk and news*, com entrevistas, opiniões e informações diversas.

Já os programas *magazines* são bastante utilizados como proposta para este modelo de rádio generalista, que se dirige a públicos diversos. Programas muito presentes nas grades AMs do interior do país e também em Santa Catarina. Além do estilo popularesco, intercalam informação e opinião com entretenimento e espetáculo, e em alguns casos com ênfase no conteúdo informativo. Assim, oferecem uma variedade de temas de atualidade, serviços, utilidade pública, campanhas de ajuda à comunidade e conteúdo de entretenimento.

Outra diferença marcada entre os dois espectros está relacionada com os conteúdos externos. O rádio AM, por exemplo, utiliza há muitos anos as transmissões fora de estúdio

voltadas a informações de utilidade pública, como as reportagens de “unidade móvel” com informações sobre o trânsito e notícias variadas, sendo a reportagem fora do estúdio e em busca da informação. Já o FM, em sintonia com seu público mais jovem, transmite flashes voltados a comerciais e promoções, característicos na programação de entretenimento em Frequência Modulada (COSTA, 2001).

Embora as emissoras no AM também busquem a segmentação junto ao público ouvinte, é notória a especialização no FM, explicada por Ortriwano (1985) como uma necessidade de atender ao mercado, onde existem diversas faixas socioeconômicas que precisam ser exploradas adequadamente. Isso pode ser visto com a segmentação nos anos 80 e 90, quando o AM se especializou por faixas de horários e faixas de ouvintes, e o FM especializou-se por camadas e segmentos (dos jovens, das músicas clássicas, pop rock). O processo de migração para o FM tem alterado este cenário, sobre o qual ampliaremos a discussão ao longo desta tese.

O dial em Frequência Modulada começou como *link* apenas para ligar o estúdio e as transmissões externas. O primeiro registro no Brasil do uso do FM como canal foi em 1955, com a Rádio Imprensa rodando discos como som ambiente em estabelecimentos, como em supermercados. Em 1968, o Governo Federal decreta que o FM deveria ser utilizado com uma programação específica e na década de 1970 começam as transmissões com o modelo que se tem hoje em dia (MOREIRA, 1991).

Segundo Ferraretto (2001), a popularidade das emissoras em FM foi conquistada com o público jovem ligado no rock transmitido nos anos 70 e 80 em rádios alternativas inspiradas nos modelos norte-americanos, onde os comunicadores utilizavam de uma linguagem “descolada” e, por vezes, bem-humorada e voltada ao entretenimento. O mesmo ocorrendo com a plástica dos veículos trazendo vinhetas musicalizadas e descontraídas visando a esse público mais novo.

Isso foi consolidando o FM como um meio para se ouvir música com qualidade superior ao do AM e direcionado a um público jovial. Mesmo hoje em dia, quando as FMs já apostam em grades com produção específica em jornalismo, como as *all News* ao estilo CBN, ainda há uma predominância de música no dial. Pelo menos antes da migração de banda.

Mais um fator que dividiu os dois espectros em características distintas nesses anos de funcionamento do meio foi a qualidade sonora e o alcance. O FM, por exemplo, tem um som limpo de ruídos, mas que perde, ou ao menos perdia, em alcance, ao contrário das AMs, que, em alguns casos, a audiência alcançava outros estados. Importante frisar essa mudança na emissão, que isso já não vinha ocorrendo com emissoras de Amplitude Modulada muito por

conta dos ruídos eletromagnéticos responsáveis por interferências e também em virtude do acesso a emissoras de qualquer parte do globo via internet.

Outra diferença marcante é o ambiente de trabalho destas emissoras. O comunicador de Frequência Modulada controla microfone e toda a plástica da programação, hoje predominantemente em *softwares*. Situação diferente do AM, onde geralmente há um operador de estúdio, o âncora e até o produtor, responsável por ligações telefônicas e outros afazeres.

Vale mencionar que esta é uma realidade de muitas emissoras, mas não é uma regra. Há empresas radiofônicas, independentemente da banda operante, que não utilizam produtores em sua programação. Em algumas rádios, inclusive, o espaço físico é separado, o que chamamos de estúdio no formato de aquário, onde cada um dos profissionais fica separado por paredes de vidro evitando o vazamento de som ao microfone. Estas particularidades resultam em um quadro funcional bem mais enxuto em emissoras FMs, que tradicionalmente possuem um mesmo comunicador para horas de microfone e transmissão.

A qualidade sonora citada nestas especificidades é um dos motivos da solicitação dos Radiodifusores para migração do AM para o FM. Durante muito tempo, a distinção destes dois espectros criou uma espécie de “muro” repartindo o dial, amenizado com a implantação do jornalismo nas grades das FMs. No entanto, a modulação dos aparelhos foi por muitos anos responsável pela criação destes dois universos citados: de um lado AM, voltado para o jornalismo e a prestação de serviço, e de outro o FM, levando música e entretenimento.

Foi assim durante anos no Brasil, uma segmentação clara de programação, público-alvo, qualidade sonora e que agora se encontra na mesma modulação com o processo de migração do rádio brasileiro. É claro que esta divisão nas bandas descritas nesta tese não é assim tão simplista quanto parece, mas vale citar que no modelo de transmissão atual, realizado fora dos grandes centros, por exemplo, este cenário de distinção de linguagem e especificidades entre as faixas é bastante evidenciado entre as duas modulações.

Mais do que simplesmente representar uma troca de modulação para as rádios, a migração do AM para o FM pode ser entendida como um processo para inovação e avanços do meio. Entretanto, a fase inicial desta mudança de dial tem apresentado alterações que rememoram o estilo generalista das rádios, como aprofundaremos a seguir.

2.3 A INFORMAÇÃO LOCAL NO RÁDIO

Não é de hoje que o radiojornalismo vem se reestruturando enquanto gênero. Com o passar do tempo, o meio realçou características próprias, aproximando-se do que chamamos de um rádio informativo, capaz de refletir a realidade de uma maneira específica e própria. Conforme Betti e Meditsch (2008, p. 3), a emissora que aposta neste gênero se preocupa e especializa-se em fornecer informações ao público ouvinte. Como consequência disso, “[...], assume os valores profissionais do jornalismo como critério predominante na programação: o público será por ela informado de qualquer acontecimento cuja relevância o justifique, a qualquer momento da emissão.

Para tanto, pensamos tal especialização a partir do que afirmou anteriormente Meditsch (2001, p. 30), sobre a informação no rádio, ao destacar que “o rádio informativo não é apenas um novo canal para a mesma mensagem do jornalismo, é também um jornalismo novo, qualitativamente diferente, e a designação diversa procura dar conta dessa transformação” (MEDITSCH, 2001, p. 30).

O conceito do autor sobre o rádio informativo é o que utilizaremos para compreender as adaptações das emissoras radiojornalísticas catarinenses no processo de migração do AM-FM. Assim, pretendemos compreender, através do que descreveu Meditsch (2001) sobre o rádio informativo, como ocorreram as transformações, sobretudo no jornalismo, nas grades de programação das empresas migradas.

Dessa forma, entendemos o rádio enquanto um meio com espaços destinados à construção de notícias, mas também como propagador de informações de serviços e utilidade pública, que englobam a hora certa, previsão do tempo, trânsito, entre outros, mas sobretudo como um meio com responsabilidades amplas diante da sociedade.

[...] melhor do que isso seria pensar o rádio como uma instituição social, caracterizada por uma determinada proposta de uso social para um conjunto de tecnologias, cristalizada numa instituição. Consideramos hoje melhor ainda pensar esta instituição social como uma criação cultural, com suas leis próprias e sua forma específica de mediação sociotécnica (MEDITSCH, 2001, p. 204).

O autor explica que o rádio informativo alarga o conceito de radiojornalismo, pois traz maior profundidade se comparada à programação tradicional de notícias. Assim, o autor ressalta que este rádio enquanto meio é capaz de alcançar áreas mais amplas do que, por exemplo, o jornalismo impresso. Assim, justifica o termo rádio informativo como mais

abrangente que o próprio radiojornalismo, “pois ele está adaptado para uma base material que não é a sua” (MELO, 2014, p. 141).

Com o passar dos anos, peculiaridades essenciais do meio foram reacomodadas e potencializadas. “É na programação jornalística que conseguimos notar algumas das principais características do veículo rádio, tanto em termos de produção quanto de conteúdo. Entre elas a mobilidade” (CUNHA; AVRELLA, 2019, p. 5). Outra característica que o descreve enquanto *mass media* é o imediatismo, pois através das ondas radiofônicas os fatos podem ser transmitidos no instante em que ocorrem.

Com tais especificidades e através destes serviços de utilidade pública e prestação de serviço, o meio vem se reconfigurando ao longo do tempo como agente de informação e formação do coletivo. Desse modo, uma emissora informativa irá construir sua identidade de acordo com a elaboração das notícias, das informações da atualidade, de acordo com os interesses da audiência. Em consequência, a programação será estabelecida por uma periodicidade rotineira, organizada a partir dos recursos humanos e técnicos disponíveis para a produção dessas informações.

Dessa forma, ao discutirmos o caráter informativo das grades de programação das emissoras, é importante destacarmos alguns aspectos para a compreensão do meio e sua função na comunidade. Brecht (2005) já destacava a responsabilidade do rádio para com a sociedade e frisava a necessidade de torná-lo um meio de comunicação e não somente de transmissão.

O rádio seria o mais fabuloso meio de comunicação imaginável na vida pública, um fantástico sistema de canalização. Isso é, seria se não somente fosse capaz de emitir, como também de receber; portanto, se conseguisse não apenas se fazer escutar pelo ouvinte, mas também pôr-se em comunicação com ele (BRECHT, 2005, p. 42).

A fala do autor, mesmo fora do tempo presente, defende um meio a serviço da sociedade, dentre suas funcionalidades. A ideia um tanto utópica para a época, mas também visionária, era utilizar o rádio como um meio capaz de dar voz e ser espaço para uma comunicação democrática na sua diversidade, ou seja, com uma sociedade plural se expressando através das ondas radiofônicas. E de que forma isso poderia ocorrer? Conforme Brecht, aproximando-se dos acontecimentos reais e não se limitando a mera reprodução de informação (BRECHT, 1981).

Zuculoto (2005), discutindo Brecht, afirma que o meio “tem muito a construir em termos de linguagem e conteúdo, muito a crescer quanto ao efetivo uso de suas características

e recursos; e principalmente, muito caminho ainda a trilhar no sentido de realmente cumprir sua função social” (ZUCULOTO, 2005, p. 49). Fazemos essa discussão sobre o papel do rádio sobretudo com intuito de ratificar a função do jornalismo radiofônico como uma necessidade social que priorize o interesse público e o seu entorno, características que estiveram durante muito tempo ligadas ao modelo de transmissão em AM, como descrevemos anteriormente neste capítulo.

Posto este contexto, faz-se necessário compreender a função das emissoras nas comunidades. O rádio, desde sua implantação, tem se constituído como um meio, se bem utilizado é verdade, capaz de promover a divulgação de regionalidades, desempenhando um papel fomentador de uma sociedade mais plural. A rápida capacidade de interagir com o público o coloca como um meio massivo que mais tem quebrado a verticalidade das mensagens, atingindo camadas menos letradas, característica que não podia ser encontrada no impresso, restrito a uma elite alfabetizada (MOURA; KNEIPP, 2017).

Dito isso, o caráter social do rádio está atrelado à divulgação e à troca de ideias que

podem ser radicais e que levam a novas crenças e valores, promovendo assim diversidade e mudanças – ou que talvez reforcem valores tradicionais para ajudar a manter a ordem social por meio do status quo; Facilita o diálogo entre indivíduos e grupos, promovendo a noção de comunidade; Mobiliza recursos públicos e privados para fins pessoais ou comunitários, especialmente numa emergência (MCLEISH, 2001, p. 20-21).

Assim, podemos afirmar que o rádio dá sentido aos acontecimentos da comunidade, reforçando culturas, costumes e identidades. Bonix (2015) reforça que essa identidade foi sendo construída pelas rádios e demarcavam nas suas próprias designações a localidade para a qual emitiam. O rádio, sobretudo os de emissão local e regional, tem esse olhar voltado ao seu entorno, seja por seus aspectos técnicos e sociais, seja pela produção do conteúdo transmitido. Mesmo hoje em dia, emissoras de muitos municípios país afora são os únicos meios de comunicação responsáveis pela divulgação de informação, e nesse sentido se encontram as notícias de cunho local. Essa mídia local, muito mais identificada com o rádio, conhece a cultura, as diversidades e peculiaridades da sua região, utilizando uma linguagem que melhor se ajusta ao seu público e à comunidade.

Segundo sua área de serviço são consideradas, conforme Decreto nº 52.026, de 20 de maio de 1963, parágrafo 6º, que regula o Código Brasileiro de Telecomunicações, as seguintes definições de estações de Radiodifusão local, regional e nacional:

Estação Rádiodifusora local - é aquela que, por suas características técnicas, se destina a servir a uma única localidade (cidade, vila ou povoado). **Estação Rádiodifusora nacional** - é aquela que, por suas características técnicas, se destina a servir mais de uma região, utilizando canal exclusivo do País. **Estação Rádiodifusora regional** - é aquela que, por suas características técnicas, se destina a servir a uma determinada região (mais de uma localidade), sem utilizar canal exclusivo do País (BRASIL, 1963).

As descrições de tais definições são datadas na década de 1960 e por isso precisariam ser revisitadas, tendo em vista que as interferências eletromagnéticas e o número de concessões de emissoras locais nos municípios brasileiros alteram este cenário. É evidente que esta não é uma realidade uniforme, já que em muitas regiões do Brasil há escassez de veículos locais, entre eles o rádio. Porém, em relação ao alcance via dial, as estações de caráter nacional já não atingem o território por ondas eletromagnética, salvo raras exceções.

No entanto, para além da explicação técnica, utilizamos a explicação de Cebrián-Herreros (2001) sobre esse localismo no rádio, quando afirma que “é aquele que atende aos interesses, responde aos gostos e necessidades de serviços de comunicação. Está centrado na vida social, econômica, política e cultural de sua área de abrangência e também em tudo o que ocorre no exterior e que tenha repercussão na vida da comunidade” (CEBRIÁN-HERREROS, 2001, p. 146).

Dito isso, vamos nos apropriar nesta pesquisa também em relação ao conceito de rádio local descrito em Zuculoto (2012), ao afirmar que são estações focadas com quase toda sua programação em informações da sua cidade e localidades próximas ou de seu estado e região. Peruzzo (2005, p. 76) associa esse localismo ao significado de proximidade, ao esclarecer que “se refere aos laços originados pela familiaridade e pela singularidade de uma determinada região, que têm muito a ver com a questão do *locus* territorial”.

Salientamos que um meio de comunicação local busca fortalecer os valores socioculturais, levantar reivindicações e mobilizações e informações que envolvam diretamente a comunidade, concentrando sua produção em temáticas de proximidade, que envolvam o bairro ou a região, pois, como disseram Paul Chantler e Sim Harris (1998, p. 16), “as pessoas gostam de notícias locais, mas não das notícias locais dos outros”. Dito isso, para os autores, quanto mais perto da audiência estiver localizada a emissora, mais interesse de seus ouvintes ela desperta. “No rádio, assim como em outras mídias, o investimento nos acontecimentos de proximidade é uma aposta na força dos laços identitários. As informações locais dotam o morador de um diferencial em sua rotina” (SANTOS, 2010, p. 7).

Justificamos a discussão sobre a programação local nesta tese por entendermos que a migração do AM poderia ser encarada como um catalizador das potencialidades do radiojornalismo local, sobretudo nas emissoras catarinenses do interior do Estado, fato que será analisado nos capítulos posteriores desta pesquisa. Ademais, o espaço local nas grades de programação continua tendo destaque, já que assuntos de interesse localizado, por distintas razões, não são abordados pela grande mídia, que se dirige a um público muito mais amplo que o local/regional. Compete, portanto, aos veículos do entorno, como o rádio, tratar de tais temáticas, como coloca Comassetto (2007, p. 66), declarando que “há um público ávido por conteúdos relacionados ao seu lugar de residência ou de trabalho”.

Percebe-se que a informação local baseada na proximidade é essencial para a manutenção da sociedade, isso porque a existência, tanto dessa comunicação quanto das mídias dirigidas a públicos concretos, conhecidas também como mídias locais ou regionais, abrange normalmente públicos reduzidos com nomes e apelidos. Nesse contexto, o jornalismo se propõe de forma mais humana e social, pois há uma conexão próxima entre quem informa e quem recebe essas informações, não sendo apenas um receptor, mas também uma fonte de informação e de medição da qualidade do que se é produzido com expressões de valor sobre o conteúdo (ROCHA, 2015, p. 70).

Nessa perspectiva, o rádio além de suas especificidades possui características e linguagem que o tornam um meio com as melhores condições para atender ao seu entorno. Diante disso, as emissoras enquanto concessões públicas têm papel fundamental, e incomparável aos demais meios, de manutenção da sociedade local. Nesse sentido, apontamos ainda o local com base também na geografia, mas, claro, sem nos esquecermos do aspecto social. Assim o local é um espaço territorial com a sua singularidade. “Não por menos, muitas emissoras locais se apresentam como “a rádio da cidade”, o que pode ser entendido como uma estratégia mercadológica de se destacar ante a concorrência, mas também é um mote de inserção, de aproximação com a população e de pertencimento” (MEDEIROS, 2019, p. 56).

As rádios locais desempenham um papel social capaz de incentivar iniciativas locais permitindo até que as comunidades se conheçam melhor. Peruzzo (2005, p. 78) destaca que “a mídia de proximidade caracteriza-se por vínculos de pertença, enraizados na vivência e refletidos num compromisso com o lugar e com a informação de qualidade”. A mídia, reconhecendo singularidades locais e conectando essa linguagem com as especificidades cotidianas da população, acaba por criar vínculos que vão além da associação dialógica emissora-ouvinte.

Entretanto, produzir esse tipo de conteúdo informativo custa caro e, por isso, é perceptível que empresas do setor (das grandes redes às pequenas rádios comunitárias) estão cada vez mais ampliando alcance por meio de aparatos tecnológicos e digitais, ou mesmo buscando a afiliação a grandes redes, como discutiremos nesta pesquisa *a posteriori*. O fato é que as redes, sejam elas jornalísticas ou musicais, melhoram a qualidade dos produtos transmitidos, principalmente em relação ao seu formato. Além disso, é importante destacarmos que por valorizarmos o rádio local isso não significa ignorar as grandes temáticas nacionais e internacionais, como já pontuamos, afinal, elas interessam a todos, ainda mais com relações globais cada vez mais acentuadas.

Com a migração para a Frequência Modulada, observamos, dentre outros aspectos pontuados em capítulos seguintes um enxugamento dos espaços destinados à informação radiofônica local nas grades de programação de rádios catarinenses, o que entendemos precisa ser problematizado. Os reflexos desse aumento das redes no Estado serão discutidos futuramente, mas já destacamos que podem colocar em risco a identidade local, dando destaque a culturas globais, sejam ela informativas ou musicais, de outras regiões.

A formação de redes Radiofônicas, ocorrida também em Santa Catarina, está cada vez mais comum no cenário da rádiofonía brasileira. Parte delas se dedica ao mercado nacional e outras focam em produção e transmissão por regiões com poucos espaços destinados ao localismo. Lembramos que o universo das redes radiofônicas não está totalmente catalogado no país e, por isso, não é possível estimar o total de emissoras que adotam o modelo. No entanto, como função, destaca-se também que as redes via satélite reduzem distâncias, baixam custos de produção e enriquecem a programação com informações de grandes centros, necessárias em tempos de globalização, onde há o distanciamento de algumas localidades por razões geográficas, entre outros motivos.

Com o tempo, mais emissoras pequenas têm sido envolvidas por este sistema e a tendência é de que as cabeças de rede sigam dominantes no mercado da Radiodifusão sonora. Em muitos casos, isto faz com que alguns traços culturais, antes manifestados de maneira singular pelas estações locais, sejam sucumbidos pelas transmissões em rede (AVRELLA, 2014, p. 121).

A transmissão via rede é, conforme Comassetto (2011), a combinação das novas tecnologias da comunicação, a partir da proliferação dos satélites, com o estabelecimento da nova ordem econômica deflagrada com o recente processo de globalização que de fato tem estimulado a constituição de redes dedicadas à veiculação de uma mesma programação. As redes de rádios são descritas por uma conexão entre uma emissora cabeça e afiliada,

geralmente transmitindo uma programação simultaneamente. Jung (2007) destaca que a cabeça de rede, neste caso jornalística, é a emissora líder que geralmente define a linha editorial. As repetidoras retransmitem alguns programas e costumam enviar boletins e participar da programação sempre que notícias de interesse nacional ocorram na região onde atuam.

Por fazerem parte de grandes conglomerados de mídia, as redes costumam levar informações consideradas de qualidade e consumo global. Assim, as cabeças de rede acabam por formar parcerias com pequenas rádios do interior e vão se tornando predominantes no mercado radiofônico. Porém, se reduzem distâncias e trazem o mundo para o entorno, também podem causar efeitos colaterais nocivos, como a diminuição em alguns horários da audiência local, por conta das transmissões dos programas em cadeia (BONIXE, 2015).

As pessoas não vivem apenas do global, um conceito que contém mais abstrações do que referências concretas. Elas demonstram interesse pelos assuntos das comunidades em que vivem, e graças às facilidades comunicativas trazidas pelos dispositivos da internet, os públicos que vivem fora de seus países ou regiões buscam regularmente por notícias de suas comunidades de origem. Assim, mesmo vivendo em ambientes globalizados, os indivíduos ou grupos familiares reforçam as suas identidades e ajudam a preservar os patrimônios históricos e as culturas locais (MAGNONI; MIRANDA; CAMARGO, 2018, p. 144).

Essa relevância exercida pelo espaço local reforça, portanto, a necessidade de meios que contemplem esse entorno. E a mídia local tem, nesse sentido, papel insubstituível, mas que, mais que uma obrigação, deve ser visto como oportunidade. Neste sentido, a informação de proximidade pode ser alternativa à grande mídia e sua crescente expansão dos meios globais. Nesse cenário, o rádio, por suas características técnicas e estruturais, tem reforçado um potencial para a divulgação das informações locais, nem sempre bem utilizado. Vantagens não lhe faltam, sobretudo em novo dial, o que se coloca como um desafio de sobrevivência diante desse novo momento pós-migração.

3 SANTA CATARINA COMO RECORTE DA PESQUISA SOBRE A MIGRAÇÃO DO AM

Este capítulo apresenta os procedimentos metodológicos e como ocorreu a coleta de dados, além de descrever algumas das transformações iniciais nas emissoras catarinenses em relação à Migração do AM-FM. Por meio de categorias de análise apresentadas nesta seção, o trabalho sistematiza informações das rádios, apontando caminhos e tendências na programação das empresas radiofônicas de Santa Catarina que trocaram o dial ou planejam a mudança. Apontamos aqui como serão avaliadas as adaptações nas emissoras a partir do relato de Radiodifusores, bem como da avaliação de grades com recorte específico na programação das rádios.

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: A CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

Observando o processo de migração do rádio AM para o FM, apresentado nesta tese como mais uma nova onda de mudança na radiodifusão e um dos principais fenômenos do meio na contemporaneidade, este trabalho se propõe a responder inquietações que provocam e motivam diariamente o desenvolvimento da pesquisa. Olhamos desta forma, para os espaços informativos na programação de emissoras tentando compreender o cenário da troca de banda em Santa Catarina, para podermos vislumbrar o que vem ocorrendo de adaptações e continuidades nas grades das rádios de uma forma abrangente, mas também específica, ao criarmos critérios de análise que serão apresentados ao longo deste capítulo.

Diante disso e pensando no objetivo geral desta tese, que é o de perceber as transformações e continuidades nos espaços informativos de emissoras migradas do AM-FM, entendemos a importância de buscarmos soluções metodológicas múltiplas, pois, como disse Serrano (2011, p. 107), “a pesquisa convida à multidisciplinaridade. É difícil, para não dizer impossível, encontrar um fenômeno absolutamente isolado de seu entorno”. Por isso, buscou-se reunir variados elementos que demonstram a conexão entre a informação no meio e a migração de espectro.

Trata-se de uma pesquisa exploratória, histórica, descritiva e de natureza quanti-quali (FLICK, 2009). O trabalho possui etapas que demandam de pesquisa do tipo exploratória e descritiva, que Triviños (1987) destacou como necessária para o aprofundamento dos estudos e da escolha de técnicas adequadas. O método utilizado nessa tipologia de pesquisa envolve, além do levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que dominam o assunto

estudado, pesquisas de campo e análise que estimulem a compreensão do tema. Na pesquisa descritiva, que entendemos também se enquadrar neste estudo, o foco principal é conhecer as especificidades de cada região, os fenômenos e fatos, exigindo do pesquisador a coleta de inúmeras informações que envolvem o objeto de estudo (TRIVIÑOS, 1987).

Utilizamos da combinação de métodos como forma de incrementar a investigação do fenômeno que nos propomos pesquisar, neste caso a Migração do AM. Também unimos a pesquisa bibliográfica com a pesquisa de campo, por meio das entrevistas realizadas, e análise de programação. Assim, dividindo-se o trabalho de campo por fases, como define Gil (1999). A escolha da abordagem quanti-quali se deu, principalmente, pela possível obtenção de dados e peculiaridades da temática pesquisada, com intuito de perceber melhor as adaptações no rádio catarinense.

Além dos procedimentos metodológicos citados anteriormente, esta tese se caracteriza como um estudo de casos múltiplos, já que foram selecionadas emissoras específicas por mesorregião catarinense, com intuito de apresentar modelos e cenários da mudança no dial em todo o Estado. Conforme Yin (2015), um estudo de caso é definido como um método de investigação abrangente que busca profundidade de um fenômeno contemporâneo, ou seja, ele pretende compreender um caso do mundo real e aceitar que provavelmente este entendimento envolva condições contextuais importantes pertinentes ao caso. Yin (2015, p. 28) afirma ainda que “a maioria dos estudos de casos múltiplos tem a probabilidade de ser mais forte do que os projetos de estudo de caso único”.

Em relação aos procedimentos técnicos, realizamos pesquisa bibliográfica, histórica, documental e pesquisa de campo. Para chegarmos na análise de dados e relatos, os instrumentos que usamos foram formulários semiestruturados¹⁰, entrevistas em profundidade com gestores de emissoras e ainda a análise de programações e escuta de alguns programas, que resultaram em relatórios individuais das empresas estudadas. Essas informações possibilitaram o cruzamento de dados dos múltiplos casos, gerando um entendimento das principais características em comum.

Utilizamos a entrevista aberta com os gestores das emissoras como forma de ampliarmos perspectivas sobre o objeto estudado, que de acordo com Duarte e Barros (2006,

¹⁰ Destacamos que os questionários utilizados nesta pesquisa foram balizados também a partir da pesquisa Nacional sobre a Migração, organizada pelas professoras Nair Prata e Nélia Del Bianco por conta das respostas que já tínhamos levantado durante a elaboração do capítulo do livro: *Migração do Rádio AM para o FM: avaliação de impacto e desafios frente à convergência tecnológica*. O objetivo foi manter um rigor metodológico diante das entrevistas.

p. 65) “tem como ponto de partida um tema ou questão ampla e flui livremente, sendo aprofundada em determinado rumo de acordo com aspectos significativos identificados pelo entrevistador enquanto o entrevistado define a resposta segundo seus próprios termos”.

Para visualizarmos o andamento do trabalho, apresentamos na figura as seguintes etapas e técnicas seguidas como **estratégias metodológicas** que incluem: (1) revisão bibliográfica sistemática sobre as transformações do rádio no Brasil e publicações recentes sobre a migração no país e sobre informação local no rádio; (2) coleta de dados junto às emissoras catarinenses em AM, por meio de questionários, a fim de garantir dados quantitativos para entender com detalhes o objeto de pesquisa; (3) entrevistas em profundidade com gestores e profissionais de rádio para ampliar análises e (4) análise dos espaços destinados ao jornalismo nas empresas antes e pós-migração.

Figura 3: Etapas do processo de construção da tese



Fonte: Elaboração da autora.

Estas etapas ajudaram a pesquisadora a entender a realidade do *corpus* selecionado e que apresentaremos na sequência do capítulo. Segundo Martino (2018), as etapas dão ao pesquisador o acesso a elementos que permitam, no futuro, a obtenção de resultados mais apurados. Para compreender este novo momento, o trabalho também faz um recorte em emissoras que já migraram no estado de Santa Catarina e possuem ou possuíam programação informativa.

3.2 DEFINIÇÃO DO *CORPUS* DE ANÁLISE: AS SEIS MESORREGIÕES

Os catarinenses ganham sua primeira emissora em 1931, em Blumenau, pouco mais de uma década depois das primeiras transmissões do meio no Brasil. A Radiodifusão no estado nasceu fora da capital Florianópolis, diferentemente da maioria de outros estados. Foi com a Rádio Clube de Blumenau, instalada pelo pioneiro João Medeiros Júnior, que passou a funcionar oficialmente a partir de 1936 (MEDEIROS; VIEIRA, 1999; SEVERO; MEDEIROS, 2005).

A segunda emissora de Santa Catarina foi a Difusora de Joinville, que começou a irradiar em 1938 (MUSTAFÁ, 2009). Em seguida foram instaladas rádios nas cidades de Itajaí, Florianópolis, Joaçaba, Laguna e Criciúma, no período pioneiro da história radiofônica do estado. Passados quase 90 anos das pioneiras, Santa Catarina possui mais de 500 emissoras de rádio em operação.

Apresentando mais resumidamente este histórico, o Estado conta atualmente com 561 emissoras no ar, somando-se todos os segmentos. Em operação no AM, segundo o banco de dados da Anatel (2017), estão 99 canais. No FM são 307 rádios. As Educativas chegam a 16 e as Comunitárias somam 139, de acordo com a Associação Catarinense de Radiodifusão Comunitária (ACRACOM, 2017). Destes números, as comerciais totalizam 406 emissoras, representando 72,3% do quadro Radiofônico catarinense (ZUCULOTO *et al.*, 2018). Das 99 emissoras em Ondas Médias/AM, conforme dados do site TudoRádio em setembro de 2020, já passaram a atuar em Frequência Modulada 57 rádios. Aproximadamente 40 emissoras, segundo a ABERT, necessitam da faixa estendida no dial para funcionamento em FM em Santa Catarina. Estes números refletem resultados específicos no Estado, analisados neste estudo.

Dessa forma, apresentamos também números quantitativos que nos entregam um cenário preliminar de como vem ocorrendo a migração em Santa Catarina. Desde o início do doutorado, entrevistas e a produção de artigos sobre a temática têm sido publicados e

apresentados em eventos da área. Por isso, dados que integram esta pesquisa foram coletados desde 2016, data do início dos estudos sobre a Migração do AM-FM por esta pesquisadora no Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Assim, há informações que já foram buscadas no início da mudança de dial para algumas empresas do setor, ou seja, o levantamento de informações deu-se praticamente em todo o processo de construção desta tese. No quadro a seguir é possível conferir todas as 99 rádios catarinenses, segundo dados extraídos do Ministério das Comunicações ainda em 2017, quando iniciamos a pesquisa quantitativa.

Quadro 1- Emissoras catarinenses registradas no Ministério das Comunicações

NOME (ANATEL)	NOME FANTASIA	CIDADE E REGIÃO
Sul		
Rádio Verde Vale Ltda	Rádio Verde Vale	Braço do Norte
Rádio Araranguá Ltda	Rádio Araranguá AM	Araranguá
Sociedade Rádio Difusora Eldorado Catarinense Ltda	Rádio Eldorado AM	Criciúma
Sociedade Rádio Hulha Negra de Criciúma Ltda	Rádio Hulha Negra	Criciúma
Rádio Difusora de Içara Ltda	Rádio Difusora	Içara/Criciúma
Rádio Difusora 26 de abril de Imaruú Ltda	Rádio Litoral	Imaruú
Rádio Difusora de Imbituba S/A	Rádio Bandeirantes AM 1010	Imbituba
Rádio Difusora de Laguna Sociedade Ltda	Rádio Difusora	Laguna
Rádio Garibaldi Ltda		Laguna
BFLS Comunicações Ltda	Rádio Cruz de Malta	Lauro Müller
Rádio Sociedade Cruz de Malta Ltda	Rádio Guarujá de Orleans	Orleans
Sociedade Rádio Tubá Ltda	Super Rádio Tubá	Tubarão
JK Santa Catarina empresa de comunicações Ltda	Rádio Super Santa	Tubarão
Rede Tabajara AM de comunicações Ltda	Rádio Tabajara AM	Tubarão
Rádio Imigrantes de Turvo Ltda	Rádio Imigrantes	Turvo
Fundação Marconi	Rádio Marconi AM	Urussanga
Grande Florianópolis		
Diário da Manhã Ltda	CBN Diário	Florianópolis
Sociedade Rádio Guarujá Ltda	Rádio Guarujá	Florianópolis
Rádio Canoinhas Ltda	Rádio Santa Catarina AM	Florianópolis
Rádio Clube São João Batista Ltda	Rádio Clube	São João Batista
Rádio Jornal A Verdade Ltda	Rádio Gazeta	São José
Rádio Guararema Ltda	Guararema AM	São José
Rádio Clube Tijucas Ltda	Rádio Vale AM	Tijucas
Difusora Gomes Ltda	Rádio Central AM	Florianópolis

Vale do Itajaí		
Rádio Camboriú Ltda	Rádio Camboriú	Balneário Camboriú
Rádio Nereu Ramos Ltda	Rádio Nereu Ramos	Blumenau
Rádio Clube de Blumenau Ltda	Rádio Clube	Blumenau
Rede Fronteira de Comunicação Ltda	Rádio Globo Blumenau AM	Blumenau
Empresa Blumenauense de Comunicação	Rádio Arca da Aliança Blumenau	Blumenau
Rádio Itaberá Ltda	Globo Blumenau	Blumenau
Sociedade Rádio Araguaia de Brusque Ltda	Rádio Araguaia AM	Brusque
Rede Atlântico Sul de Radiodifusão Ltda	Rádio Cidade	Brusque
Rádio Sentinela do Vale Ltda	Rádio Sentinela	Gaspar
Rádio Belos Vales Ltda	Rádio Belos Vales	Ibirama
Rádio Clube de Indaial Ltda	Rádio Clube	Indaial
Rádio Difusora Itajaí Ltda	Difusora de Itajaí	Itajaí
Sociedade Rádio Difusora Vale do Itajaí Ltda	Bandeirantes AM Itajaí	Itajaí
Rádio Ituporanga Ltda	Rádio Sintonia	Ituporanga
Rádio Pomerode Ltda	Rádio Pomerode	Pomerode
Rádio Difusora Alto Vale Ltda	Super Difusora AM	Rio do sul
Rádio Mirador Ltda	Mirador 540	Rio do sul
Rádio Educadora de Taió Ltda	Rádio Educadora AM	Taió
Rádio Cultura de Timbó Ltda	Rádio Cultura	Timbó
Norte		
Rádio Clube de Canoinhas Ltda	Rádio Clube de Canoinhas	Canoinhas
Rádio Cidade de Itainópolis Ltda	Cidade	Itainópolis
Rádio Jaraguá Ltda	Rádio Jaraguá AM	Jaraguá do Sul
Rádio Brasil Novo Ltda	Rádio Brasil Novo	Jaraguá do Sul
Rádio Difusora de Joinville Ltda	Rádio Difusora	Joinville
Rádio Cultura de Joinville Ltda	Rádio Cultura AM	Joinville
Rádio Floresta Verde AM de Joinville Ltda	Rádio Clube	Joinville
Rádio Colon Ltda	Rádio Colon	Joinville
Rádio Planalto de Major Vieira Ltda	Rádio Planalto	Major Vieira
Rádio Difusora Colmeia de Porto União Ltda	Rádio Colmeia	Porto União
Rádio São Bento Ltda	Rádio São Bento	São Bento do Sul
Rádio Difusora São Francisco Ltda	Rádio São Francisco	São Francisco do Sul
Serrana		
Rádio Cultura de Campos Novos Ltda	Rádio Cultura	Campos Novos
Fundação Frei Rogério	Rádio Coroado AM	Curitibanos
Rádio Clube de Lages Ltda	SCC	Lages
Rádio Araucária Ltda	Rádio Globo	Lages
Rádio Princesa Ltda	Rádio Princesa AM	Lages
Rádio Nambá Ltda	Rádio Namba	Ponte Serrada
Rádio Alvorada de Santa Cecília Ltda	Rádio Alvorada News	Santa Cecília
Rádio Difusora São Joaquim Ltda	Difusora AM	São Joaquim
Rádio Urubici Ltda	Rádio Gralha Azul	Urubici

Oeste		
Rádio Cacanjure Ltda	Rádio Cacanjure AM	Caçador
Rádio Rainha das Quedas Ltda	Rádio Rainha das Quedas	Abelardo luz
Rádio Caibi Ltda	Rádio Caibi AM	Caibi
Rádio Atalaia Ltda	Rádio Atalaia	Campo Erê
Rádio Barriga Verde Capinzal Ltda	Barriga Verde	Capinzal
Rádio Capinzal Ltda	Rádio Capinzal	Capinzal
Radiodifusão Índio Condá Ltda	Super Condá AM	Chapecó
Rádio Sociedade Oeste Catarinense Ltda	Chapecó AM	Chapecó
Rádio Rural de Concórdia Ltda	Rádio Rural AM	Concórdia
Rádio Aliança Ltda	Rádio Aliança AM	Concórdia
Sociedade Rádio Continental Ltda	Rádio Continental AM 1020	Coronel Freitas
Rádio Iracema Ltda	Rádio Iracema	Cunha Porã
Rádio Progresso de Descanso Ltda	Rádio Progresso AM	Descanso
Rádio Tri Fronteira Ltda	Rádio Fronteira	Dionísio Cerqueira
Rádio Fraiburgo Ltda	Rádio Fraiburgo AM	Fraiburgo
Rádio Líder do Vale Ltda	Rádio Líder do Vale	Herval D'Oeste
Rádio Itaporanga Ltda	AM 990	Itaporanga
Rádio Sociedade Catarinense Ltda	Rádio Sociedade Catarinense	Joaçaba
Rádio Difusora Maravilha Ltda	Difusora	Maravilha
Rádio Modelo Ltda	Rádio Modelo	Modelo
Rádio Porto Feliz Ltda	Porto Feliz AM	Mondaí
Rádio Entre Rios Ltda	Rádio Entre Rios	Palmitos
Rádio Centro Oeste de Pinhalzinho Ltda	Rádio Centro Oeste	Pinhalzinho
Rádio São Carlos Ltda	Rádio São Carlos - AM1110	São Carlos
Rádio Clube São Domingos Ltda	Rádio Clube AM	São Domingos
Rádio Integração do Oeste Ltda	Rádio Integração	São José do Cedro
Rádio Doze de Maio Ltda	Rádio Doze de Maio	São Lourenço do Oeste
Sociedade Rádio Peperi Ltda	Rádio Peperi AM	São Miguel do Oeste
Rádio Cidade Ltda	Rádio Cidade	São Miguel do Oeste
Rádio Belos Montes de Seara Ltda	Belos Montes	Seara
Rádio Vale do Contestado Ltda	Rádio Vitória AM	Videira
Rádio Videira Ltda	Videira AM	Videira
Rádio Princesa do Oeste Ltda	Rádio Princesa	Xanxerê
Rádio Difusora de Xanxerê Ltda	Super Difusora	Xanxerê
Rádio Cultura de Xaxim Ltda	Rádio Cultura AM	Xaxim

Fonte: ANATEL 2017.

A partir destas 99 rádios que levantamos junto à ANATEL, partimos para a coleta de dados por meio de questionários e entrevistas semiestruturadas com opinião de gestores para o entendimento do recente processo que transfere o AM para o FM. Destas 99 rádios, 57 delas, de 2016 até meados de 2020, deixaram o AM e agora operam na nova modulação. Os números são acompanhados desde o início de processo pelo Site TUDO RÁDIO, que realiza levantamento destes dados não só em Santa Catarina, como em todo o Brasil.

Abaixo, o quadro de emissoras migradas no Estado e suas novas frequências apontadas por regiões do Estado. Observamos que a região Oeste é a que mais possui emissoras

operantes em FM até o momento. Já a Grande Florianópolis conta com menos rádios em novo dial, por conta do espectro saturado e a espera pelo FM estendido.

Quadro 2- Emissoras catarinenses que migraram para o FM por regiões

Sul		
88.5 FM	Nativa FM	Tubarão
89.9 FM	Cruz de Malta FM	Lauro Muller
91.5 FM	Rádio Difusora	Laguna
91.9 FM	Verde Vale FM	Braço do Norte
93.9 FM	Hiper FM	Laguna
94.1 FM	Rádio Imigrantes	Turvo
94.5 FM	Massa FM	Içara / Criciúma
99.9 FM	Rádio Marconi	Urussanga
100.3 FM	Rádio Difusora	Imbituba
Grande Florianópolis		
88.5 FM	Rádio Clube	São João Batista
97.7 FM	Massa FM	São José / Florianópolis
107.3 FM	Rádio Jornal A Verdade	São José / Florianópolis
Vale do Itajaí		
88.7 FM	Rádio Nereu Ramos	Blumenau
89.9 FM	Rádio Belos Vales	Ibirama
90.1 FM	Rádio Camboriú	Balneário Camboriú
92.1 FM	Cultura FM	Timbó
94.7 FM	Rádio Sintonia	Ituporanga
95.1 FM	Rádio Pomerode	Pomerode
101.1 FM	Rádio Clube	Indaial
90.9 FM	FM Divino Oleiro	Balneário Camboriú
Norte		
90.3 FM	Rádio São Bento	São Bento do Sul
94.3 FM	RBN FM	Jaraguá do Sul
94.9 FM	Rádio Clube	Canoinhas
95.5 FM	Rádio Planalto	Major Vieira
96.9 FM	Rádio São José	Mafra
97.9 FM	Rio Negrinho FM	Rio Negrinho
101.1 FM	Demais FM	Itaiópolis
101.3 FM	Rádio Jaraguá	Jaraguá do Sul
Serrana		
88.9 FM	Rádio Gralha FM	Urubici
89.9 FM	Rádio Mix FM	Lages
92.1 FM	Massa FM	Lages
92.7 FM	Rádio Nambá	Ponte Serrada
93.9 FM	Rádio Cultura	Campos Novos
94.5 FM	Alvorada FM	Santa Cecília
98.3 FM	Rádio Clube	Lages
103.1 FM	Antena 1	Lages

106.1 FM	Coroado FM	Curitibanos
106.7 FM	Rádio Difusora	São Joaquim
Oeste		
89.1 FM	Rádio Rainha das Quedas	Abelardo Luz
90.3 FM	Difusora FM	Maravilha
91.5 FM	Modelo FM	Modelo
92.1 FM	Rádio Belos Montes	Seara
94.7 FM	Band FM	Coronel Freitas / Chapecó
95.1 FM	Rádio Fraiburgo FM	Fraiburgo
95.7 FM	Rádio Cidade	São Miguel do Oeste
96.7 FM	A Nossa Rádio 96.7 FM	Caibi
98.9 FM	Condá FM	Chapecó
99.9 FM	Rádio Peperi	São Miguel do Oeste
100.1 FM	Rádio Chapecó	Chapecó
100.5 FM	Antena 100 FM	Joaçaba
100.9 FM	Centro Oeste FM	Pinhalzinho
104.1 FM	A Nossa Rádio 104.1 FM	São Carlos
104.3 FM	Rádio Clube	São Domingos
105.5 FM	Rádio Entre Rios	Palmitos
105.9 FM	Tunaporã FM	Tunápolis
107.3 FM	Rádio Caçanjurê	Caçador

Fonte: TUDO RÁDIO (2020).

Destas 57 rádios que operam em Frequência Modulada em Santa Catarina até maio de 2020, este estudo conseguiu a resposta de 29. Também garantimos os questionários de outras 13 que ainda aguardam os procedimentos e liberações para deixarem o AM, ou seja, com os dados quantitativos alcançamos 42 rádios, das 99 que operam em Amplitude Modulada, até maio de 2020. Tentou-se contato com todas elas, mas não obtivemos sucesso nas respostas. Importante frisar que ao atingirmos os mais de 40 retornos das empresas, alcançamos 43% da amostragem, o que segundo Marconi e Lakatos (1999, p.100) é um número considerável, já que, “em média, 25% dos questionários entregues é devolvido respondido”. Um dado importante, que justifica a necessidade de escolha de uma amostragem mais volumosa, para que os retornos não sejam insignificantes, em termos dos resultados.

Para algumas delas ampliamos o tema por meio de entrevistas semiestruturadas que muitas vezes precisaram ser refeitas, uma vez que a emissora migrou após responder à pesquisa. Como não conseguimos o retorno, descartamos alguns dos dados que já não representavam a realidade no Estado. Dessa forma, segue quadro com informações coletadas até maio de 2020 sobre o cenário atual da Migração em Santa Catarina.

Quadro 3- Emissoras que responderam ao questionário e operam em FM

Nome	Cidade	Região de SC	Novo nome em FM
Rádio Pomerode	Pomerode	Vale do Itajaí	
Rádio Marconi	Urussanga	Sul	
Rádio Jornal A Verdade	São José	Gde. Florianópolis	Rádio Magia
Rádio Guararema	São José	Gde. Florianópolis	Rádio Massa
Rádio Cultura	Timbó	Vale do Itajaí	
Rádio Super Condá	Chapecó	Oeste	Condá FM
Rádio Caçanjurê	Caçador	Oeste	
Rádio Belos Vales	Ibirama	Vale do Itajaí	
Rádio Belos Montes	Seara	Oeste	Belos FM
Rádio Modelo	Modelo	Oeste	
Rádio Clube	Canoinhas	Norte	
Rádio Clube	São Domingos	Oeste	
Rádio Imigrantes	Turvo	Sul	
Rádio Peperi	São Miguel do Oeste	Oeste	
Rádio São José	Mafra	Norte	
Rádio Cruz de Malta	Lauro Müller	Sul	
Rádio Araucária (CBN)	Lages	Serra	Rádio Massa
Rádio Clube	Lages	Serra	
Rádio Brasil Novo	Jaraguá	Norte	RBN
Rádio Difusora	Içara	Sul	Rádio Massa
Rádio Verde Vale	Braço do Norte	Sul	
Rádio Difusora	Laguna	Sul	
Rádio Cultura	Campos Novos	Serra	
Rádio Centro Oeste	Pinhalzinho	Oeste	
Rádio Cidade	Itaiópolis	Norte	Rádio Demais
Rádio Gralha Azul	Urubici	Serra	Gralha FM
Rádio Difusora	São Joaquim	Serra	
Rádio Ituporanga	Ituporanga	Vale do Itajaí	Rádio Sintonia
Rádio Coroado	Curitibanos	Serra	

Fonte: Dados da pesquisa

Na tabela seguinte estão as emissoras que responderam aos questionários, mas ainda não haviam migrado para o FM no andamento desta pesquisa, até o final de 2019. As respostas, além de darem suporte para análises futuras, também auxiliaram na elaboração de

artigos científicos sobre o tema apresentados em congressos e evento da área, bem como sinalizaram para as categorias de análise que avaliaremos no próximo capítulo.

Quadro 4- Emissoras que responderam ao questionário e ainda não migraram

Nome	Cidade	Região de SC	Novo Nome em FM
Rádio CBN	Florianópolis	Gde. Florianópolis	
Rádio Capinzal	Capinzal	Oeste	
Rádio Santa Catarina	Tubarão	Sul	Nativa FM
Rádio Hulha Negra	Criciúma	Sul	
Rádio Eldorado	Criciúma	Sul	
Rádio Araranguá	Araranguá	Sul	
Rádio Difusora	Itajaí	Vale do Itajaí	
Rádio Chapecó	Chapecó	Oeste	
Rádio Difusora	Xanxerê	Oeste	
Rádio Clube	Blumenau	Vale do Itajaí	
Rádio Cultura	Joinville	Norte	
Rádio Difusora Gomes	Florianópolis	Gde. Florianópolis	
Rádio Camboriú	Balneário Camboriú	Norte	

Fonte: Dados da pesquisa

Com as respostas dos questionários elencamos critérios para analisar a migração no Estado. O objetivo foi apresentar como as rádios estão reposicionando o radiojornalismo e se adaptando às transformações na programação em nova banda. Para isso, optou-se por delimitar pelo menos duas emissoras por mesorregião catarinense, com o intuito de não deixar cenários importantes de fora. Como esta tese busca estudar o tempo presente, ou seja, analisar um fenômeno ainda em andamento no país, contemplar todas as regiões catarinenses representou um recorte mais preciso sobre as transformações no meio, tentando sanar possíveis lacunas que possam existir.

Importante frisar que, em alguns casos, a pesquisa debruçou-se em mais de uma empresa que mereceu ser olhada com mais profundidade diante de mudanças mais bruscas na programação. Assim, avalia-se a migração em rádios representantes do Sul, Norte, Oeste, Serra, Vale do Itajaí e Grande Florianópolis. Diante disso, pretendemos refletir sobre o futuro do segmento de antena e a (re) conformação ao papel do rádio, que desde as suas origens foi compreendido como um meio de proximidade com a comunidade onde está inserido (PERUZZO, 2006).

Os critérios para a escolha das emissoras analisadas ocorreram por fatores diversos, como mudanças drásticas na programação ou pelo contexto histórico de rádios tradicionais existentes em Santa Catarina. Na sequência é possível compreender a divisão das regiões do Estado, conforme base cartográfica do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de forma mesorregional.

Figura 4 - Mapa Mesorregião em Santa Catarina



Fonte: IBGE/Reprodução Suporte Geográfico.

Diante desse fato, ao chegarmos às 12 emissoras aplicamos as entrevistas abertas com gestores e/ou responsáveis pela programação nas empresas. Organizamos as informações por mesorregião, com as cores apresentadas também no mapa do IBGE. Este material foi coletado desde 2017, quando a primeira entrevista foi realizada. Os responsáveis foram ouvidos na medida em que a pesquisa ia se desenvolvendo, estendendo-se até maio de 2020. O procedimento permitiu que fossem feitas intervenções, como perguntas e comentários, durante as entrevistas, registradas em áudio que, posteriormente, geraram relatórios para cruzamento de dados e sequência para as etapas posteriores de análise. A conversa com estes gestores ocorreu parte delas presencialmente e outras realizadas por meio de gravações em áudio, via híbrida, ou em plataformas de vídeo.

A intenção de contemplar ao menos duas rádios por região foi para não deixarmos nenhum cenário de fora do estudo em Santa Catarina. A partir das respostas dos entrevistados, criamos categorias para a compreensão do fenômeno, assim como o levantamento bibliográfico das primeiras pesquisas acadêmicas realizadas sobre o tema e a construção dos capítulos do referencial teórico nos levaram à definição destes critérios. Por meio das entrevistas com as 12 emissoras juntamente com a análise dos questionários, chegou-se às seguintes categorias que foram discutidas em tópicos nesta tese. São elas: (1) *o alcance geográfico*; (2) *a programação informativa*; (3) *a adesão a redes musicais*; (4) *o olhar para o futuro em FM* e (5) *os impactos da Pandemia na Migração*.

Figura 5 - Categorias de análise da tese



Fonte: Elaboração da autora.

Entende-se que com estes aspectos foi possível mensurar, de forma qualitativa, como vem ocorrendo o processo de Migração do AM para o FM nas rádios de Santa Catarina, em relação ao jornalismo que migrou. Por meio dessas categorias criamos os subtítulos do capítulo 4, onde analisamos o cenário geral a partir da fala dos gestores, das grades de programação e dos questionários enviados.

O contato com as fontes por meio das entrevistas, a breve observação da programação das emissoras e a escuta de alguns dos programas destas rádios foram também instrumentos importantes deste estudo. Em posse dessas ferramentas foi possível cruzar informações contextuais que facilitaram a compreensão mais ampla de estatísticas levantadas, além de fornecer dados históricos e práticas jornalísticas que auxiliaram o referencial teórico do estudo.

Na sequência apresenta-se o quadro abaixo com as 12 empresas ouvidas pela pesquisadora e suas regiões específicas, também demarcadas por cores como no mapa por

mesorregião. Assim, essas rádios¹¹ compuseram o objeto empírico que analisou como o processo de migração AM-FM vem acontecendo em Santa Catarina.

Figura 6 - Emissoras para a Pesquisa de Campo por região catarinense

Sul	Rádio Marconi (Urussanga) Rádio Difusora (Içara)
Norte	Rádio Cidade (Itaiópolis) Rádio RBN (Jaraguá do Sul)
Oeste	Rádio Caçanjurê (Caçador) Rádio Condá (Chapecó)
Grande Florianópolis	Radio Jornal A Verdade (São José) Rádio Guararema (São José)
Vale do Itajaí	Rádio Belos Vales (Ibirama) Rádio Pomerode (Pomerode)
Serra	Radio Coroado (Curitibanos) Rádio Clube (Lages)

Fonte: Dados da Pesquisa.

O conjunto de procedimentos metodológicos permitiu uma combinação de métodos, ajustando-se a um conjunto de ações sistematizadas em etapas propostas. Após a definição das variáveis a serem investigadas e da escolha das fontes múltiplas de evidências a

¹¹ Na tabela com as rádios analisadas no *corpus* desta tese utilizamos o nome e o local de origem de antes do processo de troca de banda. Neste caso, frisamos que a Rádio Guararema, com outorga para transmissão em São José, hoje é Rádio Massa e se autodeclara uma emissora de Florianópolis. São os casos da Rádio Jornal A Verdade, também de São José, e passou a ser Magia FM, de Florianópolis. O mesmo ocorre com a Difusora, que tem a concessão para operar em Içara e ao migrar se apresenta como Massa de Criciúma. A Rádio Cidade mudou para Demais FM e segue operando em Itaiópolis.

constituírem o *corpus* de análise, as proposições teóricas orientaram a análise dos dados (YIN, 2015), que começamos apresentando o histórico dessas 12 rádios analisadas.

3.3 UM BREVE HISTÓRICO DAS EMISSORAS ANALISADAS

3.3.1 Rádios Marconi e Massa: a região Sul

Localizada em Urussanga, a *Fundação Marconi*, no Sul do Estado, foi fundada em 10 de fevereiro de 1951 pelo Monsenhor Agenor Neves Marques. Ligada à Igreja Católica desde o surgimento até os dias atuais, a Marconi passou pelo processo de migração em 2018. Jornalismo e Esporte estão presentes na programação da emissora, que afirma ter a missão de “produzir e distribuir conteúdo popular de qualidade em notícia, serviço, entretenimento e futebol, com emoção, agilidade, interatividade e linguagem acessível, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida das pessoas” (RÁDIO MARCONI, 2019).

Segundo o site da rádio, a emissora abrange, em sinal, cerca de 20 municípios da serra, sul e extremo sul catarinense. Em Amplitude Modulada, a Marconi possuía o canal 780AM e desligou os transmissores em novembro de 2018, como demonstra a figura. O evento oficializou o fim da operação em AM, em um ato simbólico de desligamento dos equipamentos. O fato foi noticiado na página da rádio e transmitido durante a programação.

Figura 7 - Comunicadores e a direção da Marconi no desligamento das transmissões em AM



Fonte: Radio Marconi

Atualmente, pode ser sintonizada no 99.9 FM. No seu processo de migração, foram investidos R\$ 971 mil com equipamentos e infraestrutura física, levando a rádio a ganhar um estúdio repaginado e moderno. A programação mudou parcialmente, com alterações principalmente na plástica e na ampliação do espaço jornalístico em detrimento a programas populares e religiosos. Os horários das 7h às 10h e das 17h às 18h são dedicados à informação. Já a missa, que era transmitida diariamente, não faz mais parte da grade da emissora.

Mudanças tanto no conteúdo da programação quanto na sonorização, linguagem, interatividade com o público, abrangência e mídias sociais da empresa puderam ser observadas desde a migração. A programação musical mudou drasticamente na emissora do sul de Santa Catarina. A intenção foi atingir um público mais jovem. Por isso, a rádio trocou o sertanejo raiz por canções da Música Popular Brasileira, rock e hits de sucesso. Com a qualidade de som superior ao obtido em ondas médias, muito por conta de investimentos em equipamentos, a Marconi tem atingido municípios que antes não recebiam o sinal da emissora, assunto que será ampliado ao longo deste estudo.

Conforme Justo (2019), a interação dos ouvintes comprova o aumento na audiência regional. “Houve acréscimo pela ampliação das interações durante a programação. Tal aumento fez com que as jornadas esportivas fossem adaptadas para inserir mais participações dos espectadores” (JUSTO, 2019, p. 23). Dentre os desafios da emissora em relação ao processo de troca no dial, na visão do gestor Niclele (2020), está a resistência de alguns ouvintes em trocar a banda. O site da emissora traz conteúdo jornalístico atualizado diariamente.

Em Içara desde 1982, a *Rádio Difusora* surge com este nome para homenagear a antiga emissora homônima em Criciúma, extinta em um incêndio misterioso sem desfecho até os dias atuais. Foi fundada pelo então deputado federal Nereu Guidi e atualmente é administrada pelos filhos, Rafael e Carolina Guidi. Com um estilo de rádio popular, a empresa manteve o gênero de programação até o final de 2019, quando migrou oficialmente ao FM e aderiu à rede Massa. Dos 910AM passou a ser Rádio Massa 94,5FM e mudou drasticamente a sua grade, passando a ser afiliada do grupo do apresentador e empresário paranaense Carlos Massa, o Ratinho.

A transformação na emissora foi radical, já que a empresa passou a fazer parte de uma rede de rádio musical. Dos poucos registros online sobre a rádio içarense, a figura mostra a antiga logomarca da Difusora e uma notícia capturada pela autora da pesquisa assim que a empresa foi autorizada a deixar o FM.

Figura 8 - Captura de tela da antiga logomarca da Difusora de Içara, hoje Massa FM



Fonte: Busca no Facebook realizada em maio de 2020.

Para a migração da Difusora, segundo a proprietária da emissora Carolina Guidi (2020), foram investidos aproximadamente R\$ 1,5 milhão, entre equipamentos, estúdio novo, projeto arquitetônico e técnico e os valores destinados ao Governo Federal. A escolha por uma rede de rádios deu-se por conta de os proprietários entenderem que era o mais próximo do perfil de ouvinte da emissora anteriormente.

Segundo Guidi (2020), a primeira intenção era migrar para uma rede *all news*, porém, o irmão, sócio e diretor-financeiro da Difusora apontou que seria difícil manter uma empresa exclusivamente jornalística. “Nós só temos essa rádio, esse é o nosso negócio, então a gente pensou em algo mais sustentável e que se encaixasse no estilo da nossa Difusora. E o que mais nos encantou na Massa, além da pesquisa mostrar que este segmento sertanejo é muito tentador, é que ela é uma rede exigente com conteúdo artístico”.

A Difusora 910AM tinha uma programação eclética e bastante falada. Além do conteúdo de entretenimento a rádio se dedicou desde 1982 a fazer esporte. Com a mudança, a equipe esportiva que cobria o Criciúma e o esporte amador foi dispensada, mantendo apenas um comunicador com os boletins diários “O Tigre é Massa” durante a programação. Já o jornalismo ficou condensado no horário das 6h às 8h com entrevistas, serviços e informações locais. Nesse espaço são transmitidas notícias regionais, que conforme a diretora passaram a ser mais ágeis e dinâmicas, diferentes do estilo mais conversado do rádio em Amplitude Modulada.

O programa de jornalismo mantém o horário da grade nacional, porém, com um jornalista de Criciúma fazendo jornalismo local. O modelo é replicado em outras praças, como ocorre na Rádio Guararema, em Florianópolis. No entanto, este não é o padrão do grupo

Massa, que em alguns casos replica a programação da geradora em Curitiba para rádios Brasil afora.

O quadro de funcionários precisou ser enxugado, já que o forte da Massa 94,5FM passou a ser a música e as promoções, tradicionais em emissoras de Frequência Modulada (FERRARETTO, 2014). Em contrapartida, garante Carolina Guidi, outros colaboradores foram valorizados e ganharam espaço na empresa. “Temos uma menina que de operadora virou nossa âncora no período da manhã. Está fazendo sucesso, o ouvinte a adora”. Com a migração, a Difusora deixou a sede em Içara e passou a ter seu estúdio, totalmente repaginado e moderno, em Criciúma. No entanto, a antena ficou no antigo terreno da empresa anterior, em Içara, já que segundo as normas de concessão de outorga cidade de irradiação deve ser a mesma da localização da antena.

A Massa FM de Içara ainda não sentiu os reflexos no aumento de audiência ou alcance, mas pretende realizar uma pesquisa IBOPE no final de 2020 para perceber os reflexos deste primeiro ano de sintonia no novo dial. “A gente sente alguns reflexos em determinados segmentos de anunciantes. Por exemplo, revenda de carro nos chama para feirões e eventos do setor, o que não era comum no AM” (GUIDI, 2020).

3.2.2 Rádios Demais e RBN: a região Norte

Fundada em 1986 por João Bertoli Júnior, Edson Hugo de Abreu Weber, Arnaldo Werner e Darcy Zanghelini, a Rádio Cidade foi a primeira emissora de Itaiópolis, município do norte catarinense. Em 2016, a rádio deixou as ondas médias e tornou-se a Demais FM. A grade informativa e popular deu espaço a uma emissora voltada a um público jovem e de estilos musicais variados. A empresa investiu aproximadamente R\$ 600 mil para mudar de banda.

Em AM, a emissora transmitia o sinal na frequência de 1380KHz. Em 2016 a Demais passou a operar em 101.1FM. No novo dial, a rádio optou por diminuir os intervalos entre os comerciais, dando um ritmo das transmissões em FM. Na imagem capturada no antigo Facebook da emissora, a logo da Rádio Cidade se intitulava como uma rádio “Muito mais Regional”.

Figura 9: Slogan da Rádio Cidade de Itaiópolis, hoje Demais FM



Fonte: Captura de tela do Facebook da Rádio Demais FM

A estação aderiu à programação de uma rede regional de rádios, do mesmo grupo que mantinha a AM, e com a adesão foram dispensados dois funcionários. A família Bertoli comanda as rádios Demais FM 104,7 (Taió), Demais FM 107,9 (Presidente Getúlio) e Demais FM 101,1 (Itaiópolis).

O jornalismo segue com espaço nas rádios da rede, incluindo a migrada de Itaiópolis. Cada emissora do grupo conta com setor de jornalismo próprio, segundo o gestor da Demais 101,1FM (KOLLROSS, 2019). Diariamente, de segunda a sábado, das 7h20 às 8h, é apresentado o Demais News com as principais notícias da cidade/região, previsão do tempo, serviços e entrevistas locais. E para além deste horário, durante o dia, são veiculadas várias notas rápidas sobre os principais acontecimentos e informações do entorno de cada cidade. Assim, a proximidade local do conteúdo pode ser compreendida, baseada em Castells (2001), como algo comum à maioria das sociedades tradicionais que percebem seu espaço com base no lugar em que vivem.

Conforme os gestores da Demais FM, a mudança na programação influenciou na receita da empresa. A emissora no FM teve 65% mais receita que no AM (PORTAL MAKING OF, 2017). Com relação à audiência, a nova rádio sentiu o aumento no número de ouvintes, por conta, principalmente, do crescimento na interação entre emissora e o público. A participação do espectador passou a ser maior, na visão do gestor entrevistado, porque o alcance cresceu, atingindo, assim, mais municípios com a Frequência Modulada. A estimativa é que o sinal hoje chegue a um raio de 130 quilômetros.

Como grande desafio para os próximos anos, a Demais FM entende que a concorrência na nova banda tende a ficar cada vez maior com a quantidade de rádios que irão migrar ou que já atuam em Frequência Modulada. Desde 2018 a emissora vem apostando em conteúdos para as redes sociais, visando fidelizar um público que está no mobile, e segundo o gestor da

empresa com resultados positivos desde que a emissora deixou o AM. “Ganhamos mais audiência porque nossa abrangência e sinal aumentaram consideravelmente. A cada três meses nossa cartela de anunciantes aumenta”, contou em entrevista ao Portal Making Of (2019).

Segunda migrante do Estado, a Brasil Novo, de Jaraguá do Sul, norte do Estado, era sintonizada até o final de 2016 em 780AM, e agora pode ser ouvida em 94,3FM. Meses antes de migrar, os comunicadores foram orientados a começarem a divulgar a nova sintonia durante a programação, reforçando o novo dial para a audiência. Funcionando desde 1989, e fundada pelo radialista Carlos Alberto Reali, a rádio mudou a plástica, alterou programas, contratou novos comunicadores e adotou um novo nome como estratégia comercial: RBN. A marca foi reforçada pelos apresentadores durante a programação no dial ainda em Amplitude Modulada. Na figura, a antiga logomarca da emissora já utilizava as siglas no antigo espectro.

Figura 10: O nome da emissora mudou antes mesmo da migração AM-FM



Fonte: Facebook da Rádio RBN.

Importante destacar a mudança no alcance de sinal, fator que tem aparecido em muitas das rádios migrantes em Santa Catarina. Sem ruídos de interferências eletromagnéticas tão presentes em Amplitude Modulada, a transmissão do FM, por ser mais “limpa”, tem atingido municípios que anteriormente não recebiam as ondas da Brasil Novo. Conforme o jornalista Daniel Stark (2017), em artigo publicado no site TudoRadio (ABERT, 2017), com a abrangência maior a emissora encontrou na região as vizinhas de dial Jovem Pan FM 94.1, de Itajaí, e Aquarela FM 94.5, de Barra Velha. Segundo Stark, “as três emissoras convivem de forma “pacífica” no dial FM do norte catarinense, sem reduções em seus alcances”.

Dentre as mudanças na programação, a empresa optou por retirar da grade programas produzidos sobre a cultura alemã, tradicionais em regiões como Jaraguá, Joinville, Pomerode, entre outros municípios. Atualmente a rádio aposta em uma programação musical com espaços de informação, como no horário das 7h às 9h com o Bom Dia da RBN. A mudança

de nome da emissora também atende a um formato diferenciado do FM, quando na fala dos comunicadores a divulgação da frequência é maior que a própria identificação da emissora.

Como desafio, a gestão da emissora entende que a concorrência está muito maior com mais empresas em uma mesma banda. De acordo com Gonçalves (2018), o ambiente em FM, diferentemente do que via no AM, “apresenta uma agressividade comercial muito maior. Se as oportunidades são maiores, a concorrência proporcionalmente também é mais agressiva e, por vezes, não muito ética”.

3.2.3 Rádios Caçanjurê e Condá: a região Oeste

A Rádio Caçanjurê foi fundada em 1948 por Lucas Volpi e Osni Schwartz e está entre as emissoras mais antigas de Santa Catarina. Localizada em Caçador, no Oeste catarinense, a emissora integra a Rede Barriga Verde de Comunicações desde 1989. Durante 42 anos foi a única emissora da cidade (BALDISSARELLI; SANTOS, 2018). Migrou sua programação para a Frequência Modulada em novembro de 2018, quando manteve boa parte da grade. Nestes mais de 70 anos de história, a Caçanjurê operou na frequência de 1110AM. Atualmente, a sintonia se dá em 107,3FM e com 6KW de potência, ampliando a abrangência regional da rádio. Na notícia publicada no site da emissora (Figura 11), a emissora comemorava o aumento do alcance e a diminuição das interferências eletromagnéticas.

Figura 11: A Rádio Caçanjurê registrou melhora no alcance ao migrar

MUDANÇA

Rádio Caçanjurê migra para FM e passa a operar na frequência 107,3

Na FM, haverá grandes melhorias, como sinal sem ruídos e mais alcance

Central de Jornalismo da RBV Rádios ● 07/11/2018 16:21

Tweetar

Recomendar 0

Inovação, é assim que definimos mais um importante passo na radiodifusão em Caçador. O dia 07 de novembro de 2018, passa a ser um marco na história dos 70 anos da Rádio Caçanjurê, data em que a emissora migrou da frequência AM para FM em 107,3.



Fonte: Caçador Online (2017)

A prestação de serviço e a informação de utilidade pública fazem parte do dia a dia da Rádio Caçanjurê. O jornalismo, segundo um dos gestores entrevistados, é a essência da programação, que tem em sua missão o objetivo de “alegrar e informar com excelência, ética e inovação”. Com a mudança no dial, a empresa garante ter aumentado o alcance, chegando a 23 municípios, muitos deles não alcançados com a frequência ainda em Amplitude Modulada. A migração custou cerca de R\$ 320 mil para mudança de equipamentos e infraestrutura do grupo.

Das poucas alterações após a migração, a rádio ampliou o espaço informativo, conforme a gestão, levando informação aonde a emissora antes não tinha audiência (CAREGNATO, 2019). Assim, a Caçanjurê evidencia que busca desenvolver um jornalismo local para agregar um número maior de ouvintes, abordando, de acordo com Comassetto (2008), questões de proximidade e de acontecimentos imediatos, amparados em discussões de interesse humano e do cotidiano dos cidadãos. Conforme a gerência da emissora, com a programação na faixa FM a Rádio Caçanjurê garantiu melhorias, com a irradiação do sinal sem ruídos, alcance maior e ampliou as ferramentas para a transmissão da programação em dispositivos móveis.

Em relação à equipe, a emissora afirma ter contratado dois profissionais após a troca de espectro, um jornalista e um profissional para as redes sociais. A plástica da rádio também passou por adaptação, com vinhetas mais recentes e trilhas diferenciadas. A diferença mais significativa foi em qualidade do sinal nas cidades do entorno de Caçador. Conforme a gestora, o alcance maior somado a um som mais limpo garantiu um aumento no número de ouvintes da Caçanjurê, muito perceptível em interações com comunicadores da rádio.

Além disso, com qualidade melhor, o valor do comercial cresceu fazendo o faturamento da empresa subir em aproximadamente 20%. Como desafio, na visão da emissora, está um melhor aproveitamento das redes sociais para atingir o espectador que hoje extrapola as ondas radiofônicas. Por fim, a preocupação da rádio do oeste catarinense parece muito mais estética do que de conteúdo ao migrar.

A Super Condá, que já foi Indío Condá, é uma das emissoras mais tradicionais do oeste catarinense. Localizada em Chapecó, migrou recentemente, em abril de 2020. Fundada em 1976, faz parte do Grupo Condá de Comunicação, que conta com mais duas rádios, uma revista e um site de notícias. A programação da rádio, segundo o site do grupo, disponibiliza oito horas diárias de jornalismo, com debates, entrevistas, radiojornais e programas musicais produzidos diariamente.

Antes da migração para a Frequência Modulada, a emissora era sintonizada no 610AM e agora pode ser ouvida no 98.9FM. Também é destaque na emissora a cobertura esportiva, já que a cidade possui o famoso time da Chapecoense, com amplo espaço nos noticiários locais. Todos os dias três programas vão ao ar, com comentaristas e comunicadores da área esportiva. A programação musical aposta no tradicionalismo gaúcho, sertanejo de raiz e MPB, gêneros que já eram explorados em Amplitude Modulada.

Os investimentos da Rádio Condá, que antes do processo de troca no dial chamava-se Índio Condá, foram de aproximadamente R\$ 400 mil. Um fato curioso na troca de espectro é que a empresa seria uma das rádios a migrar para o FM estendido. No entanto, segundo o proprietário Alfredo Lang (2020), a emissora preferiu não arriscar e resolveu diminuir a potência para se enquadrar no dial convencional. “As rádios de grande potência, como a nossa com 70KW, estavam destinadas à faixa auxiliar, ao dial estendido. O que foi a saída então? Foi a gente ir para uma frequência com potência muito menor, estamos com 15 KW agora, ou seja, não aumentamos o nosso alcance como outras emissoras”.

A Condá não mexeu na programação, manteve o quadro de funcionários e pretende entrar com pedido, assim que possível, de aumento na potência ou mesmo mudar para o e-FM em outra oportunidade. “Por questão de isonomia, se liberarem os canais estendidos a gente deveria ter essa opção”, descreve Lang. A Condá deixou a marca “super” de lado ao passar para o FM, como demonstram as logomarcas da empresa no AM e agora em nova frequência.

Figura 12 - Logomarca de antes e depois da migração na Rádio Condá em Chapecó



Um dos pontos destacados pelo gestor da emissora foi o aumento na interação com o ouvinte nestes primeiros meses operando em Frequência Modulada, porém o diretor não descarta que este acréscimo possa ter ocorrido por conta do isolamento social em que as pessoas estão vivendo durante a pandemia de Covid-19, tema que ampliaremos nesta tese.

3.2.4 Rádios Magia e Massa: a região da Grande Florianópolis

A Rádio Magia, no município de São José, na Grande Florianópolis, estreou na Frequência Modulada em 2018. A emissora é uma reformulação da antiga Rádio Jornal A Verdade, fundada por Manoel de Menezes, em 1958, na frequência AM, e que recentemente estava sob o comando do Grupo RIC e somente veiculava músicas antes da troca de banda. Com a mudança de donos, a empresa ganhou nova roupagem, espaço físico totalmente novo e contratou profissionais da área artística e jornalística para a execução dos trabalhos nesta nova fase. Hoje o alcance de sinal, segundo gestores da emissora ouvidos logo após a migração, chega ao sul em Imbituba e ao norte em Itapema. O Grupo MundialMix é quem comanda a Magia, pertencente à família Lohn, também proprietária do Grupo Imperatriz.

Enquanto era Rádio Jornal A Verdade, a sintonia da emissora ficava no 1470AM. Ao migrar, passou a ser 107.3FM. A gerência da emissora preferiu não mencionar os valores investidos para o processo de migração, já que uma nova empresa foi criada, ou seja, a rádio estava somente com transmissões de música e passou a contar com uma nova programação. Ao passar para o FM, a rádio virou notícia nos portais regionais, como apresenta a Figura 13, já que a Jornal A Verdade era uma emissora de seis décadas de existência.

Figura 13 - Ao migrar, a Rádio Jornal A Verdade virou Rádio Magia



Fonte: Caros Ouvintes (2018).

O jornalismo, logo que migrou para a Frequência Modulada em 2018, ficou evidenciado no Programa Café com Notícia, no horário das 7h às 8h, por meio de comentários, manchetes dos jornais, previsão do tempo, condições de trânsito, prestação de serviços, entrevistas, correspondentes de outros municípios e informações estaduais e nacionais. Porém, em 2019 a empresa passou por novas mudanças e agora não produz mais o programa informativo nas manhãs.

Conforme a gestão da rádio (AGUIAR, 2019), a Magia FM participa de eventos, realiza coberturas e acompanha o dia a dia da população com flashes ao longo da programação. O estilo popular aparece na grade no entretenimento, com músicas sertanejas e pop. No final de 2019, a Magia FM resolveu adotar um formato ainda mais eclético na música, com playlist dos segmentos popular, jovem e adulto-contemporâneo.

A Rádio Magia, de São José, é uma das poucas emissoras da Grande Florianópolis que conseguiu migrar para o FM. Isso porque boa parte das rádios da região da capital catarinense aguarda a liberação de canais para o dial estendido. Aproximadamente 30 emissoras em Santa Catarina constituem o lote residual que não possui espaço no dial onde estão situadas, o que significa ampliação no espectro, entre 76 MHz e 107.9 MHz. Nos desafios da emissora está a

disputa por espaço em um dial bastante concorrido em relação ao estilo musical popular que vem fazendo.

A Rádio Guararema, localizada em São José, município pertencente à Grande Florianópolis, foi fundada em 1986 pela família Freitas, proprietária da Rede de Comunicações Eldorado (RCE), dona também de outros canais de rádio e televisão de Santa Catarina. Em 1997, o grupo liderado por Dilor Freitas resolve se desfazer de boa parte das empresas de comunicação e vende a emissora para o empresário, apresentador e ex-deputado catarinense César Souza, também proprietário da Guararema em Brusque 107.7FM e em Blumenau 103.5FM.

Em 2017 as três rádios Guararema aderiram à filiação na Rádio Massa, do empresário Carlos Massa, o Ratinho. Na imagem, o anúncio que apresentava a mudança de marca e identidade da emissora. Dentre os motivos que levaram à mudança de espectro está a possibilidade de aumento na audiência, qualidade de sinal e automatização do sistema de transmissão. “Eu fazia tudo, desde vinhetas, jingles e a programação musical. Então estudamos muito e entendemos que a Massa se encaixava no que a gente gostaria. Foi um ato de coragem fazer uma mudança tão significativa” (SOUZA, 2020).

Figura 14 - Anúncio



Fonte: Acontecendo Aqui (2017).

Em São José, a sintonia que antes ocorria pelo 1230AM passou a ser ouvida na mesma frequência que a cabeça de rede do grupo em Curitiba, no 97,7FM. A mudança na programação da emissora foi brusca, cedendo boa parte da grade para a rede. Na mudança no dial, segundo César Souza (2020), foram investidos aproximadamente R\$ 500 mil na troca de equipamentos e com o projeto técnico.

De uma rádio de música, entretenimento, informação e participação popular (MEDEIROS, 2011), a emissora passou a transmitir o estilo sertanejo da Massa FM. A informação distribuída ao longo dos programas da Guararema AM passou a estar presente em espaços mais escassos, como no programa Microfone Aberto, apresentado das 6h às 8h, com notícias locais e apresentado ora por César Souza, ora pelo filho também comunicador. Nos demais horários, a programação é basicamente musical e em rede. “A gente não é mais aquela rádio que falava o que queria, por exemplo, ‘sumiu o meu cachorro’. O próprio rádio já não é mais assim, ele evoluiu” (SOUZA, 2020).

O espaço para informação esportiva foi outra mudança significativa na Massa FM, de Florianópolis.¹² Enquanto Guararema, a empresa mantinha uma equipe para as transmissões de futebol, mas com a migração para uma rede de rádios o grupo optou por não fazer mais os jogos. A grade musical é automatizada, ou seja, a playlist é construída por meio de dados e informações de cada região. Como desafio para o novo momento da empresa, Souza (2020) entende que a concorrência com rádios do mesmo segmento na Grande Florianópolis seja o maior deles.

3.2.5 Rádios Belos Vales e Pomerode: a região do Vale do Itajaí

A Belos Vales, de Ibirama, localizada no Vale do Itajaí, foi fundada em agosto de 1955 por Evelásio Paulo Vieira e Aldo Benjamim de Macedo, com o nome de Rádio Estadual. Anos depois, em 1989, passou a se chamar Rádio Sentinela Alto Vale. Somente em 2003 a emissora adotou o nome usado atualmente. Com uma programação eclética, contando com entretenimento, informação e prestação de serviço, a rádio catarinense era sintonizada na frequência de 1360AM e após a migração, desde 2016, irradia seu sinal no 89,9FM. Como missão, a emissora se propõe a “proporcionar informação e entretenimento com credibilidade e emoção, comunicando e integrando comunidades”.

A Rádio Belos Vales de Ibirama está entre as primeiras emissoras catarinenses que receberam a autorização para mudar de AM para FM. Foram investidos R\$ 350 mil para a troca de espectro. A programação mudou alguns horários com a justificativa de alcançar um público mais jovem, apostando em uma programação musical popular. No FM, a empresa garantiu melhora na qualidade das transmissões e acesso a novas plataformas, como em

¹² Como já mencionamos, a concessão de transmissão da Rádio Guararema é a cidade de São José. No entanto, a emissora desde que passou a operar em FM se intitula como Massa de Florianópolis. O mesmo ocorreu em Içara, onde a Difusora possui concessão de atividade, porém, divulga-se como Massa Criciúma.

celulares com receptores para Frequência Modulada. A mudança de identidade visual da empresa foi sutil, como mostram as logomarcas (Figura 15), mantendo cores e até o design.

Figura 15 - Rádio Belos Vales mudou pouco em sua identidade visual ao deixar o AM



Fonte: Busca no Google pelas logomarcas da emissora.

Assim como em outras regiões do estado, a Belos Vales contratou novos profissionais visando a uma nova fase do meio. Três novos colaboradores integram a equipe da rádio para as funções de locução, produção musical e gestor de mídias digitais. Dado que corrobora com o cenário nacional, em que 40% das novas FMs optaram por contratar um responsável pelas redes sociais (PRATA; DEL BIANCO, 2018).

A plástica da rádio passou por adaptações, assim como o alcance de sinal. A emissora passou a transmitir para mais municípios do Vale do Itajaí, o que refletiu no conteúdo da Belos Vales, segundo a gestão da empresa (KUFKY, 2009). Além deste reflexo, também informa ter dobrado o faturamento desde que migrou para o novo dial.

Atualmente, a rádio aguarda liberação para aumentar a potência e atingir ainda mais cidades. O horário destinado ao jornalismo é pela manhã, das 7h15 às 8h30. O que chama a atenção no caso da Belos Vales é o espaço dado ao jornalismo, bastante reduzido. A rádio justifica a mudança na busca por um público mais jovem, conectado às redes sociais.

A Rádio Pomerode, no Vale do Itajaí, nasceu em maio de 1984 na frequência de 1580AM, instalada na Rua 15 de Novembro com a Rua Paulo Zimmermann, bem no marco zero da cidade de mesmo nome. Em 1996, segundo o jornalista da emissora Lucas Adriano (2020), a sede da Rádio Pomerode mudou de local, onde se encontram os estúdios até os dias atuais. Posteriormente a rádio conseguiu aumento de potência e passou a operar, ainda em AM, no 1410AM, e desde março de 2017 é ouvida no 95,1FM. Como estratégia, a emissora investiu nas plataformas digitais para ampliar a audiência. Além de campanhas publicitárias para impulsionar a mudança aos meios digitais, a emissora também passou a divulgar com

frequência o app para sintonizar a Pomerode, como mostra (Figura 16) a capa do Facebook da empresa.

Figura 16 - Logo que migrou a Rádio Pomerode investiu nas plataformas digitais



Fonte: Captura de Tela da capa do Facebook da Rádio Pomerode.

Os fundadores foram os empresários Chico Lange, Vollrad Laemmel e Jorge Buettgen, entre outros associados da região (ADRIANO, 2020). Em 2005, Edson Berghahn compra a Pomerode e administra até os dias atuais juntamente com a família. A programação da Rádio Pomerode mudou parcialmente com a migração para o FM, seguindo com a transmissão de música típica alemã, sucessos nacionais, sertanejo e mesmo MPB.

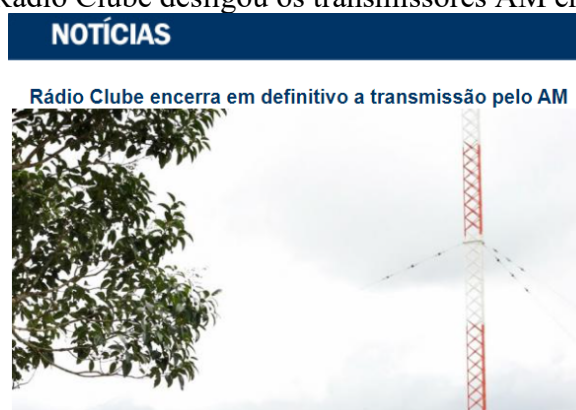
Além do aumento de alcance em nova frequência, a empresa radiofônica contratou um jornalista para ampliar o espaço de informação no dial. Também resolveu investir em redes sociais desde que deixou o espectro em Amplitude Modulada. Como carro-chefe no Jornalismo, o programa Voz da Comunidade, apresentado pelo comunicador Saul de Souza, traz notícias, entrevistas, previsão do tempo e prestação de serviço. O radiofônico vai ao ar de segunda a sábado, a partir das 6h.

Com a mudança de banda, a Pomerode mudou seu slogan para “Orgulho de ser daqui”, valorizando as tradições alemãs. A emissora não citou o valor investido na migração, mas garante que a abrangência mudou bastante, bem como a interação de ouvintes de outras localidades mais distantes. Assim como em entrevistas com outros gestores, a rádio do Vale do Itajaí também confirmou um acréscimo no número de anunciantes com a melhora do sinal de transmissão em FM.

3.2.6 Rádios Clube e Coroado: a região Serrana

A Rádio Clube de Lages, na região serrana catarinense, foi a primeira emissora no estado e a segunda no país a fazer a troca de espectro, conforme a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT, 2018). A Clube é uma das rádios mais antigas de Santa Catarina, começando suas atividades em 1947. Nos dias atuais é comandada pelo empresário Roberto Amaral, do Grupo SCC (Sistema Catarinense de Comunicações) e realizou o processo de migração em junho de 2016, passando a ser sintonizada na frequência de 98,3FM, anteriormente era ouvida no 690AM. Com a troca de banda, manteve boa parte de sua programação do AM, mudando muito mais a plástica, por meio de novas vinhetas e trilhas, do que o conteúdo.

Figura 17 - Rádio Clube desligou os transmissores AM em 2017



A manhã desta segunda-feira (20) ficará marcada na história da Rádio Clube de Lages como o fechamento de mais um ciclo e, após quase 70 anos na sintonia 690 kHz AM, a Rádio passa a ser transmitida somente na frequência 98,3 FM. O início do processo de migração aconteceu há mais de um ano e em agosto do ano passado a programação da Rádio passou a ser transmitida nas duas frequências- AM e FM- até que tudo fosse adequado para o desligamento definitivo da transmissão em AM.

Fonte: Rádio Clube (2017).

Para funcionar em frequência modulada, investiu aproximadamente R\$ 1 milhão na compra de equipamentos, na troca da torre e do transmissor e em mudanças no estúdio. A migração vinha sendo planejada desde 2014. Naquela época, transmitia uma grade generalista, com programas de formatos e conteúdos variados, ainda bastante comuns em emissoras do interior do país e que consolidou a Clube, ao longo de suas mais de sete décadas de existência,

como uma das rádios mais populares do município catarinense e uma das principais fontes de informação da sua comunidade. “Na década de 2000, a diversidade caracteriza a programação da emissora” (ABREU, 2015, p. 9), com música, esporte, jornalismo, programação voltada para a dona-de-casa, abordando saúde, orações, etc.

Observando-se programações e aspectos dos seus tempos pioneiros e de consolidação (NUNES, 2001), em cotejamento com a grade de 2014 do AM e a atual do FM, verifica-se a mesma linha geral que mescla entretenimento e informação. No entretenimento, o destaque é a programação musical, mantendo atualmente a variedade que vai da sertaneja à nativista gaúcha. Na parte informativa, continua a irradiar programas exclusivamente jornalísticos, como noticiosos em formatos clássicos e inclusive jornalismo esportivo, com suas tradicionais jornadas de transmissão de jogos de futebol, e tem forte e consolidada atuação como rádio de serviços e utilidade pública.

Assim, pode-se afirmar que a Rádio Clube conserva, em linhas gerais, a programação informativa que, na concepção da própria emissora, abarca até mesmo o assistencialismo. Também preserva, no FM, o seu slogan histórico “Se a Clube não deu, é porque não aconteceu”, evidenciando que pretende seguir sua autoproclamada atuação informativa e de interação com a audiência da região, em especial o público de Lages, sua cidade-sede.

A expectativa da emissora é alcançar um público mais jovem e das classes A e B, conforme resposta ao questionário realizado. Além do aumento na abrangência geográfica, em relação aos desafios e à sustentabilidade no FM, a rádio também espera alavancar a audiência com o crescimento do uso de multiplataformas pelo público ouvinte. Atualmente, a interação com a emissora acontece via WhatsApp, Twitter, Facebook, Instagram e ainda pelo telefone.

A história da Rádio Coroadó, de Curitiba, na serra catarinense, começou em 1955 por iniciativa de Osni Schwartz e Orozimbo Caetano da Silva. A emissora faz parte da Fundação Frei Rogério, criada pela Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, e conta também com a Rádio Movimento FM, também na região serrana do estado. Somando o alcance das duas emissoras, conforme o site da estação, cerca de 90 municípios recebem o sinal das empresas do grupo.

Com forte ligação com a Igreja Católica, a emissora de Curitiba tem como lema “Quem nasce para servir já nasce grande”, reforçando o caráter religioso da Coroadó. A rádio migrou para o FM em 2017, quando também desligou os transmissores em Amplitude Modulada (Figura 18). Antes, era sintonizada no 1140AM e desde lá passou a emitir suas

ondas em 106.1FM. Para a mudança na banda foi investido um total de R\$ 270 mil na compra de novos equipamentos e com o projeto técnico.

Figura 18 - Rádio Coroadó comunicou no site o fim das transmissões em AM



Fonte: Rádio Coroadó (2017).

A rádio de Curitiba manteve parte da programação ao migrar, por acreditar que a tradição das ondas médias vinha dando certo. A justificativa para a manutenção de parte da grade se dá por conta de o grupo Frei Rogério possuir duas emissoras na mesma cidade. Segundo a direção da empresa (BOHNENBERGER, 2019), a outra estação, a Rádio Movimento FM, tem um perfil mais jovem.

A Coroadó, por isso e por ser da mesma rede, seguiu com uma grade mais informativa e popular. O quadro basicamente seguiu o mesmo, mas um jornalista foi contratado, por conta da intensificação da informação principalmente nas redes sociais. O horário nobre para o radiojornalismo ocorre das 7h às 9h e das 12h às 13 horas, com programas informativos e de prestação de serviços. “Após a migração, criamos uma espécie de boletins informativos, destaques da hora, com notícias nacionais, regionais e locais. Estamos com projeto de ainda ampliar mais uma hora de jornalismo no final do dia” (BOHNENBERGER, 2020).

Assim como em outras rádios de Santa Catarina, a Coroadó também ampliou o alcance desde o início da operação em Frequência Modulada. Conforme a emissora, a potência também aumentou e hoje o sinal chega a um raio de aproximadamente 100 quilômetros. A qualidade do som e o investimento nas mídias digitais foram apontados como as principais

melhorias da emissora, que, garante um de seus gestores, cresceu em audiência desde que se despediu do AM. Em relação aos desafios, a Coroados de Curitiba pretende investir cada vez mais em programas locais, aproximando o ouvinte dos assuntos relevantes da cidade e da região.

4 ADAPTAÇÕES NO RÁDIO INFORMATIVO CATARINENSE NA TROCA DE DIAL

Após a descrição do percurso que fizemos, este capítulo se volta a verificar a programação das emissoras, bem como analisar as entrevistas com profissionais e gestores das rádios trabalhadas para se obter resultados dos reflexos da migração em Santa Catarina. O cruzamento destes dados, embasados em conceitos ampliados sobre a informação radiofônica, permitiu uma análise sobre as adaptações destas emissoras no contexto da migração de *dial*.

Sendo assim, investigou-se e apresenta-se aqui de que forma ocorreram adaptações e continuidades na migração para Frequência Modulada em relação ao espaço dedicado ao jornalismo na grade e seus modelos de programação; ao alcance geográfico das emissoras sob novo *dial* e à adesão às redes musicais de rádio impactando a informação local.

4.1 APRESENTAÇÃO GERAL DE RESULTADOS: NÚMEROS QUANTITATIVOS

Os reflexos da migração do AM-FM em Santa Catarina não têm ocorrido de forma uniforme, ou seja, não se apresentam de forma linear no Estado. Aliás, desde que o processo começou surgiram apontamentos e cenários de mudanças, adaptações e continuidades diferentes em emissoras catarinenses. Foi pensando em contemplar os modelos de um novo FM pós-migração que este estudo buscou compreender as alterações nas programações jornalísticas de rádios catarinenses com olhar para seis mesorregiões.

Porém, antes de chegarmos a este *corpus*, que nos deu certa representatividade para análises dos espaços de radiojornalismo nas programações, levantamos dados quantitativos que nos proporcionaram perceber um horizonte sobre a troca de banda nestas 12 emissoras, duas de cada região do Estado. Assim, apresentamos não de maneira estanque essas mudanças, mas vislumbrando as possibilidades conforme observações, entrevistas e escuta radiofônica.

Os procedimentos empregados para o levantamento de informações se deram dentro de um conjunto de ações sistematizadas, como citamos no capítulo anterior. O fato é que as estratégias das empresas para o enfrentamento da crise do AM variaram, tanto pelo seu caráter regional ou mesmo por conta do perfil de gestão da emissora. Percebeu-se alterações que vão desde a plástica, mudança e/ou manutenção na programação ou à adesão a uma rede nacional/regional de rádio, entre outros.

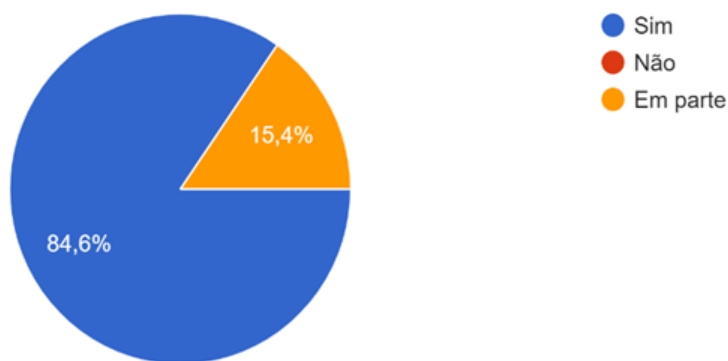
O processo de migração impulsionou emissoras que estavam estagnadas na última década a planejar seu crescimento no FM, ou seja, a troca de banda em alguns casos significou não apenas alternar a frequência, mas preparar e motivar equipe, criar expectativa junto à audiência e sinalizar para o meio publicitário o investimento que se fez nesta renovação. Claro que nesses impactos também observamos o enxugamento de espaços de informação e mesmo cortes de profissionais em algumas empresas.

Os números que levantamos com a pesquisa quantitativa demonstram estes apontamentos e, por isso, resolvemos abrir este capítulo com esses dados gerais. Como dissemos, 29 rádios migradas responderam ao nosso questionário e outras 13 que nos enviaram as respostas aguardam por algum procedimento, seja financeiro, técnico ou jurídico para efetuar a troca no dial.

Debruçamo-nos então no que responderam as rádios que estão em nova frequência e nas questões que entendemos foram fundamentais para a compreensão da migração no meio em Santa Catarina. A abordagem aos entrevistados ocorreu por meio de ligações telefônicas, e-mails, *WhatsApp* e webconferência via plataforma *Microsoft Teams*, já que boa parte delas ocorreu durante a pandemia de Covid-19.

Mais de 80% das rádios catarinenses pesquisadas nesta tese avaliaram como positiva a migração para o FM. Sendo que, das emissoras que responderam a esta pergunta, nenhuma delas sinalizou descontentamento com a de mudança de banda. Os outros 20% disseram que o processo foi parcialmente bom. Apontamentos que já vínhamos demonstrando em estudos anteriores e apresentados em eventos da área, quando afirmamos que a expectativa, com a migração, era aumentar o faturamento com a melhora na qualidade do som, atraindo assim novos anunciantes (ZUCULOTO; FARIAS, 2019). Essa visão otimista dos radiodifusores para o contexto da migração, ratificada no aumento da venda de anúncios pelas empresas radiofônicas, é demonstrada em gráfico na sequência, quando os donos de rádios responderam a avaliação em relação à migração.

Figura 19 - As expectativas foram atendidas ou não com a Migração AM-FM



Fonte: Dados da Pesquisa.

A coleta desenvolvida para a observação com as emissoras buscou reconhecer vantagens e desvantagens do procedimento e serviu como um guia para elencar as demais categorias de análise da tese, apresentadas detalhadamente posteriormente, como o alcance, a programação informativa, as redes musicais e os reflexos da Pandemia na Migração. Frisamos que este é um cenário de contexto a partir do que pensam os empresários do setor e não propriamente a audiência, já que precisaríamos de um outro modelo de estudo de recepção, o que não faz parte dos objetivos desta pesquisa, mas entendemos possa sugerir análises futuras.

Destas rádios que responderam à pesquisa chama a atenção o planejamento das empresas em relação às redes sociais, em que quase 90% delas afirmaram que pretendem investir nesta área. A expansão para outras plataformas é uma expectativa das emissoras analisadas desde o início do processo de migração para o FM, quando mudar era ainda um projeto dos donos de rádios. O investimento em tecnologias móveis, na exploração das redes sociais e até mesmo na produção de conteúdo para mídias digitais revela que o olhar para as novas audiências tem buscado extrapolar os usos instrumentais.

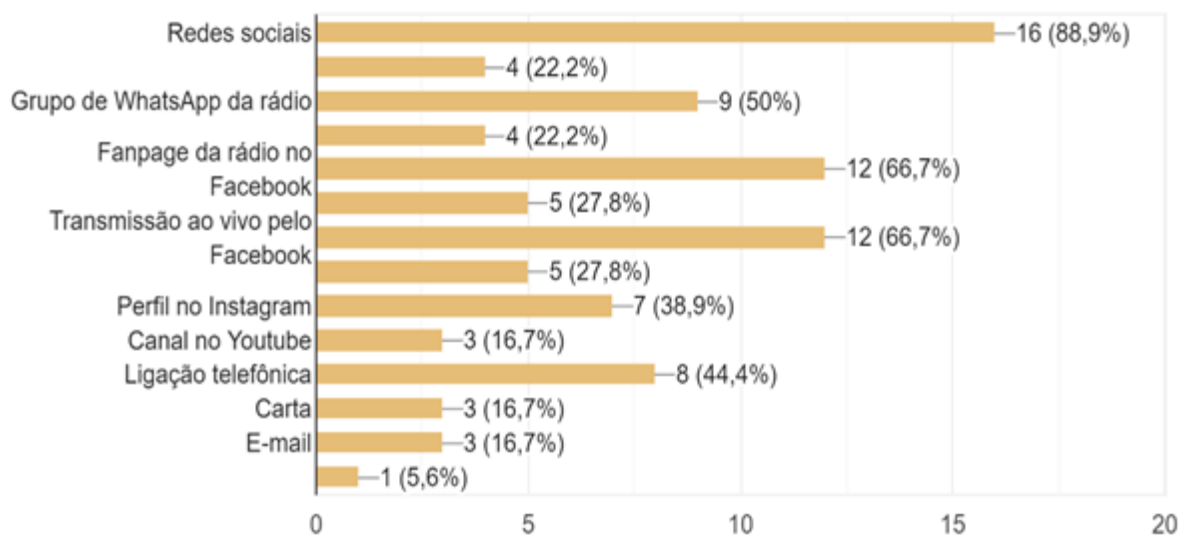
A ampliação das equipes, o investimento em remodelagens plásticas e a ocupação de espaços característicos do rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2016) são alguns direcionamentos elencados pelos empresários do setor. O que demonstra que a convergência tecnológica foi tomando a centralidade das estratégias mercadológicas no momento recente. “A expectativa é que o rádio AM na nova frequência possa impulsionar a audiência especialmente pelo smartphone. Por essa razão, pequenos e médios empreendedores têm investido nas plataformas multimídia para chegar aos mais variados públicos segmentados” (LOPEZ et al., 2018, p. 5).

Quando questionados sobre contratações, a escolha por um produtor de conteúdo digital foi a opção mais selecionada entre os gestores ouvidos, como representa o Figura 20, extraído

da pesquisa quantitativa. Produção esta diretamente ligada a estes avanços tecnológicos, interferindo de maneira decisiva no conteúdo radiofônico convergente, como também afetando a rotina profissional de jornalistas, que agora possuem novas demandas com novas ferramentas multiplataformas.

Essa diversidade potencializa, em relação ao conteúdo, a segmentação e a diversificação. Mas não se restringe a isso. Ela explora o engajamento – característico do rádio e de seus públicos e potencializado pelas mídias digitais e pelo espalhamento que elas proporcionam – para ocupar novos espaços, para acessar novos conteúdos, para ampliar a fidelização (LOPEZ, 2016, p. 11).

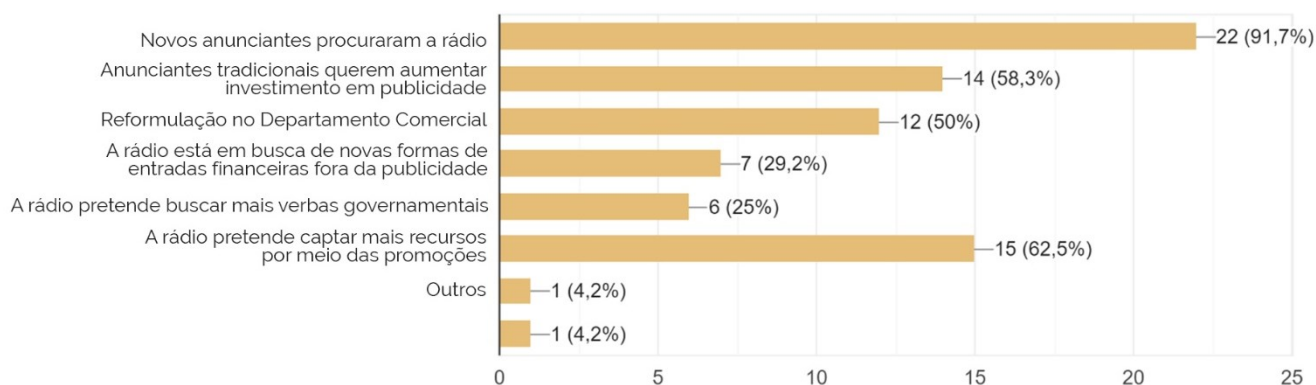
Figura 20 - Ampliação dos canais de interação com a audiência



Fonte: Dados da Pesquisa.

Quanto à possibilidade de melhorias no faturamento destas empresas ouvidas, 91,7% dos radiodifusores ouvidos acreditam que a migração vai representar crescimento por meio de anúncios, como apresentado na Figura 21. Na visão dos entrevistados, a procura de anunciantes pela mídia em rádio já está acontecendo desde que a mudança no dial começou em Santa Catarina, como mostra o gráfico. A afirmação é um dos indicadores que sustentam o aumento de receita.

Figura 21 - Indicadores que sustentam a expectativa de aumento do faturamento

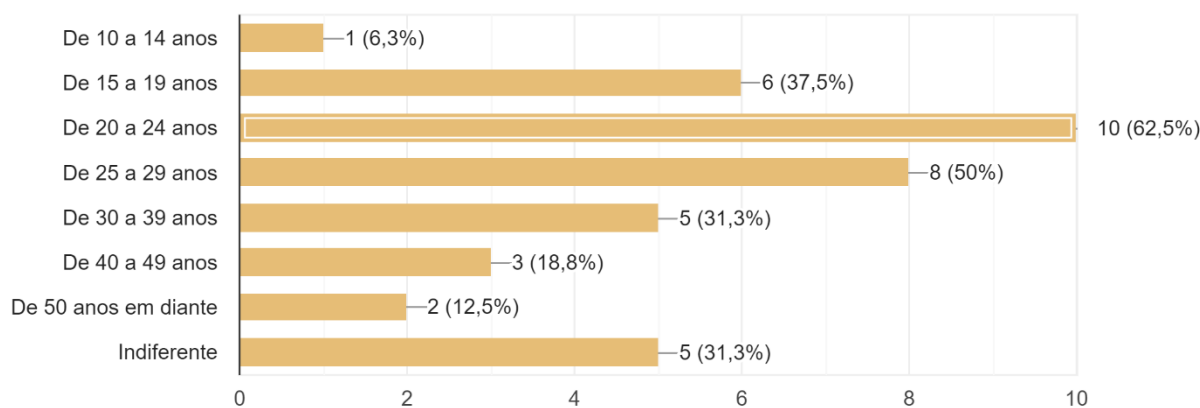


Fonte: Dados da Pesquisa.

A maioria dos gestores, 62,5% dos ouvidos, percebe a migração como um horizonte na busca pelo rejuvenescimento das audiências em um ambiente de convergência (Fig. 22). De acordo com Lopez (2016, p. 1), “um dos grandes desafios do rádio é rejuvenescer sua audiência, compreendendo sua configuração e de que maneira ela se reflete no conteúdo do rádio e em seu consumo”. Nota-se pelo gráfico que a faixa etária de maior foco na captação de ouvintes, na visão dos gestores catarinenses entrevistados, está entre jovens de 20 a 24 anos. Porém, as faixas até 40 anos também fazem parte do alvo dos donos de rádio na conquista de novos públicos.

Esse “ar jovial” que dizem perseguir é uma característica conquistada desde o surgimento das emissoras em Frequência Modulada. À época, as FMs tinham como alvo de audiência um público jovem ligado no rock transmitido, nos anos 70 e 80, em rádios alternativas inspiradas nos modelos norte-americanos, onde os comunicadores utilizavam uma linguagem “descolada” e, por vezes, bem-humorada e voltada ao entretenimento (FERRARETTO, 2014). Este tema ampliaremos ainda neste capítulo.

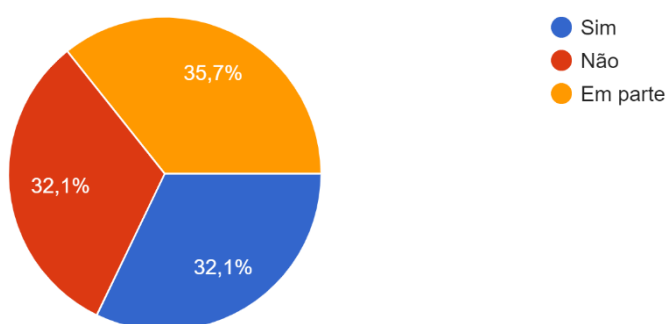
Figura 22 - Expectativa de atração de novos públicos por idade



Fonte: Dados da Pesquisa.

Como mencionamos, as adaptações da migração nas rádios migradas não vêm ocorrendo de maneira linear. No gráfico seguinte, nota-se que a mudança na programação não foi consenso entre os empresários, já que parte deles mudou pouco ou quase nada suas grades. Inclusive, pela Figura 23, a opinião dos proprietários se dividiu bastante, com mais de 30% para cada opção. Ou seja, alguns deles mexeram somente na plástica da emissora, reforçando até um certo conservadorismo do AM, como afirmou um dos gestores: “Somos uma rádio de interior, não podemos modificar bruscamente a nossa programação. Temos ouvintes fiéis há mais de 50 anos”.

Figura 23 - Mudanças na grade de programação com a migração AM-FM



Fonte: Dados da Pesquisa.

Dentre as justificativas das respostas, os entrevistados apontaram a manutenção da programação por diversos fatores, como o fato de serem interioranas e, por isso, deveriam continuar com o mesmo formato. “Nós temos uma parcela alta de ouvintes, pesquisas mostram isso na região, então não seria conveniente arriscar”, disse um dos radiodifusores. Outro

descreveu que a “identidade do AM precisava ser mantida em nova frequência para continuar com uma audiência consolidada há mais de sete décadas”. Um deles foi mais taxativo: “Tínhamos um universo de ouvintes consolidados e abrangentes nas Ondas Médias, por isso somente acionamos um equipamento operando no que existia”, observou.

Em nossas reflexões durante o desenvolvimento da pesquisa, já apresentávamos este conservadorismo de empresários que vinham tratando um dos maiores fenômenos contemporâneos do meio como mera adequação de modulação. Não apostaram ao longo do processo, por exemplo, no planejamento quanto a uma possível programação mais atual e totalmente adequada à identificada potencialização para ampliação do espaço jornalístico, sobretudo para a prática do jornalismo local/regional, como discutiremos na sequência.

Assim, na era em que tudo está disponível o tempo todo, a falta de novidade relega o rádio ao passado. [...] a forma como observamos o rádio atualmente – a instituição social radiofônica – são as estratégias e práticas discursivas oriundas dos conceitos cristalizados sobre o papel do rádio nas décadas de 1960 e 1970 (GAMBARO, 2019, p. 111).

Essa falta de criatividade acaba por reforçar essa lacuna no setor, como disse Cebrián Herreros (2008, p. 339), ao afirmar que a velocidade informativa enfraquece a possibilidade de pensar programas inovadores, já que, todos os dias, novos temas são tratados e algumas renovações incorporadas, “mas não se pode insistir nelas porque, no minuto seguinte, surge como de um só golpe, outro fato informativo. São programações que se debatem entre a continuidade radiofônica e a cobertura acelerada da atualidade”.

Desse modo, pelas palavras do autor, o novo na programação informativa perdeu espaço para fórmulas consagradas, de bom retorno financeiro para as empresas e de público, e estagnou por aí. Se há algum espaço para a criatividade, no rádio, é nos programas especiais e nas reportagens, embora o gênero seja cada vez mais esporádico no meio que vem atuando com redações cada vez menores, mais enxutas.

Para além das reportagens, os podcasts, principalmente produzidos de forma independente ou por grandes veículos, também têm se apresentado como propostas diferenciadas de produções informativas. Aqui, destacamos, principalmente, os que vêm trabalhando com profundidade de reflexão em determinadas pautas, entrevistas com mais pluralidade de fontes e mesmo debates em que a diversidade possui mais espaço que nos meios tradicionais.

Não pretendemos ampliar a temática dos podcasts nesta tese, mas se faz necessário pontuar que o formato tem sido pouco explorado pelas emissoras de rádio do interior do país.

Alguns grandes veículos já se atentaram para o potencial uso do podcast, mas as emissoras de rádio ainda precisam evoluir neste aspecto. É preciso pensar nestes formatos como alternativa, por exemplo, para atração da audiência jovem, tão desejada pelo setor em geral.

Nas seções posteriores deste capítulo, tratamos as categorias de análise que apareceram com mais evidência nas 12 emissoras migradas em Santa Catarina e que integram o *corpus* desta tese, como o alcance no FM; a adesão a redes de rádios; as transformações e continuidades na programação informativa; as tendências futuras na visão dos radiodifusores e os impactos no setor por conta da pandemia.

4.2 ALCANCE E CONTEÚDO MAIS AMPLOS NO FM

Ao iniciarmos os estudos sobre a migração do AM-FM trabalhávamos com a possibilidade de esbarrar em um problema antigo das transmissões eletromagnéticas no rádio, o seu alcance. Nossas primeiras verificações sinalizavam para uma perda na transmissão do sinal em FM, justificada pelo formato da onda de propagação, ou seja, como o AM acompanha a curvatura da terra, “fica sujeito a grandes quantidades de interferências e ruídos de estática em meio à quantidade de reflexões sofridas, já o FM se propaga em linha reta do transmissor ao receptor. Por isso, possui melhor qualidade sonora e menor alcance” (CURADO, 2015, p. 63).

Essa perda de sinal/alcance em FM até pode ser problema em algumas localidades específicas no país, como apontou Medeiros (2020), em artigo publicado sobre *a Função Social do Rádio Local na Migração do AM-FM*. O estudo é parte de uma pesquisa maior realizada em 2018 com ouvintes da Rádio Itatiaia, de Ouro Preto, Minas Gerais. O autor, orientado pela professora doutora Nair Prata, aponta que no caso do município mineiro alguns distritos ficaram sem o sinal da Itatiaia após deixarem o AM. No entanto, a realidade não é a mesma das rádios catarinenses que migraram para a Frequência Modulada desde 2016.

Análises anteriores nossas já apontavam para um ganho significativo de alcance geográfico das emissoras migradas. Todas as entrevistadas melhoraram o sinal irradiado, em regiões antes nem alcançadas. O fato foi constatado em cada entrevista realizada com gestores das rádios que agora estão em FM, bem como na fala do engenheiro da Associação Catarinense de Emissoras de Rádio e Televisão, a ACAERT, Luiz Rosa dos Reis (2019). Ele explicou em entrevista que, mesmo com potências reduzidas comparadas ao AM que tinham anteriormente, o sinal das FMs atuais alcança grandes distâncias por não sofrer interferências

eletromagnéticas. O profissional explicou ainda sobre a viabilidade de troca de banda às rádios que precisarão do FM estendido.

Assim como não foi possível garantir canais para todas as emissoras de Ondas Médias no dial convencional, também não foi possível garantir que as FMs tivessem a mesma cobertura que as atuais Ondas Médias. Isso significaria conceder níveis de potência para as FMs que faria com que menos frequências pudessem ser viabilizadas na atual faixa do FM. Ou seja, quanto maior o nível de potência irradiada, menos canais eu consigo colocar na faixa atual. Porém, as emissoras preferiram migrar mesmo tendo uma menor cobertura, porque embora as AMs cobrissem distâncias maiores era com muito ruído, garantindo uma área livre de interferências (REIS, 2019).

A declaração do engenheiro da ACAERT vai ao encontro do que disse o diretor-proprietário da Rádio Condá, de Chapecó, Alfredo Lang. Conforme o empresário, a emissora chapecoense optou por reduzir a potência como forma de evitar a migração para o dial estendido. Lang (2020) explica que a emissora tinha no AM capacidade para operar com 70KW, mas escolheu lançar sua versão em FM com potência bem menor e passou a operar em novo espectro ainda em 2020. Migrada desde abril deste ano, a Condá FM possui atualmente 15KW, mas não perdeu em alcance o sinal.

Somos do lote residual que iria operar no estendido, pois as emissoras de grande potência estavam destinadas a faixa auxiliar, ao dial estendido. A gente tinha direito de uma potência muito maior, mas o lobby de outros segmentos não permitiu que algumas faixas fossem liberadas, por isso optamos pela redução no FM (LANG, 2020).

A liberação citada pelo diretor da Condá diz respeito aos canais de televisão que serão liberados para o e-FM, o chamado dial estendido. Algumas emissoras estão realmente com o processo migratório parado pela falta de canal na faixa estendida que só será viabilizado com o desligamento do sinal analógico da TV no Brasil, como veremos a seguir. Conforme o engenheiro da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT), André Cintra (2020), em Santa Catarina são 38 emissoras aguardando a liberação, cinco delas somente em Florianópolis. “A gente está na dependência deste procedimento e, para se ter uma ideia da importância, em um canal de TV cabem 30 canais de FM” (CINTRA, 2020).

Ainda sobre o alcance na Condá de Chapecó, Lang (2020) destaca que o fato de a potência ter sido reduzida, de 70KW para 15KW, não significou silenciamento de regiões mais distantes de Chapecó. Conforme o diretor, mesmo em localidades onde o sinal era imprescindível para a comunicação, como nas áreas rurais da região oeste catarinense, a emissora garantiu a cobertura. “Alguns comunicados de indústrias daqui da região eram feitos

somente pelo rádio e, segundo a gente tem informações, nestes primeiros meses de migração isso não ficou comprometido. Além disso, fortalecemos nossas mídias sociais para alguns recados”, disse Lang em maio de 2020.

A Rádio Marconi, de Urussanga, no Sul do Estado, é outro exemplo de melhora no alcance do sinal em outras localidades. Em virtude da abrangência ampliada para municípios com quase 100 quilômetros de distância da cidade de concessão, o conteúdo jornalístico sofreu alterações. “Mudamos um pouco o pensamento de rádio local para uma rádio de conteúdo mais regional, buscando assuntos relevantes a um público maior”, disse o gestor entrevistado (NICLELE, 2019), afirmando que assuntos de cidades vizinhas passaram a ser divulgados na programação da Marconi.

Pode-se considerar essa mudança principalmente como tendência de se reforçar uma das características marcantes do rádio, o de ser um meio ancorado na informação do entorno, permitindo um território de pertença e de identidade em dadas localidades (PERUZZO; VOLPATO, 2009). A emissora já detectou essa potencialidade e, por isso, ampliou a cobertura jornalística de proximidade, o que, pelo seu gestor, é como a busca de uma rádio mais ligada à comunidade. A afirmação é evidenciada, por exemplo, em relação às notícias sobre Criciúma e Tubarão, municípios que se distanciam de Urussanga territorialmente, mas que passaram a ser atingidos pelo sinal da emissora, agora fazendo parte dos espaços de informação da Rádio Fundação Marconi no sul catarinense.

Nesse sentido, observamos também por meio de escuta radiofônica a programação jornalística da rádio do sul do Estado e percebemos uma atenção a pautas jornalísticas de cidades que saem dos assuntos somente sobre Urussanga. Podemos citar como exemplo entrevista realizada no mês de julho de 2020, com o prefeito de Tubarão Joarez Ponticelli, sobre as ações restritivas no município por conta da pandemia de Covid-19, tema que ampliaremos a seguir quando discutirmos a pandemia.

Além disso, também ouvimos ao longo da semana mencionada o infectologista Rogério Sobroza, coordenador da comissão de controle de infecção do Hospital Nossa Senhora da Conceição, também de Tubarão. A escolha por fontes de fora do município demonstra essa ampliação da abrangência da informação jornalística da Marconi em relação a assuntos de outras localidades. Antes da migração para o FM, a estação costumava tratar de temáticas relacionadas a cidades de Morro da Fumaça e Cocal do Sul, localizadas a poucos quilômetros da sede da emissora. Dessa forma, compreendemos essa proximidade regional a partir de Castells (2001) como algo comum à maioria das sociedades tradicionais que percebem seu espaço com base no lugar em que vivem.

A tradicional Rádio Clube de Lages, primeira estação a passar para o FM no Estado, também sentiu esse aumento no alcance geográfico, o que refletiu regionalmente na programação da emissora. Logo no primeiro ano em nova frequência, além do crescimento do faturamento que chegou a 20% na época, a direção da emissora também constatou melhora no sinal em municípios em que o AM já não mais cobria. “Estamos pegando bem em Campos Novos, onde antes a gente não chegava” (AMARAL, 2017). O município situa-se a 100 quilômetros de Lages, sede da Rádio Clube.

Em Jaraguá do Sul, a segunda emissora de Santa Catarina a migrar ainda em 2016, a Rádio Brasil Novo também ampliou o foco de cobertura na grade de programação. Anderson Gonçalves, responsável pelo setor comercial da empresa, acompanhou todo o processo de migração da rádio jaraguaense. Para o também comunicador, migrar significou ganhos nos mais variados aspectos, do faturamento ao alcance. “Mudamos, mudando. A migração é o rádio saindo da UTI. Hoje chegamos onde não chegávamos, como em Joinville e Blumenau” (GONÇALVES, 2017).

Na Rádio Caçanjurê, no oeste catarinense, das poucas alterações após a migração, a emissora ampliou o espaço informativo dedicado à sua região de abrangência. O objetivo, conforme a gestão, foi levar informação aonde a Caçanjurê antes não tinha audiência (CAREGNATO, 2019). A emissora integra um grupo regional de comunicação e por isso optou por fazer poucas mudanças na grade, mantendo um estilo de rádio mais falado.

Após a mudança de banda, a Pomerode trocou seu slogan, valorizando as tradições alemãs, e passou a utilizar a frase destacando o entorno e a proximidade, com os dizeres “Orgulho de ser daqui”. A gestão da emissora garante que o alcance mudou, bem como a interação de ouvintes de localidades mais distantes. Assim como em entrevistas com outros profissionais, a rádio do Vale do Itajaí também confirmou um acréscimo no número de anunciantes com a melhora do sinal de transmissão em FM. Dessa forma, a empresa começou a fazer coberturas externas com maior frequência, como eventos realizados nos clubes de tiro de outros municípios do entorno de Pomerode, o que não acontecia no AM.

Dito isso, fica evidente que a ampliação do alcance tem reconfigurado as grades que, anteriormente, não contemplavam, em termos de conteúdo, algumas cidades próximas. A melhora no sinal de rádios catarinenses fortaleceu, principalmente, novas possibilidades comerciais para o setor, perceptível nas falas otimistas dos gestores ouvidos por este estudo. É evidente que precisaríamos de estudos de recepção para a comprovação deste alcance, porém entendemos que a visão dos empresários também é um indicador importante neste cenário.

Assim, chegando o sinal em FM mais longe, é possível, por ser o comércio local um segmento forte para a publicidade das rádios principalmente do interior catarinense, abrir caminho para novos anunciantes, tão desejados pelos radiodifusores que apontaram a queda de anúncios como um dos principais motivos da migração do AM (CURADO, 2016). Em contrapartida, para os radiodifusores, a disputa pelo mercado publicitário ficou ainda mais intensa, como mencionou o gestor da rádio Coroadó, de Curitiba, que também sentiu melhora significativa no seu alcance de sinal.

A concorrência está muito maior. Na nossa região, por exemplo, a maioria dos empresários tinha uma AM que não chegava aqui em Curitiba. Agora elas chegam, todo mundo está alcançando mais. Claro, a gente também está mais longe, ou seja, aumentou a concorrência pela audiência para todo mundo (BOHNENBERGER, 2020).

Este alcance maior conquistado em FM foi explicado pelo engenheiro Eduardo Cappia, ao site TUDO RÁDIO, como um plus no processo de migração do AM.

A sensibilidade dos receptores de AM é em média de 150 uV/m, atuando numa faixa abatida pelo ruído elétrico. A sensibilidade média dos receptores FM, principalmente dos automotivos, é entre 7 e 10 uV/m. Isso facilita a recepção em FM. Outro aspecto fundamental é a questão do relevo, já que as emissoras FMs, fundamentadas em um bom projeto técnico e estudo de avaliação de locais de instalação, tem se conseguido um bom rendimento (CAPPIA, 2017, *online*).

Sendo assim, em relação ao alcance de sinal, as rádios de Santa Catarina têm registrado resultados bastante positivos, que refletiram no conteúdo de muitas empresas radiofônicas. Este fato corrobora para essa (re) conformação de informação em cidades antes não cobertas pelas ondas em Amplitude Modulada.

4.3 TRANSFORMAÇÕES E CONTINUIDADES NA PROGRAMAÇÃO DAS RÁDIOS MIGRADAS

O momento atual da radiodifusão que estamos vivendo por conta da migração do AM-FM vem muito impulsionado pela qualidade sonora, mais até do que por novidades significativas no espectro. Em Santa Catarina, como dissemos, as mudanças não têm sido lineares, tendo em vista as emissoras analisadas, algumas estão operando com alterações na programação, outras simplesmente transferiram o dial. O que se vê pelo Estado são estratégias variadas, como por exemplo seguindo modelos de uma grade eclética (MORGADO; CRUZ,

2017) de rádio, ou somente musical, podendo chamá-las de versáteis, seja no entretenimento e/ou na informação.

Olhando para as adaptações das emissoras que fazem parte deste trabalho, ilustramos a ampliação do espaço de notícia no meio, cruzando os dados com o que vem ocorrendo nestas empresas. A Rádio Marconi, de Urussanga, tradicional na região sul do Estado, marcou sua trajetória fazendo um rádio generalista, mesclando música, entretenimento e informação em sua história de mais de sete décadas. Desde que migrou para o FM, a emissora administrada pela Igreja Católica aumentou os programas destinados ao jornalismo e ao esporte, sustentando um formato de programação voltado à atualidade, como descrito por Cebrian-Herreros (2008).

Para se ter uma ideia, antes da troca de banda, das 16h às 18h, a emissora transmitia música sertaneja e moda de viola no Programa *Raízes do Campo*. Agora migrada, a Marconi, no Sul do Estado, tem levado aos ouvintes mais de radiojornalismo, com o *Giro Final*, radiofônico com uma hora de jornalismo local/regional. Pautas sobre a região, produzidas por comunicadores e jornalistas, fazem do programa um jornal sobre os últimos acontecimentos do dia. A empresa também optou por diminuir espaços destinados à programação religiosa, com a extinção da transmissão da missa ao final do dia. “Procuramos inserir mais jornalismo e futebol”, declarou o gerente geral, André Niclele (2019).

A inserção de mais espaços do rádio informativo demonstra um olhar da emissora para o papel do rádio local para a comunidade, focando sua programação em informações da sua cidade e localidades próximas, bem como de seu estado e região (ZUCULOTO, 2012). A ideia, segundo o gestor de conteúdo da Marconi, foi cobrir informações de comunidades próximas do município de origem. Na imagem, mostramos a apresentação do Mídia Kit da empresa, material também utilizado pelo departamento comercial e disponível no site, sobre o programa que passou a fazer parte da grade depois da migração. Na descrição do banner, o radiofônico se intitula dinâmico, reforçando uma das principais características do rádio desde suas origens (LOPEZ; QUADROS, 2015).

Figura 24 - Programa Giro Final passou a fazer parte da programação após a migração para o FM



Fonte: Mídia Kit da Rádio Marconi.

Quem ouve a 99.9FM percebe outra emissora em relação à plástica, com trilhas atualizadas e vinhetas ao estilo musical jovem da Frequência Modulada. Na parte da manhã, a prestação de serviços ganhou mais força, com reportagem externa pelas ruas da cidade, o que era bem mais escasso antes da migração para o FM. Informações da ronda policial se fazem presente na nova grade da rádio urussanguense. Outro ponto a ser destacado foi a troca do estilo musical da Marconi. A principal mudança foi a saída do programa *Chora Viola*, no período da noite, para a entrada do *Clássicas da Marconi*, com uma playlist voltada à MPB, Internacionais e Pop.

A Marconi foi mais uma das empresas que optaram por reforçar o rádio informativo pós-migração de banda, mas mantendo um formato de grade eclética, que nem é só música nem só informação. Ou seja, observa-se um rádio que mescla e aposta num formato que Ferraretto (2014, p. 70) chamou de mosaico, por entender que este modelo abrange outros gêneros, com a presença de programas variados. A estratégia por trás dessa mudança está em almejar uma audiência diversificada e mais ampla, ao estilo do formato generalista. Além de ser sustentavelmente mais econômica para a empresa, já que produzir jornalismo, sabe-se, custa caro.

Transmitindo em Frequência Modulada desde 2016, a Rádio Brasil Novo de Jaraguá do Sul também alterou a programação pensando em alargar o jornalismo na grade. Em julho de 2020, a emissora do norte do Estado intensificou ainda mais o espaço de informação com

a criação do Programa *Radar 94,3*, contando com a apresentação de três comunicadores (Figura 25) e reportagem externa. Além desse horário, a grade ainda contempla o *Plantão do Meio Dia*, com notícias regionais das 12h às 13h. Nesses horários, antes da ampliação da informação radiofônica, a emissora dedicava a programação a espaços de entretenimento e música.

Figura 25 - Estreia do novo jornalístico na programação da RBN, lançado em julho de 2020



Fonte: Facebook da Rádio RBN de Jaraguá do Sul.

Conforme o gerente da emissora, Emerson Alexandre Gonçalves (2020), a RBN mexeu na programação mesmo depois de migrar. Essas alterações citadas, segundo o gestor, foram realizadas em 2020, sendo que a empresa efetivou a troca de espectro ainda em 2016. Na sua avaliação, a ideia foi ampliar os espaços de informação na grade da emissora do norte do Estado. “Optamos neste momento por um rádio mais falado” (GONÇALVES, 2020).

Ao declarar essa ampliação, o apresentador da Rádio RBN de Jaraguá do Sul utiliza o termo também utilizado por Kaplún (1978), “falado”, ao descrever o gênero informativo, também chamado de atualidade por Cebrian-Herreros (2008), ou mesmo por jornalístico, como apontava Barbosa Filho (2009). A intenção foi produzir conteúdo relevante como forma de se diferenciar dos concorrentes, agora muito mais presentes em um mesmo *dial*.

Mesmo aumentando o espaço da informação, a Rádio Brasil Novo dedica boa parte do seu conteúdo ao estilo musical sertanejo popular, como muitas das emissoras migradas também optaram pelo gênero. Para dar espaço a este estilo pop, alguns conteúdos da grade foram extintos, como no caso do programa sobre cultura alemã veiculado aos finais de

semana. No entendimento da gerência de conteúdo da emissora, o objetivo foi modernizar a programação ainda em 2016.

Observamos que a retirada de espaços tradicionalistas locais e regionais já vinha ocorrendo nas empresas radiofônicas ainda em Amplitude Modulada e não por consequência da migração para o FM, mas problematizamos como perda de lugares importantes de discussões sobre temáticas culturais e de pertencimento da comunidade.

Em Curitiba, na região serrana de Santa Catarina, a Rádio Coroado também apresentou alargamento da informação radiofônica. O programa destinado às notícias da cidade e região no início do dia, o *Jornal da Manhã*, ganhou mais tempo na grade. Antes da mudança para o FM, o radiofônico tinha apenas 30 minutos de duração. Ao deixar o AM, o matinal passou a ter 50 minutos. Outra aposta da emissora para ampliar o jornalismo foi a criação de noticiários rápidos, informativos de hora em hora, com a síntese dos últimos acontecimentos na região que antes não ocorriam.

Em entrevista para esta pesquisa, o coordenador de programação Claiton Bohnenberger (2020) explicou que a emissora pretende transmitir um programa novo, ao final do dia, também com informações locais, com intuito de ampliar ainda mais a grade informativa. A previsão era colocá-lo no ar em 2020, mas a pandemia do novo coronavírus atrasou alguns dos projetos da empresa, entre eles a estreia desse novo espaço de informação no rádio.

Destacamos também entre mudanças e continuidades nas emissoras catarinenses no processo de migração as transformações quanto à necessidade de rejuvenescimento do meio. Essa jovialidade apontada como algo inerente ao FM, característica ressaltada por Ferraretto (2001), vem sendo observada sobretudo na plástica das rádios migradas, com a produção de vinhetagem musicalizada e descontraída.

Todas as emissoras ouvidas focalizaram investimentos na plástica. A troca de trilhas também apareceu como importante para os gestores de emissoras ouvidas. Na RBN, no norte do Estado, a jornada esportiva sempre iniciou com músicas das consagradas bandas americanas, tradicionais em transmissões de futebol. Agora, em FM, a RBN resolveu apostar em músicas eletrônicas, justificando que o meio em Frequência Modulada teria este público mais jovem.

Nesse aspecto, vale destacar que no entendimento dos gestores de rádio o rejuvenescimento da audiência é visto como sinônimo de descontração na locução, a troca do gênero musical com predileção para o estilo pop e a modernização de vinhetas. Entendemos que também passa por estas questões, mas não somente por elas, e sim por investimento em

conteúdos multiplataforma, o que Lopez (2009, p. 226) chamou de um rádio hipermidiático, “que vai além da transmissão em antena, ampliando a produção através da internet, sua raiz no conteúdo sonoro”. Também alertamos para a visão de programação jovem relacionada à música e não à informação, o que entendemos como um problema a ser superado pelas empresas radiofônicas que buscam aumentar o número de ouvintes na faixa dos 20 anos em diante.

Estas observações demonstram que o momento atual da radiodifusão parece ainda muito impulsionado pela qualidade sonora, mas ainda com poucas novidades no espectro, tendo em vista que boa parte das emissoras analisadas, algumas até agora, operaram com poucas mudanças na programação, sobretudo no que diz respeito ao jornalismo. O que comprova uma certa falta de vanguardismo das AMs, ponto que já vínhamos discutindo em análises anteriores.

Na justificativa dos radiodifusores está a permanência da programação para não perder audiência tradicional, ao mesmo tempo em que apontam a intenção de fazer mudanças para atrair outros ouvintes. Na nossa avaliação, esse equilíbrio entre o musical e o informativo é a justificativa para essas emissoras manterem-se fiéis ao público do AM que concede a base da audiência. A ideia é consolidar a programação de jornalismo, com informação de serviço e de interesse público, e buscar formatos que possam atrair essa audiência mais jovem (LOPEZ et al., 2019).

O horário noturno, que havia perdido espaço para a audiência da televisão nos últimos anos, foi outro ponto de transformação na migração para o FM em algumas emissoras. O diretor do Grupo SCC de Comunicação, Roberto Amaral (2017), detalhou que algumas das alterações na Rádio Clube se deram no período noturno. Desde a migração para o FM, programas da noite passaram a contar com um locutor até as 23h, buscando uma maior interação com o público, fato que constatamos em algumas das rádios ouvidas.

Antes, o espaço era utilizado somente com músicas sem a presença de um comunicador no estúdio. Entretanto, pode-se considerar esta uma mudança na programação, principalmente como tendência para incrementar a informativa/jornalística, já que o funcionamento ao vivo de uma emissora permite maior agilidade e prática do jornalismo. Outras rádios investiram no horário e não integram este *corpus*, mas participaram de estudos anteriores, como a Verde Vale de Braço do Norte e a Cruz de Malta, em Lauro Müller, o que demonstra uma tendência a ser explorada.

O formato de programação generalista tem se evidenciado com a migração do AM-FM. Esse tipo de programação que chamamos de versátil ou eclética aparece em outras

emissoras que passaram a operar em Frequência Modulada em Santa Catarina. A Magia, de São José, na Grande Florianópolis, apostou nesse formato. Logo que migrou, em 2018, a emissora pertencente ao Grupo Imperatriz resolveu apostar no musical popular com alguns espaços de informação.

No entendimento da gestão da época, a rádio ampliou o espaço de informação radiofônica, já que meses antes a empresa só transmitia canções, sem nem contar com comunicadores. Porém, cabe ressaltar que a Magia era a antiga Rádio Jornal A Verdade, que nos seis meses antes do lançamento em FM estava veiculando somente música na programação. Dessa forma, sim, a emissora ampliou o gênero informativo¹³.

O estilo que apontamos como versátil vem se ampliando no processo de migração do AM-FM em Santa Catarina. Fato evidenciado, principalmente, como um posicionamento de mercado bancado por rádios que pertencem a grupos regionais de comunicação, ou mesmo detentores de empresas menores, porém proprietárias de mais de uma estação. Assim, o que percebemos foi que se uma das emissoras é voltada ao musical a outra do grupo acabou apostando em conteúdos informativos, ou vice-versa, por questões mercadológicas após a troca de espectro.

Um exemplo foi o que aconteceu em Lages. A Rádio Clube permaneceu com a mesma programação que tinha no AM, mesclando uma grade ora voltada à música, mas com predominância de um rádio mais falado (KAPLÚN, 1978). A emissora faz parte do grupo SCC de Comunicação, que possuía, na mesma cidade, a CBN, com nome social de Rádio Araucária. Com a migração para a Frequência Modulada, a CBN aderiu à rede Massa, mudando completamente o estilo, passando para o musical no lugar das notícias e do *all news*.

Segundo Amaral (2017), a manutenção da grade na Rádio Clube se justifica pela mudança na CBN, sendo que dessa forma a empresa conta agora com duas emissoras com segmentos distintos entre eles.

Nós não mexemos na Rádio Clube por conta da Massa. O que nós fizemos foi programar duas emissoras, uma totalmente complementar a outra. Desta forma, a informação foi para uma rádio, a música, o entretenimento e a promoção, para outra. Ficamos assim, a Clube com informação, com um estilo mais comunitário, com utilidade pública e focada mesmo na comunidade (AMARAL, 2017).

¹³ Em 2020 a Rádio Magia passou novamente por mudanças estruturais na programação com a redução de espaços informativos e dispensa de comunicadores. Porém, entendemos que descrever o processo de migração inicial é fundamental nesta tese que também é histórica. A troca de programação foi noticiada pelo site Making Of (2019). Disponível em <http://portalmakingof.com.br/crise-no-ibope-provoca-demissoes-na-Rádio-magia-1073>.

Na fala de Amaral, a intenção da Clube foi apostar em uma programação voltada a pautas do entorno, do localismo, por meio de informações de serviços e acontecimentos. A rádio de Lages foi uma das emissoras que apresentou mais continuidades do que transformações com a transferência para o FM, assim como a Condá de Chapecó.

A Rádio Coroadó, de Curitiba, manteve parte da programação ao migrar, mas intensificou alguns espaços informativos na grade, como citamos anteriormente. A justificativa para manutenção de parte da grade se dá por conta de o grupo Frei Rogério possuir duas emissoras na mesma cidade. Segundo a direção da empresa (BOHNENBERGER, 2019), a outra estação, a Rádio Movimento FM, tem um perfil mais jovem, voltado à música. “As duas funcionam concomitante, tem profissionais que atuam, inclusive, nas duas emissoras. Por isso optamos por manter num estilo muito parecido que era no AM”, justificou o gestor.

A Coroadó escolheu, ao ir para o FM, potencializar o gênero informativo, já que a coirmã, a Movimento, se destaca pela música. O que podemos constatar diante dos casos de Lages e Curitiba é que, se a Migração tem fortalecido o formato eclético, também tem reforçado uma certa especialização no dial (ORTRIWANO, 1985), deixando a segmentação mais evidente em parte das emissoras catarinenses, especialmente as que possuem mais de um veículo. Este modelo dividido em nichos foi determinante na sobrevivência do rádio AM na época em que as FMs chegaram ao Brasil e tem sido uma aposta atual de empresários do ramo radiofônico.

A Caçanjurê também mexeu muito pouco na sua grade e manteve um formato generalista, por fazer parte de um grupo regional de emissoras, a RBV Rádios, formada por oito emissoras no Estado, nos municípios de Caçador, Canoinhas, Capinzal, Tangará e Videira. Atualmente são três emissoras na frequência AM (Rádio Videira, Rádio Tangará e Rádio Barriga Verde) e quatro na frequência FM (Rádio 92FM, Transamérica POP, Transamérica HITS e Rádio Massa de Canoinhas). “Mantivemos a programação para não perder identidade da emissora, uma vez que somos uma emissora tradicional da região, com mais de 70 anos completados”, frisou a diretora da Caçanjurê, Marilene Caregnato.

Ainda nesse modelo versátil de programação, ou eclético, como descreveram Morgado e Cruz (2017), muitas emissoras catarinenses preferiram apostar nesta divisão da grade, entre os gêneros de entretenimento e informativo. Lembramos que o estilo é descrito por Ferraretto (2013, p. 62) como “típico das emissoras brasileiras de centros urbanos de menor porte que optam por segmentar suas programações por horário. [...] Constitui-se em um conjunto de programas buscando agradar a vários tipos de ouvinte”.

A Rádio Belos Vales, de Ibirama, reduziu o espaço do rádio falado para dar mais ênfase à música. Segundo o gestor entrevistado, a mudança vislumbrou alcançar um público diferente do que a emissora tinha no AM. “A programação da emissora antes não comportava a indicação de público que gostaríamos de atingir, por isso toda grade sofreu mudanças, deixando-a mais eclética, dinâmica e jovem”. E emendou: “Deixamos de ser uma rádio informativa e direcionada, para atingir todos os públicos” (KUFKY, 2019).

A diminuição do espaço informativo é evidenciada ao compararmos a programação da Belos Vales antes da migração e a disponibilizada atualmente pela emissora. Em AM, segundo o site da ACAERT¹⁴, a rádio veiculava programas jornalísticos e esportivos, como Jornal da Manhã, Jornal da Amavi, RBV Notícias e o Balanço Geral.

¹⁴ Evidenciamos que o print da programação foi retirado do site da ACAERT, mas não há data da publicação e nem conseguimos a confirmação de quando foi ao ar em contato feito com a Associação Catarinense de Emissoras de Rádio e Televisão. Porém, trouxemos a grade mesmo assim por concebermos ser importante para registro histórico, bem como para contexto e análise do cenário atual. A falta de preciosismos em datas e documentos para registros deste tipo são uma lacuna nos estudos da área, como já citado anteriormente. A consulta da programação foi realizada no início de 2020. Disponível em <http://www.acaert.com.br/Rádío-belos-vales-am-ibirama#.Xzm7RuhKiMo>

Figura 26 - Programas da RBV ainda em Amplitude Modulada

Rádio Belos Vales AM - Ibirama
<p><i>(20/08) Regional 3</i> Área de abrangência: clique aqui Potência: 25 KW Popular variado</p>
<p>Programa: Despertando os Vales Horário: 05:00 às 07:00 Frequência: Segunda a Sexta Apresentação: Amaral Freitas Perfil: tem como público alvo o interior e a terceira idade. É baseado em pedidos musicais que variam entre músicas alemãs, bandinhas e sertanejas</p>
<p>Programa: Jornal da Manhã Horário: 07:00 às 08:00 Frequência: Segunda a Sábado Apresentação: Samir Ruzza e Wanderlei da Roza Perfil: traz as manchetes dos principais veículos de comunicação, notícias regionais, tem como público alvo empresários, comerciantes e comunidade em geral</p>
<p>Programa: Balanço geral Horário: 08:00 às 08:30 Frequência: Segunda a Sábado Apresentação: Equipe Esportiva Perfil: traz notícias do esporte profissional e amador do mundo, país, estado, e região, tem como público alvo homens, jovens e adultos</p>
<p>Programa: Bom Dia Alto Vale Horário: 08:30 às 11:45 Frequência: Segunda a Sexta Apresentação: Jota Nascimento Perfil: atende ao pedido musical dos ouvintes, e leva à comunidade muita cultura, entrevistas, notícias, previsão do tempo, tem como público alvo em geral</p>
<p>Programa: Jornal da Amavi Horário: 12:10 à 12:15 Frequência: segunda à sexta Apresentação: Milla Signori Perfil: traz notícias, entrevistas e informações do alto vale. Tem como público ouvintes em geral.</p>
<p>Programa: RBV Notícias Horário: 12:15 às 13:00 Frequência: segunda à sexta Apresentação: Samir Ruzza e Wanderlei da Roza Perfil: traz as manchetes dos principais veículos de comunicação, notícias regionais, tem como público alvo empresários, comerciantes e comunidade em geral</p>
<p>Programa: Show da Tarde Horário: 13:00 às 17:00 Frequência: segunda à sexta Apresentação: Oséias Buzzi Perfil: : programa de variedades, alegre e descontraído, feito para ouvintes de todas as idades. O Show da Tarde está aberto também à participação de repórteres com notícias gerais da cidade e região, também conta com a previsão do tempo. Tem como público alvo o público feminino, jovem, infantil e comunidade em geral</p>

Fonte: ACAERT

A programação atual da Rádio Belos Vales de Ibirama, no Vale do Itajaí, aposta no estilo do entretenimento. O encurtamento da informação é visível pela comparação com a grade atual. Chamamos a atenção para o período da manhã, que passou a ser mais musical, com um único apresentador comandando das 8h30 às 13 horas, no Programa Estúdio RBV. Foram suprimidos neste espaço de tempo os outros quatro radiofônicos citados acima. No entanto, segundo a gestão da rádio ouvida em 2019 nesta pesquisa, houve a contratação de três profissionais para o processo de migração ao FM: um locutor, um programador musical e um produtor de redes sociais. A Belos Vales não confirmou se houve desligamentos ao deixar o AM.

Figura 27 - A grade atual da Rádio Belos Vales de Itajaí

PROGRAMAÇÃO

Programação Segunda a Sexta:

05h00 – **Bom dia Alto Vale** – Léo AW

07h15 – **Café com a Belos Vales** – Jota Nascimento e Léo AW

08h30 – **Stúdio RBV** – Jota Nascimento

13h00 – **Programa do Véio**

14h00 – **Show da Tarde** – Cabeção

18h00 – **Entardecer nos Vales** – Cabeção

19h00 – **As emoções da Voz do Brasil**

20h00 – **A noite é Nossa** – Amaral Freitas

23h00 – **Flashback 89**

00h00 – **Seleção Musical**

Fonte: Rádio Belos Vales de Itajaí

A Rádio Pomerode expandiu o conteúdo para as redes sociais e intensificou o jornalismo desde que migrou no final de 2017. A contratação de um jornalista profissional para a geração de conteúdo e produção dos programas informativos são indicativos de investimento na área. O programa *A Voz da Comunidade*, das 6h às 9h, apresentado pelo comunicador Salmos de Souza, ganhou um produtor. No formato *Talk and News*, o radiofônico traz entrevistas, reportagens e prestação de serviços. Com alcance maior, as notícias foram além. “As pautas de segurança ficaram bem mais regionais, com ampliação na cobertura de acontecimentos em municípios como Blumenau e Jaraguá, muito próximos da nossa sede” (ADRIANO, 2020).

A emissora não conta mais com um repórter de rua para a reportagem externa, porém, a mudança ocorreu ainda em Amplitude Modulada, o que não podemos afirmar como um reflexo da migração para o FM. Entretanto, frisamos que a reportagem externa é sempre uma ferramenta importante nas transmissões radiofônicas, já que ela imprime autenticidade à informação e menor possibilidade de manipulação, pois geralmente são realizadas *in loco* e ao vivo (GAMBARO, 2019).

Figura 28 - A Voz da Comunidade, atualmente, é produzido por um jornalista profissional

HORÁRIOS	PROGRAMAÇÃO
00h - 05h	MADRUGADA POMERODE
05h - 06h	BOM DIA POMERODE
06h - 09h	A VOZ DA COMUNIDADE
9h - 12h	SUPER MANHÃ POMERODE
12h - 13h	POMERODE MEIO DIA
13h - 16h	SHOW DA TARDE
16h - 19h	BALANÇA POMERODE
19h - 21h	SAUDADE
21h - 22h	A VOZ DO BRASIL
22h - 00h	SAUDADE

Fonte: Rádio Pomerode.

Assim como em outras emissoras, a programação musical da Pomerode foi atualizada, porém sem perder o regionalismo que era sua marca registrada. “Não tocamos só o sertanejo popular como muitas rádios fazem, a gente toca muita música local, de bandas alemãs locais e música tradicionalista alemã. É o nosso forte. Compositores alemães também têm espaço na grade” (ADRIANO, 2020).

A manutenção das canções tradicionalistas reforça uma intencionalidade da empresa em manter alguns aspectos e valores socioculturais. Entendemos a necessidade destes espaços como forma de despertar sentimentos de pertencimento da população e seu entorno, como disse Cebrián Herreros (2008), quando afirma que o rádio, sobretudo local, está alicerçado na vida social, política e cultural da comunidade.

Como analisamos ao longo deste estudo, sem apresentar transformações lineares o rádio catarinense tem demonstrado mudanças nas grades de programação, mas também continuidades. Parte das emissoras analisadas, ao mudar de banda, optou por permanecer com a mesma programação ou mexer de forma pouco expressiva. A Rádio Condá, de Chapecó, migrou o dial e nada mais. “Acionamos um equipamento operando no que existia”, disse o diretor Alfredo Lang (2020). A programação da emissora da região oeste catarinense traz informações jornalísticas, esportivas e no formato *talk and news*, que se enquadram no gênero informativo.

Faz-se necessário apontarmos que as reflexões apresentadas nesta tese partem da compreensão que tanto música quanto jornalismo ocupam papéis importantes na formação das grades de programação das emissoras de rádio. Não se quer aqui afirmar que uma ou outra é melhor ou pior.

Porém, cabe ressaltar que partimos, como dito anteriormente, de uma perspectiva que vislumbra possibilidades de potencializar características marcantes do meio desde a sua implantação e fases de evolução, por meio de conceitos defendidos por autoras como Ortriwano (1985) e Zuculoto (2010). Assim, ao nosso ver, a migração para o FM poderia representar um momento de transformação de conteúdo e não somente da tecnologia de transmissão, por isso este nosso recorte para o gênero informativo, que segundo as autoras marca uma das principais funções do meio.

Além disso, acreditamos neste viés, por compreender que as pessoas ligam menos o rádio somente para ouvir música, algo que as plataformas digitais oferecem em abundância, mas que o motivo principal da sintonia é a busca por proximidade, pela prestação de serviço e pela comunicação interativa com comunicadores em busca de entretenimento também. A informação é corroborada na fase inicial deste estudo, quando citamos a pesquisa Kantar Ibope (2019), que detectou um aumento de 22% do consumo de áudio via *streaming*.

Dessa forma, entre continuidades e adaptações das grades, detectamos em nosso *corpus* de análise que as rádios Marconi (Urussanga), Magia (São José), Coroado (Curitibanos), Pomerode (Pomerode) e Brasil Novo (Jaraguá) ampliaram a informação em suas emissoras. Já a Condá (Chapecó), a Clube (Lages) e a Caçanjurê (Caçador) pouco mudaram no que se refere à programação. A Belos Vales (Ibirama) diminuiu o espaço da informação em detrimento da música, assim como as rádios Massa (São José), Massa (Içara) e Demais FM (Itaiópolis), que aderiram a grupos musicais, ampliando o entretenimento, discussão que faremos na próxima seção.

4.4 O ENCOLHIMENTO DOS ESPAÇOS INFORMATIVOS NA ADESÃO ÀS REDES MUSICAIS

O crescimento no número de redes de rádios musicais foi visível pós-migração. Essas rádios via satélite se dividem em perfis voltados ao entretenimento e, em alguns casos, intercalando notícias. Em Santa Catarina, das 57 rádios migradas até início de julho de 2020, ao menos nove delas aderiram a alguma rede ou grupo de rádio musical nacional e/ou regional. Parte dessas rádios passaram a integrar empresas de grande porte no ramo radiofônico, como

Antena 1 e Massa. Observa-se, nesse sentido, um enxugamento de espaços informativos e um crescimento dos musicais na programação catarinense. Na tabela, destacam-se emissoras que agora transmitem músicas de suas repetidoras de rede.

Quadro 5- Rádios que aderiram a redes ou grupos de rádios musicais em Santa Catarina

Nome na ANATEL	Cidade	Rede ou Grupo pós-migração
Rádio Princesa	Lages	Antena 1
Rádio Cidade	Itaiópolis	Demais FM
Rádio Catarinense	Joaçaba	Antena 1
Rádio Guararema	São José	Massa FM (Florianópolis)
Rádio Continental	Coronel Freitas	Band FM (Chapecó)
Rádio Difusora	Içara	Massa FM (Criciúma)
Rádio Araucária (CBN)	Lages	Rádio Massa (Lages)
Rádio Santa Catarina	Tubarão	Rádio Nativa
Rádio Tabajara	Tubarão	Rádio Massa (Tubarão)

Fonte: Elaboração da autora a partir de dados da Anatel e do site TUDO RÁDIO.

É importante frisar que os dados coletados na ANATEL são incongruentes com informações do levantamento da Associação Catarinense de Emissoras de Rádio e Televisão (ACAERT), divulgadas pelo site TUDO RÁDIO. Isso quer dizer que há empresas que aparecem em uma e não são elencadas na outra lista. Na verdade, esse tipo de pesquisa sempre teve uma lacuna nos estudos de rádio, já que muitas das vezes a concessão da radiodifusora não bate com os dados do proprietário. Assim, fica difícil traçar um perfil preciso em relação a esse aspecto.

Um exemplo disso é a Rádio Guri, 1180AM, de Lages, que não aparece com este nome na ANATEL, porém após a migração está hoje afiliada à rede Mix (TUDO RÁDIO, 2020). Por isso, destacamos aqui somente os grupos e/ou redes que estavam com cadastro no Ministério das Comunicações no ano de 2018, quando começamos esta apuração. Além disso, esta tese se propõe a fazer um recorte nas emissoras por mesorregião do Estado, como já destacamos anteriormente.

Sendo assim, projetamos o olhar em três emissoras que fazem parte do *corpus* desta tese e agora integram algum tipo de rede musical, sempre com intuito de nos fornecer cenários em Santa Catarina. Por isso, observamos mudanças nas rádios Guararema (São José), Difusora (Içara) e Cidade (Itaiópolis). Destacamos nesta seção o que vem ocorrendo com a expansão

no Estado, principalmente por parte da rede Massa, originária do Paraná, porque entendemos confere dados interessantes de serem analisados nesse processo de adesão às redes musicais em Santa Catarina.

Antes de apontarmos as mudanças nestas rádios, dissertaremos sobre o significado das redes de rádio. Segundo Decreto nº 52.795, de 31 de outubro de 1963 (ANATEL), que regula os serviços do setor, uma rede nacional “é o conjunto de todas as estações radiodifusoras instaladas no país, organizadas em cadeia, para a transmissão simultânea de uma mesma programação”. Importadas dos EUA, elas chegam ao Brasil na década de 1980 para organizar conteúdo e, sobretudo, baratear custos. É inegável que, sejam elas jornalísticas ou musicais, melhoram a qualidade dos produtos transmitidos, principalmente em relação ao seu formato.

Por outro lado, podem colocar em risco a identidade local, dando destaque a culturas de outras regiões, com predominância evidente ao Sudeste, onde estão situadas muitas das cabeças de rede do país, já que os grandes grupos empresariais acabam investindo em segmentos de mercado semelhantes, repetindo fórmulas e limitando opções. Em parte, o fato de algumas cabeças de rede estarem localizadas em centros como São Paulo colabora para essa homogeneização no conteúdo. A verdade é que a nova realidade pós-migração traz alterações também no radiojornalismo praticado nessas rádios (OLIVEIRA et al., 2018).

Para Bragança (2003), dentre os atrativos para as pequenas emissoras aderirem às redes está a redução dos custos operacionais e a otimização dos lucros para a cabeça de rede, que se ganha através da publicidade. Conforme Betti (2011), a formação das redes concretiza características no meio de um novo sistema econômico, criadas pela necessidade de adaptação constante a um ambiente instável e facilitadas por meio dos avanços tecnológicos. Joseph Straubhaar e Robert LaRose (2004, p. 61) explicam ainda que essa adequação ocorre na programação radiofônica quando

ao produzirem programas de alta qualidade e altos custos em seus centros ou estações “líderes” e compartilharem os programas em suas estações O&O e muitas afiliadas, as redes diluíam os custos de produção, baixando o custo final para cada estação. As redes criaram também mercados nacionais de propaganda ao dar aos anunciantes nacionais a chance de serem transmitidos simultaneamente ao redor de todo o país.

Dessa forma, as redes via satélite reduzem distâncias, baixam custos de produção e enriquecem a programação com informações de grandes centros, necessárias em tempos de globalização onde há o distanciamento de algumas localidades por razões geográficas, entre outros motivos. Porém, também causam efeitos colaterais nocivos, como a diminuição em

alguns horários da audiência local, por conta das transmissões dos programas em cadeia, por isso são vistas com desconfiança por atenuarem diferenças regionais, especialmente por fazerem parte, na grande maioria, de grandes grupos de comunicação (KISCHINHEVSKY, 2016).

Além disso, outros apontamentos podem ser compreendidos como negativos ao localismo e à cultura do entorno (BONIXE, 2015) reduzidos pelos satélites, como por exemplo o noticiário sobre o trânsito e a meteorologia de grandes capitais retransmitidas em horários muitas vezes nobres em emissoras locais. Para ilustrarmos esta questão, lembramos do dia em que morreu o reitor da Universidade Federal de Santa Catarina, Luiz Carlos Cancellier, em outubro de 2017. Ao ligar o rádio na CBN Diário de Florianópolis, por volta do meio-dia, o ouvinte não acompanhava o assunto do dia na Capital dos catarinenses, mas sim os assuntos de cunho nacional pautados pela cabeça de rede em São Paulo.

Esses efeitos colaterais também são percebidos na linguagem de muitos dos comunicadores, já que ocorrem alguns afastamentos do regionalismo linguístico de cada Estado, como lembra Prado (2012, p. 399), ao afirmar que houve a necessidade de ajustes em horários dedicados à programação em rede, com preocupação sobre a linguagem em assuntos locais. Para ela, foi “preciso igualar uma fala única que pudesse atender todos os brasileiros”. Falas estas constituídas por laços originados da familiaridade e singularidade de uma determinada região, muito relacionada com a questão territorial (PERUZZO, 2005).

Essas ideias corroboram com o que pensamos sobre os possíveis danos causados pelo enxugamento de espaços de jornalismo local em emissoras principalmente interioranas, como afirmaram Avrella e Alexandre (2014), ao registrarem que os traços culturais, antes manifestados de maneira singular pelas estações locais, podem ser silenciados por transmissões em rede. Problema também referenciado por Ortriwano (1985, p. 35), ainda em meados da década de 1980, quando afirmou que estas emissoras poderiam se desvincular “da realidade local, perdendo com isso a força da proximidade, da programação feita com base em hábitos e costumes específicos, com o linguajar da própria região”.

O site TUDO RÁDIO¹⁵ aponta 62 Redes de Rádio via Satélite (RVS) no Brasil. Os dados levantados pelo portal descrevem grupos e suas localizações geográficas país afora. Essas redes se dividem em segmentos como musical, religioso e noticioso, e alcançam a marca de mais de 900 emissoras interconectadas. Entendemos essas redes como grupos nacionais ou regionais de mídia que representam um “conjunto de empresas, fundações ou órgãos públicos

¹⁵ Disponível em <https://tudoradio.com/redes>. Acesso em junho de 2020.

que controlam mais de uma entidade de mídia, independentemente de seu suporte, e atuam na periferia do sistema, com presença em até dois estados” (DANTAS, 2010, p. 48). Conforme o autor, são exemplos desses grupos em Santa Catarina: a antiga Rede Brasil Sul (ex-RBS), o Grupo Petrelli de Comunicação (RIC), a Central Barriga Verde de Comunicação (CBV), o Sistema Catarinense de Comunicação (SCC), a Guararema, entre outros.

Segundo a pesquisa Mídia Dados (2018), lideram as principais redes de rádio emissoras afiliadas a Gaúcha SAT, Bandeirantes e Jovem Pan.

Tabela 3- Principais redes de rádio AM/FM – Brasil

REDES	Nº DE EMISSORAS
Rede Gaúcha Sat	143
Rede Bandeirantes AM/FM	62
Jovem Pan AM/FM	77
Rede Transamérica – Pop	18
Globo AM/FM	19
Rede Mix FM	22
Antena 1 SAT	22
Rede Atlântida	7

Fonte: Mídia Dados 2018¹⁶.

Segundo números da Tabela 3, a Antena 1 se configura entre as principais redes e expandiu suas afiliadas em Santa Catarina, com duas novas rádios em Joaçaba e Lages. A Mix, como citamos, também aparece após o processo de migração também em Lages. Mas o destaque maior, sem dúvidas, fica em relação à expansão da Massa FM, do apresentador Carlos Massa, o Ratinho, mesmo não estando entre os maiores grupos do país, conforme o Mídia Dados.

No Brasil são, conforme o Kit de Mídia utilizado pela própria Massa (2020), 46 rádios distribuídas no Paraná, São Paulo, Rondônia, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Espírito Santo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. O Paraná é quem lidera o número de afiliadas, mas em seguida empatam, com oito emissoras cada, os estados de São Paulo e Santa Catarina. Retransmitem o sinal do satélite os municípios de Florianópolis, Blumenau,

¹⁶ Disponível em <http://159.89.80.182/midia-dados-sp/public/Midia%20Dados%202019.pdf>

Canoinhas, Lages, Tubarão, Chapecó, Brusque e Criciúma¹⁷. Três delas fazem parte do grupo regional de rádios Guararema, do empresário César Souza, são elas a de Brusque, Blumenau e a da Grande Florianópolis, esta última fazendo parte do recorte deste estudo.

A Guararema de São José migrou em 2017 e a opção em aderir a uma rede de rádio foi baseada em estudos e pesquisas realizadas pelo proprietário. No ramo há mais de três décadas, Souza (2020) comenta que a escolha também tem ligação com um desejo pessoal.

A primeira ideia não era ir para uma rede, afinal a gente já tinha a expertise com as outras rádios do Grupo Guararema. Porém, era eu quem criava jingles, a programação musical era minha, a vinhetagem eu fazia, então eu estava cansado. Largar a marca Guararema foi um ato de coragem, muita gente dizia que a gente era maluco. Então o que eu fiz, comecei a gravar toda a programação da Massa de Curitiba, decupava e estudava, até que eu percebi “eles fazem melhor do que eu”, e aí começamos a aproximação (SOUZA, 2020).

Foi assim que a Guararema, de São José, passou de uma rádio muito mais falada no AM para um gênero, em FM, musicalizado (KAPLÚN, 1978). Com a mudança no dial e no estilo de programação, a Massa passou a ter espaços mais escassos de informação jornalística. Hoje em dia, a emissora faz radiojornalismo local/regional das 6h às 8h, no programa *Microfone Aberto*, que alterna a apresentação entre César Souza e o filho. Além disso, durante os musicais também são veiculadas notícias no *Massa News*, com boletins informativos nacionais e estaduais. Conforme Souza, a transmissão do jornalismo na emissora tem regras a seguir da cabeça de rede, mesmo com certa liberdade no horário das 6h.

Claro que a gente não é mais aquela rádio que falava o que queria. Por exemplo, sumiu o meu cachorro. Mas eu acredito que o próprio rádio não é mais assim, ele evoluiu. Este modelo se justifica, por exemplo, em centros menores, onde há a necessidade de vender gado, saber sobre agricultura local. Esse rádio ainda é importante em algumas localidades, mas aqui, na capital, é outra filosofia (SOUZA, 2020).

A afirmação do empresário/apresentador evidencia o que apontamos como uma redução de espaços de informação e serviço, destacados nesta tese como um dos efeitos colaterais da adesão às redes musicais no processo de migração para o FM. Quando ainda era Guararema, mesmo com a também veiculação de músicas em sua grade, a emissora tinha espaços destinados ao radiojornalismo com notícias e utilidade pública, o que Meditsch (2001) descreve como um rádio informativo. As informações eram divulgadas com periodicidade,

¹⁷ Destacamos que as rádios Massa de Criciúma e Florianópolis são, respectivamente, alocadas em Içara e São José, conforme concessão pública. As duas emissoras utilizam municípios de maior porte para a divulgação da marca.

como nos Programas *Show da Cidade* e *Bom Dia Guararema* ou ainda em espaços de interação mais ampla entre ouvintes como *Hora do Indignado* e o *Sucesso Guararema*.

Utilizamos para ilustrar a grade antes da migração um *print* do site da ACAERT, onde há a apresentação de programações de rádios catarinenses. O problema que enfrentamos é que não há data na publicação, por isso não podemos demarcar com exatidão o tempo real da grade. Porém, pela figura, é possível perceber os espaços de informação na grade da Guararema antes da migração. Na imagem, constata-se dois dos programas matinais que traziam jornalismo como abordagem. Ao se tornar afiliada, a emissora passou a tratar as notícias em horário único, das 6h às 8h, no programa *Microfone Aberto*. Assim, observamos que antes da mudança no dial o espaço informativo era maior, estendendo-se pelo menos até as 11h.

Figura 29- Print da programação da Rádio Guararema no site da ACAERT

Programa: Bom Dia Guararema
 Horário: 06:00 ÀS 07:00
 Frequência: Segunda a Sexta
 Apresentação: Hamilton Reginaldo
 Perfil: Programa apresentado por Hamilton Reginaldo com as primeiras informações do dia, manchetes dos principais jornais, as últimas notícias policiais da manhã, informações do trânsito. E também informações das festas regionais que acontecem na Grande Florianópolis.

Programa: Show da Cidade
 Horário: 07:00 AS 11:00
 Frequência: Segunda a Sexta
 Apresentação: Variado
 Perfil: Programa líder de audiência em toda Grande Florianópolis. O principal programa nas manhãs de rádio da região. Têm sucessos musicais, notícias policiais, de esporte, tem Repórter Guararema com as primeiras informações do dia. Tem também horóscopo, resumo das novelas, melhor de três, fofocas de Leão Lobo, além de uma super programação de sucessos e sorteios de brindes. O programa mais completo das suas manhãs.

Fonte: ACAERT.

Outro impacto que merece ser avaliado e que foi sentido na Guararema e em outras emissoras que passaram a retransmitir redes de rádio musicais após a mudança de banda foi o enxugamento do esporte na programação. A emissora tinha equipe esportiva e transmitia os jogos, com ênfase nas disputas dos times da Grande Florianópolis, Avaí e Figueirense. Desde que migrou, a Rádio Massa de São José/Florianópolis não possui mais programas esportivos, respeitando a programação da geradora do grupo.

Dessa forma, a Massa agora não mais conta com uma equipe específica para as coberturas do futebol, já que é uma emissora que prima pela música. Como efeito colateral da

adesão às redes de rádio, que demonstramos vem ocorrendo no Estado, entendemos que este enxugamento dos espaços informativos pode fazer com que alguns traços culturais, antes manifestados de maneira singular pelas estações locais, sejam sucumbidos pelas transmissões em rede (AVRELLA, 2014).

Em Içara registra-se o mesmo fato. A Rádio Difusora, considerada no conceito de Ferraretto (2014) e Morgado e Cruz (2017) como uma estação eclética quanto a sua programação, cobria os jogos do Criciúma e tinha em sua grade debates e noticiários esportivos ao longo do dia e nos finais de semana.

Desde que virou Massa FM, em 2019, a empresa dispensou colaboradores e comentaristas, restando às informações do time serem divulgadas por meio de boletins diários, intitulados *O Tigre é Massa*. Na imagem, a postagem em redes sociais divulgando os programetes que agora são veiculados esporadicamente durante a programação.

Figura 30 - Print com divulgação do quadro esportivo veiculado na Massa de Criciúma



Fonte: Facebook da Rádio Massa.

Segundo a proprietária da empresa radiofônica, Carolina Guidi (2020), os informativos do time são um diferencial entre outras repetidoras da rede, que não o fazem neste formato. Em relação ao Jornalismo, a ex-Difusora garante que intensificou as informações regionais em novo espectro no horário matinal no programa local Microfone Aberto.

Figura 31 - Print da Programação da Difusora em 2019

SEGUNDA A SEXTA

5h às 7h – Bom Dia – Irineu Martinhago

7h às 10h – Difusora Notícias – Jorn. Anderson de Jesus

10h às 13h – Comunidade em Ação – Joel Bernardo

13h às 14h – Experiência de Deus – Pe. Reginaldo Manzotti

14h às 17h – Na Boca do Povo – Jorge Domingos

17h às 19h – Bola na Mesa – Anderson de Jesus, Joel Bernardo, Rogerio Dimas e Zico Citadin

19h às 20h – A Voz do Brasil (RadioBrás)

20h às 5h – Rede Gaúcha SAT

Fonte: Difusora de Içara.

No quadro extraído do site da emissora em outubro de 2019, um mês antes da migração para o FM, pode-se perceber programas que antes eram comandados por comunicadores e cronistas esportivos. O *Comunidade em Ação* contava com entrevistas diárias sobre saúde, comportamento e serviços. O programa *Bola na Mesa* reunia a equipe de esportes da Difusora para discutir as rodadas do futebol e, principalmente, a movimentação do Criciúma E.C naquele dia. O *Na Boca do Povo* era um radiofônico de estilo popular (FERRARETTO, 2014), que trazia a participação dos ouvintes em enquetes e bate-papos sobre os assuntos cotidianos, além de músicas e entretenimento. Todos eles foram extintos e os comunicadores não mais integram a equipe da Massa FM.

A diretora Carolina Guidi entende que o momento era de transformação para o grupo familiar. Segundo ela, que também é jornalista, a ideia inicial era aderir a uma rede *all news* e fazer radiojornalismo após a migração para o FM. No entanto, a questão financeira pesou na decisão.

Como eu sou jornalista, eu pensava muito numa rede *all news* já que não temos na região. Cheguei a visitar rádios jornalísticas no Estado. Mas aí meu irmão, que é meu sócio, questionou: “Como ela vai se sustentar?”. Uma rádio assim é bem cara, precisa de profissionais bons, gente formada, com responsabilidade com a informação. E quando tu juntas tudo isso, tens uma folha muito pesada, que já era um problema para nós no AM. Então a gente decidiu mudar, nascer de novo e apostar nossas fichas numa rádio como a Massa (GUIDI, 2020).

Na nova programação, o carro-chefe do jornalismo é apresentado por um jornalista que já atuava na Difusora. A ideia foi manter uma certa identidade com o público que já ouvia a emissora desde 1982, fundação da rádio. No programa são realizadas entrevistas das mais variadas áreas, com espaços para as questões políticas regionais. O programa não conta com reportagem externa, como tinha anteriormente no AM.

Mesmo que reduzido, ao menos um espaço específico para o jornalismo local foi mantido, o que entendemos como um dos pontos positivos identificados nas duas rádios Massa, de Criciúma e Florianópolis. O horário matinal manteve o caráter local de informação, incluindo os apresentadores de antes do processo de mudança para o FM. Entendemos que a manutenção de programas sobre o entorno dos ouvintes se baseia, no que diz Rocha (2015), na proximidade da comunidade, tão essencial para a manutenção da sociedade.

É necessário destacar que a qualidade plástica destas rádios aumentou com a adesão à rede. Além disso, a programação musical também é um diferencial das afiliadas da Massa FM. Mesmo sendo repetidora, a seleção das músicas é baseada em pesquisas com grupos focais e inteligência artificial, resultando numa programação diferenciada de outras do gênero. “É uma rádio muito bem embalada, com conteúdo pesquisado a partir do ouvinte. Digo isso porque o segmento sertanejo não é somente uma febre, mas é a raiz do Brasil, e a Massa entendeu bem isso” (GUIDI, 2020).

Problematizamos esse enxugamento dos espaços em emissoras como a Guararema e a Difusora por entendermos que, por serem consideradas locais antes da migração, desempenhavam um papel social capaz de incentivar iniciativas locais permitindo até que as comunidades se conhecessem melhor. Com a adesão a uma rede musical, percebemos a diminuição de espaços na programação destinados ao entorno.

Dentro do nosso *corpus* de pesquisa, a Rádio Cidade (Demais FM), de Itaiópolis, também se enquadra em emissoras afiliadas a algum tipo de rede musical ao mudar para o FM. No entanto, como frisamos anteriormente, a ideia foi embasar esta análise em grupos maiores, no caso a Massa, que trouxe elementos que justificam a afirmação sobre o encurtamento dos espaços informativos pós-migração e uma diminuição da produção local nestas empresas do setor.

4.5 O OLHAR DO RADIODIFUSOR PARA O FUTURO EM FM

Um dos fatores que tem acompanhado a migração do AM para o FM, na visão dos gestores de rádio, é o otimismo. Pelo menos foi assim até a chegada do isolamento social no

Brasil, a partir de março de 2020, por conta do novo coronavírus, assunto que ampliamos na sequência. Nesta seção da pesquisa, colocamos falas gerais e espontâneas dos entrevistados de cada rádio ouvidos ao longo da tese. A ideia foi conhecer o que pensam sobre os desafios e as perspectivas do meio agora em FM para o futuro e o presente.

Na pesquisa quantitativa que fizemos com as emissoras catarinenses, quase 85% de quem já opera em Frequência Modulada afirmou que a troca de dial atende às expectativas da emissora. Muitas respostas às questões abertas que fizemos vislumbram possibilidades para o meio e, por isso, elencamos nesta seção da tese. Em entrevistas realizadas desde o início do levantamento dos dados, houve casos de empresas que mais que dobraram o faturamento, como a Rádio Massa de Lages, que integra o Grupo SCC de Comunicação, e substituiu a CBN no município serrano.

Conforme Amaral (2017), o faturamento da empresa cresceu após a adesão à rede musical logo nos primeiros meses da troca. A Rádio Belos Vales, de Ibirama, também confirmou o crescimento de receita ao deixar o AM, muito justificada, segundo a gestão da emissora, por conta da procura de novos clientes pela rádio, com também pelo fato de em FM realizarem mais promoções agora na nova banda.

Nas respostas dos entrevistados, o planejamento para a migração de troca de banda fez toda a diferença no processo. Há emissoras que vinham se preparando desde antes da assinatura do decreto governamental, ainda em 2013, como disse um dos radiodifusores. “A gente já confiava que isso ocorreria, por isso nos preparamos desde 2011 para este momento de transformação”, afirmou.

Boa parte das emissoras que responderam aos questionários enviados investiu em projetos técnicos de irradiação e assessoria jurídica para poder atender aos requisitos do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. Algumas empresas precisaram de empréstimos para a execução de todo o processo. “Contratamos dois engenheiros e tínhamos uma reserva de capital, mas não foi o suficiente, foi necessário contrair financiamentos. Um adendo que precisa ser pontuado é de que o governo sinalizou com financiamentos via BNDES, mas isso não aconteceu”, destacou outro empresário do setor.

Outra expectativa que foi evidenciada na fala de quase todos os gestores ouvidos foi o aumento de uma audiência mais regional como reflexo da melhora na qualidade de alcance, como constatamos em seção anterior a esta. Um deles disse, mesmo que sem indicativo de pesquisa de audiência, que a migração “fortaleceu a audiência que tínhamos há uns cinco anos e que no AM vinha caindo”. Outro ponto que apareceu constantemente nas respostas foi o crescimento de audiência e a interação graças às plataformas digitais. “Nosso objetivo hoje é

valorizarmos a nossa tradição e experiência com as novas tecnologias para sermos líderes na região”, declarou. “No nosso caso, triplicamos a audiência de antes”, comemorou¹⁸.

Em relação ao futuro do rádio agora em Frequência Modulada, as respostas dos entrevistados nesta pesquisa apontam para questões como a modernização e a inovação tecnológica do meio; a jovialidade no formato de conteúdo e da linguagem dos comunicadores; a profissionalização para interagir em ambientes multiplataforma; planejamento frente a uma concorrência maior em FM e captação de novos públicos de audiência.

Sobre inovação e investimentos em tecnologia, os empresários de setor radiofônico entendem como essenciais para as adaptações no novo espectro. O desafio, segundo as emissoras, é inovar sem perder a consolidada tradição conquistada no AM: “Emissoras que migram do AM para o FM sofrem um pouco para entrar no ritmo, muito por conta dos anos sem grandes impactos e perspectivas provocadas pelas mudanças na comunicação”.

Para mais um entrevistado, o “principal desafio é mesmo fazer diferente. Na forma de comunicar, expor nossa prestação de serviço e em vender esse conteúdo”. A afirmação corrobora com o que citamos em capítulos anteriores sobre a necessidade de transformações na programação, como citou um dos gestores, ao declarar que dentre os desafios está a “manutenção da credibilidade e a criação de programas atraentes, além de sempre estar à frente dos lançamentos tecnológicos da área”, observou.

A jovialidade do rádio e da linguagem dos comunicadores foi mais uma das ponderações observadas na fala dos entrevistados e que já destacamos anteriormente. Porém, observou-se na avaliação das rádios migradas que a adequação à migração para o FM está condicionada, na visão das empresas, ao estilo de locução de cada banda. Este fato ponderamos com cautela, já que em alguns casos o rejuvenescimento dessa linguagem está atrelado à troca por profissionais com menos experiência de mercado, porém mais jovens que os comunicadores de emissoras populares em Amplitude Modulada, como pontuou um gestor: “Um dos nossos desafios é adequar o profissional do AM para a Frequência Modulada. É natural que ao longo dos anos você acostuma com o ambiente de trabalho e adquire vícios que num primeiro momento vão persistir. Hoje em FM somos concorrentes das demais, antes não passávamos de despercebidos pela concorrência”.

¹⁸ É fundamental destacarmos que este registro se dá a partir da fala dos radiodifusores ouvidos, proposta desta seção na tese. As declarações são baseadas em informações sobre o aumento nas interações de audiência via redes sociais das emissoras, bem como do retorno comercial declarado pelos donos de rádios em entrevistas. Nenhum dos ouvidos pela pesquisa mencionou a realização de pesquisas de audiência com institutos consolidados, somente avaliaram as percepções nesse período inicial pós-migração do AM-FM.

Estar inserido no ambiente digital e nas multiplataformas é o desejo dos radiodifusores pós-migração para o FM. Emissoras tradicionais tinham na audiência do rádio de antena seu foco maior. Agora é preciso ir além do aparelho receptor, e isso passa pela tecnologia digital.

Em uma das entrevistas realizadas, um gestor apontou como crucial este momento de transformação e convergência: “Rádio tem que estar em todas as plataformas, usar as redes sociais a seu favor”. Outro empresário emendou: “Precisamos responder à demanda com a rapidez que as redes sociais nos impõem”, ressaltou. Nesta perspectiva, a contratação de novos profissionais é uma realidade para o setor, como disse um entrevistado: “Vamos ter que contratar profissional ou realizar parcerias para estar presente e ser atrativo nas mídias digitais”.

Sem dúvida, a concorrência em Frequência Modulada aumentou para as emissoras migradas. Na visão dos radiodifusores, a troca de banda coloca estas emissoras em disputa por faturamento e audiência em um mesmo segmento, como explicou um gerente de rádio: “Agora tem muita gente fazendo a mesma coisa, o mesmo estilo. A concorrência aqui na nossa região são muitos rádios fazendo o mesmo segmento. Alguém vai precisar mudar ou não sobreviverão todas”, sentenciou.

Um outro gestor afirmou que “o ambiente FM apresenta uma agressividade comercial muito maior. Se as oportunidades são maiores, a concorrência, proporcionalmente, também é mais agressiva, e por vezes não muito ética”, desabafou. “O principal desafio com a Migração é que as frequências dos rádios ficaram muito perto umas das outras, fazendo com que os rádios mais potentes cheguem com facilidade a várias cidades próximas que com o AM não acontecia. Aumentando o desafio da audiência”, descreveu um outro entrevistado.

A busca por novos públicos tem sido constante no setor nos últimos tempos. A migração intensifica esse desafio, principalmente frente ao público mais jovem que está hoje na internet. Porém, é fazer apostas sem perder a audiência fiel dos ouvintes do rádio AM. “Desejamos manter a nossa audiência que já era consolidada e também em outras plataformas e mídias”, ponderou um dos gestores. “Nosso principal desafio é utilizar as multiplataformas como alavancas de nossa audiência”.

Um deles justificou que a melhora de sinal deve proporcionar essa mudança no perfil de quem ouve. “O sinal AM remetia ao velho, o que dificultava a audiência de jovens, por esta relação direta. Agora, no FM, com sinal melhor, há expectativa de maior audiência e de novos anunciantes. Ressalta-se que o investimento realizado deve ter um Pay-Back de até 60 meses”, argumentou.

Dessa forma, elencamos nesta seção algumas das impressões e projeções dos gestores e empresários do setor sobre um dos fenômenos de transformação do rádio que é a migração do AM-FM. Na sequência, entendemos como fundamental também compreendermos a expectativa de quem ainda aguarda um canal em FM.

4.6 IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NA MIGRAÇÃO DO AM-FM

Esta seção da tese discute mudanças no radiojornalismo de Santa Catarina durante a migração do AM-FM, sob o impacto da Covid-19, pandemia que atingiu todo o planeta no final de 2019. Devido à emergência do assunto e por ser uma análise do tempo presente, optamos por tratar a temática no estudo. A intenção é apresentar dados em relação à parte das emissoras pesquisadas, bem como discutir o alargamento dos espaços de informação na programação radiofônica com a mudança de *dial*. Importante destacar que boa parte das entrevistas realizadas nesta pesquisa foi concretizada antes da pandemia, por isso nem todas as rádios do *corpus* aparecem nesta parte da pesquisa.

O mundo tem vivido novos tempos, quando países de diversos continentes passaram a sofrer com uma nova doença, a Covid-19. Não demorou para que o novo coronavírus, como ficou popularmente conhecido, chegasse ao Brasil e alterasse rotinas em todas as áreas, incluindo o jornalismo e o rádio. Desde 11 de março de 2020 a Organização Mundial de Saúde decretou a crise sanitária em relação ao novo vírus como uma pandemia. Com isso, muitos países tomaram medidas emergenciais de contingenciamento da doença. Na China, as ações já vinham ocorrendo desde o ano anterior. O isolamento social para evitar o rápido contágio de uma doença tão recente e desconhecida exigiu de autoridades mundiais medidas rápidas, como o fechamento de toda atividade em um curto espaço de tempo. O chamado *lockdown*¹⁹ restringiu o deslocamento da população em vias públicas, autorizando somente os serviços considerados essenciais, como a ida aos supermercados, farmácias e hospitais.

No entanto, no Brasil a quarentena que começou em março de 2020 não funcionou em muitas cidades do país da forma como se pretendia. Os motivos são diversos e estão diretamente ligados a questões políticas e ideológicas, nas quais esta tese não pretende se ater.

¹⁹ Refere-se ao estado de isolamento ou restrição de acesso instituído como uma medida de segurança pela Justiça ou o Estado. Pode também ser interpretado como "bloqueio total". É a medida mais rígida adotada em situações extremas, como no caso da pandemia da Covid-19. No Brasil, poucos municípios adotaram o *lockdown*. O que ocorreu com mais frequência no país foi o isolamento social, onde há recomendação do governo pelo afastamento, adotado ou não de forma voluntária pela população (UOL, 2020).

O país registrou milhares de mortes e milhões de pessoas infectadas, segundo dados das Secretarias Estaduais de cada Estado e divulgadas pelo Ministério da Saúde²⁰.

Os impactos de uma pandemia mundial são sentidos nos seus mais variados aspectos e particularidades. Porém, alguns analistas chegaram a comparar a pandemia, do ponto de vista da saúde pública, à febre espanhola de 1918 ou ainda à epidemia de meningite no Brasil entre os anos de 1974-1977. Na economia, projeções nada otimistas fizeram comparações com a crise financeira de 2008 e, em casos mais pessimistas, à crise de 1929.

Diante desse contexto, o jornalismo também vem sentindo os efeitos no novo coronavírus no seu modo de produção e no consumo de informações. É crescente a procura por fontes confiáveis como forma de sanar a enxurrada de notícias falsas nas redes sociais diante de uma crise sanitária como a vivida atualmente. Também é evidente o esforço de redações e profissionais de imprensa que precisaram se adaptar a rotinas exaustivas de extensas coberturas como forma de orientar a população.

O fato é que a pandemia reforçou o potencial do jornalismo e de meios tradicionais como o rádio na prestação de serviço à comunidade, principalmente nas primeiras semanas de quarentena. No e-book *Covid-19 e Comunicação: um guia prático para enfrentar a crise*, os autores Ferraretto e Morgado (2020) apontam a importância do papel dos meios de comunicação no cenário da pandemia.

Para os autores, em situações como as vivenciadas em 2020, o rádio cumpre um importante papel que o remete às suas origens, o de ser um meio propício para a utilidade pública e até mesmo uma companhia aos ouvintes. “Isolados fisicamente em suas residências, mas conectados uns aos outros via tecnologia, os seres humanos precisam da companhia virtual e da orientação precisa oferecida pela mídia qualificada” (FERRARETTO; MORGADO, 2020, p. 8).

Segundo pesquisa da Kantar Ibope Media (2020)²¹, a audiência do rádio cresceu desde o início da quarentena, em março de 2020. Dos entrevistados ouvidos, 77% disseram ouvir rádio. O dado é reforçado quando 20% afirmaram ouvir muito mais rádio após as medidas de isolamento social. Em relação ao conteúdo, 52% procuram por músicas, 50% estão em busca de distração e 43% utilizam o veículo para se manterem informados sobre assuntos da atualidade. As notícias de atualização sobre a Covid-19 são procuradas por 23% das pessoas

²⁰ Informações em <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em 9 de julho de 2020.

²¹ Pesquisa divulgada em abril de 2020, ou seja, no primeiro mês de aplicação das medidas de isolamento social (KANTAR IBOPE, 2020). Disponível em <https://www.kantaribopemedia.com/brasil-consumo-de-radio/>. Acesso em junho de 2020.

participantes da pesquisa. O imediatismo da informação radiofônica pode ser apontado como um dos fatores para que o consumo de programas jornalísticos de rádio tenha crescido.

Figura 32 - Dados do Kantar IBOPE e o consumo de rádio na pandemia
Rádio: informação e entretenimento no momento de isolamento

77% dos entrevistados afirmaram ouvir rádio.
Entre eles...



Fonte: Kantar IBOPE 2020.

Os dados da Kantar Ibope corroboram com os levantados nesta tese sobre as emissoras que passaram pelo processo de migração do AM-FM. A Rádio Coroadó, de Curitiba, sentiu um aumento significativo nas interações entre ouvintes e a emissora. “Não fizemos pesquisa de opinião, mas o número de mensagens nos aplicativos cresceu muito” (BOHNENBERGER, 2020).

A Rádio Condá migrou faz poucos meses, mas também já percebeu um número maior de participações dos ouvintes na programação durante a pandemia. O diretor da emissora Alfredo Lang (2020) ratifica que o consumo de rádio cresceu durante o período de isolamento social. “O rádio é um companheiro fiel do ouvinte e em quarentena isso se confirmou ainda mais”.

Além de ser um companheiro, como afirma Lang (2020), o rádio tem apresentado um alto índice de confiança entre quem busca informação. Segundo a Associação Catarinense de Emissoras de Rádio e Televisão (ACAERT), números do Datafolha apontam que programas jornalísticos no meio alcançam 50% no índice de confiabilidade das notícias sobre a Covid-19, contra 12% que dizem confiar nas informações espalhadas em grupos de WhatsApp e no Facebook. Os números evidenciam um cenário positivo do meio no que se refere à credibilidade no período de isolamento.

4.6.1 Reflexos da crise sanitária nas rádios migradas

As emissoras catarinenses estão migrando do AM para o FM desde 2016, e dentre as expectativas das empresas radiofônicas sempre esteve presente a possibilidade de crescimento na audiência e no faturamento em um novo espectro. No entanto, a crise sanitária do novo coronavírus alterou algumas das apostas de melhora no setor. As mudanças para adaptação às novas rotinas impostas pela chegada da Covid-19 ao Brasil começaram em março de 2020, e as rádios não saíram ilesas.

Uma série de alterações ocorreram nas emissoras do país logo nas primeiras semanas dos decretos governamentais que determinavam o isolamento social. Medidas como o revezamento de equipes de jornalismo para reforçar o distanciamento, aumento nas inserções informativas sobre o coronavírus e um alargamento dos espaços noticiosos na grade de programação foram algumas das mudanças repentinas nas empresas que exigiram mais trabalho dos profissionais do meio.

O modelo *home office* foi adotado por muitas das rádios catarinenses, principalmente nos espaços apresentados por funcionários que fossem do grupo de risco para a Covid-19. A Rádio Massa, de São José, ex-Guararema, é um exemplo disso. O apresentador e proprietário da emissora César Souza faz o programa da sua casa de praia, fora da Grande Florianópolis, desde março. Com equipamento próprio para este tipo de transmissão, outros comunicadores também adotaram a mudança e passaram a transmitir remotamente suas ancoragens.

Na Rádio Pomerode, o apresentador do horário da manhã também trabalhou de forma isolada até junho de 2020. No grupo de risco por estar na faixa etária com mais de 60 anos, ao retornar para a emissora o comunicador passou a realizar entrevistas somente pelo telefone e não mais em estúdio, como de costume, visando manter o distanciamento social. O mesmo aconteceu em Urussanga, na Rádio Marconi. Comunicadores pertencentes ao grupo de risco faziam as transmissões de suas casas. No estúdio e na sede da emissora ficaram somente os funcionários que não precisaram de isolamento instantâneo. Mais recentemente, os colaboradores passaram a trabalhar novamente na empresa.

Outra consequência do agravamento da crise pelo novo coronavírus foi a queda no faturamento de praticamente todas as rádios do Estado. Até a conclusão desta tese não foram divulgados números oficiais de entidades ligadas ao setor. Porém, a redução nesse período foi um revés para emissoras que sentiam um aumento no faturamento após a troca de banda do

AM-FM, como citamos anteriormente. Na fala dos empresários do ramo, o cenário é bastante preocupante.

A Rádio Massa, de Içara, ex-Difusora, constatou a queda de anúncios ainda nos meses iniciais da pandemia no Brasil. Conforme a diretora da empresa, Carolina Guidi (2020), em abril as vendas diminuíram aproximadamente 45%. “Nosso principal foco é o comércio varejista, e este setor também foi afetado. Até mesmo quem é considerado essencial acabou diminuindo em anúncios, como os supermercados, que cancelaram ou reduziram verba em mídia, e nós fomos atingidos em cheio”.

Nas rádios Massa de São José, Brusque e Blumenau a queda ultrapassou os 50%, conforme informou o diretor das emissoras César Souza. Na Coroado, de Curitiba, o declínio no faturamento chegou a 35% em relação a março e abril de 2020. “Tudo que a gente fale agora fica sem parâmetros seguros se é ou não uma tendência, porque é uma situação inusitada e imprevisível. A economia não é como um passe de mágica que se resolve, tem efeito residual. Isso tudo vai mais longe ainda”, disse o diretor da Condá, de Chapecó, Alfredo Lang, em maio de 2020. Na Marconi, a queda ultrapassou os 20% na sua fase inicial. Com o passar do tempo, os números do segundo semestre começaram a melhorar.

Fizemos um trabalho com os clientes que tiveram seus estabelecimentos fechados para alterar a data de vencimento dos seus pagamentos de publicidade para o final do contrato, alguns vamos receber em 2021, outros foram pagando alguns meses depois. Essa foi uma maneira de ajudar nossos parceiros em um momento difícil e não perdermos o cliente, deu um ótimo resultado, já recebemos 80% das prorrogações da época de quarentena (NICLELE, 2020).

Se as mudanças por conta da pandemia afetaram drasticamente as emissoras, o dia a dia dos profissionais de rádio sofreu duras consequências. Com a ampliação dos espaços de informação, a produção em grande escala de notícia resultou no aumento da carga de trabalho para jornalistas e radialistas. Em contrapartida, muitas das emissoras aderiram à Medida Provisória (MP) 936, de 1º de abril, que instituiu o Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda do Governo Federal (BRASIL, 2020).

A medida permite a redução de salários e da carga horária em até 70% como alternativa para a crise do novo coronavírus. “Nós optamos por dar férias a todos que não eram de microfone, até porque a intenção era não ter ninguém circulando na emissora como pediam as medidas do governo”, afirmou um dos radiodifusores ouvidos pela pesquisa. Essa foi uma prática recorrente em boa parte das empresas radiofônicas catarinenses.

Os empresários e gestores ouvidos não confirmaram demissões por conta da pandemia, mas os enxugamentos estão acometendo redações de jornais, televisões, portais país afora, e não seria diferente no meio radiofônico. São visíveis as dificuldades com a mudança abrupta nas rotinas de trabalho em plena pandemia no que tange o exercício de profissionais do rádio, sejam elas do estresse da sobrecarga de atividades ou pelos riscos à saúde com uma doença em que não se conhecem a cura ou a vacina.

Segundo a Federação Nacional dos Jornalistas, até julho de 2020 aproximadamente 4 mil profissionais tiveram impactos salariais desde que a crise do novo coronavírus chegou ao Brasil. A redução de salário muitas vezes chega aos 70% com a adesão à MP. Conforme levantamento da instituição com 16 sindicatos regionais, até junho de 2020, 205 jornalistas foram demitidos e 81 tiveram contratos suspensos (FENAJ, 2020).

As empresas já se diziam frágeis durante o processo de migração para o FM, em que radiodifusores reclamavam sobre a competitividade entre anunciantes, principalmente pela qualidade sonora irradiada (FARIAS; ZUCULOTO, 2017). O problema é que os tensionamentos sobre as relações de trabalho no meio ficaram ainda mais evidentes em tempos de crise sanitária, ou seja, a pandemia tem sido, em alguns casos, a justificativa para medidas drásticas como a redução de salários, cortes ou a suspensão de contratos (FENAJ, 2020).

4.6.2 A migração do AM, o Radiojornalismo e o combate à Covid-19

A migração das rádios de Amplitude Modulada, mesmo que ainda em andamento no Brasil, já significou reconfigurações no rádio de antena e, por consequência, no seu jornalismo, como apresentado nesta pesquisa. Em estudos anteriores que auxiliaram a fundamentar esta tese, discutimos o potencial legado da migração para um melhor aproveitamento de características que tornam o rádio um dos meios mais adequados à prática jornalística, em especial do jornalismo local/regional. Foram estes alguns dos apontamentos que fizemos no Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) em 2019, em artigo sobre a valorização do radiojornalismo em emissoras migradas para o FM em Santa Catarina (ZUCULOTO; FARIAS, 2019).

O que se observa é que este legado foi reforçado durante a pandemia, quando mais do que nunca o jornalismo se fez necessário para o cumprimento do seu papel na sociedade. Portanto, o radiojornalismo, entendido por meio do conceito de Eduardo Meditsch (2001) como um rádio informativo que presta serviços à comunidade, tem sido fundamental na cobertura e no combate à Covid-19.

O rádio informativo fala de coisas que, anteriormente, não eram notícia (a hora certa, por exemplo) e revoluciona a ideia da reportagem com as transmissões ao vivo. Aprofunda e contrapõe ideias e opiniões com facilidade e orienta as massas urbanas como o cão de um cego. Põe em contato os mais remotos pontos do interior e concede espaço para o receptor se manifestar como nenhum outro meio (MEDITSCH, 2001, p. 31).

A afirmação pode ser trazida para os dias atuais pensando na programação destas emissoras que ampliaram seus espaços de informação na grade, primeiramente com a Migração do AM-FM e, posteriormente, alargando os espaços de notícia por conta do novo coronavírus. A Rádio Pomerode, no norte catarinense, passou a inserir boletins com mais frequência sobre a Covid-19 durante os programas da emissora.

O mesmo aconteceu com outras empresas radiofônicas de Santa Catarina. A Rádio Marconi passou a fazer programas especiais sobre o tema aos finais de semana. Em março, quando a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretou a pandemia do novo coronavírus, os jornalistas viraram a madrugada do dia 19 de março com programação informativa. “A ideia foi levar informação de algo tão recente para a comunidade”, disse o chefe de Jornalismo.

Logo no início da pandemia no país, os jornalistas faziam plantão de informação ao longo do dia, como comentou Claiton Bohnenberger (2020), gestor da Coroadó, de Curitiba. “Sem sombra de dúvidas o jornalismo está com muito mais trabalho durante a pandemia, a produção de notícia aumentou bastante”. Afirmção corroborada com o jornalista Lucas Adriano (2020), da Pomerode, ao explicar que a atualização de dados sobre a Covid-19 ocorre “a todo momento, com o acompanhamento inclusive das coletivas do governador nos mais variados horários” (ADRIANO, 2020).

Nos primeiros meses de migração, a Clube de Lages apresentava números positivos em relação à audiência e, sobretudo, ao faturamento. Com a pandemia, a emissora registrou 12% de queda no número de anúncios. A empresa não dispensou trabalhadores, mas aderiu à MP do Governo Federal, como quase todo o setor. A rotina dos profissionais mudou, sem mexer estruturalmente na grade. Além de mais informações ao estilo utilidade pública, os comunicadores em grupo de risco atuavam fora da emissora, por conta do isolamento social. Segundo a diretora da Clube, Celeste Rogério (2020), os trabalhadores da “linha de frente, apresentadores e repórteres, continuaram trabalhando com todo cuidado, mas presencial”.

A ampliação da informação radiofônica ocorreu em rádios por todo Estado com intuito de levar orientações sobre um assunto tão recente à população. Esse alargamento do radiojornalismo também reforçou um outro cenário que já vinha se expandindo durante o

processo de migração para o FM. Parte das emissoras, nem todas, é bem verdade, entenderam a mudança de espectro como uma possibilidade de intensificar o jornalismo local na programação, compreendendo o rádio como um meio de proximidade com a comunidade onde está inserido (PERUZZO, 2005).

A Caçanjurê, segundo o coordenador de Jornalismo Murilo Roso (2020), passou a veicular mais notícias sobre saúde e prestação de serviço desde que a pandemia de coronavírus atingiu o Brasil. O faturamento da rádio estava consolidado desde a migração em 2018, no entanto a pandemia causou uma redução de 30% no período. Dentre as mudanças na rotina dos trabalhadores estão as entrevistas em estúdio que foram suspensas em março e seguem ocorrendo de forma muito restritiva. “Os repórteres passaram a usar ainda mais as ferramentas digitais”, disse Roso (2020).

Sendo assim, observamos que algumas rádios ao realizar a migração para o FM, como forma de construir um futuro em outra banda, principalmente por meio do alcance ampliado, apostou na produção de notícias locais/regionais com a finalidade de ampliar a audiência em outros municípios do entorno. Estas emissoras, como disse Bonixe (2015), reforçam laços e identidades por estarem inseridas no cotidiano da vida social da população. “As rádios locais desempenham uma função social que se sintetiza por favorecer uma renovação da vida e das iniciativas locais. A rádio local permite à comunidade conhecer-se melhor (BONIXE, 2015, p. 69).

Dessa forma, a pandemia acabou por reforçar essa tendência de informações com proximidade, tendo em vista a importância de dados, sobretudo para o entorno, durante uma crise sanitária como a vivenciada em 2020. Todas as rádios ouvidas sobre os reflexos da pandemia na programação afirmaram produzir notícias sobre os casos da Covid-19 em seus municípios, com o objetivo de alertar os ouvintes sobre riscos de contágio da doença, principalmente nos primeiros meses da quarentena no país.

Na rádio Pomerode, entrevistas mais extensas sobre o novo coronavírus ganharam espaço nos programas da emissora, como mostra a imagem do site, onde é reproduzido, além de um breve texto, o áudio com 24 minutos de entrevista realizada no início de julho de 2020, durante a programação matinal. Portanto, constata-se que o rádio segue possuindo um relevante papel social em mediar os acontecimentos, a realidade e o ouvinte, além de agir como um amplificador de informações à população.

Figura 33 - Entrevista em áudio sobre a situação do coronavírus na região de Pomerode

PROGRAMAÇÃO NOTÍCIAS EVENTOS EQUIPE ANUNCIE FALE CONOSCO OUVIR RÁDIO ON-LINE BUSCA

SECRETARIA DE SAUDE ESCLARECE PONTOS SOBRE TRABALHOS DE PREVENÇÃO AO CORONAVÍRUS

Nesta manhã, Salmos de Souza entrevistou a secretária municipal de saúde, Ligia Hoepfner, que esclareceu dúvidas dos ouvintes da Rádio Pomerode sobre diversos pontos da pandemia do novo coronavírus. A secretária de saúde também falou na entrevista sobre uma questão envolvendo a medicação usada pelos pacientes que testam positivo para a Covid-19 em Pomerode.

A secretária Ligia Hoepfner inclusive argumentou que o município de Pomerode, ao contrário do que foi ventilado através das redes sociais, não recebeu 4 milhões de reais para cuidar do novo coronavírus e que esta trata-se de uma notícia falsa. O município recebeu uma notificação do governo federal de que receberia um valor aproximado de 4 milhões, que seria pago em quatro parcelas, para se trabalhar a prevenção do coronavírus, mas principalmente para compensar as perdas na arrecadação de impostos devido ao impacto econômico que a queda da arrecadação traria aos cofres públicos municipais das mais de 5 mil cidades brasileiras. O valor destinado pelo governo federal que seria destinado exclusivamente à área de saúde e assistência social no enfrentamento à Covid-19, segundo Ligia Hoepfner, teve apenas a sua primeira parcela empenhada, um valor de cerca de 180 mil reais.

Ouçã abaixo a íntegra da entrevista.

0:00 / 24:14

Fonte: Site da Rádio Pomerode FM.

Outra questão potencializada pelo novo coronavírus foi a criação de campanhas sociais a atingidos pela pandemia, fundamentais no cumprimento do papel social do rádio, que desde suas origens é percebido como um meio propício para a mobilização social e ao estímulo ao exercício da cidadania. A Rádio Massa, de Içara, intensificou esse tipo de prestação de serviço durante a quarentena. “A gente abriu espaço para mobilizações regionais, de forma gratuita na grade da emissora. Abraçamos campanhas solidárias para instituições de toda a região, afinal, o momento pedia isso”, destacou Carolina Guidi, da Rádio Massa. Na imagem, a divulgação promovida pela emissora para arrecadar recursos para o Hospital São José de Criciúma, no sul do Estado²².

As campanhas levantadas pelo rádio são imprescindíveis ao cumprimento desses serviços de utilidade pública e prestação de serviço que o meio vem se propondo a realizar ao longo do tempo, atuando como meio para transmissão de informação e de formação do coletivo e do cumprimento do papel social diante da comunidade (BARBOSA FILHO, 2009). Papel este também evidenciado por Brecht (2005), quando observou ainda nos anos 1920 o caráter social do meio, ao descrever que qualquer campanha que proponha mudar realidades asseguraria à radiodifusão uma eficácia distinta e não somente decorativa do meio.

²² As campanhas sociais foram promovidas principalmente nos dois primeiros meses da pandemia no Brasil, entre abril e maio, meses em que produzíamos as entrevistas e a elaboração dos capítulos da tese.

Figura 34 - Live Solidária para o Hospital São José realizada pela Rádio Massa



Fonte: Site do Hospital São José/Criciúma-SC.

Ainda convém lembrar que a cobertura da Covid-19 desenvolvida pelas emissoras, mesmo realizada com limitações impostas pela situação, foi e segue sendo essencial no combate à doença e na prática de um jornalismo que auxilia no combate à desinformação e no salvamento de vidas, como citou Niclele (2020) ao justificar os novos espaços informativos da Rádio Marconi de Urussanga. “Em meio a tantas fake news, o Rádio e suas páginas oficiais na internet passaram a ser as principais fontes de informação das pessoas por ter a credibilidade e responsabilidade de colocar conteúdos embasados sobre o tema”.

Apontamos também que, em função da pandemia, conforme destacaram os profissionais do meio radiofônico ouvidos, acentuaram-se a demanda e a ampliação de programação jornalística nas rádios migradas para a Frequência Modulada em Santa Catarina. As estações adaptaram-se a esses fenômenos gerados pela própria migração primeiramente e, agora, expandidos pelo aumento do consumo de rádio, da interação ouvinte-emissora e da valorização da informação em decorrência da Covid-19. E isso ao mesmo tempo em que a crise sanitária causa outras determinantes rupturas no processo da migração, como a queda do faturamento das empresas radiodifusoras.

Nos sites das pesquisadas há espaços destinados ao assunto da pandemia, muitas vezes em editorias próprias ou anunciadas por meio de títulos que destacam notícias sobre a Covid-19. As redes sociais das empresas radiofônicas também ampliaram as informações sobre a crise sanitária, como mostra a imagem de julho de 2020 no Instagram da Rádio Clube de

Lages, em que a emissora divulga os números apresentados pela prefeitura em postagens no feed com o título *Lages contra o coronavírus*.

Figura 35 - Rádio Clube divulga informações com os números de Lages nas redes sociais



Fonte: Captura de tela do Instagram da Rádio Clube de Lages do dia 28 de julho de 2020.

Através do que constatamos nas emissoras pesquisadas na tese, destacamos o crescimento da informação jornalística no rádio durante a pandemia e, portanto, corroborando com o que se vem observando em relação às potencialidades de ampliação do espaço de radiojornalismo nas rádios que foram para o FM. Constatação ratificada sobretudo pelo radiojornalismo local e pela importância da informação para o entorno, como por exemplo ao transmitirem orientações para a comunidade sobre a nova doença, desconhecida até então, ou ainda a divulgação de serviços como exames nos postos de saúde e os locais adequados para quem apresente sintomas.

Vale destacar também, como apresentado nesta seção, que a necessidade de conteúdos confiáveis de informação numa crise como a que estamos vivenciando é inversamente proporcional ao enxugamento de redações, como demonstraram os números apresentados pela FENAJ. Sendo assim, fica difícil pensarmos em qualidade e novos espaços nas grades de

programação sem a contratação de mais profissionais ou, o que é mais grave, demitindo ou sobrecarregando de trabalho.

Assim, observa-se que essa valorização do espaço jornalístico, decorrente sobretudo da ampliação da cobertura da Covid-19 e do aumento dos espaços de informação nas grades por conta da migração, constitui um referencial de credibilidade ao meio radiofônico. Todas as rádios ouvidas sobre os reflexos da pandemia na programação afirmaram produzir notícias sobre os casos da Covid-19 em seus municípios, com o objetivo de alertar aos ouvintes sobre riscos e chances de contágio da doença, principalmente nos primeiros meses da quarentena no país, período em que foram realizadas estas entrevistas.

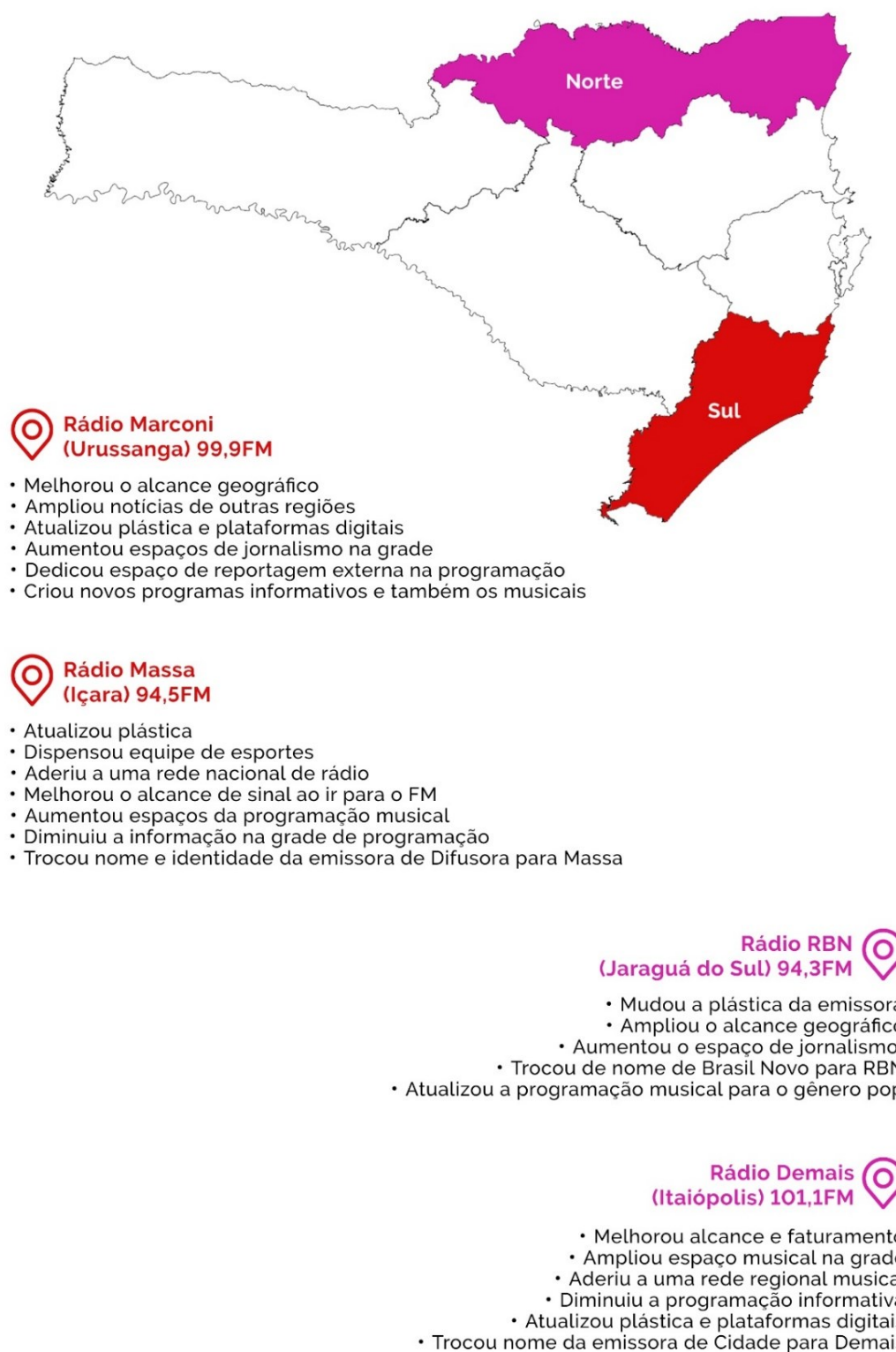
Portanto, as emissoras adaptaram suas programações no novo *dial* dentro da nossa compreensão de que o rádio é um meio de proximidade com a comunidade onde está inserido, conforme defendem teóricos do radiofônico como Peruzzo (2005). Não podemos deixar de fazer esta reflexão, principalmente neste momento em que a mídia precisa auxiliar na condução da sociedade para o enfrentamento da pandemia, ancorados em Brecht (1981, 2005) e sua “Teoria de La Radio – 1927/1932”, onde o autor identifica o potencial radiofônico de difundir informação de interesse público e clama para que efetivamente seja utilizado na evolução do meio.

Mesmo que não se possa afirmar com certeza que rádios catarinenses aqui pesquisadas expressam a tendência de ampliar a cobertura local por assim compreenderem o papel do radiojornalismo, entendemos que se prosseguirem com a ampliação e qualificarem a prática jornalística em busca de maior proximidade com suas audiências, devem trilhar o caminho de um fazer rádio cumprindo o seu papel social.

4.7 SÍNTESE DA ANÁLISE DE PROGRAMAÇÃO DAS EMISSORAS EM FM

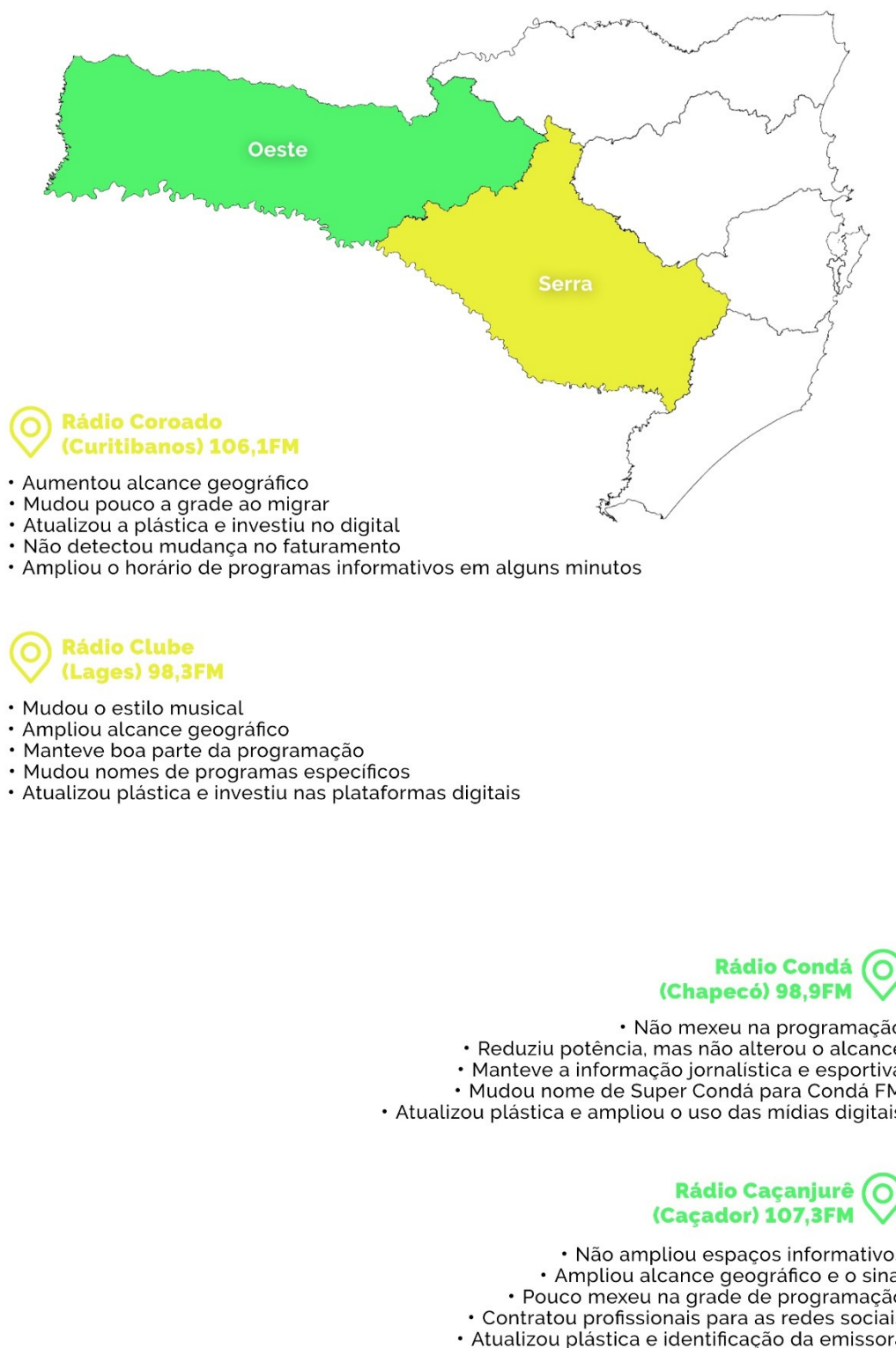
Nesta seção ilustramos, por meio de tabela, como ficaram evidenciadas as adaptações nas 12 rádios das seis mesorregiões de Santa Catarina. O objetivo é visualizar as mudanças e continuidades em cada uma delas em uma versão sintética. Na sequência, os tópicos principais apresentando o cenário de migração do AM-FM no Estado. Percebe-se o quanto as transformações não foram uniformes.

Figura 36- Resumo das adaptações das 12 emissoras integrantes da pesquisa



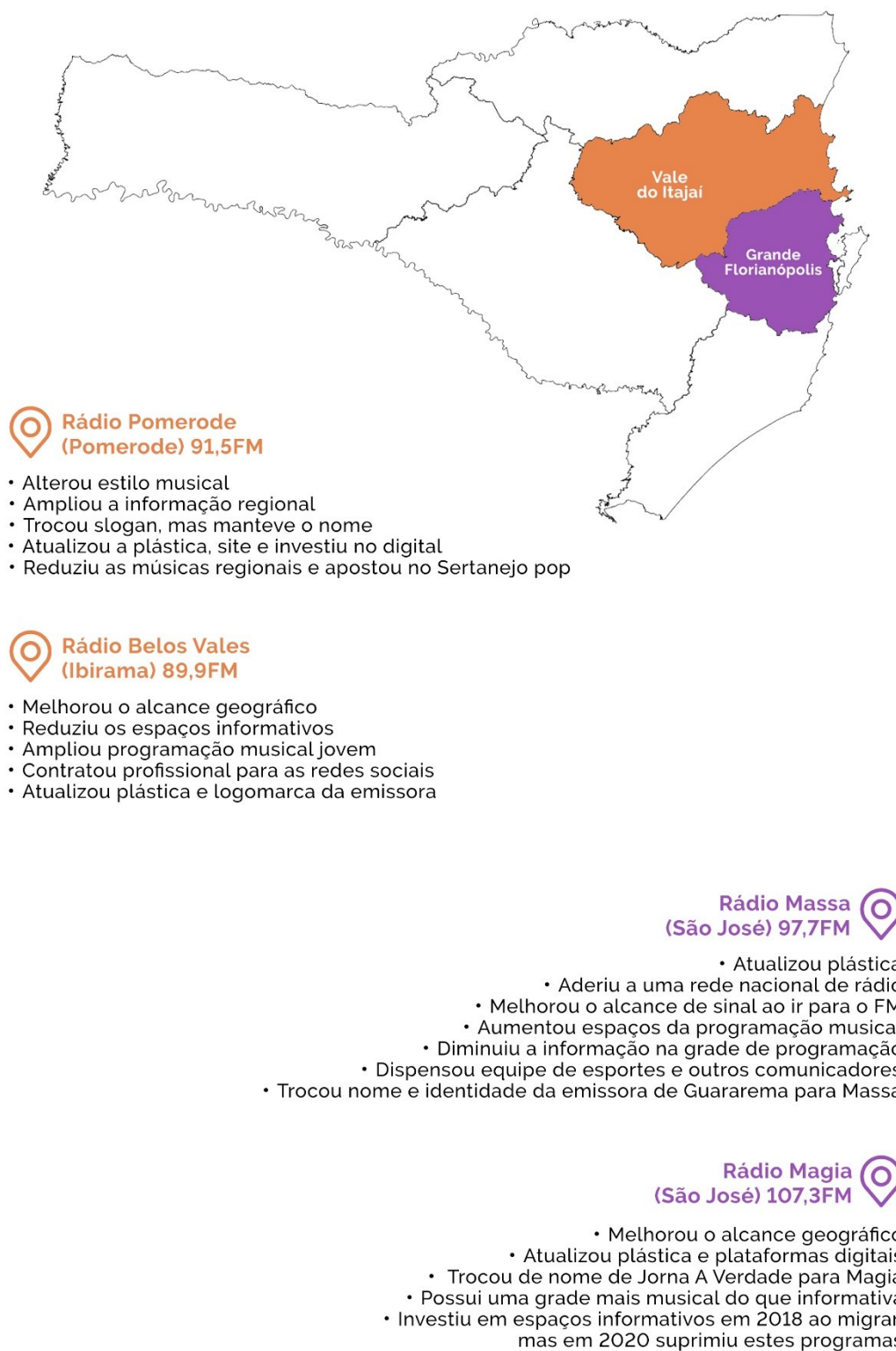
Fonte: Dados da pesquisa e das entrevistas realizadas.

Figura 37 - Resumo das adaptações das 12 emissoras integrantes da pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa e das entrevistas realizadas.

Figura 38- Resumo das adaptações das 12 emissoras integrantes da pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa e das entrevistas realizadas.

4.8 E AS RÁDIOS NÃO MIGRADAS?

A fim de entendermos o cenário da Migração do AM-FM no Estado, é preciso também redirecionar o olhar para as emissoras que aguardam, seja pela liberação de um canal na frequência estendida ou espera por questões técnicas, para a viabilidade e funcionamento em novo dial. Sendo assim, optamos por discutir o que vem ocorrendo com quem ainda não trocou de banda.

Ainda restam, das 99 emissoras catarinenses, 42 rádios passarem para um novo espectro. Dentre elas, ilustramos esta espera com a CBN Diário, de Florianópolis, que não faz parte do *corpus* das 12 empresas analisadas, porém entendemos ser importante para o contexto do rádio catarinense, já que é uma emissora *all news* e uma das mais importantes do ramo informativo no Estado. Diante disso, enviamos o questionário para a gestão da empresa com perguntas fechadas e abertas sobre o processo de mudança.

A CBN Diário começou a atuar em Santa Catarina em 1955 como Rádio Diário da Manhã (CAROS OUVINTES, 2014). Em abril de 1996, sob a gerência do Grupo RBS, passou a integrar a Central Brasileira de Notícias, aderindo assim à rede CBN, um dos principais grupos de rádios com notícias no país. Voltada ao jornalismo e ao esporte, a programação da CBN Diário de Florianópolis dedica sete horas diárias de informação local, diferentemente de outras repetidoras que optam por não fazer transmissões e jornadas de futebol²³. A emissora é sintonizada no 740AM e emite o sinal para municípios para além da Grande Florianópolis.

A assinatura do termo aditivo de adaptação de outorga para a troca de banda ocorreu em 2015 e desde lá a empresa, que atualmente integra o Grupo NSC Comunicação²⁴, aguarda pela migração. A direção da emissora preferiu não falar o quanto pretende investir para o processo, mas já iniciou mudanças na infraestrutura dos estúdios por conta das mudanças técnicas necessárias para a alteração de banda. Conforme o editor-chefe Márcio Serafini, a alteração de dial na CBN está no aguardo da liberação de novos canais no espectro convencional, pois a emissora não aspira ir para a faixa estendida.

²³ O espaço destinado à programação local varia em cada praça. A CBN, conforme Márcio Serafini (2020), coloca como facultativa a produção de conteúdo regional no horário vespertino e as transmissões esportivas. A CBN Diário ocupa os dois espaços.

²⁴ A NSC Comunicação é formada pela emissora de televisão NSC TV, afiliada da Rede Globo; pelo portal de notícias NSC Total, pelos jornais Diário Catarinense, A Notícia, Jornal de Santa Catarina e Hora de Santa Catarina e pelas emissoras de rádio CBN Diário, Atlântida, Itapema e Rádio Globo Joinville (NSC, 2020, online).

A migração em Florianópolis está na dependência de uma decisão do Governo Federal para permitir o ingresso das emissoras no FM em banda convencional e não na banda estendida, que é a possibilidade que está aberta neste momento. Isso é um processo fundamental, mas ainda esbarra nessa decisão que foge à nossa alçada (SERAFINI, 2020).

A situação da CBN Diário é a mesma de outras rádios catarinenses que não querem depender da faixa estendida para operar na Frequência Modulada, já que os receptores atuais não sintonizam a faixa de recepção de frequências entre 76 MHz e 108 MHz. Como citamos, a popularização do e-FM vai depender, pelo menos de certa maneira, da “massificação dos equipamentos receptores portáteis compatíveis que possam captar emissoras na faixa do FM estendido” (DEL BIANCO; PRATA, 2019, p. 8).

Em relação à programação após migrar o espectro, a rádio da capital não prevê grandes mudanças, mas sim atualizações que não foram citadas na entrevista que fizemos. No entanto, para o editor-chefe da emissora, manter os horários com programas locais está nos planos da empresa que é uma das rádios com maior espaço dedicado aos assuntos do entorno (COMASSETTO, 2007).

A CBN Diário é a única rádio 100% News na Grande Florianópolis, com, em média, sete horas de programação com a presença de âncoras locais e o restante em rede com a CBN, mas com intervenções locais também. A transição para o FM permitirá levar essa programação a mais consumidores, com melhor som, e alguns novos formatos de programa, mas sem alterações profundas na grade (SERAFINI, 2020).

A CBN Diário quer expandir seu conteúdo ainda mais nas redes sociais com a migração para o FM, segundo o gestor. Além disso, conforme Serafini (2020), a expectativa é aumentar a audiência, bem como “fidelizar a existente, pela qualidade de sinal e presença em smartphones que dispõem de FM (além do app), o que permite ouvir sem delay”. Ainda com relação ao público ouvinte, a empresa espera crescer em até 50% com a justificativa de alcançar uma audiência mais jovem e um maior número de mulheres ouvintes.

Atualmente, os espaços destinados à informação local são: *Notícia da Manhã*, das 9h às 11h, apresentado pelo comunicador Mário Motta, e na sequência o *Direto da Redação* ocorre das 11h às 12h. No horário do almoço há transmissão em rede e às 13h volta a programação local/regional com o programa *Debate Diário* até as 14 horas. O jornalista Renato Igor dá sequência às notícias da capital catarinense das 14h às 16h, e ao final da tarde é a vez do *CBN Diário Esporte*, somando as sete horas de produção da própria CBN de Florianópolis (NSC TOTAL, 2020).

Dentre os desafios, o editor-chefe Márcio Serafini (2020) acredita que a manutenção da emissora no dial convencional esteja entre os principais.²⁵

O maior desafio de momento nesse processo de migração é conseguir estar no FM dentro do dial tradicional, e não na banda estendida, que ainda é um salto no escuro - os rádios de casa, carros, celulares, não têm essa faixa e a maioria do público sequer sabe que ela existe. Essa abertura de espaço no dial tradicional tem amparo técnico, mas aguarda uma portaria do governo federal que permita a presença de mais emissoras com menor espaço de frequência entre elas. Uma vez feita essa medida, os desafios seguintes serão as mudanças dos equipamentos de transmissão, inclusive física - os locais indicados para a antena transmissora são diferentes no AM e FM; a estratégia de divulgação e convencimento da audiência já existente e a busca de novos ouvintes.

Em algumas regiões do país e também em Santa Catarina era previsto o uso do FM estendido após o desligamento da TV analógica. No entanto, uma série de estudos vem ocorrendo para dar viabilidade a essas emissoras e atender a solicitação de muitas empresas. Até o final deste ano uma nova regulamentação sobre Canalização e Uso de Radiofrequências deve ser aprovada pela Agência Nacional de Telecomunicações com disponibilização da faixa estendida, operada de 76.1 FM a 87.5 FM, para estes novos canais. A CBN Diário ainda não tem data para migrar e nem divulgou o possível canal de transmissão em Frequência Modulada.

²⁵ Em novembro de 2020, na conclusão desta tese, a CBN Diário de Florianópolis anunciou a transmissão de seu conteúdo em FM. No entanto, não ampliamos o assunto por entendermos não ser um processo fruto da migração. A emissora da capital fará transmissão simultânea, em AM e FM, em um canal que era utilizado pela Nativa FM até que a liberação do canal seja mesmo efetivada. Agora, a CBN pode ser sintonizada no 91,3FM.

CONCLUSÃO

As transformações recentes do processo de migração do AM-FM no rádio catarinense puderam ser, em parte, mensuradas por esta pesquisa. A mudança de banda gerou oportunidade de atualização para algumas emissoras tradicionais do Estado, que entenderam a troca de dial como possibilidade não somente de melhoria sonora como também de renovação de programação e estratégias para se reposicionar diante da convergência e das multiplataformas. Sem dúvidas, a conquista por mais qualidade nas transmissões foi uma sobrevida para o meio que vinha sofrendo com os ruídos eletromagnéticos em Amplitude Modulada, resultantes em perda de alcance, audiência e anunciantes.

Percebeu-se, assim, que a migração do rádio para a faixa FM foi uma medida emergencial do governo brasileiro, reivindicada por radiodifusores para revitalizar o AM que há muito sofria com seu modelo analógico. Aqui vale ressaltar a forte influência dos empresários do setor que lideraram movimentos de pressão política para agilizar o processo, inclusive “oferecendo soluções a impasses regulatórios com destaque na elaboração da fórmula de cálculo do valor de adaptação à nova frequência” (DEL BIANCO, 2018, p. 21).

Primeiramente é preciso realçar que as considerações apontadas neste estudo foram norteadas a partir da realidade catarinense, baseada em uma conjuntura de índices de desenvolvimento altos, adesão tecnológica, entre outros aspectos, diferentemente de outras realidades país afora. Por isso, as constatações aqui servem como um recorte ou modelo, mas não determinam um cenário único sobre a migração do AM brasileiro.

Além disso, a pesquisa é uma espécie de fotografia do momento, tendo em vista as muitas mudanças que ocorreram mesmo durante o processo de coleta de dados, como por exemplo o alcance desmistificado de que as FMs perderiam ao trocar a banda. Tabu entre muitos radiodifusores, a expectativa inicial das empresas era perder, e muito, o alcance de sinal. Porém, a situação não ocorreu por conta da grande interferência eletromagnética que atinge as ondas de Amplitude Modulada. Sendo assim, a troca de espectro superou expectativas nesse quesito, com rádios chegando mais longe em municípios que não eram alcançados no AM.

Os resultados também demonstram, entre outros fatores, adaptações visando ao rejuvenescimento da audiência a partir da inserção de música e prestação de serviço ao estilo dinâmico do FM, ampliação de mecanismos de interação com o público, aumento no faturamento do setor, aderência às redes musicais de rádios, atualizações estéticas e,

sobretudo, a valorização da informação, seja local ou em rede, como um referencial de credibilidade e atração para este rádio que vem deixando a Amplitude Modulada.

A migração, como falamos, foi uma solução paliativa e que tem colhido frutos positivos e negativos. Sem um modelo de transmissão digital, num caminho de insucessos em deixar o sistema analógico, o setor, sobretudo no interior, vinha a duras penas tentando sobreviver à crise do AM, como os próprios gestores ouvidos apontaram. Mas isso nem é novidade, o cenário já vem sendo discutido por pesquisadores há décadas. O fato é que a troca de modulação trouxe sim resultados satisfatórios, haja vista a mudança de perfis de programas históricos radiofônicos que eram veiculados em empresas do interior, que há muito não recebiam qualquer investimento em novos formatos.

Ainda dentre estes ganhos com a troca de banda destacamos: a) as adaptações de grades agora mais ecléticas visando um maior número de ouvintes jovens; (b) a ampliação de mecanismos de interação com o público por meio das redes sociais; (c) o aumento no faturamento do setor, em que muitas empresas registraram duas vezes mais do que no AM; (d) a melhora na qualidade sonora, que agora chega sem interferências nos receptores; (e) a atualização de equipamentos das rádios, entre outros aspectos que foram elencados na análise desta tese.

Nesse contexto de otimismo do setor, Prata e Del Bianco (2018) sinalizaram a migração como possibilidade de ressignificação do meio, ao afirmarem que, enquanto uma política pública, poderia representar crescimento e atualização técnica e de conteúdo para empresas de rádio, servindo, especialmente, às localidades do interior onde emissoras tradicionais estavam estagnadas há muitos anos. Além disso, nesse radar de oportunidades, as autoras apontaram ainda para a capacidade de geração de novos empregos nas emissoras para a produção de conteúdo jornalístico e de entretenimento, bem como em “impulsionar a indústria de equipamentos a partir da demanda por transmissores e equipamentos de produção” (PRATA; DEL BIANCO, 2018, p. 36).

Como vimos, foram muitos os ganhos com a migração para o FM. No entanto, esta tese constatou que o processo de troca no dial também foi uma saída estratégica para os negócios dos donos de rádios. Muitos aproveitaram o “momento de mudança” para efetivar cortes, romper contratos e reduzir despesas com pessoal. O argumento do rejuvenescimento da marca colaborou para esse quadro de reduções e enxugamentos.

Um exemplo que evidencia tal fato foi o que mostramos nas emissoras que aderiram a redes musicais. Sabemos o valor que elas têm, em profissionalizar e ampliar olhares para além do entorno, no entanto, elas também reduziram o espaço da informação local destas

rádios catarinenses, que desde sua fundação eram quase que fundamentalmente faladas e ligadas em proximidade com a comunidade. Também reduziram o número de colaboradores, ampliando o tempo de microfone de comunicadores durante os musicais, um costume ao estilo das FMs.

Um paradoxo ao pensarmos no novo, em tecnologia, em avanços, mas sem investimento na contratação de profissionais. A migração tem representado novas contratações para atuação em redes sociais. Ou seja, profissionais hoje atuam em uma área que se distancia, muitas vezes, da prática jornalística e mais se aproxima do marketing, com estratégias voltadas aos cliques e à consolidação da marca. Em compensação, repórteres nas ruas estão cada vez menos visíveis na programação das rádios, e a pandemia do novo coronavírus, que atingiu o planeta em 2020, exacerbou ainda mais estes pontos.

Um problema para quem pensa em inovar, como apontou Ferraretto (2015, p. 230), ao dizer que “embora a tecnologia seja um ativo importante na convergência, a sua disponibilidade é proporcional à redução dos custos, algo comum após a introdução de inovações, provocando a disseminação a médio prazo de qualquer novidade”. E emendou, ao declarar que “empresários, gestores de conteúdo e profissionais precisam compreender que, em relação ao ouvinte, a necessidade de incorporar práticas – como as relativas às redes sociais – não diminui a importância da produção de conteúdo radiofônico adequado, mas aumenta a responsabilidade inerente à veiculação de quaisquer programações”.

O nosso entendimento foi de que muitas empresas perderam a chance de enxergar o rádio informativo como uma alternativa de se aproximar de um público que estava cada vez mais distante de meios tradicionais. Parte dessas emissoras percebeu que as pessoas não ligam mais o rádio somente para ouvir música, algo que as plataformas digitais oferecem em abundância, mas que o motivo da sintonia está na busca de informação, do local, da prestação de serviço e da comunicação interativa com comunicadores.

Como pontuou Cebrián Herreros (2007, p. 65), ao observar que “frente à globalidade é preciso insistir no local, no desenvolvimento do entorno imediato, nas culturas do próximo que interessam a todos que vivem em uma determinada comunidade”. Ou seja, o que vem faltando ao rádio é a adaptação, que mais uma vez bate à sua porta. O rádio precisa despertar para o novo e, ainda que gradualmente, rever ações e estratégias (LOPEZ, 2009).

Dessa forma, a migração poderia ter sido para muitas empresas um *start* para renovação além da plástica. Porém, em muitas emissoras, as mudanças ficaram apenas na estética e não passou disso. O conteúdo ficou estagnado e fadado ao que já acontecia nos últimos anos. Assim, como disse Gambaro (2019, p. 111), na era em que tudo está disponível

o tempo todo, “a falta de novidade relega o rádio ao passado. [...] a forma como observamos o rádio atualmente – a instituição social radiofônica – são as estratégias e práticas discursivas oriundas dos conceitos cristalizados sobre o papel do rádio nas décadas de 1960 e 1970”. O que poderia ter sido a chance de repaginar muita coisa ficou focada em transformações estéticas, mirou muito mais na plástica, na qualidade de som, e pouco além disso.

No que tange aos objetivos desta tese, analisamos quais foram as adaptações na programação jornalística das emissoras de Santa Catarina, pontuando mudanças, cenários e tendências. Por meio das 12 emissoras analisadas, foi possível verificar em quais delas houve o alargamento ou a diminuição dos espaços dedicados ao jornalismo ou quem apresentou continuidades no processo de troca de banda em sua programação.

Foi importante debruçarmos o olhar em seis mesorregiões para que não ficassem cenários sem análises. A coleta de dados, bem como as entrevistas e a análise das programações das empresas nos ajudaram a mapear os efeitos da migração nas programações radiofônicas em Santa Catarina. Por isso a escolha pelas emissoras: Rádios Demais (Itaiópolis) e Brasil Novo (Jaraguá do Sul) no Norte; Rádios Marconi (Urussanga) e Difusora (Içara) no Sul; Rádios Jornal A Verdade (São José) e Guararema (São José) na Grande Florianópolis; Rádios Super Condá (Chapecó) e Caçanjurê (Caçador) no Oeste; Rádios Coroadó (Curitibanos) e Clube (Lages) na região Serrana e Rádios Belos Vales (Ibirama) e Pomerode (Pomerode) no Vale do Itajaí foram essenciais para os apontamentos desta tese.

Como dissemos, as transformações não foram uniformes, tampouco retilíneas, mas evidenciaram questões importantes sobre as transformações no meio em Santa Catarina. Para alcançarmos os resultados, foram utilizadas abordagens metodológicas multidisciplinares, que possibilitaram apresentarmos modelos do que vem ocorrendo nas rádios catarinenses. As técnicas utilizadas, como observação das programações, entrevistas e análise dos espaços jornalísticos, possibilitaram a conexão entre o material bibliográfico e os objetos empíricos. Todas elas imprescindíveis para atingirmos os objetivos desta pesquisa.

No *capítulo 1*, levantamos a trajetória histórica do rádio, sua evolução enquanto técnica e transmissão, até os dias atuais com a migração do AM-FM. Essa (re) visita histórica deu-se para embasar reflexões futuras sobre o meio. Elencamos a evolução tecnológica por meio de ondas de mudança, demonstrando a resiliência do meio neste centenário no Brasil, e trouxemos para a discussão autores referenciais no tema.

Foi nessa seção que apontamos o cenário de crise em que têm vivido as transmissões em Amplitude Modulada, tanto no que se refere à audiência quanto à captação de sinais e a falta de investimento da indústria em tecnologia. Também discutimos a expectativa de quem

aguarda o dial estendido. Como vimos, a espera por um novo canal é um dos fatores determinantes na demora da conclusão de todo o processo de migração do AM-FM no país, que segue sem uma data final anunciada. Somente no Estado, são quase 40 emissoras no aguardo dessa liberação.

Na sequência, a partir dos formatos de programação apresentados na segunda parte deste estudo, pudemos compreender melhor a opção por parte das emissoras em utilizar determinado conteúdo ou forma em seus programas. A ideia foi justamente entender a partir de que conceito de rádio analisamos o nosso objeto empírico, ou seja, entendeu-se ser importante trazer para a pesquisa os vários conceitos que se articulam em torno de programação radiofônica informativa.

Nesse *capítulo 2* problematizamos ainda as especificidades de cada dial até o período atual da radiodifusão, em relação às diferenças que vão da qualidade do som ao estilo do comunicador até a formação de vínculos afetivos, como o companheirismo do rádio. Ao apresentarmos os resultados, esse capítulo teórico foi fundamental para identificarmos os novos formatos de grades que surgiram, as transformações no estilo de transmissão e como o jornalismo se apresentou nessas emissoras migradas.

Foi a partir destas reflexões que, sem supervalorizar a informação local em detrimento da música, passamos a defender a migração como uma espécie de catalisadora para um radiojornalismo voltado ao seu entorno. Tudo isso aportados no desenvolvimento do rádio como este meio de comunicação propício para apuração e difusão de conteúdos de proximidade. As características intrínsecas ao meio, como o imediatismo, agilidade, utilidade pública, fazem com que isso se torne eminente ao meio (ZUCULOTO; FARIAS, 2019).

Na terceira parte apresentamos o recorte das emissoras que serviram de *corpus* para a análise desta tese, bem como discorremos sobre os primeiros apontamentos da migração nas 12 empresas verificadas. Esse *capítulo 3* foi importante para nos guiar ao olharmos para as rádios migradas e identificarmos os primeiros passos diante da troca de banda em cada uma das seis regiões catarinenses. A escolha por duas emissoras por mesorregião nos permitiu apontar modelos do que vem acontecendo diante da migração do AM em Santa Catarina sem que cenários ficassem de fora nas seis regiões catarinenses.

A breve apresentação histórica de cada uma das 12 estações também auxiliou no processo de conhecimento das particularidades do rádio em Santa Catarina, bem como servirão de registro para pesquisas futuras sobre rádios que trocaram identidade e marca após a troca de banda. Um exemplo disso são os registros de emissoras tradicionais que não mais existem, como a Difusora de Içara, a Guararema de Florianópolis ou a Cidade de Itaiópolis.

Na análise, descrita no *capítulo 4*, dissertamos sobre aspectos emergentes no processo de mudança no dial. Como as transformações não ocorreram de forma uniforme, como viemos apontando ao longo da tese, os desdobramentos não foram padronizados, por isso tivemos emissoras que apostaram no jornalismo como diferencial, mas também registramos estações que diminuíram seus espaços informativos em troca da programação musical.

A adesão a redes nacionais foi um outro ponto evidenciado e problematizado neste estudo e que deve ser ampliado em estudos futuros, quando os reflexos dessa mudança terão elucidações ainda mais concretas. A diminuição do jornalismo local em alguns municípios por conta da programação musical trará reflexos na sociedade que necessitarão de novas pesquisas para avaliação desses impactos que agora ainda são recentes.

Mais um ponto elencado com a migração foi a especialização da programação de empresas que detenham mais de uma emissora. Grandes e pequenos grupos de rádios apostaram em emissoras “nichadas” como alternativa comercial e sobrevivência. Pontuamos este fato apresentando casos como a Clube de Lages e a Caçanjurê de Caçador. O estilo generalista de rádio, ou o que chamamos de versátil, também apareceu como evidência entre as emissoras migradas no Estado. O estilo eclético, intercalando música e informação, foi mais um dos destaques apontados nesta tese. O que não entendemos como novidade, já que o formato remete aos tempos remotos do rádio, quando a grade trazia programas de conteúdo variados, visando a um público diverso.

Não podemos negar que a fala dos gestores, disposta ainda nesse *capítulo 4*, pesou para a análise de toda a pesquisa. Isso porque entendemos que são atores importantes no cenário da migração, desde a pressão para assinatura do decreto ainda em 2013 até o momento de execução da mudança de modulação. Passou por eles todo o processo, e por isso, ouvi-los foi essencial para conhecermos os reflexos da migração no rádio catarinense. É claro que foi preciso ir além, e assim olhamos para a programação, para os sites das emissoras e ouvimos parte dos conteúdos das rádios pesquisadas, de maneira *online*, para que pudéssemos fazer apontamentos para além da visão dos donos de rádio. E assim o fizemos.

Ainda em relação ao radiojornalismo local, apontado como uma possibilidade para as rádios durante o procedimento de troca de espectro, conseguimos discutir a importância da informação do entorno para a sociedade, pois, como disse Rocha (2015), o local pode atender a necessidade de informação dos cidadãos de uma forma até mais humana e social, criando conexões entre o comunicador e o público. Assim, observamos que o radiojornalismo de âmbito local poderia servir como ponto de referência e de identificação para culturas locais,

bem como fomentar inovações estruturais do jornalismo e dos processos que utilizem da divulgação de informações necessárias à vida cotidiana. A informação é e continuará sendo essencial para o desenvolvimento da sociedade humana.

Optamos por não entrar no assunto *podcast* por entendermos fugir da proposta desta tese, porém, nestas considerações vale pontuar que as rádios poderiam explorar melhor a podosfera como alternativas criativas em busca de uma audiência que vem consumindo cada vez mais as produções independentes dos agregadores de áudio. Sabemos que grandes emissoras de rádio já vêm ampliando esse cenário, mas nas rádios interioranas, campo desta pesquisa, o recurso ainda é pouco aproveitado, o que entendemos seja uma lacuna e que deveria ser explorado nesse contexto de inovação que a maioria das empresas radiofônicas afirma como saída para a crise do setor.

Justificamos também a inserção de um *capítulo 5*, que discutisse a pandemia do novo coronavírus e os impactos nas rádios migradas, já que a crise sanitária da Covid-19 refletiu na audiência e na produção da informação radiofônica durante o andamento dos estudos. A pesquisa conseguiu apontar para a valorização do espaço jornalístico, decorrente sobretudo da ampliação da cobertura de saúde pública e uma maior interação entre ouvinte-emissora, apontados como aspectos positivos na migração do AM e que foram evidenciados durante o isolamento social.

Já o faturamento das empresas, que havia crescido após a troca para o FM, apresentou queda durante a pandemia, num cenário que atingiu não somente as emissoras catarinenses, como todo o Brasil. Nesse capítulo, lembramos que muitas entrevistas precisaram ser refeitas já que tinham ocorrido antes do período de isolamento social, o que demandou uma atenção especial para a construção dessa seção, que entendemos seja necessária para a compreensão dos reflexos de uma pandemia nos muitos aspectos da sociedade.

Também nessa parte do estudo observamos as expectativas de rádios que aguardam pelo FM estendido e decidimos ilustrar esta espera pela CBN Diário, que, mesmo estando fora do *corpus* das 12 empresas analisadas, avaliamos ser importante para o contexto do rádio catarinense, justificando por ser ela uma emissora *all news* e uma das mais importantes do ramo informativo no Estado.

Todas as emissoras que ouvimos descreveram, somente nos dois primeiros meses de isolamento, um declínio nas vendas do setor comercial. Outra questão potencializada pelo coronavírus foi a criação de campanhas sociais a atingidos pela pandemia, fundamentais no cumprimento do papel social do rádio, que desde sua implantação é percebido como um meio propício para a mobilização social e a ampliação da cidadania. Essas ações levantadas pelo

rádio foram imprescindíveis ao cumprimento desses serviços de utilidade pública e prestação de serviço que o meio vem se configurando ao longo do tempo, como agente de informação e formação do coletivo, cumprindo assim sua função diante da sociedade.

Diante desses fatos, vamos chegando ao final deste trabalho lembrando também das dificuldades em conseguir ouvir os radiodifusores, em levantar programações antigas e dados consolidados com as emissoras. O histórico delas nem sempre são apresentados no site, por exemplo, e conseguir o material foi um trabalho de apuração científica e jornalística. Atentamos para o empecilho que foi efetivar este levantamento, já que primeiramente iríamos aprofundar o estudo no cenário brasileiro e não somente em Santa Catarina.

No entanto, ao passarmos pela qualificação entendemos que o olhar para o entorno nos daria também perspectivas interessantes para entendermos o fenômeno da migração do AM. Também lembramos que o radiodifusor nem sempre esteve disposto a detalhar sobre um dos fenômenos contemporâneos de maior importância para o seu setor. O que lamentamos profundamente, já que ficam lacunas sobre informações que poderiam ampliar ainda mais as reflexões sobre a temática da migração. Problema que não é exclusivo desta pesquisa, lembramos, mas de um contexto geral dos estudos em rádio.

Assim, concluímos que emissoras locais e do interior seguem tendo potencial de atuação na cobertura de informações que afetam diretamente o dia a dia de sua audiência, já que no rádio o investimento nos acontecimentos do entorno é uma aposta na força de laços identitários e dotam o morador de um diferencial em seu cotidiano. Diante disso, a adaptação das programações no novo dial, dentro da nossa compreensão de que o rádio é um meio de proximidade com a comunidade onde está inserido, conforme defendem teóricos do radiofônico, poderia fomentar mudanças mais significativas no que se referem à informação e ao jornalismo.

Entretanto, essas potencialidades não estão sendo exploradas por completo após a mudança de espectro, tendo em vista os enxugamentos nas redações ou o encurtamento dos espaços de informação nas grades, como apontados durante a análise desta tese. Se foi ou não certa a mudança, fica o desejo de continuidade e de estudos futuros sobre a Migração do AM-FM. Dessa forma, o prosseguimento desta pesquisa se faz necessário para perceber se quem apostou no jornalismo como ferramenta de credibilidade em novo dial garantiu o aumento da audiência, de faturamento ou mesmo o fortalecimento da marca da emissora.

Daqui a alguns anos essa revisita será de suma importância para as pesquisas em radiojornalismo e para sabermos se a redução, em alguns casos, de informação de um meio de massa democrático como é o rádio significou um agravamento na percepção de realidade

da população, o que apontamos como necessidade de estudos futuros e de pontos de partida para novas buscas. A relevância da pesquisa deu-se ao olharmos para o rádio como uma mídia de hoje resiliente e com credibilidade entre o público, principalmente em tempos de desinformação, além de mostrar as transformações técnicas e estruturais que têm modificado sua forma de irradiar e produzir informação.

Aponta-se ainda que as análises propostas nesta tese deixam margem para novas investigações de outros autores ou de mais olhares sobre a Migração do AM-FM, não só com recorte em Santa Catarina, mas realizável em outras localidades do Brasil. Observamos que a sistematização das categorias apresentadas nos resultados podem nortear estes trabalhos sobre a informação local no rádio ou mesmo servir de referencial teórico para pesquisas futuras.

Dito isso, finalizamos desejando que o meio continue avançando não somente nas questões técnicas, mas ampliando seu uso efetivo de recursos que possam ampliar e qualificar a prática jornalística a fim de que o meio possa ser melhor utilizado e se realizar com todas suas qualidades. Para Meditsch (2007, p. 282), “[...] a poderosa magia do rádio informativo, como tantos outros recursos da civilização, aparece hoje como um extraordinário meio de comunicação e produção de conhecimento que está sendo, muitas vezes, subutilizado pela sociedade”.

REFERÊNCIAS

ABERT - Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão. **Pesquisa da ABERT mostra evolução de celulares com acesso à TV e rádio.** Disponível em: <http://www.abert.org.br/web/index.php/notmenu/item/25584-pesquisa-da-abert-mostra-evolucao-de-celulares-com-acesso-a-tv-e-radio>. Acesso em abril de 2017.

_____. **Aparelhos de rádio deverão ser produzidos com faixa de FM estendida, 2017.** Disponível em <https://www.abert.org.br/web/notmenu/aparelhos-de-radio-deverao-ser-produzidos-com-faixa-de-fm-estendida.html>. Acesso em abril de 2018.

_____. **Migração do AM para o FM.** Disponível em <https://www.abert.org.br/web/migracao-am.html> Acesso em jan. 2018.

_____. **Especial: Migrantes AM-FM ampliam a sua cobertura após estreia no dial FM.** Disponível em <https://www.abert.org.br/web/notmenu/especial-migrantes-am-fm-ampliam-a-sua-cobertura-apos-estreia-no-dial-fm.html>. Acesso em jan. de 2019.

ACRACOM - Associação Catarinense de Rádios Comunitárias. **Rádios comunitárias de SC.** Disponível em: <http://abracosc.com.br/?cat=344>. Acesso set. de 2017.

ACONTECENDO AQUI. Massa FM chega a Florianópolis por meio de afiliação firmada com a Rede Guararema. 2017. Disponível em: <https://acontecendoaqui.com.br/comunicacao/massa-fm-chega-florianopolis-por-meio-de-afiliacao-firmada-com-rede-guararema> . Acesso em: jan de 2019.

ABREU, Karen Cristina Kraemer. Breve memória da Rádio Clube de Lages, em Santa Catarina. *In: Encontro Nacional de História da Mídia*, 10., 2015, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre, RS: Alcar, 2015.

AERP – Associação das Emissoras de Radiodifusão do Estado do Paraná. **Automóveis que sintonizam FM estendido já são realidade no Brasil.** 2018. Disponível em <https://aerp.org.br/novo/geral/automoveis-que-sintonizam-fm-estendido-ja-saorealidade-no-brasil/>. Acesso: abril 2020.

ACAERT - Associação Catarinense de Emissoras de Rádio e Televisão. **Busca pela informação aumenta consumo dos serviços do rádio e televisão durante a pandemia do coronavírus.** <http://www.acaert.com.br/busca-pela-informacao-aumenta-consumo-dos-servicos-do-radio-e-televisao-durante-a-pandemia-do-coronavirus#.XwUSyShKiMp>. Acesso em junho de 2020.

AMATO, Fábio. **Dilma assina decreto que permite migração de rádio AM para FM.** G1, 2013. Disponível em <http://g1.globo.com/economia/noticia/2013/11/dilma-assina-decreto-que-permite-migracao-de-Radio-am-para-fm.html>. Acesso em dez de 2018.

ANATEL – Agência Nacional de Telecomunicações. **Comitê de Espectro da Anatel estuda ampliação do número de canais de FM.** Brasília, 03 jun.2019. Disponível em <http://www.anatel.gov.br/institucional/ultimasnoticiass/2286-comite-de-espectro-da-anatel-estuda-ampliacao-do-numero-de-canaisde-fm>. Acesso: fevereiro de 2020.

_____. **Anatel tem nova regulamentação para os serviços de radiodifusão.** 2020. Disponível em <https://www.anatel.gov.br/institucional/component/content/article?id=2493>. Acesso em ago. de 2020.

_____. Localiza registro. 2017. Disponível em: <https://sistemas.anatel.gov.br/easp/Novo/Consulta/Tela.asp?OP=E&SISQsmodulo=16587> Acesso: maio 2019

_____. **A Extensão da Faixa de FM (eFM) e a Migração da Faixa de OM: O que fazer com os canais 5 e 6 da televisão na era digital.** Documento técnico. Brasília, março de 2010. Disponível em <http://www.anatel.gov.br/Portal/verificaDocumentos/documento.asp?numeroPublicacao=244137&pub=original&filtro=1&documentoPath=244137.pdf>. Acesso: mai 2019

ANTONIK, Luís Roberto. Prefácio. *In: Migração do Rádio AM para o FM: avaliação de impacto e desafios frente à convergência tecnológica.* Florianópolis: Ed. Insular 2018.

AVRELLA, Bárbara; ZUCOLOTO, Valci. A programação jornalística local: o caso da Rádio Luz e Alegria AM. **Radiofonias–Revista de Estudos em Mídia Sonora**, v. 4, n. 1, p. 53-71, 2013.

AVRELLA, Bárbara. **O radiojornalismo local em pequenas emissoras: um estudo das rádios Luz e Alegria AM e Seberi AM.** Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC): Florianópolis: 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/129118/328999.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: nov. de 2019.

AVRELLA, Bárbara; ALEXANDRE, Tássia Becker. **A trajetória histórica das redes de rádio no Brasil.** *In: Encontro Regional Sul de História da Mídia*, 5. (Alcar Sul). Florianópolis, 2014.

BALDISSERELLI, J. M., SANTOS, A. **As contribuições da Rádio Caçanjurê no desenvolvimento cultural e social do município de Caçador/SC.** Caçador-SC: Eduniarp, 2018.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio.** São Paulo: Paulinas, 2009.

BARBOSA, Marialva Carlos. Comunicação: uma história do tempo passando. **Revista TransVersos**, n. 11, p. 98-118, 2017.

BETTI, Juliana Gobbi; MEDITSCH, Eduardo. **O formato all-news no rádio brasileiro: importação, estranhamento e adaptação.** *In: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor).* São Bernardo do Campo, nov. 2008.

BETTI, Juliana Gobbi. As Redes de Rádio no Brasil: estratégia e desenvolvimento. *In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 34., 2011, Recife. **Anais [...]**. Recife:

Intercom, 2011. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2774-1.pdf> Acesso em: jan. 2019.

BONIXE, L. A territorialização da informação: uma análise do jornalismo nas rádios locais portuguesas. **Novos Olhares**, v. 4, n. 1, p. 67-80, 2015.

BRASIL. **Migração das rádios AM para a faixa FM**. Brasília: Ministério das Comunicações, 2016. Disponível em: <http://www.mc.gov.br/sala-deimprensa/todas-as-noticias/institucionais/39095-ams-ja-podem-pagar-outorga-de-migracao-para-fm>.

_____. **Portaria 127 Procedimentos Migração OM/FM de 1963**. Disponível em <http://adthec.com.br/adthec/index.php/noticias/migracao-om-fm/portaria-127-procedimentos-migracao-omfm/>. Acesso em julho de 2020.

_____. **Decreto presidencial nº 8.139 – 7 de novembro de 2013**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Decreto/D8139.htm. Acesso em dezembro de 2018.

_____. Portaria n. 126, de 12 de março de 2014. **Diário Oficial Da União**, seção 1, n. 49, 13 de março de 2014. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=13/03/2014&jornal=1&pagina=74&totalArquivos=100> Acesso em: 15 de agosto de 2017.

_____. **Decreto Nº 52.026, de 20 de Maio de 1963**. Aprova o Regulamento Geral para Execução da Lei nº 4.117, de 27 de agosto de 1962. Disponível em <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=DEC&numero=52026&ano=1963&ato=a00kXTq1ENVRVT51c>. Acesso em dez de 2019.

_____. **Medida Provisória Nº 936, de 1º de abril de 2020**. Institui o Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda e dispõe sobre medidas trabalhistas complementares para enfrentamento do estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020, e da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (covid-19), de que trata a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, e dá outras providências. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/mpv/mpv936.htm . Acesso em: dez de 2019.

BRAGANÇA, Maria Alice. Ensaio de convergência: o caso da Rádio Gaúcha. *In*: MARTINS, Francisco Menezes (org.). **A comunicação, o social e o poder**: cultura, complexidade e tolerância. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

BRECHT, Bertold. Teoría de la Radio (1927-1932). *In*: BASSETS, Lluís (ed.). **De las ondas rojas a las radios libres**: textos para la historia de la radio. Barcelona, Gustavo Gili, 1981.

BRECHT, B. Teoria do Rádio (1927-1932). *In*: MEDITSCH, E. (org). Teorias do Rádio – textos e contextos. Volume I. Florianópolis: Insular, 2005.

BRECHT, Bertolt. Teoría de la Rádio (1927-1932). In: BASSETS, Lluís (ed.). De las ondas rojas a las Rádios libres. Textos para la historia de la Rádio. Barcelona, Gustavo Gili, 1981.

BRECHT, B. Teoria do Rádio (1927-1932) (2005). In: MEDITSCH, E. (org). Teorias do Rádio – textos e contextos. Volume I. Florianópolis: Insular.

BREITENBACH, Jerônimo. **Rádiodifusão no Brasil: avanços e retrocessos e a migração das emissoras em AM para FM.** 2017.

CAÇADOR ONLINE. **Rádio Caçanjurê migra para FM e passa a operar na frequência 107,3:** na FM, haverá grandes melhorias, como sinal sem ruídos e mais alcance. 2018. Disponível em: <https://www.cacador.net/noticias/geral/2018/11/07/mudanca-Radio-cacanjure-migra-para-fm-e-passa-a-operar-na-frequencia-107-3-41618> Acesso em maio de 2020.

CAMARA DOS DEPUTADOS. **Projeto de Lei Nº 8437, de 2017.** Dispõe sobre o aparelho de telefonia celular com capacidade de recepção de sinais de rádiodifusão sonora em Frequência Modulada – FM. Disponível em: Disponível em <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2149923> . Acesso em dez. de 2019.

CAROS OUVINTES. **Rádio Diário da Manhã:** fazendo história desde 30 de janeiro de 1955. Florianópolis, 2014. Disponível em <http://www3.carosouvintes.org.br/radio-diario-da-manha-desde-30-jan-1955/>. Acesso em set. 2020.

CAROS OUVINTES. **Magia promete sacudir o rádio FM popular.** 2018. Disponível em: <http://www3.carosouvintes.org.br/magia-promete-sacudir-o-radio-fm-popular/> . Acesso em: dez. de 2019.

COROADO. **Coroado FM:** Emissora desliga hoje o sinal AM. 2017. Acesso: <http://portalcoroado.com.br/home/2017/09/05/coroado-fm-emissora-desliga-sinal-am-a-partir-de-hoje/> Acesso em: dez. de 2019.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CHANTLER, Paul, HARRIS, Sim. **Radiojornalismo.** São Paulo: Summus Editorial, 1998.

CÉSAR, Cyro. **Como falar no rádio: prática de locução AM e FM.** Summus Editorial, 2009.

COSTA, Luciana Miranda. In: **Desafios do rádio no século XXI.** São Paulo: INTERCOM, 2001.

CEBRIÁN HERREROS, Mariano. **A criatividade no contexto do rádio atual.** Teorias do rádio: Textos e contextos. Florianópolis, Insular, v. 2, p. 337-363, 2008.

CEBRIÁN HERREROS, Mariano. **La radio em la convergência multimedia.** Barcelona: Gedisa, 2001.

CEBRIÁN HERREROS, Mariano. **Modelos de radio, desarrollos e innovaciones: del diálogo y participación la interactividad.** Madrid: Fragua, 2007.

COMASSETTO, Leandro Ramires. **A voz da aldeia: o rádio local e o comportamento da informação na nova ordem global.** Florianópolis: Insular, 2007.

_____. O rádio local na era das redes. *In.:* Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 5. **Anais...** Natal: Intercom, 2008.

COMASSETTO, Leandro Ramires. A internet como recurso para reforçar a proposta do rádio local. **Logos**, v. 18, n. 2, 2011.

CUNHA, Mágda Rodrigues da; AVRELLA, Bárbara. O radiojornalismo no contexto do software. **Revista Rádio-Leituras**, Mariana-MG, v. 10, n. 01, pp. 04-21, jan./jun. 2019.

CURADO, Camila Cristina. **Migração de rádios AM para FM: Processos de preparação e perspectivas de mudança frente à convergência tecnológica.** Trabalho de Conclusão do Curso – Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, 2015.

DANTAS, Francisco José Gomes. **As áreas de cobertura das emissoras de TV e as regiões urbanas de Santa Catarina: o caso da rede independência de comunicação.** Trabalho de Conclusão do Curso – Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis, 2010.

DEL BIANCO, N. Rádio e o cenário da convergência tecnológica. *In:* DEL BIANCO, Nélia (Org.). **O rádio brasileiro na era da convergência.** São Paulo: Intercom, 2012. p. 16-37. (Coleção GPs, 5).

_____. Processo de Implantação do Rádio Digital no Brasil: processo inacabado *In:* ZUCULOTO, Valci; LOPEZ, Debora; KISCHNEVSKY, Marcelo. (Orgs.) **Estudos radiofônicos no Brasil: 25 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom.** Coleção GPs Grupo de Pesquisa. Vol. 22. São Paulo: Intercom, 2016. p. 294-308.

DEL BIANCO, Nélia R.; ESCH, Carlos Eduardo. Condições de adaptação do rádio brasileiro à tecnologia de difusão digital. **Conexão-Comunicação e Cultura**, v. 9, n. 18, 2010.

DEL BIANCO, N. O ciclo da política pública brasileira de migração do Rádio AM para o FM: sustentabilidade, gestão do espectro e regulação. **Revista Eptic**, v.20, n. 3, pp. 7-25, set./dez. 2018.

_____. Atuação do Conselho Consultivo do Rádio Digital: em busca de um formato de digitalização adequado à realidade brasileira. *In:* Intercom - **XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.** Manaus, set. 2013. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R80062-1.pdf>.

DEL BIANCO, Nélia R.; PRATA, Nair. A construção da política pública para ocupação do FM estendido no processo de migração do AM. *In:* Congresso Brasileiro de Ciências da

Comunicação (Intercom) 42., 2019, Belém. Anais [...]. Belém: Intercom, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0101-2.pdf> Acesso em: maio de 2020.

DEL BIANCO, N. R.; PRATA, N. A construção da política pública brasileira de migração do rádio AM para o FM. *In*: Nair Prata; Nelia Rodrigues Del Bianco. (Org.). **Migração do rádio AM para o FM - avaliação de impacto e desafios frente à convergência tecnológica**. Florianópolis: Insular, 2018, p. 25-38.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

FARIAS, Karina Woehl; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. Ondas de mudança no rádio: do surgimento à migração do AM para FM. **Rádio-Leituras**, v. 8, n. 2, 2017.

FAUS BELAU, Angel. **La Radio**: introducción a un medio desconocido. Madrid: Latina, 1981.

FENAJ. **MP 936**: mais de 4 mil jornalistas do país tiveram impactos salariais durante a pandemia. Disponível em <https://fenaj.org.br/mp936-afeta-mais-de-4-mil-jornalistas/>. Acesso em: jul. 2020

_____. **Com MPs, empresas jornalísticas reduzem direitos; FENAJ e sindicatos contestam acordos individuais**. 2020. Disponível em <<https://fenaj.org.br/com-mps-empresas-jornalisticas-reduzem-direitos-fenaj-e-sindicatos-contestam-acordos-individuais/>>. Acesso em junho de 2020.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio**: o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

FERRARETTO, Luiz Arthur. O de lá e o de cá: apontamentos para uma categorização do conteúdo das emissoras comerciais brasileiras com base na influência do rádio dos Estados Unidos. **Significação - Revista da Cultura Audiovisual**, São Paulo, n. 29, 2013. Disponível em <http://www.usp.br/significacao/artigo.asp?C%F3digo=11>. Acesso em: jul. 2020

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio**: teoria e prática. São Paulo: Summus, 2014

FERRARETTO, Luiz Artur. Inquietudes e tensionamentos: pistas para a compreensão do futuro do rádio comercial em sua fase de convergência. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n. 34, p. 214-235, set./dez. 2015

FERRARETTO, L. A.; MORGADO, F.. **COVID-19 e Comunicação**: um guia prático para enfrentar a crise. Porto Alegre, RS: Núcleo de Estudos de Rádio (NER), 2020. Disponível em: http://grupomontevideo.org/sitio/wp-content/uploads/2020/04/ner_covid-19_e_comunicacao.pdf. Acesso em: ago. 2020

FLICK, Uwe. **Métodos de Pesquisa**: introdução à pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Artmed Editora, 2009.

FRANÇA, V. O acontecimento e a mídia. **Galáxia: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica**, São Paulo, n. 24, p. 10-21, dez. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/12939/9406> Acesso em: jul. 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GAMBARO, Daniel. **A Instituição social do rádio:(Re) agregando as práticas discursivas da indústria no ecossistema midiático**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós Graduação em Meio de Processos Audiovisuais – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2019.

HERSCOVITZ, Heloisa. Análise de Conteúdo. *In*: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. **Metodologia de pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2010.

HOSPITAL SÃO JOSÉ DE CRICIÚMA. **Live solidária busca arrecadar doações ao Hospital São José**. Disponível em <https://www.hsjose.com.br/noticias/ver/live-solidaria-busca-arrecadar-doacoes-ao-hospital-sao-jose-639>. Acesso em jul. 2020.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

JUSTO, E. Migração do Rádio AM para o FM: análise da programação esportiva da Rádio Marconi. Trabalho de conclusão de curso (graduação). Faculdade Satc, Criciúma/SC 2019.

KANTAR IBOPE. **Covid-19: impactos no consumo de mídia/rádio**. Disponível em <https://www.kantaribopemedia.com/brasil-consumo-de-radio/>. Acesso em junho de 2020.

KANTAR IBOPE. **Book de rádio 2019**. Disponível em: https://www.kantaribopemedia.com/wp-content/uploads/2019/09/INSIDERADIO_2019_KANTARIBOPEMEDIA_VF.pdf Acesso em jan 2020.

KAPLÚN, Mario. **Producción de programas de radio**. Ciespal, 1978.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações Radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Rio de Janeiro, Mauad X, 2016.

KLÖCKNER, Luciano; PRATA, Nair. **Mídia sonora em 4 dimensões: 1ª ouvintes e falantes, 2ª memória e política, 3ª programas de rádio, 4ª tecnologia e futuro**. 2011

LEMOS Cândida Borges *et al.* **As muitas rádios na Migração para o FM em Minas Gerais**. *In*: Migração do Rádio AM para o FM: avaliação de impacto e desafios frente à convergência tecnológica. Florianópolis: Ed. Insular, 2018.

LOPEZ, Debora Cristina. **Radiojornalismo hipermidiático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. 299f. 2009. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas). Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2009.

LOPEZ, Debora; PRATA, Nair; DEL BIANCO, Nelia; ZUCULOTO, Valci; FARIAS, Karina. **Reposicionamento do radiojornalismo frente aos novos desafios da migração do AM para o FM: análise de caso de quatro emissoras tradicionais.** In: 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). São Paulo, nov. de 2018

LOPEZ, Debora Cristina; PRATA, Nair; DEL BIANCO, Nélia; ZUCULOTO, Valci; FARIAS, Karina. Reposicionamento do radiojornalismo frente aos novos desafios da migração do AM para o FM: análise de caso de quatro emissoras tradicionais. **Revista Rádio-Leituras**, Mariana-MG, v. 10, n. 01, pp. 60-78, jan./jun. 2019.

LOPEZ, Debora Cristina; REDIN DE QUADROS, Mirian. O rádio e a relação com o ouvinte no cenário de convergência: uma proposta de classificação dos tipos de interatividade. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, v. 22, n. 3, 2015.

LOPEZ, Debora Cristina. **(Re)Construindo o conceito de audiência no rádio em cenário de convergência.** In: Valci Zuculoto; Debora Cristina Lopez; Marcelo Kischinhevsky. (Org.). Estudos radiofônicos no Brasil - 25 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom. 1ed.São Paulo: Intercom, 2016, v. 1, p. 326-342.

LUCHT, Janine Marques Passini et al. **Gêneros radiojornalísticos: Análise da Rádio Eldorado de São Paulo.** 2009.

MAGNONI, A.; RODRIGUES, K. **O rádio e a adaptação à nova era das tecnologias da comunicação e informação: contextos, produção e consumo.** Encontro Nacional da História da Mídia, Ouro Preto, 2013.

MAGNONI, Antonio Francisco; MIRANDA, Giovani Vieira; CAMARGO, Aline Cristina. Jornalismo radiofônico: perspectivas e potencialidades da mídia local. **Logos**, v. 25, n. 2, p. 135-149, 2018.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa.** 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MARTÍ i MARTÍ, Josep Maria. La programación radiofónica. IN: MARTÍNEZ-COSTA, Ma Pilar; MORENO, Elsa M. (coords). Programación radiofónica. Barcelona: Ariel, 2004.

MARTÍNEZ-COSTA, Ma Pilar e MORENO, Elsa M. (coords). Programación radiofónica. Barcelona: Ariel, 2004.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de pesquisa em comunicação: projetos, ideias, práticas.** Editora Vozes Limitada, 2018.

MCLEISH, Robert. **Produção de Rádio: Um guia abrangente de produção radiofonia.** São Paulo, Summus, 2001

MEDEIROS, Rafael Ferreira. A função social do rádio local entre desertos de notícia e zonas de silêncio: reverberações da migração AM-FM. **Revista Âncora**, v.7, N.1, 2020.

_____. **O Rádio e a cidade patrimônio:** experiências de escuta, localismo e migração nos discursos de ouvintes Ouro-Preto. 2019.

MEDEIROS, Ricardo. **Panorama do Rádio em Florianópolis.** In: PRATA, Nair (Org.) *Panorama do Rádio no Brasil.* Florianópolis: Ed. Insular, 2011.

MEDEIROS, Ricardo; VIEIRA, Lúcia Helena. **História do rádio em Santa Catarina.** Florianópolis: Editora Insular, 1999.

MEDITSCH, Eduardo. BETTI, Juliana Gobbi. O formato all news no rádio brasileiro: importação, estranhamento e adaptação. **Revista Rádio-Leituras,** Mariana-MG, v. 07, n. 02, pp. 36-57, jul./dez. 2016

MEDITSCH, Eduardo; BETTI, Juliana G. Kaplún e o rádio a serviço da emancipação. IN: MEDITSCH, E., ZUCULOTO, V. (Orgs.) **Teorias do Rádio:** textos e contextos. Florianópolis: Insular, 2007. vol 2.

MEDITSCH, Eduardo; ZUCULOTO, VALCI. **Teorias do rádio.** Florianópolis: Insular, 2007. vol 2.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação:** teoria e técnica do novo radiojornalismo. Florianópolis: Insular, 2001.

MELLO, Veridiana Pivetta de. **A programação informativa de rádio sob as lógicas da cultura da velocidade, da noção de fluxo e da múltipla temporalidade.** 2014. Tese (Doutorado) – Faculdade dos Meios de Comunicação Social, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2014.

MOREIRA, Sonia Virgínia. **O rádio no Brasil.** Rio Fundo Ed., 1991.

MORENO, Elsa M. **La radio especializada:** las técnicas de programación de la radio de formato cerrado. In: MARTÍNEZ-COSTA, Maria Pilar; MORENO, Elsa M. (coords). *Programación radiofónica.* Barcelona: Ariel, 2004.

MORGADO, Fernando; CRUZ, Lucia Maria. **Globo e Jovem Pan: experiências de programação eclética no rádio FM.** In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom Nacional) 40. – Curitiba-PR, 2017.

MOURA, Deyse Alini de. KNEIPP, Valquíria Aparecida Passos. A comunicação pública e a função social do rádio: reflexões sobre o radiojornalismo de interesse público no Brasil. **Revista Rádio-Leituras,** Mariana-MG, v. 08, n. 01, pp. 132-157, jan./jun. 2017.

MUSTAFÁ, Izani et al. Alô, alô, Joinville! Está no ar a rádio Difusora. **A radiodifusão em Joinville/SC (1941-1961),** 2009.

NSC Comunicação. **Site institucional.** 2020. Disponível em <https://www.nsccomunicacao.com.br/quem-somos/#quem-somos>. Acesso em set. de 2020.

NUNES, Paulo de Tarso. **Se a clube não deu, é porque não aconteceu:** Rádio Clube de Lages, comunicação e poder político na Região Serrana de Santa Catarina. Dissertação

(Mestrado em Sociologia Política) - Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Florianópolis, 2001

OLIVEIRA, Edilene Mafra Mendes de. **Vozes moduladas da floresta**: a complexidade da migração das rádios amazonenses de AM para FM e suas adaptações ao ambiente da convergência tecnológica. 2017. 276 f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

OLIVEIRA, Edilene MAFRA *et al.* O Rádio Migrado no Amazonas: Um Estudo Sobre a Rádio Rio Mar no Cenário de Migração de Amplitude Modulada (AM) para Frequência Modulada (FM). In: Migração do Rádio AM para o FM: avaliação de impacto e desafios frente à convergência tecnológica. Florianópolis: Ed. Insular 2018.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio**: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus Editorial, 1985.

PESQUISA BRASILEIRA DE MÍDIA 2016. Disponível em <http://pesquisademidia.gov.br/#/Geral/details-917>. Acesso em abril de 2017.

PERUZZO, C. N. K. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. **Comunicação & Sociedade**, v. 26, n. 43, p. 67-84, 2005.

_____. Mídia local e suas interfaces com a mídia comunitária no Brasil. **Anuário Internacional de Comunicação Lusófona**, v.4, 2006. p. 141- 169.

_____; VOLPATO, Marcelo de Oliveira. Conceitos de comunidade, local e região: inter-relações e diferença. São Paulo: Líbero, v. 12, n. 24, dez. de 2009, p. 139-15

PRADO, Magaly. **História do Rádio no Brasil**. São Paulo: Editora Da Boa Prosa, 2012.

PORTAL MAKING OF. Emissoras avaliam desafios e resultados da migração do AM para o FM, 2017. Disponível em http://portalmakingof.com.br/emissora_avaliam_desafios_e_resultados_da_migracao_d_o_am_para_o_fm. Acesso em: jul., 2019.

PORTAL MAKING OFF. Como rádios de Santa Catarina geram novas oportunidades com a migração para o FM, 2019. Disponível em < <http://portalmakingof.com.br/como-radios-de-santa-catarina-geram-novas-oportunidades-com-a-migracao-para-o-fm>>. Acesso em jan. 2020.

PRATA, Nair. **Webradio**: Novos gêneros, novas formas de interação. Belo Horizonte: Insular, 2009.

PRATA, N.; DEL BIANCO, N (Org.). **Migração do Rádio AM para o FM**: avaliação de impacto e desafios frente à convergência tecnológica. Florianópolis: Ed. Insular 2018.

QUADROS, Mirian Redin; LOPEZ, Debora Cristina. Rádio e redes sociais: novas ferramentas para velhos usos?. **Intexto**, n. 30, p. 166-183, 2014.

RADDATZ, Vera Lucia Spacil. Rádio AM "avisa": uma expressão da cultura local. *In*:

KLÖCKNER, Luciano; PRATA, Nair (orgs.). **Mídia sonora em 4 dimensões**: 1ª ouvintes e falantes, 2ª memória política, 3ª programas de rádio, 4ª tecnologia e futuro. Porto Alegre: Porto Alegre: EdiPUCRS, 2011.

RADIO CLUBE. **Rádio Clube encerra em definitivo a transmissão pelo AM**. 2017. Disponível em: http://www.radioclubedelages.com.br/noticias.php?id_noticia=4992 . Acesso em: dez. de 2019.

RÁDIO POMERODE. **Secretária de Saúde esclarece pontos sobre trabalhos de prevenção ao coronavírus**. 2020. Disponível em <https://cutt.ly/OpfsG0n>. Acesso em julho de 2020.

ROCHA, Jeferson Luis Pires. **Processos de produção em radiojornalismo**: um estudo sobre a construção da notícia local nas rádios CBN Natal e CBN João Pessoa. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Jornalismo) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, 2015.

ROSSETTO, G. P. N. O recorte do tempo pelos acontecimentos: um exercício de periodização para Comunicação. *In*. **Revista de Comunicação Verso e Reverso**, v. 23, n. 52, abril 2009.

SANTOS, Bruna; CAMPOS, Deivison. A migração das emissoras radiojornalísticas para o FM em Porto Alegre. **Radiofonias–Revista de Estudos em Mídia Sonora**, v. 7, n. 2, 2016.

SANTOS, Maria Cláudia. **A importância do noticiário local de rádio em tempos de globalização**: uma análise da opinião dos ouvintes da Rádio Itatiaia. Dissertação apresentado ao Curso do Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local do Centro Universitário UNA. Belo Horizonte, 2010.

SERRANO, Francisco Perujo. **Pesquisar no labirinto**: a tese de doutorado, um desafio possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2011

SEVERO, Antunes; MEDEIROS, Ricardo. **Caros ouvintes**: os 60 anos do rádio em Florianópolis. Associação Catarinense de Imprensa, Casa do Jornalista, 2005.

SCHURSTER, Karl. A História do Tempo Presente, o método comparativo e o debate sobre os fascismos. **AEDOS**, v. 7, n. 16, p. 423-440. 2015

STRAUBHAAR, Joseph, LAROSE, Robert. Comunicação, mídia e tecnologia. São Paulo: Thompson, 2004.

STARK, Daniel. Migrantes AM-FM ampliam a sua cobertura após estreia no dial FM. Set News. 10 janeiro 2017. Disponível em: <https://set.org.br/set-news/migrantes-am-fm-ampliam-sua-cobertura-apos-estreia-no-dial-fm/> Acesso em: jan de 2020.

TAVARES, Reynaldo. **Histórias que o Rádio não contou**. São Paulo: Negócio Editora, 1997.

TRIGUEIRO, Andrea; FERREIRA, Daniel; LORENZATO, Elano Barbosa. **Emissoras migram em busca de audiência e faturamento**. *In*: Migração do Rádio AM para o FM:

avaliação de impacto e desafios frente à convergência tecnológica. Florianópolis: Ed. Insular 2018.

TRIVIÑOS ANS. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em Educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TUDO RÁDIO. **Migração das AMs, levantamento das FMs**. Disponível em: <https://tudoRadio.com/conteudo/ver/45-o-Radio-migracao-das-ams-levantamento-no-fm>. Acesso em: dezembro de 2018.

TUDO RÁDIO. Rádio: migração das ams. 2020. <https://tudoRadio.com/conteudo/ver/45-o-Radio-migracao-das-ams-levantamento-no-fm>. Acesso em: dezembro de 2018.

YIN, K. Robert. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

TEIXEIRA, Lucas Borges. Lockdown: como funciona, o que é, significado e locais em que vale a medida. UOL, 07 maio de 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/faq/lockdown-como-funciona-o-que-e-significado-e-regras-em-sp-e-mais-cidades.htm> Acesso em:

ZUCULOTO, V. R. M.; FARIAS, K. W. **De volta para o futuro: valorização do jornalismo local na migração AM-FM em Santa Catarina**. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 17, 2019, Goiânia. Anais[...] Goiás: SBPJor, 2019. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2019/paper/viewFile/2010/1133>.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **Prefácio**. In. PRATA, N.; DEL BIANCO, N (Org.). Migração do Rádio AM para o FM: avaliação de impacto e desafios frente à convergência tecnológica. Ed. Insular, 2018.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer et al. Transformações contemporâneas do rádio em Santa Catarina-Perspectivas de um novo dial frente às mudanças na migração do AM para o FM. In. **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Joinville/SC, set. 2018.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **No ar: a história da notícia de rádio no Brasil**. Editora Insular, 2012.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **A construção histórica da programação de rádios públicas brasileiras**. (2010). Tese de doutorado em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre-RD, 2010.

RADIO POMERODE. Notícia Rádio Pomerode. Disponível em: https://www.Radiopomeroide.com.br/noticias/2850/secretaria-de-saude-esclarece-pontos-sobre-trabalhos-de-prevencao-ao-coronavirus?fbclid=IwAR3NltGu_YdebUQHmvZguIDx_BIAAnBZQE914llo9kHj3M7pisuxr4KfTldE . Acesso em:

KANTAR IBOPE MEDIA. Book de Rádio. 2018. Disponível em: https://www.kantaribopemedia.com/wp-content/uploads/2018/09/Book-de-R%C3%A1dio-2018_Final.pdf

<https://www.kantaribopemedia.com/book-de-Rádio-2018/> Acesso em:

SITES DAS RÁDIOS ANALISADAS

DEMAIS (Itaiópolis). Disponível em: <https://www.demais.fm.br/101.1/>

BRASIL NOVO (Jaraguá do Sul). Disponível em: <https://rbnfm.com.br/>

RÁDIO MARCONI (Urussanga). Disponível em: <https://Rádioarconi.net/>

DIFUSORA (Içara) Massa (Criciúma). Disponível em: <https://www.massafm.com.br/>

RÁDIO JORNAL A VERDADE (São José) Rádio Magia. Disponível em: <https://magiafm.com.br/>

GUARAREMA (São José) Massa (Florianópolis). Disponível em: <https://www.massafm.com.br/>

RÁDIO SUPER CONDÁ (Chapecó). Disponível em: <http://superconda.com.br/>

CAÇANJURÊ (Caçador). Disponível em: <https://Rádiocaçanjure.com.br/>

RÁDIO COROADO (Curitibanos). Disponível em: <https://portalcoroado.com.br/home/>

CLUBE (Lages). Disponível em: <http://www.Rádioclubedelages.com.br/>

RÁDIO BELOS VALES (Ibirama). Disponível em: <https://belosvales.com/site/>

POMERODE (Pomerode). Disponível em: <https://www.Rádiopomerode.com.br/>

CBN Diário (Florianópolis). Disponível em: <https://negociossc.com.br/blog/cbn-diario-conheca-o-publico-e-o-perfil-da-Rádio-que-toca-noticia/>

ENTREVISTAS

AMARAL, Roberto. Entrevista concedida a Karina Farias. Criciúma, 2017.

BOHNENBERGER, Claiton. Entrevista concedida a Karina Farias. Criciúma, 2019 e 2020.

CAREGNATO, Marilene. Entrevista concedida a Karina Farias. Criciúma, 2019.

CINTRA, André. Entrevista concedida a Karina Farias. Criciúma, 2020.

GONÇALVES Emerson Alexandre. Entrevista concedida a Karina Farias. Criciúma, 2020.

GUIDI, Carolina. Entrevista concedida a Karina Farias. Criciúma, 2020.

KUFKY, Alisson. Entrevista concedida a Karina Farias. Criciúma, 2019.

LANG, Alfredo. Entrevista concedida a Karina Farias. Criciúma, 2020.

SERAFINI, Marcio. Entrevista concedida a Karina Farias. Criciúma, 2020.

SOUZA, Cesar. Entrevista concedida a Karina Farias. Criciúma, 2020.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Quadro de fontes com entrevistas semiabertas em áudio ou vídeo

O quadro apresenta a lista de gestores e engenheiros ouvidos por meio de entrevistas semiabertas ao longo da pesquisa e que fizeram parte seja do referencial teórico ou para a análise, enquanto fontes orais.

EMPRESA ou ENTIDADE	FONTE	CARGO	DATA	MEIO
ABERT	André Cintra	Engenheiro	Janeiro de 2020	Gravação em estúdio de Rádio
ACAERT	Luiz Rosa dos Reis	Engenheiro	Maior de 2019	Gravação em estúdio de Rádio
Rádio RBN	Emerson Alexandre Gonçalves	Gerente	Outubro de 2016 e Março de 2018	Entrevista via telefone e e-mail
Rádio Clube	Roberto Amaral	Diretor	Outubro de 2017	Gravação em estúdio de Rádio
Rádio Coroado	Claiton Bohnenberger	Gerente de Jornalismo	Maior de 2019 e Abril de 2020	Gravação via Microsoft Teams
Rádio Difusora	Carolina Guidi	Diretora	Abril de 2020	Gravação via Microsoft Masms
Rádio Guararema	César Souza	Diretor	Abril de 2020	Entrevista via gravação em áudio
Rádio Super Condá	Alfredo Lang	Diretor	Maior de 2020	Entrevista via gravação em áudio
Rádio Pomerode	Lucas Adriano	Coordenador de Jornalismo	Outubro de 2019 e Maior de 2020	Entrevista via telefone e gravação em áudio

APÊNDICE B – Quadro de fontes com entrevistas semiabertas por e-mail

Alguns representantes das emissoras que fazem parte do *corpus* desta pesquisa foram entrevistados no percurso do trabalho também por e-mail e/ou ligação telefônica. Parte dos gestores preferiu participar do estudo dessa forma. Segue lista das fontes entrevistadas.

EMPRESA ou ENTIDADE	FONTE	CARGO	DATA	MEIO
Rádio Caçanjurê	Marilene Caregnato	Diretora	Julho de 2019	Via e-mail
Rádio Jornal A Verdade	Patrícia de Aguiar	Gerente Geral	Julho de 2019	Via e-mail
Rádio Marconi	André Nichele	Gerente Geral	Julho de 2019 e Maio de 2020	Via e-mail e ligação telefônica
Rádio Belos Vales	Alisson Kufky	Diretor	Julho de 2019	Via e-mail
Rádio Demais	Leandro Kollross	Jornalista	Julho de 2019	E-mail e via ligação telefônica
Rádio CBN	Márcio Serafini	Editor-chefe	Maio de 2020	E-mail e contato telefônico

APÊNDICE C – Questionário aplicado com emissoras migradas

Importante destacar que este questionário foi também utilizado na pesquisa Nacional sobre a Migração, organizada pelas professoras Nair Prata e Nélia Del Bianco por conta das respostas que já tínhamos levantado durante a elaboração do capítulo do livro: *Migração do Rádio AM para o FM: avaliação de impacto e desafios frente à convergência tecnológica*.

Esta é uma pesquisa para tese de doutorado da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O estudo avalia as transformações e continuidades do processo de Migração do rádio AM-FM em Santa Catarina.

Questionário para emissoras que já funcionam no FM.

1. Dados da Emissora

1. Nome da emissora
2. Cidade
3. Estado
4. Ano de fundação da emissora
5. Nome do diretor da emissora
6. Proprietário ou grupo empresarial ao qual pertence a emissora
7. A emissora possui:
 - () Site na internet
 - () Aplicativo para celular
 - () WhatsApp
 - () Fanpage no Facebook
 - () Perfil no Instagram
 - () Perfil no Twitter
 - () Canal no Youtube
 - () Outro (especifique)

2. Avaliação do processo de migração

8. Quando a rádio assinou o termo aditivo de adaptação de outorga?
 - () 2015
 - () 2016
 - () 2017
 - () 2018
9. A emissora já está operando em FM?
 - () Sim

Não

10. Informe quando a emissora deu início às transmissões em FM:

2016

2017

2018

2019

11. Aponte as razões que levaram a emissora a migrar para o FM:

Melhoria da qualidade do som

Possibilidade de aumentar a audiência

Expectativa de alcançar várias faixas da audiência, a exemplo dos jovens

Possibilidade de aumentar o faturamento com publicidade

Oportunidade para renovar o conteúdo e formato da programação

Renovação das formas e canais de interação com a audiência

Necessidade de inserir a rádio no ambiente digital móvel (celular)

Trocar o transmissor para reduzir custos com energia elétrica

Outro (especifique) _____

12. Como foi o processo burocrático junto ao MCTIC para conseguir a adaptação da outorga?
(documentação exigida, regularidade fiscal, tributária e trabalhista, projeto de adaptação técnica)

Superou expectativa

Cumpriu expectativa

Abaixo da expectativa

Não sabe informar

13. Justifique a resposta da pergunta anterior.

14. Como avalia o valor pago pela adaptação da outorga:

Muito alto

Alto

Bom

Regular

Baixo

Muito baixo

15. Qual foi o montante investido na migração, incluindo gastos com a adaptação da outorga, compra e instalação de equipamentos, infraestrutura e investimento em programação e profissionais? (de 100.000,00 a 1.000.000,00)

16. Com a migração, a emissora teve que fazer troca de equipamentos? (Marcar um ou mais)

Transmissor

Torre de transmissão

Estúdio de transmissão ao vivo (console de áudio, computadores, etc.)

Computadores para áreas de produção e jornalismo

Não fez investimentos na troca de equipamentos

17. Como a emissora se planejou para fazer a migração? (Planejamento técnico, financeiro, conteúdo)

3. O que muda na rádio com a migração

18. Ao migrar para o FM, a emissora manteve a mesma programação do AM?

- Sim
- Não
- Em parte

19. Justifique a resposta anterior (questão aberta)

20. Se a resposta anterior for não ou em parte, aponte o tipo de mudança na programação (pode ser mais de uma):

- Criação de novos formatos de programas
- Remodelagem de programas existentes
- Criação de novas vinhetas da rádio (plástica sonora da rádio)
- Mudanças no estilo de locução
- Contratação de novos comunicadores
- Mudança do segmento musical da rádio
- Aumento da programação jornalística
- Aderiu a uma rede nacional ou regional de rádio
- Outro (especifique)

21. Caso a emissora, após a migração, tenha aderido ou integrado uma rede nacional ou regional de rádio, explique os motivos, vantagens e desvantagens da estratégia.

22. Se aderiu à rede, quanto tempo de programação passou a ser da geradora?

23. A programação destinada ao jornalismo mudou?

- Sim, aumentou o espaço para informação.
- Não, diminuiu espaço do jornalismo e aumentou o destinado à música.
- Não sofreu alteração
- Outro _____

24. Justifique a resposta anterior, exemplificando, caso haja, a mudança de programação.

25. Quantos meses a emissora levará para implantar todas as mudanças na programação? (de 0 a 24)

26. Para realizar as mudanças na programação, a emissora contratou ou pretende contratar Profissionais? (quantidade de cada)

Profissionais	Quantidade
Locutor	
Comunicador	
Produtor/redator	
Programador musical	
Jornalista	
Publicitário	
Operador de áudio	
Produtor de redes sociais	
Outro (especifique)	

27. A emissora reduziu o quadro de funcionários? Se sim, quantas pessoas foram desligadas pós-migração e qual a função ocupada?

28. Para comunicar aos ouvintes a nova frequência no FM, a emissora fez campanha de divulgação?

- Spots veiculados na rádio
- Outdoor
- Anúncio em jornais
- Anúncio em TV
- Panfleto
- Cartaz em pontos estratégicos da cidade
- Adesivos para carro
- Ação em redes sociais
- Banner no site da emissora
- Blitz em pontos da cidade
- Anúncios em festas, partidas de futebol ou eventos públicos
- Não utilizou nenhuma estratégia de divulgação
- Outro (especifique)

29. A emissora fez reposicionamento de sua marca a partir da migração para o FM?

- Mudou o nome da emissora
- Mudou o slogan
- Criou nova logomarca
- Criou uma nova plástica sonora para identificação da rádio
- Manteve a marca do AM e trocou apenas por FM
- Associar-se a uma rede de rádios
- Não fez nada
- Outro (especifique)

30. A emissora pretende ampliar ou intensificar a interação com a audiência utilizando que tipo de canais?

- Redes sociais
- Grupo de WhatsApp por programa
- Grupo de WhatsApp da rádio
- Espaço de comentários no site da rádio
- Fanpage da rádio no Facebook
- Fanpages dos programas no Facebook
- Transmissão ao vivo pelo Facebook
- Chat do aplicativo da rádio para celular
- Perfil no Instagram
- Canal no YouTube
- Ligação telefônica
- Carta
- E-mail
- Outro (especifique)

31. O que a rádio espera alcançar ou conquistar com as mudanças que está promovendo?

4. Audiência e Faturamento - Expectativas

32. A emissora tem expectativa de aumentar o faturamento ao migrar para o FM?

- Sim
- Não
- Não sabe responder

33. Em caso positivo, qual é a sua expectativa de aumento de faturamento a partir da migração?

- Até 50%
- Entre 50% e 100%
- Entre 100% e 150%
- Entre 150% e 200%
- Mais de 200%

34. Quais são os indicadores que sustentam a expectativa de aumento do faturamento?

- Novos anunciantes procuraram a rádio
- Anunciantes tradicionais querem aumentar investimento em publicidade
- Reformulação no Departamento Comercial
- A rádio está em busca de novas formas de entradas financeiras fora da publicidade
- A rádio pretende buscar mais verbas governamentais
- A rádio pretende captar mais recursos por meio das promoções
- Outro (especifique)

35. Com a migração, emissora tem expectativa de aumentar a audiência?

- Sim
- Não
- Não sei responder

36. Em caso positivo, qual é a sua expectativa de aumento da audiência a partir da migração?

- Até 10%
- Entre 10% e 20%
- Entre 30% e 40%
- Entre 50% e 60%
- Entre 60% e 70%
- Entre 70% e 80%
- Entre 80% e 90%
- Mais de 100%

37. Espera atrair para a emissora maior parcela de público: (pode marcar mais de uma)

- Feminino
- Masculino
- Indiferente

38. Espera atrair para a emissora mais público das classes: (pode marcar mais de uma)

- Classe A
- Classe B
- Classe C
- Classe D
- Classe E
- Indiferente

39. Espera atrair para a emissora mais público de qual idade? (pode marcar mais de uma)

- De 10 a 14 anos
- De 15 a 19 anos
- De 20 a 24 anos
- De 25 a 29 anos
- De 30 a 39 anos
- De 40 a 49 anos
- De 50 anos em diante
- Indiferente

40. Espera atrair para a emissora mais público de qual grau de instrução?

(pode marcar mais de uma)

- Até 1 salário mínimo
- Até 5 salários mínimos
- Até 7 salários mínimos
- Até 10 salários mínimos
- Até 20 salários mínimos
- Até 30 salários mínimos
- Acima de 30 salários mínimos
- Indiferente

41. Quais os instrumentos que a emissora utiliza para medir a audiência?

- Pesquisa de audiência
- Contagem de acessos à página da rádio na internet
- Curtidas, comentários e compartilhamentos no Facebook da rádio

- Curtidas e comentários no Instagram da rádio
- Interação pelo WhatsApp
- Interação por e-mail
- Interação pelo telefone
- Outro (especifique)

42. Quem são os maiores concorrentes da emissora de rádio no mercado após a migração?

- Rádio comercial no mesmo segmento
- Rádio comunitária
- TV local
- Internet
- Redes sociais
- Jornal local
- Outro (especifique)

43. A migração para FM atende às expectativas da emissora?

- Sim
- Não
- Em parte _____

44. De modo geral, aponte os principais desafios da rádio AM no FM quanto à sustentabilidade financeira frente ao ambiente de multiplataforma, audiência, conteúdo, relacionamento com a audiência e concorrência.

45. Em relação ao alcance de sinal, ao migrar para o FM a rádio:

- Aumentou o alcance de sinal
- Diminuiu o alcance de sinal
- Não sofreu alteração em relação ao alcance.
- Outros. _____

46. Se resposta anterior foi de alteração no alcance, explique como este fato afetou a grade de programação da emissora.

- Passamos a alcançar municípios que antes não eram atingidos.
- Não atingimos alguns municípios que eram alcançados no AM, por isso passamos a ser local.
- Agora fazemos uma rádio regional, com cobertura regional.
- Outros. _____

*Contatos do entrevistado

Nome:

Cargo na emissora:

Telefone:

E-mail:

APÊNDICE D – Roteiro com questionário semiestruturado para entrevista com gestores de rádio

Para além dos questionários a pesquisa precisou ampliar análises por meio de entrevistas que aconteceram durante todo o percurso do doutorado. Foram ouvidos donos e/ou gestores de rádio. Partimos destas sugestões de perguntas para emissoras migradas, já que a cada conversa novos questionamentos surgiam, não permitindo um roteiro específico, mas sim sugestões de perguntas.

Sugestão de perguntas e roteiro para rádios em FM:

1. Quais mudanças ocorreram na programação da emissora?
2. A emissora ampliou o alcance de sinal após a migração para o FM? Cite exemplo de como isso foi percebido na audiência.
3. A emissora hoje é mais “falada” ou “musicalizada” em relação à programação?
4. Houve contratação de profissionais ao migrarem? E dispensas?
5. A rádio faz jornalismo local na programação atual? Em quais horários?
6. Os espaços de informação na emissora são produzidos por jornalista ou comunicadores?
7. A emissora integra algum grupo de rádio, seja musical ou jornalístico?
8. Na sua avaliação, a partir das transmissões agora em FM, qual o desafio para as emissoras migradas?
9. Você percebe aspectos negativos com a migração para o FM? Quais?
10. Em relação ao faturamento, houve crescimento?

APÊNDICE E – Roteiro para entrevistas com gestores sobre os reflexos da pandemia de COVID-19

Como algumas entrevistas tinham sido realizadas antes da Pandemia do novo coronavírus, percebemos a necessidade de ampliar a discussão com algumas das rádios que faziam parte do *corpus* da pesquisa. Não aplicamos em todas as emissoras, mas mesmo em parte delas já foi possível avaliar impactos da COVID-19 nas emissoras migradas.

Rádio em pandemia: impactos da Covid-19 nas transformações do jornalismo Radiofônico de Santa Catarina/Brasil

Você está sendo convidado (a) para participar como voluntário (a) da pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina sobre a Migração do AM-FM e a Pandemia do Novo oronavírus. O objetivo do estudo é perceber os reflexos da pandemia no rádio catarinense que vem se adaptando à Frequência Modulada.

Sugestão de perguntas:

Nome da Emissora:

Seu nome e função na emissora:

Contato (e-mail e telefone):

1. A emissora mexeu na programação durante a pandemia? Se sim, quais as principais mudanças?
2. Na sua emissora, a informação/jornalismo ampliou o espaço durante a pandemia? Como isso ocorreu?
3. Nas primeiras semanas dos decretos governamentais, os profissionais que atuam na programação atuaram de maneira remota? Descreva como isso ocorreu com comunicadores e/ou produtores.
4. A empresa precisou dispensar ou contratar novos profissionais por conta da pandemia? Justifique a resposta.
5. A rádio aderiu à Medida Provisória que institui o Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda?
6. Houve queda no faturamento da empresa com a pandemia? Se sim, poderia informar, em percentual, quanto foi?

7. Na sua avaliação, os resultados esperados com a migração do AM-FM foram afetados durante a pandemia? Por quê?
8. Vocês sentiram alguma alteração na audiência durante a pandemia? Justifique a resposta.

APÊNDICE F – Questionário realizado com profissionais da ABERT e ACAERT

A título de contextualização do tema realizamos entrevistas com engenheiros das entidades ligadas ao setor como a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT) e a Associação Catarinense de Emissoras de Rádio e Televisão (ACAERT). O objetivo foi compreender, dentre outros aspectos, questões também técnicas sobre o processo que transfere o AM para o FM.

Sugestão de perguntas:

1. No seu entendimento, a migração do AM-FM pode ser entendida como uma política pública para a Radiodifusão brasileira? Por quê?
2. Quais os números atuais, segundo a entidade, das emissoras que já migraram e das que ainda vão migrar?
3. O que é o dial estendido?
4. O dial estendido tem demorado mais que o esperado? Se sim, pontue os motivos?
5. Somente as capitais necessitam de dial estendido?
6. Por que, em alguns casos, se uma emissora migrar a potência da outra rádio precisa mudar?
7. Em relação ao conteúdo, o que já é possível avaliar dos impactos? Houve mudanças significativas?
8. A migração é uma alternativa à falta de um modelo brasileiro de transmissão digital? Qual sua avaliação?

ANEXO – Decreto do Governo Federal Autorizando a Migração

Presidência da República

Casa Civil

Subchefia para Assuntos Jurídicos

DECRETO Nº 8.139, DE 7 DE NOVEMBRO DE 2013

Dispõe sobre as condições para extinção do serviço de Radiodifusão sonora em ondas médias de caráter local, sobre a adaptação das outorgas vigentes para execução deste serviço e dá outras providências.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, **caput**, inciso IV, da Constituição, e tendo em vista o disposto nos arts. 33, § 1º e 35 da Lei nº 4.117, de 27 de agosto de 1962, bem como o que prevê o art. 11, §§ 1º e 2º do Regulamento dos Serviços de Radiodifusão, aprovado pelo Decreto nº 52.795, de 31 de outubro de 1963,

DECRETA :

Art. 1º A extinção do serviço de Radiodifusão sonora em ondas médias de caráter local observará o disposto neste Decreto.

Art. 2º As outorgas para execução do serviço de Radiodifusão sonora em ondas médias poderão ser adaptadas para outorgas para execução do serviço de Radiodifusão sonora em frequência modulada.

§ 1º As prestadoras do serviço de que trata o **caput** deverão apresentar requerimento ao Ministério das Comunicações solicitando a adaptação de suas outorgas no prazo máximo de um ano, contado da data de publicação deste Decreto. (Vide Decreto nº 9.270, de 2018)

§ 2º Após a apresentação do pedido de adaptação de outorga nos termos do § 1º, a emissora deverá manter a sua operação em ondas médias até a decisão final do Ministério das Comunicações.

§ 3º No caso de deferimento do pedido de que trata o § 1º, a entidade será convocada para assinar o respectivo termo aditivo junto ao Ministério das Comunicações, devendo pagar o valor correspondente ao uso de Rádiofrequência, a ser definido pela Anatel, e o valor da outorga de Radiodifusão sonora em frequência modulada.

§ 4º O pagamento do valor correspondente à outorga será efetuado em parcela única e corresponderá à diferença entre os preços mínimos de outorga estipulados pelo Ministério das Comunicações para cada tipo de serviço e grupo de enquadramento, referente à respectiva localidade.

§ 5º Formalizada a adaptação, a emissora ficará sujeita às normas específicas de funcionamento do serviço de Radiodifusão sonora em frequência modulada, mantidas as demais condições previstas no instrumento de outorga original, inclusive no que concerne à localidade de execução do serviço e ao seu prazo de vigência, sem prejuízo de sua renovação, nos termos da legislação em vigor.

Art. 3º O deferimento do requerimento a que se refere o § 1º do art. 2º ficará condicionado à comprovação de:

I - regularidade para com a Fazenda Federal, Estadual e Municipal do domicílio ou sede da entidade, ou outra equivalente, na forma da lei, inclusive no que concerne ao Fundo de Fiscalização das Telecomunicações - Fistel;

II - regularidade relativa à Seguridade Social e ao Fundo de Garantia por Tempo de Serviço - FGTS, demonstrando situação regular no cumprimento dos encargos sociais instituídos por lei;

III - inexistência de débitos inadimplidos perante a Justiça do Trabalho, mediante a apresentação de certidão negativa, nos termos do Título VII-A da Consolidação das Leis do Trabalho, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943; e

IV - viabilidade técnica para execução do serviço em frequência modulada.

§ 1º A adaptação deve seguir o seguinte enquadramento, de acordo com as faixas de serviço atualmente outorgadas:

EMISSORAS OM - CLASSE A	
FAIXA DE FREQUÊNCIA (em kHz)	CLASSE DE FM IMEDIATAMENTE ANTERIOR
540 a 1.420	E2
1430 a 1.610	E3

EMISSORAS OM - CLASSE B	
FAIXA DE FREQUÊNCIA (em kHz)	CLASSE DE FM IMEDIATAMENTE ANTERIOR
540 a 620	E3
630 a 860	A1
870 a 1.030	A2
1040 a 1.170	A3
1.180 a 1.610 kHz	A4

EMISSORAS OM - CLASSE C	
FAIXA DE FREQUÊNCIA (em kHz)	CLASSE DE FM IMEDIATAMENTE ANTERIOR
540 a 810	B1
820 a 1.100	B2
1.110 a 1.610	C

§ 2º Deferido o pedido de que trata o § 1º do art. 2º, a entidade e as pessoas que integram o seu quadro societário e diretivo ficarão submetidas ao limite de duas outorgas de serviço de Radiodifusão sonora em frequência modulada na localidade objeto da adaptação, sem prejuízo da aplicação do limite previsto no art. 14, § 3º, do Regulamento dos Serviços de Radiodifusão, aprovado pelo Decreto nº 52.795, de 31 de outubro de 1963, sobre suas outorgas de serviços de Radiodifusão em outras localidades.

§ 3º Em caso de constatação de inviabilidade técnica, o pedido será indeferido, devendo a entidade manter sua operação em ondas médias nas condições anteriormente aprovadas pelo Ministério das Comunicações, ressalvado o disposto no § 1º do art. 4º.

Art. 4º Alternativamente ao disposto no art. 2º, as prestadoras do serviço de Radiodifusão sonora em ondas médias de caráter local poderão, no prazo de um ano, contado da data de publicação deste Decreto, solicitar ao Ministério das Comunicações o reenquadramento de suas outorgas para caráter regional.

§ 1º As prestadoras referidas no **caput**, cujos pedidos de adaptação para outorga de Radiodifusão sonora em frequência modulada sejam indeferidos em razão de inviabilidade técnica, poderão efetuar a solicitação de reenquadramento no prazo de 180 dias, contados da data de notificação da decisão.

§ 2º A alteração de que trata o **caput** não será onerosa e, no caso de deferimento, a entidade será convocada para assinar termo aditivo junto ao Ministério das Comunicações.

~~Art. 5º No prazo de até cento e vinte dias do deferimento do pedido de adaptação disposto no art. 2º ou do pedido de reenquadramento a que se refere o art. 4º, as entidades outorgadas deverão apresentar projeto técnico ao Ministério das Comunicações, nos termos da legislação vigente.~~

Art. 5º Após a publicação do ato de adaptação da outorga, as pessoas jurídicas outorgadas terão o prazo de doze meses, contado da data de publicação do referido ato, para obter a autorização de uso de Rádiofrequência junto à Agência Nacional de Telecomunicações - Anatel e solicitar o licenciamento da estação, exceto quando se tratar dos Municípios, dos Estados e do Distrito Federal, que disporão do prazo de dezoito meses. (Redação dada pelo Decreto nº 10.405, de 2020) (Vigência)

Parágrafo único. As pessoas jurídicas outorgadas deverão iniciar a execução do serviço no prazo de cento e oitenta dias, contado da data de emissão da licença de funcionamento, a qual será disponibilizada após a comprovação do pagamento da taxa de fiscalização de instalação. (Incluído pelo Decreto nº 10.405, de 2020) (Vigência)

Art. 6º A partir da publicação deste Decreto:

I - não serão concedidas novas outorgas para a prestação dos serviços de Radiodifusão sonora em ondas médias de caráter local; e

II - apenas serão admitidas renovações e transferências de outorgas, bem como alterações na composição societária da prestadora referentes à prestação dos serviços de Radiodifusão sonora em ondas médias para prestadoras que efetuem a adaptação de que trata o art. 2º ou o reenquadramento previsto no art. 4º.

Parágrafo único. Enquanto não forem apreciados os pedidos de adaptação ou de reenquadramento, serão admitidos os atos referidos no inciso II do **caput**, sem prejuízo da celebração do termo aditivo de que trata o § 3º do art. 2º e § 2º do art. 4º, no momento da decisão definitiva.

Art. 7º Formalizada a adaptação ou o reenquadramento previstos neste Decreto, os canais utilizados para a execução do serviço de Radiodifusão sonora em ondas médias serão devolvidos à União, ressalvado o disposto no § 2º do art. 8º.

Art. 8º O Ministério das Comunicações expedirá instruções complementares ao disposto neste Decreto.

§ 1º Na hipótese de utilização de canal em faixa estendida de frequência modulada para a adaptação de que trata o art. 2º, o Ministério das Comunicações:

I - poderá autorizar, por um prazo de até cinco anos, a transmissão simultânea do sinal da entidade em ondas médias e frequência modulada; e

II - adotará as providências necessárias para que os terminais estejam aptos a receberem os sinais da faixa estendida de frequência modulada.

§ 2º Findo o prazo de que trata o inciso I do § 1º, os canais utilizados para a execução do serviço de Radiodifusão sonora em ondas médias serão devolvidos à União.

Art. 9º O Regulamento de Serviços de Radiodifusão, aprovado pelo Decreto nº 52.795, de 31 de outubro de 1963, passa a vigorar com as seguintes alterações:

“Art. 11.

.....

§ 5º Quando da expedição do ato de autorização com as novas características técnicas, a concessionária, permissionária ou autorizada deverá recolher o valor correspondente ao uso de Rádiofrequência, a ser definido pela Anatel, assim como o valor correspondente à outorga, tendo por base a diferença entre os preços mínimos estipulados pelo Ministério das Comunicações para cada grupo de enquadramento.

.....” (NR)

“Art. 28.

.....

18 - apresentar ao Ministério das Comunicações, na forma e periodicidade estabelecidas na regulamentação, os dados e as informações pertinentes aos serviços de Radiodifusão que lhe sejam solicitados.” (NR)

Art. 10. Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 7 de novembro de 2013; 192º da Independência e 125º da República.

DILMA ROUSSEFF

Paulo Bernardo Silva

ANEXO 1 – Portaria Fabricantes Incluem a Faixa Estendida nos Aparelhos**Ministério da Indústria, Comércio Exterior
e Serviços****GABINETE DO MINISTRO****PORTARIA INTERMINISTERIAL Nº 68,
DE 21 DE SETEMBRO DE 2017**

Altera o Processo Produtivo Básico para o "APARELHOS DE ÁUDIO E DE VÍDEO", industrializados na Zona Franca de Manaus.

OS MINISTROS DE ESTADO DA INDÚSTRIA, COMÉRCIO EXTERIOR E SERVIÇOS e DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÕES E COMUNICAÇÕES, no uso das atribuições que lhes confere o inciso II do parágrafo único do art. 87 da Constituição Federal, tendo em vista o disposto no § 6º do art. 7º do Decreto-Lei nº 288, de 28 de fevereiro de 1967, e considerando o que consta no processo MDIC nº 52001.100798/2017-39, de 7 de agosto de 2017, resolvem:

Art. 1º A Portaria Interministerial MDIC/MCTI nº 322, de 31 de dezembro de 2014, passa a vigorar com o acréscimo do seguinte dispositivo:

"Art. 11-A. A partir de 1º de janeiro de 2019, os aparelhos destinados a recepção de ondas do tipo FM (frequência modulada) deverão incorporar capacidade de recepção de frequências entre 76MHz e 108MHz." (NR)

Art. 2º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

MARCOS PEREIRA

Ministro de Estado da Indústria, Comércio
Exterior e Serviços

GILBERTO KASSAB

Ministro de Estado da Ciência, Tecnologia,
Inovações e Comunicações

ANEXO 2 – Decreto Prorroga Prazo para Emissoras Pedirem a Migração**Presidência da República
Secretaria-Geral
Subchefia para Assuntos Jurídicos****DECRETO Nº 9.270, DE 25 DE JANEIRO DE 2018**

Fixa prazo para manifestação de interesse na adaptação de outorga do serviço de Radiodifusão sonora em onda média, de caráter local, regional e nacional, para a execução do serviço de Radiodifusão em frequência modulada.

O PRESIDENTE DA CÂMARA DOS DEPUTADOS, no exercício do cargo de Presidente da República, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, **caput**, inciso IV, da Constituição, e tendo em vista o disposto no art. 33, § 1º, da Lei nº 4.117, de 27 de agosto de 1962, e no art. 11, § 1º e § 2º do Regulamento dos Serviços de Radiodifusão, aprovado pelo Decreto nº 52.795, de 31 de outubro de 1963,

DECRETA :

Art. 1º Fica aberto, por cento e oitenta dias, contados da data de publicação deste Decreto, o prazo previsto no § 1º do art. 2º do Decreto nº 8.139, de 7 de novembro de 2013, para as prestadoras do serviço de Radiodifusão sonora em onda média, de caráter local, regional e nacional, apresentarem requerimento ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações para solicitar a adaptação de suas outorgas para execução do serviço de Radiodifusão sonora em frequência modulada.


Art. 2º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 25 de janeiro de 2018; 197º da Independência e 130º da República.

RODRIGO MAIA
Elton Santa Fé Zacarias

ANEXO 3: Passo a passo disponibilizado pela ABERT para emissoras em processo de Migração

COMO SOLICITAR A MIGRAÇÃO PARA FM



- 1

ENVIAR FORMULÁRIO PADRÃO

Preencher formulário **disponível aqui** e enviar **via SEI** pelo site do MCTIC;

24.07


PRAZO MÁXIMO PARA SOLICITAR A MIGRAÇÃO
- ESTUDO DE VIABILIDADE TÉCNICA DE CADA EMISSORA**

O MCTIC enviará os formulários à Anatel, que dará início aos estudos de viabilidade técnica para a migração;
- 3


DIVULGAÇÃO DA LISTA DE RÁDIOS APTAS A MIGRAR

O MCTIC divulgará a lista das emissoras que possuirão canal na atual faixa do dial. Rádios situadas em localidades que apresentem inviabilidade de canal deverão aguardar o desligamento do sinal analógico de TV;
- ENCAMINHAMENTO DE DOCUMENTAÇÃO**

As emissoras deverão encaminhar certificações fiscais, jurídicas e administrativas, de acordo com o Decreto nº 8139 e a Portaria 127;



- 5

PAGAMENTO DE BOLETO

Após a análise dos documentos, e sendo considerada apta juridicamente, a emissora receberá do MCTIC o boleto para pagamento da diferença de outorga, com prazo de vencimento de, no máximo, 90 dias. A tabela de valores consta na Portaria 6467;
- 

ASSINATURA DO TERMO ADITIVO

Depois de pagar o boleto, a emissora será convocada para assinar o termo aditivo;


- 7

ENVIO DO PROJETO TÉCNICO

Após a assinatura, tem início o prazo de 120 dias para a emissora enviar ao MCTIC, via SEI, o projeto técnico da nova emissora;
- DEVOLUÇÃO DE CANAL**

Com a aprovação do APL, a emissora terá o prazo máximo de 180 dias para iniciar o serviço em FM e devolver o canal AM ao MCTIC.

ANEXO 4: Mais um dos passa a passo divulgados pela ABERT a radiodifusores

MIGRAÇÃO³ AM/FM


MINHA RÁDIO FOI CONTEMPLADA COM UM CANAL. E AGORA?


- 1** ENVIAR VIA SEI ([CLIQUE AQUI](#)) AS CERTIDÕES PARA HABILITAÇÃO JURÍDICA DA EMISSORA;
- 2** RECEBIMENTO DE BOLETO E PRAZO DE 90 DIAS PARA PAGAMENTO, QUE DEVERÁ SER FEITO EM PARCELA ÚNICA;
- 3** MCTIC CONVOCA EMISSORAS PARA ASSINATURA DO TERMO ADITIVO AO CONTRATO;
- 4** EM ATÉ 30 DIAS SERÁ PUBLICADO NO DIÁRIO OFICIAL O EXTRATO DO TERMO ADITIVO;
- 5** A PARTIR DA PUBLICAÇÃO, A EMISSORA TEM 120 DIAS PARA ENVIAR O PROJETO TÉCNICO PARA O MCTIC (VIA SEI);
- 6** QUANDO O MCTIC APROVAR O APL, A EMISSORA RECEBERÁ UM BOLETO PARA PAGAMENTO PELA PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL;


TEM INÍCIO O PRAZO DE 180 DIAS PARA A EMISSORA CUMPRIR AS ÚLTIMAS ETAPAS:

- 7** REQUERER JUNTO À ANATEL O USO DE RADIOFREQUÊNCIA;
- 8** A ANATEL DARÁ A AUTORIZAÇÃO E EMITIRÁ O BOLETO DO PPDUR;
- 9** APÓS O PAGAMENTO DO BOLETO E PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL, SUA RÁDIO PODERÁ INICIAR O SERVIÇO EM FM.
- 10** PARA FINALIZAR, A EMISSORA DEVERÁ INFORMAR O DESLIGAMENTO DA FAIXA AM E DEVOLVER O CANAL AO MCTIC (PORTARIA 2.771/17).

DÚVIDAS?

 JURIDICO@ABERT.ORG.BR

 (61) 2104-4600



ANEXO 5: Site e Programação do site da Rádio Demais (Itaiópolis)

The screenshot shows the top navigation bar of the Radio Demais website. It features the station's logo on the left and a menu with the following items: AO VIVO, NOTÍCIAS, PROMOÇÕES, EVENTOS, PROGRAMAÇÃO, and EQUIPE. Below the navigation bar, there are two prominent orange buttons: one with a play icon and the text 'OUVIR', and another with the text 'MANDE UM WHATS!'. The main content area is titled 'NOTÍCIAS RÁPIDAS!' and features a news item with a photo of three people. The headline reads 'Sorriso Maroto anuncia que fará live 'para quem ama as antigas''. Below the headline, a sub-headline states: 'Marília Mendonça, Péricles, Jorge e Mateus, Michel Teló e Bruno e Marrone são alguns dos nomes que aderiram às apresentações ao vivo'. Navigation arrows are visible on either side of the news item.

AO VIVO NOTÍCIAS PROMOÇÕES EVENTOS PROGRAMAÇÃO EQUIPE

OUVIR MANDE UM WHATS!

NOTÍCIAS RÁPIDAS!

Sorriso Maroto anuncia que fará live 'para quem ama as antigas'

Marília Mendonça, Péricles, Jorge e Mateus, Michel Teló e Bruno e Marrone são alguns dos nomes que aderiram às apresentações ao vivo

The screenshot shows the 'PROGRAMAÇÃO' section of the Radio Demais website. It features a large orange header with the word 'PROGRAMAÇÃO' in white. Below the header, there are three program cards with navigation arrows on either side. The first card is titled '10 É BOM DEMAIS' and features a woman wearing sunglasses. The second card is titled 'ACORDA AI' and features a smartphone displaying the time 04:00 and the station's logo. The third card is titled 'Canções e Emoções' and features a microphone and a heart. The station's logo is visible in the top left corner of the programming section.

AO VIVO NOTÍCIAS PROMOÇÕES EVENTOS PROGRAMAÇÃO EQUIPE

PROGRAMAÇÃO

10 É BOM DEMAIS

ACORDA AI

Canções e Emoções




ANEXO 6: Site e Programação do site da Rádio Brasil Novo (Jaraguá do Sul)

Horário	Programa	Apresentador
00:00	Madrugada RBN	
04:00	Manhã Sertaneja	
06:00	Bom dia da RBN	
09:00	Comando da Manhã	
12:00	Plantão do Meio Dia	
13:00	Tarde Legal	
16:00	Estação RBN	
19:00	A Voz do Brasil	
20:00	Show da Noite	
22:00	Good Times RBN	


ANEXO 7: Site e Programação do site da rádio Marconi (Urussanga)

SEGUNDA-FEIRA, OUTUBRO 12, 2020 MÍDIA KIT CONTATO ▶ OUÇA AO VIVO


RÁDIO 99.9 fm marconi DESTAQUES ▾ GERAL ▾ ESPORTES ▾ POLÍCIA ▾ POLÍTICA 🔍

CLÍNICA SCAN (48) 99654.7222 (48) 99917.2296  clinica.scan  clinicaScan 

ÚLTIMAS NOTÍCIAS



DESTAQUES



ESPORTES

Criciúma contrata o técnico Itamar Schülle
8 de outubro de 2020

Roberto Cavallo é demitido do Tigre
7 de outubro de 2020

RÁDIO 99.9 fm marconi




















ANEXO 8: Site e Programação do site da rádio Massa (Criciúma), antiga Difusora (Içara) e a Rádio Massa (Florianópolis), antiga Guararema (São José). Ambas possuem a mesma programação da cabeça de rede

OUÇA AQUI ▶ VOCE ESTÁ EM Criciúma | MASSA FM 94.5 ◀

Café no Bule Clique e saiba mais sobre o **café do Brasil**

MASSA FM INICIO PROMOÇÕES PROGRAMAÇÃO PODCASTS NOTÍCIAS CONTATO

Criciúma
RESULTADOS DA BUSCA



massafm.com.br

domingo as 09h!

De segunda à sexta 09h15!

às 10h e 16h!

Minha Saudade é Você
O programa para aquecer os corações apaixonados. A sua mensagem no WhatsLove com a trilha romântica da sua vida.
De domingo à quinta às 22h!

tamo junto & misturado
O seu começo de noite tem muitas risadas, participações e o STOP Massa FM, com prêmios em dinheiro de segunda a sábado para você.
De segunda à sexta às 19h!

Peão Massa
O programa do agito galeria com aquelas músicas sertanejas q vão fazer o chão trem no final de tarde!
De segunda à domingo às 18h!

AS + PEDIDAS DA MASSA
O encontro das músicas mais pedidas do dia, para completar a alegria da programação e deixar o fim de tarde ainda mais Massa.
De segunda à sábado às 17h!

massafm.com.br

Turma do Ratinho
Insanidades que você só via lá, agora escuta aqui!
De segunda à sexta às 12h!

5 Estrelas Massa FM
5 sucessos, um atrás do outro! O ouvinte vota na sua "estrela massa" e a música mais votada toca novamente.
De segunda à sexta às 11h15, 13h15 e 20h15!

Companhia da Massa
Marcelo Batista comanda a madrugada da Massa FM com muita diversão. As melhores músicas, prêmios e muitas risadas com a participação dos ouvintes.
De todo dia à meia noite!

Manhã da Massa
Comece o seu dia com as quentinhas dos famosos, horóscopo, notícias, previsão do tempo, aniversariantes e muitos prêmios.
De segunda à sábado às 08h!

Metendo a Colher
As notícias dos famosos, com nossos ouvintes metendo a colher no assunto, dando opinião e concorrendo a prêmios.
De segunda à sexta às 14h!

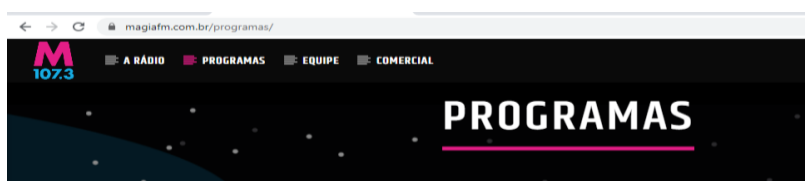
Microfone Aberto
Você começa a sua manhã bem informado com bom humor, a sua participação e muita alegria.
De segunda à sexta às 06h!

Momento da Fé!
Momento da Fé com palavras de força, reflexão, luz e muita paz com o Padre Alessandro Campos.
De segunda à domingo às 09h!

Mulher Entende Mulher
Um espaço voltado para Elas, com dicas de saúde, beleza e comportamento, e debate sobre temas da atualidade.
De segunda à sexta

Massa Dá de 10
Você ouve na Massa FM uma sequência de 10 sucessos sem intervalos e ainda concorre a prêmios.
De segunda à sábado às 10h e 16h!

ANEXO 9: Site e Programação do site da rádio Rádio Magia (São José), antiga Jornal A Verdade (São José)



MISTO QUENTE

O morning show indigesto.
De seg à sex das 07h às 10h.

Notícias que mudarão o seu almoço. Ouça com prescrição médica.
De seg à sex, 12h.

As dez mais fodásticas da programação.
Todo dia às 11h e 17h.

Eles vieram de outra galáxia para te encher o saco. Não faça desfeita e ouça.
De seg à sex, 18h.

Uma hora só de - uau! - música.
A qualquer momento, fique esperto. ;)

107 MINUTOS

Uma hora de música é pouco? Então toma DUAS!
A qualquer momento, fique esperta. ;)



SEM PARAR

Duas horas de música são pouco? Então toma QUATRO!
Sábado e domingo, das 13h às 17h.


ANEXO 10: Site e Programação do site da rádio Super Condá (Chapecó)

← → ↻ Não seguro | superconda.com.br

f Fone: (49) 3361-3110

 [FALE COM O ESTÚDIO](#) [ENTRE EM CONTATO](#) [OUÇA AO VIVO](#) 

A RÁDIO ▾ PROGRAMAÇÃO COLUNISTAS NOTÍCIAS ▾ PODCASTS CONTATO



Cresce a confiança de ouvintes no rádio e diminui nas mídias sociais

segunda-feira, 12 de outu

← → ↻ Não seguro | superconda.com.br/a-radio/programacao-2/

PROGRAMAÇÃO

SEGUNDA À SEXTA **VEJA**

Programação sujeita à alteração sem aviso prévio

01:00	MISTURADÃO
05:00	BOM DIA CONDÁ
06:40	PRIMEIRA HORA
08:50	ESTÚDIO CONDÁ
10:20	LINHA DIRETA
10:45	SHOW DA MANHÃ
12:30	INFORMATIVO BRF

← → ↻ Não seguro | superconda.com.br/a-radio/programacao-2/

12:45	Bastidores
13:00	RESENHA NOTA 10
14:00	TARDE RADAR
15:30	MOMENTO GAÚCHO
18:00	JOGO ABERTO
19:00	Super Noite Condá
21:00	A Voz do Brasil
22:00	Canta Brasil

ANEXO 11: Site e Programação do site da rádio Caçanjurê (Caçador)

radiocacanjure.com.br

A Rádio ▾ ECAD Contato Entrar

Rádio **Caçanjurê** FM 107,3

NO AR
BRASIL MUSICAL
André Alves

WhatsApp Facebook Instagram

RÁDIO ONLINE

Destaque ▾ Geral ▾ Caçador ▾ Educação ▾ Esporte ▾ Economia ▾ Política ▾ Segurança ▾ Saúde ▾ Especiais

INFORMAÇÃO SEGURA É AQUI! **FAKE NEWS** Rádio **Caçanjurê** FM 107,3

Programa: Rádio Gaúcha

GAUCHA

Horário: 00:00 às 06:00
Frequência: Segunda a domingo
Apresentação: Via Satélite

Programa: Jornal Caçanjurê

JORNAL Caçanjurê

Horário: 12:00 às 13:00
Frequência: Segunda a Sábado
Apresentação: Murilo Rosso e Rita Martini
Perfil: O Jornal Caçanjurê é um informativo diário com os principais fatos do dia. Prioriza as notícias de Caçador e região com entrevistas, comentários e reportagens preparadas pelo departamento de jornalismo da emissora. Traz ainda quadros como a previsão do tempo, esporte e os destaques do noticiário estadual e nacional.

Programa: Cheiro de Terra

Cheiro de Terra

Horário: 06:00 às 08:00
Frequência: Segunda a Sábado
Apresentação: Rafael Freitas
Perfil: O Cheiro de Terra acompanha o despertar do ouvinte Caçanjurê. Programa que toca o melhor do sertanejo raiz e música nativista. Traz as primeiras informações do dia, voltadas ao homem do campo e da cidade.

Programa: Mensagem Cidade Campo

Horário: 13:00 às 13:10
Frequência: Segunda a sábado
Apresentação: Rita
Perfil: Avisos e utilidade Pública.

Programa: Show da Manhã

SHOW da Manhã

Horário: 8:00 às 12:00
Frequência: Segunda a Sábado
Apresentação: Fábio Henrique dos Santos
Perfil: O Show da Manhã representa a alegria do rádio. A programação é variada com música popular, notícias e os melhores quadros com a participação do ouvinte. Um bate-papo descontraído que representa a companhia de muitos lares.

Programa: Boa Tarde Cidadão

Boa Tarde CIDADÃO

Horário: 13:10 às 17:00
Frequência: Segunda a Sábado
Apresentação: André Alves
Perfil: O Boa Tarde Cidadão dá voz à comunidade. Programa marcado pela atuação forte da unidade móvel Caçanjurê, levando alegria e informação sempre com solidariedade e prestação de serviço, mas acima de tudo sendo voz de quem não tem voz. Tem quadros consagrados como: A Hora do Biquê e Bonda Policial.

Programa: Entardecer na Querência

Entardecer na Querência

Horário: 17:00 às 18:40
Frequência: Segunda a Sábado
Apresentação: Luiz Roberto Damaceno
Perfil: O Entardecer na Querência tem o tradicionalismo como carro chefe. O programa toca o melhor da música gauchesca. Companhia ideal para relaxar e curtir um bom chimarrão no fim das tardes.

Programa: Antena Esportiva

ANTENA ESPORTIVA

Horário: 18:40 às 19:00
Frequência: Segunda a Sexta-feira
Apresentação: Luiz Roberto Damaceno
Perfil: O Antena Esportiva deixa você por dentro de tudo que acontece nas principais modalidades. Destaque para as notícias do esporte amador da região e análise dos campeonatos nacionais.

Programa: Brasil Musical

BRASIL MUSICAL

Horário: 19:00 às 21:00
Frequência: Segunda a Sábado
Apresentação: Adriano Borges
Perfil: O Brasil Musical embala as noites da Caçanjurê. Músicas sertanejas e românticas. Quadros especiais como tema de novela.

ANEXO 13: Site e Programação do site da rádio Clube (Lages)

← → ↻ ⚠ Não seguro | radioclubedelages.com.br

CLUBE 98,3 FM Dólar Hoje: 5,53 Euro Hoje: 6,53

Tempo Lages SEGUNDA 25° 11° METEORED info

SE A CLUBE NÃO DEU, É PORQUE NÃO ACONTECEU. PLANILHA ECAD

Home Sobre a Clube Alô Negócios Notícias Eventos Programação Anuncie Equipe Contato

PROGRAMAÇÃO Ouvir RÁDIO CLUBE

No Ar Rodeio na Clube das 19:30 às 21:00 horas

A Seguir A Voz do Brasil das 21:00 às 22:00 horas

PENSE GRANDE. PENSE RÁDIO. PENSE TV.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

- Lei emergencial da cultura: trabalhadores têm até o dia 9 para solicitar auxílio...
- Santa Catarina realiza campanha de multivacinação para crianças e adolescentes a partir do dia 5...
- Coronavírus: Município retoma matrizes de consultas oftalmológicas para encaminhar pacientes às ciru...
- Sebrae disponibiliza ações estratégicas para ajudar empresas...

Sede da comarca de Lages passará por ade e

Segunda-Feira

Programa	Horário	Apresentador
Madrugada	01:1 às 5:00	Seleção de estilos e ritmos musicais que fazem a madrugada mais alegre e romântica. Uma maneira agradável de começar o seu dia.
Alma Cabocla	5:00 às 8:00	Manoel Correa (Maneca) Um programa divertido, interativo e informativo. Na locução alegre de Manoel Correa, o popular Maneca. Aborda temas rurais, locais e regionais. Tocam-se músicas gaúchas e nativistas.
JORNAL DA CLUBE FURÇÃO	8:00 às 9:00	Erandro Gopo e Maicon Lovat A Rede Regional de Notícias 1ª Edição é um jornal falado com as primeiras notícias do dia, deixando o ouvinte atualizado sobre tudo o que se passa no mundo. Audiência absoluta e tradicional da Região.
Clube Reporter	9:00 às 10:00	Daniel Goulart Espaço destinado ao povo e às autoridades, que fazem reivindicações e comentários sobre as necessidades e direitos da população. Clube Reporter é um programa que analisa os acontecimentos mais importantes e polêmicos da região.
Clube Comunidade	10:00 às 12:00	Adilson Oliveira Programa feito para a comunidade. Espaço aberto para os ouvintes fazerem reivindicações, darem sugestões e debaterem os assuntos comunitários, que são abordados junto aos órgãos públicos.
JORNAL DA CLUBE 2ª Edição	12:00 às 13:30	Erandro Gopo e Maicon Lovat Rede Regional de Notícias. Um jornal para decor o ouvinte atualizado. Notícias nacionais, estaduais, regionais e a divulgação dos eventos da cidade e região. Jornal da Clube 2ª Edição significa credibilidade e audiência em toda a região serrana.
Clube Interativa	13:30 às 15:30	Élio José e Erandro Gopo Aborda temas da atualidade com interatividade. Através do telefone e das redes sociais os ouvintes dão suas opiniões, participam do Quiz e ouvem as Classificações do Clube. Profissionais da área de

	Programa: Chamarreando Com a Clube Horário: 30 15:30 às 18:00 Apresentador: José Florêncio Com músicas gaúchas e sertanejas, o programa intercala notícias e informação com a participação de repórteres. Atende pedidos musicais pelo telefone.
	Programa: A Oração da Ave-Maria Horário: 0 18:00 às 18:15 Apresentador: A Ave Maria é um programa destinado a pessoas que querem fazer uma reflexão no final do dia, com agradecimentos e oferencimentos. O ouvinte pode pedir uma oração a um ente querido ou para alguém que está de aniversário. A oração da Ave Maria é complementada diariamente com uma mensagem religiosa.
	Programa: A Hora da Corneta Horário: 15 18:15 às 19:30 Apresentador: Adilson Oliveira, Edson Varela e Éder Goulart Interagindo com os ouvintes e com a equipe de jornalismo, os apresentadores vão, literalmente, tocar corneta para os assuntos mais polêmicos da região, de uma maneira bem descontraída.
	Programa: Rodeio na Clube Horário: 30 19:30 às 21:00 Apresentador: Daniel Goulart Programa musical, destacando a música sertaneja Classe "A". Sorteios, notícias e a comunicação descontraída, deixando a sua noite mais alegre.

ANEXO 14: Site e Programação do site da rádio Belos Vales (Ibirama)

→ X belosvales.com/site/ ☆ 📧 📺 📻 📱 📡 📶 📷 📸 📹 📺 📻 📱 📡 📶 📷 📸 📹

REDE VALE NORTE
DE COMUNICAÇÃO
JORNAL • RÁDIO 89,9 • TV ONLINE

f i y

ELEIÇÕES 2020 89FM AO VIVO PROMOÇÕES NOTÍCIAS VALENTINA WEBRÁDIO CONTATO

ÚLTIMAS

Leí proíbe uso de animais em testes de produtos cosméticos em Santa Catarina
DESTAQUES / 6 minutos atrás
Está proibido o uso de animais em desenvolvimento, experimentos e testes de produtos de higiene pessoal, cosméticos e

Mulher desacata funcionária no Hospital Regional Alto Vale
DESTAQUES / 3 dias atrás

MAIS LIDAS

1 **Menina de 7 anos atropelada em Ibirama teve traumatismo cranio encefálico**
DESTAQUES / 1 semana atrás

2 **Novo portal de Ibirama deve ficar pronto até novembro**
DESTAQUES / 2 semanas atrás

3 **Homem é condenado a mais de 46 anos de prisão por estuprar enteadas em Lontras**
DESTAQUES / 3 dias atrás

4 **Acidentes de trabalho deixam dois homens mortos em SC**
AGRICULTURA / 3 dias atrás

Horário	Programa	Apresentador
05:00	Bom dia Alto Vale	
07:15	Café com a Belos Vales	Jota Nascimento e Léo AW
07:45	Balanço Geral	Jota Nascimento e Léo AW
08:00	Bom dia Alto Vale	Léo AW
09:00	Stúdio RBV	Jota Nascimento
13:00	Programa do Véio	
14:00	Show da Tarde	Cabeção
19:00	As emoções da Voz do Brasil	
20:00	A noite é Nossa	Amaral Freitas
23:00	Flashback 89	
00:00	Seleção Musical	

ANEXO 15: Site e Programação do site da rádio



HORÁRIOS	PROGRAMAÇÃO
00h - 05h	MADRUGADA POMERODE
05h - 06h	BOM DIA POMERODE
06h - 09h	A VOZ DA COMUNIDADE
9h - 12h	SUPER MANHÃ POMERODE
12h - 13h	POMERODE MEIO DIA
13h - 16h	SHOW DA TARDE
16h - 19h	BALANÇA POMERODE
19h - 21h	SAUDADE
21h - 22h	A VOZ DO BRASIL
22h - 00h	SAUDADE